Institut National des Langues et Civilisations Orientales

École doctorale n°265

Langues, littératures et sociétés du monde

LLACAN UMR8135

THÈSE

présentée par

Ana Karina TAVARES MOREIRA

soutenue le 14 décembre 2020

pour obtenir le grade de **Docteur de l'INALCO**

en Sciences du langage : linguistique et didactique des langues

Documentation et description grammaticale et lexicale du créole afro-portugais de l'île de Fogo (République du Cap-Vert, Afrique de l'Ouest)

[Documentação e descrição gramatical e lexical do crioulo afro-português da ilha do Fogo (República de Cabo Verde, Africa Ocidental)]

Thèse dirigée par :

M. Nicolas QUINT	Directeur de recherche, INALCO/LLACAN, CNRS

RAPPORTEURS :

Mme Marlyse BAPTISTA	Professeur des Universités, Université du Michigan (Etats-Unis)
M. Jürgen LANG	Professeur émérite, Université d'Erlangen (Allemagne)

MEMBRES DU JURY :

M. Nicolas QUINT	Directeur de recherche, INALCO/LLACAN, CNRS
M. Peter BAKKER	Maître de Conférences, Université d'Aarhus (Danemark)
Mme Marlyse BAPTISTA	Professeur des Universités, Université du Michigan (Etats-Unis)
M. Jürgen LANG	Professeur émérite, Université d'Erlangen (Allemagne)
M. Stefano MANFREDI	Chargé de recherche, INALCO/SEDYL, CNRS

Dedicatória

Dedico este trabalho e cada esforço que empreendo, e continuarei a empreender, em prol do crioulo, ao meu pai. Mário Horta Moreira. Homem das letras, professor, artista e ativista cultural e sobretudo um grande amante do crioulo. Quem, desde muito cedo, me despertou para a valorização e beleza da nossa língua materna. Não com palavras, mas principalmente com exemplos e através da sua pequena biblioteca caseira, onde me familiarizei com os muitos autores crioulos como Kaká Barbosa, Manuel Veiga, Tomé Varela, entre outros.

Que este trabalho seja também uma parte do muito que ele gostaria de ter feito em prol do crioulo.

Agradecimentos

Este projeto foi possível graças aos fundos do programa Cofund Inspire e Fundation Marie Curie que financiaram a minha bolsa de três anos, programa ao qual expresso aqui a minha sincera gratidão. O meu sincero reconhecimento igualmente ao museu do Quai Branly Jacques Chirac, instituição que me laureou uma bolsa de terreno que me permitiu levar a cabo a minha recolha linguística.

Durante os quatro anos de caminhada que culminaram nesta tese de doutoramento muitas foram as pessoas envolvidas que, direta e indiretamente, contribuíram para que este projeto chegasse a bom termo.

À minha mãe Joana e meus irmãos, Amilton, Ângelo, Ana Júlia e Felícia, a quem durante esses últimos anos nem sempre dediquei a atenção desejada e merecida, mas que souberam compreender as minhas ausências e acolher-me nos meus regressos. Obrigada por serem o porto seguro e o exemplo de dedicação, empenho, trabalho e excelência.

A ti Bruno, meu parceiro de quase uma década que ao meu lado soubeste ter a generosidade de relegar para segundo plano os nossos muitos planos pessoais durante esta exigente caminhada do doutoramento. Obrigada pela paciência, interesse e sobretudo encorajamento durante o percurso.

Aos meus amigos que acompanharam mais de perto esta caminhada, Aleida, Bete, Dulceneia, Gisela e Iolanda. Obrigada por nunca terem deixado a ausência física sobrepor-se à amizade e por terem permanecido ao meu lado. Vocês foram a rocha que nunca me deixou abater pelo desânimo.

Ao Meno a quem confiei as minhas chaves e as minhas plantas nos longos períodos de ausência em Paris. Aos meus familiares e amigos cabo-verdianos em França, Mayra e Julinha que me abriam as portas das suas casas aos fins de semanas, onde o calor familiar renovava as energias para mais uma semana no laboratório.

Aos novos amigos que fiz durante o percurso, obrigada por terem tornado esta jornada mais agradável e tão indescritivelmente enriquecedora. Obrigada pela partilha, pelas discussões, pelas lições de linguística e de vida. Sem vocês não teria sido possível.

Ao grupo INSPIRE. Obrigada Delfine e Lavanya por terem sido incansáveis no combate administrativo. Aos colegas, principalmente aqueles com quem privei mais de perto, Sarah, Ali, Massud, Benoit, Mharwa. Vocês trouxeram o mundo até mim. Do Irão ao Bangladesh, passando pela Alemanha, Bélgica e Turquia, através de sons, sabores e histórias, tornaram Paris numa plataforma para o mundo.

Aos lacanianos, Jean François, Hortense, Odethe, Roula, Bertille, Mirian, Sasha e Suzanne, obrigada pelo carinho e amizade, Fatouma obrigada pelo teu cuidado materno e pelo teu otimismo, que sempre nos fez ver que o projeto era possível. Amadou sempre atento às minhas falhas em francês. A todos obrigada pelo companheirismo nos primeiros desafiantes meses em França, obrigada pelas aulas informais de francês, pelos almoços partilhados, pelos passeios para desanuviar. Graças a vocês esta experiência académica foi também uma oportunidade de intensa aprendizagem da natureza, diversidade e riqueza humana.

Às amigas que as conferências da ACBLPE e ABECS me deram, Ana Paulla, Laura, Fernanda, Estocolmo, Ziginchor e Lisboa não teriam sido a mesma coisa sem vocês. Obrigada pelas vossas partilhas académicas, pelos vossos ensinamentos diretos e indiretos e pelo vosso contagiante entusiasmo pela pesquisa. Ulisdete, Brasília foi inesquecível. À Eliane que dividiu comigo o percurso, o orientador, as dúvidas, as vitorias e tantas coisas que extravasam a definição de amizade, obrigada. Obrigada a todas por terem cruzado o meu caminho e fazerem agora parte da minha vida.

Ao grupo de doutorandos do LLACAN de 2016/2017 e os que vieram depois de mim que constituíram o núcleo duro para o resto do percurso. Lacina, obrigada pelo sua disponibilidade de sempre. Lora, Jacob e Eveling obrigada pelos almoços, pelos jantares, pelos serões Chez Pierre e pelas soireés dançantes.

Obrigada por tudo o que aprendemos juntos, (inclusive a andar de bicicleta pelos pátios do CNRS e as coreografias durante as happy hours (tão reparadoras) na *salle des doctorants.*

Os meus agradecimentos à Direção do LLACAN nas pessoas de Mark Van de Velde e Yvonne Treis e a todos os pesquisadores, pessoal administrativo e informático pelo acolhimento, assistência e suporte financeiro para todas as ações de aprendizagem, conferências, colóquios, escolas de verão, etc.

Jeanne, Isabelle e Magali sem vocês seria impossível sobreviver aos desafios da administração. Obrigada por todo o suporte e pelo carinho que sempre me votaram. Christian e Tahar obrigada pelo vosso incansável suporte técnico.

Nicolas Quint: as palavras não serão suficientes para expressar tanta gratidão, pelo orientador presente, disponível, reativo, entusiasta e pedagogo que sempre foste. Em meu nome pessoal e em nome de Cabo Verde agradeço o teu incansável engajamento em prol da nossa língua. *Deós da-u sorti, libra-u di prigu na tudu bu jornada.*

A todos os professores e pesquisadores que desde o mestrado me incentivaram e acompanharam no percurso de doutoramento dando a sua assistência com bibliografia, conselhos e partilhas. Professores Manuel Veiga, Emanuel de Pina, Marlyse Baptista, Dominika Swolkien, Christina Märzhäuser e Jürgen Lang, a quem também agradeço a intensa semana académica vivida na Alemanha.

Finalmente, a minha profunda gratidão e amizade ao povo de Ribeira Ilhéu. À Yurena e ao Joel que me ajudaram a estabelecer os primeiros contatos, a Maria Jovana que me acolheu em sua casa, à Nela que me acompanhou nas recolhas, aos amigos (Vitalina, Sara, Djena, Da Luz, Dani, Joelma, Vera, David e tantos outros), a Cláudio que lá do Brasil contribuiu incansavelmente e a todo o povo, grandes e pequenos que prontamente me acolheram como um deles, permitindo-me levar a cabo a minha pesquisa. À vossa morabeza ficará para sempre em meu coração.

Índice de tabelas

Tabela 1. Vogais orais posição tónica 48
Tabela 2. Vogais orais posição pré-tónica 49
Tabela 3. Vogais orais posição pós-tonica 49
Tabela 4. Realização do fonema /a/ tónico 50
Tabela 5. Realização do fonema /a/ átono 51
Tabela 6. Análise estatística da ocorrência do /ɒ/ pré-tónico 54
Tabela 7. Vogais nasalizadas em posição tónica 56
Tabela 8. Vogais nasalizadas em posição átona (pré-tónica) 56
Tabela 9. Inventário vocálico santiaguense Quint 2000: 19 58
Tabela 10. Inventário vocálico foguense e santiaguense Lopes 2014: 34 58
Tabela 11. Vogais orais posição pós-tónica 61
Tabela 12. Inventário fonológico das consoantes 65
Tabela 13. Distribuição complementar dos fonemas /r/ e /rr/ 65
Tabela 14. Consoantes em Posição Inicial 72
Tabela 15. Consoantes em Posição Mediana 74
Tabela 16. Consoantes em Posição Final 75
Tabela 17. C1 = Oclusiva/ fricativa + C2 = outra consoante 76
Tabela 18. Grupos pré-nasalizados 78
Tabela 19. Comportamento das pré-nasalizadas em casamansês e santiaguense em contato com o sufixo inversivo dis- 79
Tabela 20. Inventário fonológico das consoantes foguense Lopes 2014 82
Tabela 21. Tratamento das fricativas sonoras dental /z/ e palatal /ʃ/ do Português 87
Tabela 22. Consoantes em posição final em foguense e santiaguense 90
Tabela 23. Processos diacrónicos do foguense e sua ocorrência nos demais UPGC 95
Tabela 24. Sílabas abertas do foguense 97
Tabela 25. Sílabas fechadas do foguense 97
Tabela 26. Tabela percentual dos tipos silábicos do foguense 98
Tabela 27. Tabela percentual dos tipos silábicos do foguense em função das ramificações 99
Tabela 28. Número médio de sílabas por palavras no foguense 100
Tabela 29. Número médio de sílabas por palavras no foguense % 100
Tabela 30. Número médio de sílabas por palavra acentuada no foguense % 100
Tabela 31. Frequência dos tipos silábicos em foguense, santiaguense e casamansês 101
Tabela 32. Número médio de sílabas por palavras no foguense, santiaguense e casamansês 102
Tabela 33. Número médio de sílabas por palavra acentuada no foguense santiaguense e casamansês% 103
Tabela 34. Prevalência das paroxítonas 109
Tabela 35. Prevalência das oxítonas 109
Tabela 36. Distribuição da acentuação oxítona de acordo com a classe gramatical nas palavras dissilábicas do Foguense 110
Tabela 37. Distribuição da acentuação paroxítona de acordo com a classe gramatical nas palavras dissilábicas do Foguense 111
Tabela 38. Prevalência das oxítonas em foguense, santiaguense e casamansês 112
Tabela 39. Prevalência das paroxítonas em foguense, santiaguense e casamansês 112
Tabela 40. Estudo do padrão silábico-acentual das dissilábicas canónicas no foguense 114

Tabela 41. Plural dos nomes terminados em vogal 116
Tabela 42. Plural dos nomes terminados em vogal 116
Tabela 43. Plural dos nomes terminados em consoante 116
Tabela 44. Formas de plural divergentes entre Santiago e Fogo 117
Tabela 45. Pares de género lexical dos nomes no foguense 118
Tabela 46. Pares de género sintético dos nomes no foguense 118
Tabela 47. Pares de género analítico dos nomes no foguense 119
Tabela 48. Paradigma flexional dos adjetivos consoante a terminação 121
Tabela 49. Pares de género sintético dos adjetivos no foguense 121
Tabela 50. Raíz de *múdje* na formação de plural e diminutivo 135
Tabela 51. Formas de diminutivos terminados em /a/ lexicalizadas do português 136
Tabela 52. Pronomes pessoais independentes 138
Tabela 53. Paradigma de passado do verbo *dexa* 'deixar' 139
Tabela 54. Paradigma de particípio passado do verbo *da* 'dar' 140
Tabela 55. Conjugação com duplo objeto do verbo *mostra* 'mostrar' 140
Tabela 56. Funções das formas extensas e reduzidas dos pronomes pessoais 141
Tabela 57. Pronomes pessoais dependentes-posição sujeito 142
Tabela 58. Conjugação perfectiva do verbo *bai* 'ir' 142
Tabela 59. Pronomes pessoais dependentes- posição objeto 143
Tabela 60. Conjugação com objeto direto do verbo *odja* 'ver' 144
Tabela 61. Conjugação com duplo objeto do verbo *da* 'dar' 144
Tabela 62. Pronomes possessivos simples em Foguense 147
Tabela 63. Paradigma possessivo simples de *kaza* 'casa' 147
Tabela 64. Pronomes possessivos compostos em Foguense 148
Tabela 65. Paradigma possessivo composto de *kaza* 'casa' 148
Tabela 66. Reinterpretação em Foguense do contraste de género das formas possessivas de primeira pessoa do singular do Português 149
Tabela 67. Demonstrativos do Foguense (formas simples) 151
Tabela 68. Demonstrativos do Foguense (formas combinadas) 151
Tabela 69. Numerais cardinais em foguense de 1 a 20 158
Tabela 70. Numerais cardinais em foguense-dezenas e centenas 158
Tabela 71. Variantes lexicais do numeral 100 159
Tabela 72. Preposições do Foguense 164
Tabela 73. Inventário ilustrativo dos verbos de estado do cabo-verdiano 183
Tabela 74. Grau de estatividade dos verbos de estado no foguense e no santiaguense 188
Tabela 75. Inventário dos morfemas aspeto-modais, temporais e de voz do foguense 196
Tabela 76. Conjugação Imperativo de 'cantar' 197
Tabela 77. Ocorrência de /ɐ/ em santiaguense e no foguense 200
Tabela 78. Ocorrência de /ɐ/ foguense e /isi/ em santiaguense 200
Tabela 79. Ocorrência de /ɐ/ no foguense e zero em santiaguense -com /a/ na forma de passado 200
Tabela 80. Ocorrência de /ɐ/ foguense e /isi/ em santiaguense com /ɐ/ na forma de passado 201
Tabela 81. Pares verbo/nomes do santiaguense e do foguense 201
Tabela 82. Conjugação Imperativo negativo de 'cantar' 203
Tabela 83. Conjunções coordenativas do Foguense 209
Tabela 84. Conjunções subordinativas adverbiais do Foguense 214
Tabela 85. Conjunções subordinativas adverbiais temporais do Foguense 214

Tabela 86. Predicados e complementizadores atestados em subordinativas no Foguense 219
Tabela 87. Conjunções subordinativas relativas do Foguense 226
Tabela 88. Lista de Swadesh em Cabo-verdiano (LCV) do Fogo 228
Tabela 89. Divergências lexicais Fogo vs. Santiago para designação das partes da espiga de milho..... 231
Tabela 90. Sinónimos em ST e FG com étimos distintos 232
Tabela 91. Léxico de significado divergente em ST e FG 234
Tabela 92. Léxico divergente em ST e FG-palavras compostas 234
Tabela 93. Ideofones do foguense -substantivos..... 236
Tabela 94. Ideofones do foguense –adjetivais e adverbiais 237
Tabela 95. Ideofones do foguense -verbos..... 237
Tabela 96. Léxico de etimologia inglesa..... 238
Tabela 97. Formas fossilizadas –palavras funcionais 239
Tabela 98. Formas do foguense provindas do proto-crioulo..... 240
Tabela 99. Africanismo do foguense não atestado em santiaguense 241
Tabela 100. Léxico de origem africana compartilhado por ST e FG 241
Tabela 101. Sinónimos de etimologia portuguesa no foguense e africana no santiaguense .. 243
Tabela 102. Topónimos africanos em nomes compostos do foguense 243

Índice de figuras

Figura 1Mapa de Cabo Verde 22
Figura 2 Mapa da ilha do Fogo 24
Figura 3. Circuito 1 33
Figura 4. Circuito 2 33
Figura 5. Mapa da ilha do Fogo com sinalização dos pontos de recolha linguística 36
Figura 6. Software Toolbox 46
Figura 7. Software Elan 47
Figura 8. Espiga de milho 231
Figura 9. História da formação da família linguística dos CPAO com introdução do foguense 246

Índice de gráficos

Gráfico 1. 44
Gráfico 2. 44

Lista de abreviaturas

ADJ	Adjetivo
ADV	advérbio
ART	artigo
BAMB	bambara
C	consoante
CGC	crioulos da Guiné-Bissau e Casamansa
CL	clássico
COND	oração subordinada de condição
CONJ	conjunção
COMP	complementizador
CM	Maiense
CP	forma composta
CPAO	crioulos de Base Portuguesa da África Ocidental
CS	casamansês
CV	Cabo Verde
DEM	demonstrativo
DEP/ D	forma dependente
DESC	etimologia desconhecida
DIM	diminutivo
DIST	distância
F	feminino
FG	Fogo/foguense
FON	fonética
GB	Guineense
HAB	habitual
IG	inglês
INDP	forma independente
INTR	interrogativo
INT	processo interno
IPFV	imperfectivo
LCV	língua cabo-verdiana
LEX	língua lexificadora
M	masculino
MDK	mandinka
MLI	malinqué
NA	não atestado no corpus
NEG	partícula de negação
NR	número
NUC	oração nuclear
N	neutro
NUM	numeral
O	objeto
OBL	objeto oblíquo
ODIR	objeto direto
O.IND	objeto indireto
OX	número de oxítonas
PA	papiamento
PAROX	número de paroxítonas
PASS	passado
PB	palavra de base
PD	palavra derivada
PFV	perfectivo
PL	plural
PLVS	palavras
POSS	possessivo
PRS	presente
PREP	preposição
PROD	produtividade
PRON	pronomes
PROP	oração subordinada de propósito

PROX	próximo
PRF	perfeito
PSV	passivo
PT	português (clássico)
PTM	português moderno
RD	forma reduzida
REL	relativa
RESP	forma de respeito
S	substantivo
SG	singular
SPL	forma simples
ST	santiaguense
SUBS	língua de substrato
TEMP	oração subordinada temporal
TMN	temné
TOP	tópico
TP	topónimo
TX	texto
V	vogal
VB	verbo
VOC	vocativo
VOX	Número de verbos oxítonos
OLF	uólofe

This project has received funding from the European Union's Horizon 2020 research and innovation programme under the Marie Skłodowska-Curie grant agreement No 665850.

Conteúdo

1 Introdução 21
1.1 Motivação e objetivos 21
1.2 Apresentação do objeto de estudo 21
1.3 Resenha histórica da ilha do Fogo 23
1.3.1 Descobrimento 23
1.3.2 O povoamento da ilha do Fogo 24
1.3.2.1 Contingente populacional 25
1.3.2.2 Razões do povoamento 25
1.3.2.3 A importância do algodão do Fogo 26
1.3.3 Crescimento económico e evolução da sociedade 26
1.3.3.1 Séculos XVI e XVII 26
1.3.3.2 Séculos XVIII e XIX 27
1.3.4 Sobre a Estrutura social 28
1.4 Formação da língua 32
1.5 Metodologia 34
1.5.1 Autores consultados 35
1.5.2 Trabalho de campo 35
1.5.2.1 Fase preparatória 35
1.5.2.2 Fase de execução 35
1.5.2.3 A localidade 36
1.5.3 Metodologia de recolha utilizada 39
1.5.3.1 Observação participante 39
1.5.3.2 Recolha espontânea 39
1.5.3.3 Elicitação 40
1.5.4 Registo e tratamento do Corpus 40
1.5.4.1 Transcrição ortográfica 40
1.5.4.2 Transcrição fonética 42
1.5.5 Apresentação de exemplos 43
1.5.6 Caracterização dos informantes 44
1.5.6.1 Grupo principal 44
1.5.6.2 Outros grupos 44
1.5.7 Outras fontes de recolha 45
1.5.7.1 Redes sociais 45
1.5.7.2 Fontes escritas 46

1.5.8 *Softwares* de apoio 46
1.5.8.1 Toolbox 46
1.5.8.2 Elan 47
2 Inventário Fonológico/fonémico 48
2.1 As vogais-Inventário Sincrónico 48
2.1.1 Pares mínimos 48
2.1.2 Distribuição das vogais 49
2.1.2.1 Posição átona 49
2.1.3 Distribuição das vogais centrais 50
2.1.3.1 Posição tónica 50
2.1.3.2 Posição átona 51
2.1.3.3 Análise estatística da ocorrência do /ɒ/ pré-tónico 54
2.1.4 Nasalidade vocálica 55
2.1.4.1 Inventário 55
2.1.4.2 Pares relevantes vogais orais vs. Vogais nasalizadas 57
2.2 Vocalismo – Diacronia e comparativismo 57
2.2.1 Análise comparativa do inventário 58
2.2.1.1 Comparação com inventário santiaguense de Quint (2000) 58
2.2.1.2 Comparação com inventário foguense de Lopes (2014) 58
2.2.1.3 A respeito da vogal /a/ 59
2.2.2 Análise comparativa dos contextos de ocorrência em foguense e santiaguense 59
2.2.2.1 Vogais em posição tónica 59
2.2.2.2 Vogais em posição átona 60
2.2.3 Comportamento dos grupos vocálicos 62
2.2.3.1 Grupos vocálicos orais 62
2.2.3.2 Grupos vocálicos nasais 63
2.2.4 Conclusão 64
2. 3 As consoantes-Inventário Sincrónico 65
2.3.1 Nota a respeito do estatuto dos fonemas /r/ e /rr/ 65
2.3.2 Pares Mínimos 66
2.3.2.1 Pontos de articulação 66
2.3.2.2 Modos de articulação 70
2.3.3 Distribuição das Consoantes 72
2.3.3.1 Consoantes em Posição Inicial 72
2.3.3.2. Consoantes em Posição Mediana 74

2.3.3.3 Consoantes em Posição Final 75
2.3.4 Grupos Consonânticos 76
2.3.4.1. Grupos diconsonânticos 76
2.3.4.2 Grupos triconsonânticos 80
2.4 Consonantismo- Diacronia e Comparativismo 81
2.4.1 Análise comparativa do inventário 81
2.4.1.1 Comparação com o inventário santiaguense de Quint 2000 81
2.4.1.2 Comparação com o inventário foguense de Lopes 2014 81
2.4.2 Análise comparativa dos contextos de ocorrência em foguense e santiaguense 86
2.4.2.1 Consoantes em posição inicial 86
2.4.2.2 Consoantes em posição mediana 87
2.4.2.3 Tratamento de consoantes em posição final 90
2.4.3 Grupos consonânticos 92
2.4.3.1 Grupos consonânticos atestados em português e foguense 92
2.4.3.2 Grupos pré-nasais 94
2.4.4 Conclusão 94
3. Estrutura silábica 97
3.1 Tipos silábicos atestados 97
3.1.1 Sílabas abertas 97
3.1.2 Sílabas fechadas 97
3.2 O padrão foguense: estudo estatístico 98
3.2.1 Prevalência global dos diferentes tipos silábicos em foguense 98
3.2.2 Prevalência do número de sílabas por palavras 99
3.3 Diacronia e comparativismo 101
3.3.1 Análise comparativa dos tipos silábicos 101
3.3.2 Análise comparativa do número médio de sílabas por palavras 102
3.3.2.1 Influência do acento tónico 103
3.3.3 Processos fonéticos que intervêm na regularização silábica para o padrão CV 103
3.3.3.1 Processo de apagamento 104
3.3.3.2 Processos de adição de uma vogal 105
3.3.4 Considerações a respeito da análise silábica 106
4. Padrão acentual 108
4.1 Análise estatística 108
4.1.1 Prevalência das paroxítonas 109
4.1.2 Prevalência das oxítonas 109

4.1.3 Padrão acentual por categoria gramatical 110
4.2 Análise comparativa 112
4.2.1 Padrão acentual geral 112
4.2.2 Padrão acentual das estruturas C(C)Vx2 113
4.2.3 Influência dos verbos para a determinação do padrão acentual 113
5. Morfologia nominal 115
5.1 Flexão nominal 115
5.1.1 Marcação de pluralidade 115
5.1.1.1 Marcação semântica 115
5.1.1.2 Marcação morfológica 115
5.1.1.3 Perspetiva comparativa 117
5.1.2 Marcação de género 118
5.1.2.1 Género lexical 118
5.1.2.2 Género sintético 118
5.1.2.3 Género analítico 119
5.1.2.4 Perspetiva comparativa 120
5.2 Morfologia adjetival 120
5.2.1 Flexão adjetival 120
5.2.1.1 Flexão em número 120
5.2.1.2 Flexão em género 121
5.2.1.3 Concordância adjetival 122
5.2.1.4 Flexão em grau 123
5.3 Morfologia Derivacional 126
5.3.1 Prefixação 126
5.3.1.1 Prefixos Nominais e adjetivais 126
5.3.2 Sufixação 127
5.3.2.1 Sufixos nominais e adjetivais não dimensionais 127
5.3.2.2 Sufixos nominais e adjetivais dimensionais 131
5.3.3 Composição 137
5.3.3.1 Construções genitivais 137
5.3.3.2 Designações para animais ou plantas 137
5.2.3.3 Partes do corpo 137
5.2.3.4 Outros casos observados 138
5.4 Pronomes 138
5.4.1 Pronomes pessoais 138

5.4.1.1 Formas independentes ... 138
5.4.1.2 Formas dependentes ... 141
5.4.2 Pronomes possessivos ... 146
5.4.2.1 Formas simples ... 146
5.4.2.2 Formas compostas ... 148
5.4.3 Demonstrativos ... 151
5.4.3.1 Tipos de uso ... 151
5.4.3.2 Referência temporal ... 154
5.4.3.3 Outras formas ... 154
5.4.3.4 Perspetiva comparativa ... 156
5.5 Numerais ... 157
5.5.1 Números cardinais ... 157
5.5.1.1 Formas ... 157
5.5.1.2 Uso ... 159
5.5.2 Números ordinais ... 161
5.5.2.1 Formas ... 161
5.5.2.2 Uso de formas lexicalizadas ... 162
5.5.3 Outros usos dos numerais ... 163
5.6 Preposições ... 164
5.6.1 Locativos ... 164
5.6.2 Possessivo *di* 'de' ... 166
5.5.2.1 Forma de uso geral ... 166
5.6.2.2 Ocorrência ø ... 166
5.6.2.3 Forma *l'* ... 166
5.6.2.4 Forma *r'* ... 167
5.6.3 Instrumental *ku* ... 167
5.6.4 Diretivo *pa* ... 168
5.6.4.1 Forma de uso geral ... 168
5.6.4.2 Forma *pra* ... 168
5.6.5 Preposição negativa *sen* ... 169
5.6.6 Limitativo *ti* ... 169
5.7 Advérbios ... 169
5.7.1 Advérbios de lugar: os deícticos *li* e *la* ... 169
5.7.1.1 Uso geral ... 169
5.7.1.1.2 Coocorrência com o advérbio *sin* ... 170

5.7.1.2 Uso presentativo 170
5.7.2 Advérbios de modo 171
5.7.3 Advérbios de tempo 172
5.7.4 Perspetiva comparativa 173
6. Morfologia verbal 174
6.1 Sobre a origem das formas 174
6.2 Morfemas aspetuais -aspetos fundamentais 174
6.2.1 Sistema aspeto-modal dos verbos de ação 175
6.2.1.1 O aspeto perfectivo-morfema ø 175
6.2.1.2 O aspeto progressivo- morfema *sa-ta* 175
6.2.1.3 O aspeto imperfectivo- morfema ta 177
6.2.2 Sistema aspetual dos verbos de estado 177
6.2.2.1 Aspeto perfectivo-morfema ø 177
6.2.2.2 O aspeto imperfectivo-morfema *ta* 178
6.2.2.3 O aspeto progressivo-morfema *sa-ta* 178
6.2.3 O potencial –morfema *al* 178
6.2.3.1 Apresentação 179
6.2.3.2 Morfema modal por excelência 180
6.2.4 Morfema *dja* 180
6.2.2.4 Inventário dos verbos de estado 181
6.2.3 Perífrases verbais- verbos modais 189
6.3 Morfema de tempo -*ba* 191
6.3.1 Morfologia 191
6.3.2. Uso e ocorrência 192
6.3.2.1. Ocorrência com verbos de ação 192
6.3.2.2. Ocorrência com verbos de estado 193
6.4 Morfema de voz *du* 194
6.4.1 Morfologia 194
6.4.2 Uso e ocorrência 195
6.5 Recapitulação e Perspetiva comparativa 196
6.6 Imperativo 197
6.6.1 Segunda pessoa do singular 197
6.6.2 Primeira e segunda pessoas do plural 198
6.7 Derivação verbal 198
6.7.1 Prefixação 198

6.7.1.1 dis~diz- 198
6.7.1.2 -ra- 198
6.7.2 Sufixação 199
6.7.2.1 -a- 199
6.7.2.2 –isê- 200
6.7.3 Mudança semântica 201
6.8 Negação 201
6.8.1 Etimologia 202
6.8.2 *Ka* uso e escopo 202
6.8.3 Ocorrência com o verbo ser 202
6.8.4 Imperativo negativo 203
6.8.5 Concordância negativa 204
6.9 Morfologia do verbo ser 204
6.9.1 Formas 204
6.9.1.1 Forma *ê* 204
6.9.1.2 Forma *ser* 205
6.9.2 Uso 205
6.9.2.1 Interação com a partícula negativa *ka* 206
6.9.2.2 Interação com os pronomes pessoais 207
7. Aspetos da Sintaxe 208
7.1 Estrutura da frase simples 208
7.2 A Frase complexa 209
7.2.1 Coordenação 209
7.2.1.1 Coordenação disjuntiva 209
7.2.1.2 Coordenação adversativa 210
7.2.1.3 Coordenação aditiva 210
7.2.1.4 Coordenação negativa 213
7.2.2 Subordinação 213
7.2.2.1 Subordinadas adverbiais 214
7.2.2.2 Completivas 219
7.2.2.2.1 Predicados modais 220
7.2.2.3 Relativas 226
8. Sobre o Léxico 228
8.1 Vocabulário essencial 228
8.2 Vocabulário exclusivo 231

8.2.1 Divergências lexicais de origem etimológica 232
8.2.2 Diferente atribuição semântica 234
8.2.3 Criação de novas palavras 234
8.2.3.1 Palavras compostas 234
8.2.3.2 Ideofones 235
8.2.3.3 Adaptação de estrangeirismos 237
8.2.4 Formas fossilizadas 239
8.2.4.1 Latinismos 239
8.2.4.2 Lusitanismos 239
8.2.5 Formas do proto-crioulo 239
8.2.6 Africanismos 240
9. Conclusões 244
9.1 O lugar do foguense no seio da língua cabo-verdiana 244
9.2 O lugar do foguense na família dos CPAO 245
9.3 A continuidade da pesquisa 247
ANEXO 1 249
ANEXO 2 254
ANEXO 3 273
BIBLIOGRAFIA 275

1 Introdução

1.1 Motivação e objetivos

Os primeiros estudos descritivos conhecidos sobre o crioulo de Cabo Verde datam do século XIX com os trabalhos de Adolfo Coelho (1820), Joaquim Botelho e Custódio Duarte (1887) e António de Paula Brito (1888). A partir da década de 50 do século XX, linguistas estrangeiros e nacionais intensificaram a investigação, dando um valioso contributo para o registo científico, deste que é considerado um dos crioulos mais antigos do mundo.
Contudo, esses estudos centraram-se quase sempre nas variedades de Santiago (Sotavento) e São Vicente (Barlavento), as ilhas principais dos dois grupos geográficos em que se divide o país.
Estudos empreendidos mais recentemente sobre as demais variedades demonstram que há variações consideráveis ilha a ilha e apontam para a necessidade de uma investigação transversal sobre todas elas.
Um trabalho que se torna mais premente quando a discussão sobre a oficialização e escolha da variedade cabo-verdiana padrão se intensifica a cada ano. Para que se conheçam os pontos em comum e as diferenças e para melhor alicerçar as bases científicas para a padronização do crioulo de Cabo Verde é urgente descrever de forma detalhada cada variedade.
Na década de 30 do século XX, o professor foguense Pedro Cardoso, hoje considerado uma das figuras mais ilustres da ilha do Fogo, defendeu em artigos e comunicações públicas a necessidade de dar mais dignidade à língua cabo-verdiana, principalmente na educação. "Todos aprendemos a língua estrangeira tendo por instrumento a língua materna; saibam os professores de instrução primária servir-se do crioulo como veículo para mais rápido e profícuo ensino das matérias do programa a cumprir, principalmente do Português", proferiu numa conferência em 1933 (Veiga 2000:19).

Quase um século depois destas palavras visionárias, o país parece finalmente ter despertado para a importância da formalização da língua materna no contexto escolar visando melhorar os resultados e a proficiência dos alunos tanto na língua cabo-verdiana como na língua portuguesa, o idioma oficial. Acreditamos que este trabalho será mais um documento de suporte de todo este processo.
Parece-nos ainda bastante pertinente empreender a descrição de variedades ainda não contempladas para que quando o ensino bilingue for uma realidade plena no país, cada criança na sua própria ilha possa ter a oportunidade de explicitar os seus conhecimentos sobre a variedade materna em simultâneo com a aquisição de uma norma padrão. O investimento no estudo da língua cabo-verdiana é também uma contribuição científica imprescindível para a preservação deste património imaterial de valor inestimável para o povo cabo-verdiano e para o mundo, enquanto testemunho vivo de mais de cinco séculos de miscigenação.

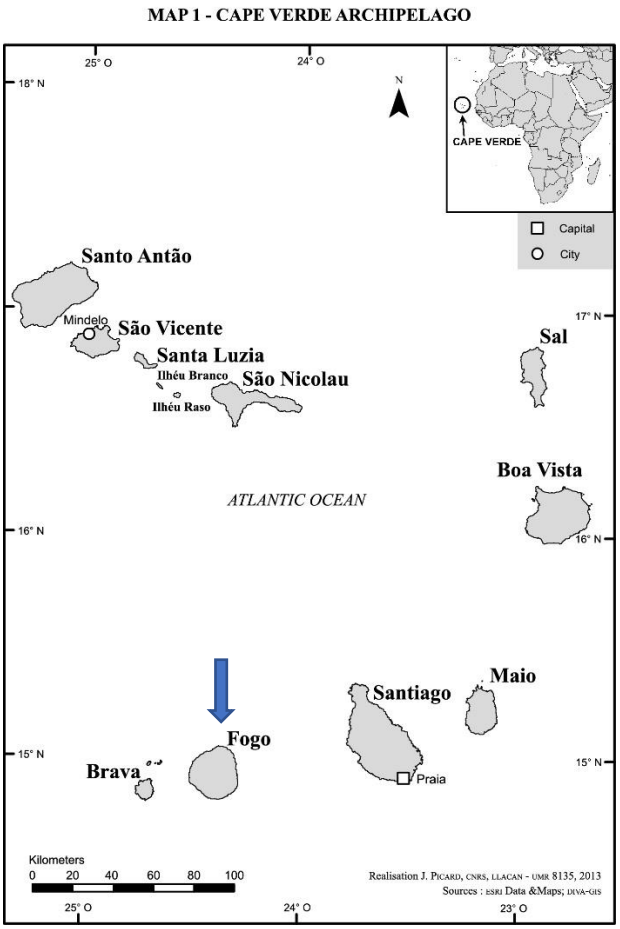
1.2 Apresentação do objeto de estudo

A ilha do Fogo dista cerca de 50 quilómetros da ilha de Santiago. É a quarta em extensão e abriga uma população de mais de 40 mil habitantes. A sua capital, São Filipe, é a terceira cidade mais populosa do país. A ilha divide-se atualmente em três municípios: São Filipe, Santa Catarina e Mosteiros. É considerada uma das ilhas de maior vocação agrícola do país, possuindo terras férteis, com produção de frutos diversos, café, queijo e vinho que são exportados para outras ilhas do país. Grande parte da população da ilha vive no meio rural e dedica-se a atividades do sector primário. A ilha conta com uma larga diáspora. Os Estados Unidos da América são o destino mais procurado pela sua população e as remessas dos emigrantes têm um peso significativo no orçamento familiar dos foguenses.

A ilha do Fogo foi descoberta em 1460, na mesma ocasião em que foram também descobertas as ilhas de Santiago, Maio e Boavista e terá sido a segunda a ser povoada, logo a seguir a Santiago.
A sua vocação agrícola e a proximidade da ilha de Santiago, onde se situava a capital do país, levaram ao Fogo colonos e escravos que eram mão-de-obra para o cultivo do algodão e outras atividades agrícolas que constituíam a base da economia da ilha (Albuquerque & Madeira 1991).
Depois do seu povoamento, desenvolveu-se na ilha uma variedade linguística própria, ainda hoje preservada. O Crioulo do Fogo é considerado uma das nove variedades reconhecidas da língua cabo-verdiana. A variedade do Fogo faz parte do grupo Sotavento, que inclui as ilhas do sul (Brava, Fogo, Maio e Santiago). Neste grupo encontram-se as variedades mais antigas do arquipélago, que se revestem de certas particularidades, como por exemplo, uma maior proporção de traços e palavras de origem africana, comparativamente às atestadas nas ilhas do norte do arquipélago (Quint 2000:9).

A variedade da ilha do Fogo forma com as ilhas da Brava e do Maio um conjunto linguístico, com traços não partilhados pelo santiaguense, de acordo com a classificação de Quint 2000. Uma variedade que, pela sua antiguidade, dá pistas importantes sobre o processo de formação da língua e a estrutura do proto-crioulo do qual descende. Dados que não podem mais ser ignorados no conjunto dos estudos sobre a língua cabo-verdiana.

Figura 1Mapa de Cabo Verde



A bibliografia relativa à ilha já conta com apontamentos descritivos desde os trabalhos de Joaquim Vieira Botelho datados do século XIX, Quint 2000, Veiga 1982 e de um trabalho contrastivo com a variedade de Santiago de Lopes 2014. Não obstante ter sido a segunda ilha povoada (depois de Santiago), Fogo apresenta, a nível linguístico, diferenças consideráveis com o santiaguense, conforme ficou patente nos estudos contrastivos levados a cabo por Lopes 2014.

No entanto o crioulo do Fogo ainda carece de uma descrição estrutural abrangendo o conjunto dos traços gramaticais que o caracterizam. É esta lacuna que nos propomos colmatar com este trabalho que contempla a fonologia, a morfossintaxe e o léxico desta variedade do crioulo cabo-verdiano, contribuindo para o registo da mesma, bem como para a sua preservação e estudos posteriores.

Traços linguísticos partilhados com os crioulos da Guiné-Bissau e da Casamansa, com os quais a língua cabo-verdiana forma a família linguística dos crioulos de Base Portuguesa da África Ocidental (CPAO), apontam igualmente para a necessidade de uma análise mais esmiuçada de cada uma das sub-variedades e estiveram também na base da nossa motivação para a escolha do foguense para este trabalho de investigação.

Consideramos que uma análise mais aprofundada do crioulo da ilha do Fogo pode mudar a perspetiva a partir da qual se tem analisado até agora a dicotomia entre o crioulo cabo-verdiano e os do continente.

Portanto, o objetivo deste trabalho é produzir uma descrição linguística estrutural desta variedade e trazer à luz os seus traços fonético-fonológicos, morfossintáticos e lexicais, que constituem um património não apenas linguístico mas também histórico e cultural, apontar novas linhas de investigação dentro da família linguística dos Crioulos de Base Portuguesa da África Ocidental, mas também contribuir para os estudos de linguística histórica do português quinhentista e da diacronia das línguas africanas de substrato, como o Uólofe e o Mandinka.

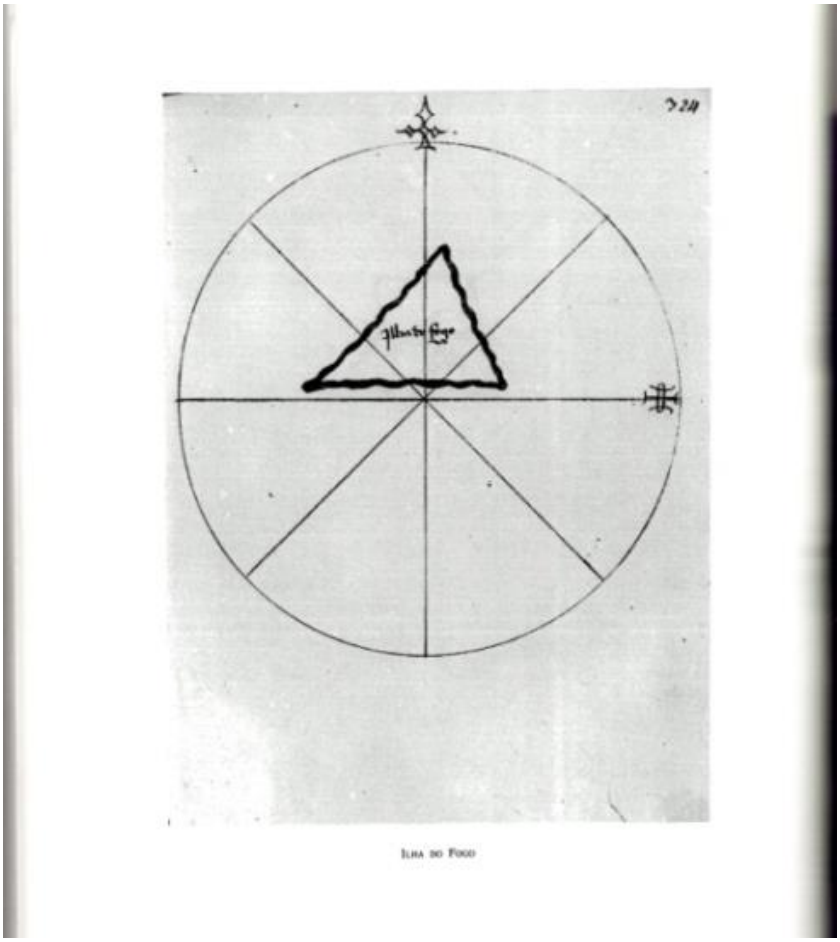
1.3 Resenha histórica da ilha do Fogo

1.3.1 Descobrimento

A descoberta das ilhas de Cabo Verde é datada para o ano de 1460. Segundo os registos históricos (Albuquerque & Madeira 1991, Carreira 2000), a ilha do Fogo fez parte do primeiro grupo de ilhas a serem aportadas pelos navegadores portugueses comandados por António da Noli e por Fernão Gomes a 1 de Maio de 1460. Deste grupo fizeram também parte as ilhas de Santiago, Maio, Sal e Boavista. A ilha foi inicialmente denominada de São Filipe, que viria depois a ser a designação da vila (hoje cidade), capital da ilha.

O mapa, apresentado na figura 2, constante da página 324 do Códice Valentim Fernandes (editor e impressor, na época residente em Lisboa) consta entre as mais antigas representações cartográficas da ilha de que se tem conhecimento, já que se supõe que o referido códice tenha sido redigido entre 1507 e 1510.

Figura 2 Mapa da ilha do Fogo



1.3.2 O povoamento da ilha do Fogo

A ilha do Fogo foi doada por D. Afonso V a seu infante D. Fernando, pela carta régia de 3 de dezembro de 1460, juntamente com as restantes ilhas já descobertas à data. A carta régia de 1466 ordenou o povoamento das ilhas de Santiago e Fogo. No entanto os dados históricos deixam claro que, num primeiro momento, a ordem foi efetivada apenas para a ilha de Santiago. Tanto a carta de privilégios de 1466, para incentivar o povoamento, como a carta de limitação de privilégios de 1472 apenas fazem referência à ilha de Santiago. O povoamento da ilha do Fogo terá acontecido cerca de duas décadas depois da ilha de Santiago, entre 1480 e 1493, pois de acordo com Albuquerque & Madeira (1991:143), pelo menos até 1480, apenas a ilha de Santiago era habitada.

> Tomamos com marcos essas datas porque, em 1480, o mercador francês Eustache de la Fosse, ao passar pelo arquipélago, diz-nos que as suas ilhas são em número de dez e que apenas uma é habitada, referindo-se obviamente à de Santiago".
>
> (Albuquerque & Madeira 1991:143)

De acordo com o padre António Brásio, documentos oficiais de 1471 e 1481 fazem referência apenas à ilha de Santiago "à qual chamam apenas «ilha de Cabo Verde», ou porque era já então a mais importante delas todas, ou por ser a única povoada".

Uma lista de entrega de objetos de culto destinados à ilha, datada do ano de 1493 é tida como evidência de que neste ano já haveria uma igreja, pronta ou em construção, o que, por sua vez, evidencia a existência de fiéis e, portanto, população.

1.3.2.1 Contingente populacional

Albuquerque & Madeira (1991:145) explicam que não há evidências de que se tenha estabelecido uma corrente migratória de origem reinol orientada para a ilha do Fogo, contrariamente ao que aconteceu em Santiago.

> Para o seu povoamento não conseguimos detectar se houve uma directa intervenção do poder central; ao que tudo indica, a iniciativa parte livremente dos moradores de Santiago já nos fins do século XV, mais precisamente entre 1480 e 1493.
>
> (Albuquerque & Madeira 1991:143)

Desta feita, a constituição social de base dos moradores da ilha do Fogo terá sido bastante semelhante à de Santiago. Ou seja, senhores brancos europeus e escravos trazidos da costa d'Africa. Conforme explica Cabral (2012), os armadores santiaguenses foram os primeiros grandes proprietários da ilha Fogo e os escravos por eles levados para a ilha foram os primeiros povoadores.

> Ressalvadas uma ou outra especificidade não se notam diferenças muito acentuadas no povoamento de Fogo e Santiago. As bases sociais são as mesmas, sendo de registar apenas o facto de não se ter concedido aos moradores da primeira as mesmas regalias concedidas aos da segunda no que diz respeito às possibilidades do comércio com a costa da Guiné. Todavia, isto é algo que não se reveste de qualquer importância especial, na medida em que são os moradores de Santiago que vão povoar o Fogo e se desdobrar entre essas duas ilhas.
>
> (Albuquerque & Madeira 1991:144)

> São os armadores - representantes primeiros da elite de Santiago - que, fugindo à pressão e controle dos representantes do poder central e dos capitães-mores dos donatários, povoam a ilha do Fogo com escravos importados, por eles, dos Rios de Guiné. Com essa mão-de-obra cultivam, na ilha vizinha, algodão e mais tarde produzem panos para, com esses produtos essenciais no comércio com a costa fronteira, adquirirem (ilegalmente) novos escravos para a exportação lucrativa em direcção ao Novo Mundo.
>
> (Iva Cabral 2012:4)

1.3.2.2 Razões do povoamento

Pode-se considerar que o povoamento da ilha do Fogo tenha sido impulsionado pelos mesmos motivos que levaram ao povoamento do interior da ilha de Santiago.
Depois da carta de privilégios de 1466 ter-se mostrado insuficiente para incentivar o povoamento do interior da ilha, é emitida em 1472 uma carta de limitação de privilégios. Este documento restringia a área legal de resgate, que passa a ser apenas as zonas já descobertas e conhecidas no período em que os privilégios foram outorgados, bem como as mercadorias a serem comerciadas, que deviam ser produzidas na ilha de Santiago. Ora essa restrição faz com que os moradores de Santiago busquem incrementar a sua produção, procurando terras férteis não apenas no interior de Santiago, mas também na vizinha ilha do Fogo, onde a produção de algodão, principal mercadoria de troca na costa africana, era abundante. A fertilidade da ilha e a proximidade a Santiago afiguram-se, portanto, como as principais razões do povoamento da ilha do Fogo. Segundo Albuquerque & Madeira (1991:144), "o seu povoamento vai ser incrementado pelos moradores de Santiago, atraídos pelo algodão que aí se produzia em larga escala, acabando por instituir nela grandes propriedades, exploradas por escravos."

1.3.2.3 A importância do algodão do Fogo

Na base deste movimento migratório está a importância que o algodão tinha então como matéria-prima e enquanto moeda de troca de grande valor na costa africana.

> Além de mercadoria de exportação, os escravos foram, também, os principais povoadores do arquipélago, já que a necessidade de produzir mercadorias para o trato na costa da Guiné (essencialmente o algodão) obrigou a elite armadora a olhar com interesse para o interior da ilha de Santiago e para a ilha vizinha do Fogo e, por conseguinte, a importarem a mão-de-obra necessária para o preenchimento rural do hinterland.
>
> (Iva Cabral 2015:4)

As boas condições de cultivo na ilha do Fogo permitiam produção em larga escala (Torrão 1991), ultrapassando assim a ilha de Santiago. A feitoria tinha ordens expressas da coroa, no sentido de que não poderia faltar reserva de algodão para armar os navios que chegavam da metrópole para depois partirem para a costa. Ao mesmo tempo, era também pedida uma atenção especial para evitar o contrabando.

A coroa detinha o monopólio do comércio do algodão na costa, estando os moradores de Santiago e Fogo impedidos de comerciarem por conta própria esta mercadoria no mesmo ponto comercial. Fica assim clara a importância da referida mercadoria na rede comercial. A necessidade de garantir a provisão levou a coroa a criar um cargo específico para seu controlo e fiscalização, o *feitor do algodão do Fogo*, cargo de que há registo documental já em 1532 (Torrão 1991:159).

1.3.3 Crescimento económico e evolução da sociedade

De acordo com a tradição oral foguense, o povoamento terá começado na atual cidade de São Filipe, mais concretamente "no terreno que se situa ao sul da ribeira de S. João e que ainda hoje se chama de Achada S. Filipe" (Barbosa 2006:22).

1.3.3.1 Séculos XVI e XVII

O estabelecimento da ilha enquanto centro de produção parece ter potenciado o crescimento da população. Até meados da primeira década do século XVI, o povoado de São Filipe era o único referenciado nos documentos sobre a ilha. Fontes posteriores já dão conta de um crescimento populacional. Na sua *Descrição da Costa Ocidental da África (*1505 – 1510) Valentim Fernandes (*apud* Pereira 2005:23) descreve a ilha, referindo-se ao vulcão, mas também à sua assinalável população.

> Esta ilha hé povoada de gente,
> Aqui não há casa de pedra de cal nem de madeira salvo de pedra em soso,
> Há nesta ilha grande criação de cabra,
> Águoas tem poucas e salobras de que a gente bebe,
> Nasce aqui muito algodão.
> (Pereira 2005:29)

No que diz respeito à estrutura administrativa, apesar da sua subordinação mercantil a Santiago, a ilha do Fogo constituiu, no entanto, desde muito cedo uma capitania administrativa autónoma com capitães donatários próprios, câmara e almoxarifado. O documento mais antigo relativo à instituição do poder local na ilha é uma carta régia de 1515, na qual João Fernandes é nomeado escrivão e almoxarife da ilha do Fogo. Não é possível

datar o estabelecimento da primeira capitania no Fogo, mas o documento redigido para a concessão da ilha ao conde de Penela, em 1528, refere-se à existência anterior de outros três capitães donatários (Albuquerque & Madeira 1991:45).

A freguesia de São Lourenço, a segunda da ilha, apresentava, em 1572, 90 fogos, muito além do segundo povoado da ilha de Santiago -Praia- que dispunha, na altura, de 30 fogos. Uma década mais tarde, a Relação de Francisco de Andrade sobre as ilhas de Cabo Verde, de 1582, dá conta de uma população de 300 colonos e 2000 escravos na ilha, mostrando já haver uma pormenorizada estrutura religiosa e administrativa na ilha.

> A ylha do Foguo está em 14 graus e meio leste oeste com o porto desta çidade [de Ribeira Grande]; era a capitania dela de don Afonso de Meneses, filho do conde de Penela, e por sua morte vagou, e ao presente corre por conta da fazenda de sua Magestade; terá esta ylha 300 moradores e averá em toda ela 2 mil escravos, machos e femeas, os 1 500 de confissão e os 500 que ainda não são para isso; tem estes moradores hõ soo capitão que com esta gente defende dous portos que a ylha tem, com dous baluartes, em que está pouq[u]a artilharia e fraq[u]a;
>
> (Pereira 2005:31)

> Há nesta ylha duas frequezias afora quatro ermidas de devoção, huma das ygreyas desta fre[g]uezias hé de invoqu[a]ção de Santiaguo e São Filipe, e a outra que está pola ylha dentro, hé de invoqu[a]ção de São Lourenço he em cada huma ay um vigairo e hum benefiçiado e um tesoureiro; as novidades que dá são algodois e alguns vinhos, que novamente começão a plantar; os quais algodois se levão aos resgates de Guiné e vão pera Spanha em arrobas escolhidas e não se pagua mas que o dizimo a Deos.
>
> (Pereira 2005:32,33)

A ilha foi-se desenvolvendo como uma sociedade agrária, com uma excelente produção, não apenas de algodão, mas também de frutas e seus derivados, conforme relato de 1606 do padre jesuíta Baltasar Barreira, em carta ao seu colega João Alvares.

> A segunda ilha depois de Santiago, que está à vista dela, é a de San Filipe e por outro nome a do Fogo […] no mais leva vantagem às outras, porque nela se colhe muito algodão, e vinhas de que se faz muito e bom vinho, e dá as frutas que há nas outras mais perfeitas e em mais quantidade. A abundância faz com que haja ali homens mui ricos e muitos escravos, com que lavram a terra…
>
> (Pereira 2005: 33)

1.3.3.2 Séculos XVIII e XIX

O anónimo de 1784 dá conta de erupções frequentes nos primeiros anos da segunda metade do século XVIII. No entanto o crescimento populacional era evidente. Por esta altura já há referência a uma terceira freguesia, além de São Filipe e São Lourenço. Trata-se da freguesia dos Mosteiros, no norte da ilha, que dispunha na altura de um porto para lancha. Data também deste período a construção de muitos dos sobrados ainda existentes da vila de São Filipe, símbolo de prosperidade, poderio económico e estatuto social dos seus proprietários – descendentes das famílias brancas colonizadoras. Relatos do início do século XIX deixam claro que a ilha ainda gozava do estatuto de uma das ilhas mais produtivas da, então denominada, província de Cabo Verde.

> Ela é fertilíssima, particularmente em milhos e feijões; e quase toda a fruta e hortaliça da Europa vegeta e prospera sem ser regada.
>
> (Pusich 1810 apud Ribeiro 1956:625)

As memórias de Pusich, datadas de 1810, copiadas e publicadas por Orlando Ribeiro (1956), dão conta ainda da cultura da vinha, embora "só de curiosidade e regalo". Já Castilho (1836) realça a primazia do milho cultivado no Fogo.

> O milho da ilha do Fogo reputa-se o melhor de todas as Ilhas de Cabo Verde, de sorte que na Madeira se vende ordinariamente um tostão mais caro por alqueire que o das outras Ilhas.
>
> (Castilho 1836:120)

Os relatos de 1836 de Castilho dão conta que o Ouvidor Geral da província habitava então na ilha do Fogo, que contava na altura com dois portos, testemunhos da próspera actividade económica precedente. No entanto, relatos posteriores dão conta de grandes crises económicas que a ilha viveu ao longo do século XIX, um pouco à semelhança do que se passava no resto do arquipélago. Neste período o êxodo da população branca já estava na sua fase final. O número de brancos era cada vez mais reduzido e a mestiçagem um processo consolidado. Os relatos de Pusich 1810 em Ribeiro (1956:625) dão conta de 9.000 habitantes, "quase todos pretos e mulatos" divididos em 3 paróquias.

Embora a panaria continuasse a ser uma atividade lucrativa, tanto para uso local (vestuário habitual das mulheres) como para comércio para a Guiné de acordo com Ribeiro (1956:625) e Castilho (1836 :19), este parece ter sido um período de grandes crises motivadas pelos anos consecutivos de seca e epidemias.

De acordo com Carreira (1977 :37) no período de 1863 a 1866 pereceram mais de 30 000 pessoas em todo o arquipélago, numa população total de 97 000, sendo que ilhas como Fogo e Maio, por exemplo, perderam metade da sua população. Na década anterior, entre 1851 e 1855, o arquipélago já tinha sido fustigado por epidemias de cólera-morbus e varíola. Este autor afirma que a produção agrícola, tanto para exportação como para subsistência, terá ficado reduzida a zero.

1.3.4 Sobre a Estrutura social

A história de Cabo Verde deixa claro que o mestiço cabo-verdiano ascendeu desde muito cedo a cargos de administração e, com o êxodo da população branca devido ao declínio económico (conforme explicitado em 1.3.3.2), a relação de forças estabelecida durante o primeiro século de povoamento não prevaleceu.

Se é verdade que as bases sociais foram as mesmas, não é necessariamente verdade que a dinâmica entre as classes tenha sido também igual nas duas ilhas. Os relatos da sociedade foguense apontam para diferenças, motivadas em grande parte pelas atividades económicas desenvolvidas em cada uma delas.

Cabral (2012) explica que, ainda que a estrutura social de base da ilha do Fogo tenha advindo da sua filiação a Santiago, as características primárias que moldaram as duas sociedades apresentam consideráveis diferenças. De um lado a sociedade santiaguense, marcada por "uma elite armadora, mercantil, virada para a acumulação através do comércio intercontinental; uma vida urbana cosmopolita, proporcionada pelo porto da Ribeira Grande; uma mobilidade social possibilitada pelo "branqueamento" que a aquisição de riqueza, através do comércio de longa distância, trazia […]", do outro a sociedade foguense, marcadamente agrícola e rural.

> A sociedade foguense foi assim, desde a sua implantação, uma sociedade virada para o interior, para a agricultura. A vila de São Filipe, sede da Câmara, da capitania mor, da igreja, do funcionalismo régio, nasceu como uma vila rural e assim continuou a ser, já que a sua elite, não tendo o privilégio de armar que possuía a de Santiago,

> detinha apenas como sustentáculo de seu poder a propriedade da terra e a riqueza amealhada, advinda da venda dos produtos agrícolas.
>
> (Cabral 2012:5)

A separação social entre as duas ilhas acentuou-se ainda mais com a aquisição gradual das terras da ilha por residentes da ilha do Fogo, em consequência do abandono dos vizinhos de Santiago que foram primeiramente os grandes proprietários da ilha.

> A autonomia da elite da ilha do Fogo, relativamente a ilha mãe que foi Santiago, acentua-se no início do [século] XVII, quando esta última, devido a nova conjuntura no Atlântico (principalmente a concorrência dos franceses, ingleses e holandeses com o fim do monopólio ibérico no Atlântico), deixa de ser o entreposto principal das mercadorias vindas da costa da Guiné.
>
> (Cabral 2012:13)

A partir daí se desenvolve uma verdadeira elite foguense que passa a deter a posse das terras da ilha "através de venda ou permuta".E esta elite caracterizava-se por ser mais conservadora do que a santiaguense e, conforme explica a autora, "adversa a mudanças sociais, intuída de um espírito patriarcal, aristocrático e por isso antagónica a misturas sociais […]".

Autores do fim do século XVIII e do início do século XIX são unânimes em dividir a sociedade em três classes. Referindo-se à estratificação social, Pusich relata:

> Visto o quanto disse, a três classes se reduzem os habitantes destas ilhas [Santiago e Fogo]: a de brancos, a mulatos e a pretos. A primeira é a mais diminuta e se acha complicada em parte com a segunda que é numerosa […].
>
> (Ribeiro 1956:611)

O recenseamento de 1731, do Bispado de Cabo Verde, deixa claro este conservadorismo da ilha do Fogo, que se apresenta como a ilha com maior percentagem de brancos (6%) e maior número de escravos (25%). Na vizinha Santiago a percentagem de brancos era de apenas 2%, enquanto a dos escravos era de 18%. Os forros dominavam claramente a sociedade santiaguense, representando 66% do conjunto. No Fogo a sua prevalência era de apenas 11%. Ou seja, enquanto nas outras ilhas[1] se dava o processo de "descravização", com os forros a representarem a maioria da população, a ilha do Fogo ainda apresentava 25% de população escrava, podendo por isso ser considerada uma sociedade escravocrata tardia, comparativamente às outras ilhas.

[1] Em todas as restantes ilhas referenciadas à data, de acordo com dados do mesmo recenseamento, a percentagem de forros era superior e a de brancos inferior a à ilha do Fogo.

Tabela (i)

	Composição da população (ano 1731)				
Ilhas	brancos	mestiços	forros	escravos	**Total**
Fogo	6%	58%	11%	25%	100
Santiago	2%	14%	66%	18%	100
Santo Antão	0,2%	41%	44%	15%	100
São Nicolau	4%	68%	17%	11%	100
Boavista	0%	24%	60%	16%	100
Maio	1%	34%	57%	8%	100
Brava	4%	63%	27%	6%.	100

Apesar do seu número reduzido, em termos de hierarquização social e de poderio económico a classe dos brancos autóctones (que se consideravam descendentes diretos dos primeiros colonos), foi dominante na ilha até ao primeiro quartel do século XX, quando se dá a ascensão da classe do povo, via emigração para os Estados Unidos da América.

> A existência dessa elite, cujo orgulho máximo era a sua ascendência exclusivamente europeia, e cujo apoio económico era a posse dos bens herdados dos pais ou avós, constituía uma realidade implícita na orgânica da sociedade foguense.
>
> (Sousa 1958:8)

Esta manutenção tardia do poderio dos brancos autóctones aponta para que a miscigenação no Fogo e a ascensão social do mestiço (referido como mulato) se tenha dado de forma mais lenta do que na vizinha ilha de Santiago.

> Pode-se constatar que na ilha do Fogo apesar de algumas revoltas e conflitos existentes nesta sociedade, não houve grandes mobilidades sociais, o que podemos verificar é o surgimento de uma terceira camada social (mestiços) que a pouco e pouco conseguiu ganhar uma posição social considerável, ou seja, a partir dos finais do século XVIII e início do século XIX devido a emigração para os E.U.A, abolição da escravatura e divisão do Morgadio.
>
> (Barbosa 2006:20)

Várias estratégias parecem ter sido postas em prática para manter até onde foi possível esta hierarquização social. O casamento entre parentes próximos, nomeadamente primos, foi uma prática recorrente, para tentar manter a estabilidade económica da classe proprietária.

> Antigamente praticava-se a endogamia com relação à classe, donde os numerosos casamentos entre primos, e até tios e sobrinhas, com as consequências bem patentes no domínio das nevropatias congénitas, verificáveis na ilha.
>
> (Sousa 1958:6)

Alguns aspetos arquitetónicos da cidade de São Filipe são considerados como marcas físicas desta divisão social. É o caso da existência de dois cemitérios, sendo um deles o situado na zona baixa da cidade, denominado de "cemitério de brancos" e do muro que divide a parte baixa da parte alta da cidade de São Filipe.

Os sobrados, muitos ainda hoje preservados, são outro testemunho histórico e arquitetónico da divisão de classes no Fogo. Nestas habitações as divisórias eram feitas de forma a permitir o distanciamento considerado apropriado entre os subordinados e os morgados proprietários.

No seu artigo sobre a estrutura social do Fogo em 1940, Teixeira de Sousa apresenta uma sociedade dividida em quatro grupos. Brancos, mestiços, mulatos e povo, embora não fique muito claro como este último se distingue da classe dos mulatos. Em pleno século XX, o autor realça, porém, que a distinção se baseava mais em critérios sociais do que propriamente étnico-raciais.

> Podemos considerar na ilha do Fogo quatro classes: a classe dos *Brancos*; a classe dos *Mulatos*, filhos de pai branco e mãe mulata ou preta, a que por comodidade chamaremos Mestiços; a dos *Mulatos* propriamente ditos, filhos de pai e mãe mulatos; e finalmente a classe a que pertence o *Povo*." Esta classificação não obedece a factores somáticos, tão heterogéneos em população caldeada por séculos de miscigenação. Não se trata de uma divisão puramente étnica, mas, em grande parte, social. De resto é sabido que em Cabo Verde mestiços e mulatos podem passar à categoria social de brancos e vice-versa, consoante as suas possibilidades económicas ou sociais. No Fogo, todavia, a recepção de mulatos e mestiços no seio da família branca é difícil e mesmo rara, ao passo que a englobação desta naquela já é mais corrente.

(Sousa 1947:42)

Tratava-se, à data do artigo, de uma divisão ativa e não apenas um conceito imaginário, que estava na base de rixas de rua entre os diferentes grupos. Teixeira de Sousa faz ainda referência a tensões sociais motivadas pelas ambições de manutenção da hegemonia administrativa da ilha, por um ou outro grupo.

Já nos finais da década de 50 do século XX, o autor aponta para um aplainamento social, visível, por exemplo, em manifestações culturais antes apenas reservadas à classe dos brancos, como é o caso das festas da bandeira grande.

> A abolição do morgadio e a liquidação progressiva dos latifúndios (salvas as devidas proporções) quer por herança, quer por venda das propriedades a elementos doutras classes, os quais, por terem emigrado para os Estados Unidos da América do Norte ou por se terem introduzido na actividade comercial, conseguiram ascender à posição dos antigos donos da ilha, em originando uma autêntica democratização económica a que corresponde por outro lado um aplanamento social que hoje caracteriza a sociedade foguense.
>
> (Sousa 1958:3)

Uma nova realidade que "empurrou" para fora da ilha as antigas famílias proprietárias, que, segundo o autor, emigraram para a metrópole, para outras províncias ultramarinas ou para outras ilhas, em virtude da sua "inadaptação a uma estrutura social modificada".

> Intensificou-se este êxodo, sobretudo a partir do primeiro quartel do século, precisamente no período mais crítico em que a nova realidade surgia com a perturbação própria de toda a viragem histórica […]. Não se deu evidentemente, neste caso, nenhuma revolução mas sim uma evolução: e os retirantes tiveram apenas uma atitude voluntária, motivada pelo móbil económico.
>
> (Sousa 1958:6)

Esta fase já foi caracterizada por novas configurações sociais e inclusive a incorporação pela nova classe dominante de hábitos perpetuados pela classe branca, como mandar os filhos estudar em Portugal, por exemplo.

> As famílias que continuaram na ilha apeadas da sua primitiva situação de destaque foram-se a pouco e pouco adaptando à nova realidade social, e aceitando no convívio íntimo e até nas ligações matrimoniais, os elementos da classe em ascensão (mulatos), com o desaparecimento gradual e seguro de todo o preconceito étnico que vigorou durante séculos na ilha.
>
> (Sousa 1958:6)

É deste ponto de vista que se pode analisar a sociedade foguense de hoje, onde, apesar de não ser mais uma configuração social ativa, a divisão de classes é ainda uma noção fortemente enraizada no imaginário coletivo, comprovando o seu carácter recente. Uma maior estratificação social no Fogo e maior esforço de preservação de uma ideia de supremacia social da classe branca poderão ter tido também peso nas configurações sociolinguísticas na base de algumas dicotomias dialetais entre Santiago e Fogo.

A ocorrência de palavras de origem africana é um aspeto. Apesar de boa parte ser partilhadas entre Santiago e Fogo, o certo é que na ilha do Fogo registam-se em menor número (Quint & Moreira 2019), ocorrendo sinónimos de etimologia portuguesa, seja por substituição ao longo dos séculos seja por uma maior presença e manutenção da língua portuguesa.

Se considerarmos que o contingente branco poderá ter sido, proporcionalmente, maior no Fogo, tendo em conta a sua menor dimensão numérica comparativamente a Santiago, e tendo em conta os esforços sociais de preservação da elite é fácil pensar que também o prestígio e

pressão da língua portuguesa sobre o crioulo tenham sido maiores. Em vários dos capítulos que se seguem apresentamos exemplos fonéticos, lexicais e sintáticos que comprovam uma maior "europeização" (contrapondo com uma noção de africanidade) do crioulo do Fogo. A diferente conjuntura social pode ser parte da explicação.

1.4 Formação da língua

Carreira (2000:319) defende que "o crioulo formou-se nas ilhas de Cabo Verde a menos de 50 anos do seu achamento e dali se propagou e enraizou na costa ocidental servindo de língua franca entre o europeu e os nativos e mesmo entre estes quando de etnias diferentes". Segundo o autor, o surto do crioulo de Cabo Verde teve lugar nas primeiras décadas após o início do povoamento. Os homens "baços ou pardos" e os "pretos forros" terão sido os principais difusores da nova língua que se expandiu rapidamente.

> Podemos mesmo recuar a data do surto do crioulo para 1546, quando um grupo de 14 ou 15 «homens baços e pretos» solicitou ao rei a concessão da «mercê que pudéssemos entrar nos ofícios do concelho para servirmo-nos nos ditos cargos» como se havia feito para os de S. Tomé. Estes «homens baços e pretos» eram, segundo o documento, «vizinhos e moradores» da cidade de Ribeira Grande, todos eles sabendo ler e escrever, […] E estávamos a 86 anos do achamento das ilhas de Sotavento.
>
> (Carreira 2000:316,317)

Carreira (2000:318) cita uma carta do padre Manuel de Almeida, um missionário na ilha de Santiago, datada de 1607, que deixa claro que pouco mais de um século após o povoamento, já havia facilidade em encontrar escravos que serviam de intérpretes, mostrando segundo o autor que "o crioulo já tinha "uma apreciável expansão em Santiago".

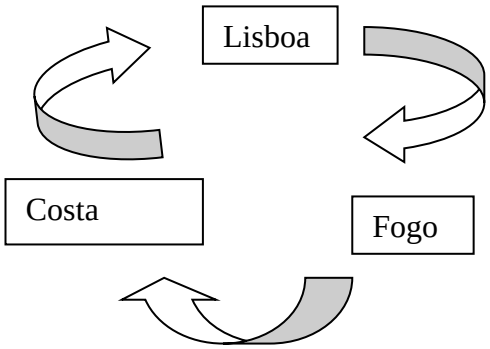
Apesar da falta de documentação sobre a situação linguística da ilha do Fogo em particular, os documentos históricos atestam que esta ilha prosperou nos primórdios da ocupação e rapidamente se tornou num ponto forte do tráfico negreiro e um centro de produção e comercialização de produtos do arquipélago.
Num primeiro momento, o crioulo poderá ter sido levado por habitantes da ilha de Santiago, colonos e escravos, que deram início ao povoamento do Fogo, mas tudo indica que uma vez transplantada a nova língua, que ainda estava nos primórdios da sua formação, foi ganhando desde cedo novos traços linguísticos. A ilha passou a ser então palco de um processo de crioulização contínua, processo este que parece ter seguido, desde muito cedo, caminhos diferentes do mesmo processo que estava a ter lugar na vizinha ilha de Santiago.
Veiga (2019) classifica o crioulo do Fogo como sendo de "segunda geração, embora muito próximo do da primeira geração (Santiago)".
A história afirma que as bases sociais do povoamento foram as mesmas nas duas ilhas, no entanto este autor chama a atenção para outros fatores que poderiam ter implicações linguísticas no processo de crioulização na ilha do Fogo.

> As condições de formação desse crioulo de 2ºgeraçao eram muito semelhantes aos do CCV da 1ºgeraçao. Esta é, provavelmente, uma das razões porque as duas expressões são tão parecidas. Apesar de tudo há algumas especificidades decorrentes, possivelmente, do contato geográfico e histórico, do número e da procedência das classes sociais que povoaram a ilha."
>
> (Veiga 2019:25)

As influências, tanto do português, como das línguas africanas, continuaram a ser contínuas neste novo espaço onde se configuravam diferentes interações, o que levou a uma evolução particular que pode hoje ser facilmente comprovada pelos traços fonéticos, sintáticos e lexicais próprios desta variedade.

O comércio do algodão que tinha papel central na economia da ilha terá também desempenhado um papel crucial nas interações linguísticas que aconteciam dentro e fora da ilha. Torrão (1991:62) explica que havia dois circuitos paralelos no abastecimento dos navios que levavam o algodão do Fogo até à costa africana. O primeiro circuito era uma rota direta Lisboa- Fogo- Costa da Guiné –Lisboa. Um dado importante a assinalar é que se tratava de um circuito direto, que não passava por Santiago.

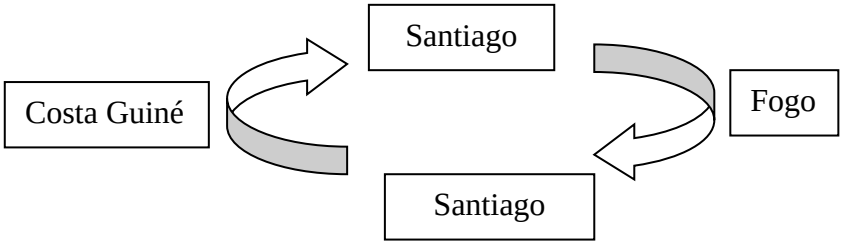
Figura 3. Circuito 1



> "Esta rota directa, em sentido único Lisboa- Fogo- Costa da Guiné –Lisboa, sem paragem em Santiago, constituía um circuito paralelo, abastecido quase exclusivamente pelo algodão, e que sendo explorada directamente pela coroa, esquivava-se às regras estabelecidas para comércio com os rios da Guiné [...] em todas as outras circunstâncias a ilha de Santiago era obrigatoriamente o ponto de partida e de destino dos navios do trato da Guiné."
>
> (Torrão 1991:167,68)

Quanto ao segundo circuito, a autora relata que "os navios partiam da feitoria de Santiago, iam ao Fogo carregar algodão, o qual lhes era entregue contra a apresentação de uma provisão do feitor de Santiago, e regressavam à ilha de origem, de onde, então, parte do algodão era reexportada para a Guiné."

Figura 4. Circuito 2



Fica claro que a interação Santiago-Fogo era permanente e regular, mas que a ilha mantinha também outras interações comerciais e consequentemente linguísticas, que não eram necessariamente iguais às que aconteciam em Santiago.
As considerações de Torrão (1991) apenas têm em conta os dois circuitos oficiais. A instituição do cargo de feitor de algodão do Fogo deixa supor que havia tendência ao contrabando e que ela deveria efetivamente ocorrer. Torrão (1991) relata troca de acusações em carta entre o feitor do Fogo e o feitor de Santiago, que tinham na base, justamente, a não entrega das quantidades pedidas, sendo que o feitor de Santiago não acreditava que os motivos fossem a insuficiência de mercadoria alegada pelo feitor do Fogo. Ora se havia disponibilidade e ela não era posta à disposição da coroa era porque os próprios colonos se serviam dessa produção, eventualmente para trocas clandestinas na costa africana.

Com o estabelecimento destas duas rotas, o crioulo falado na ilha do Fogo recebia diversas influências, que terão contribuído para o seu processo de estabilização, tais como:

a) do crioulo falado em Santiago
b) do português falado em Santiago
c) do português falado na metrópole –via troca comercial no circuito direto
d) do português falado por outros grupos que poderiam constituir novos contingentes que chegavam diretamente da metrópole para o Fogo
e) das línguas africanas faladas pelos escravos que chegavam de Santiago, diretamente da Costa, ou da metrópole.

É certo que os navios que vinham de Santiago para se abastecer de algodão, antes de zarparem para a costa, traziam escravos e mantimentos em troca de algodão. Sabe-se que chegavam escravos africanos de Santiago, mas não se pode descartar também a entrada de escravos africanos que chegavam diretamente da costa, tendo em conta a possibilidade de trocas comerciais clandestinas entre os moradores do Fogo e a Costa da Guiné. Por outro lado, poderiam também chegar ao Fogo escravos da costa da Guiné via circuito direto com Lisboa. Pois depois de deixarem o Fogo esses navios iam à costa de onde poderiam levar escravos. Ora sendo o circuito Lisboa – Fogo – Costa Guiné – Lisboa – Fogo, é possível que parte desta aquisição chegasse depois ao Fogo como pagamento para novos carregamentos de algodão.

Independentemente da via de entrada, a proveniência da grande maioria dos falantes de línguas africanas era, no entanto sempre a mesma, ficando mais uma vez clara de onde terão vindo as influências linguísticas africanas durante o processo mais tardio de crioulização. Álvares de Almada (1994), citado por Torrão (1991), deixa claro que o rio de São Domingos era uma das regiões de comércio mais intenso e onde a oferta de mercadoria escrava era significativa.

> Neste rio de São Domingos há mais escravos que em todos os outros de Guiné, por que dele [os] tiram estas nações Banhuns, Buramos, Caasangas, Jabundos, Falupos, Arriatas, Balantas. É rio de muito trato de arroz e outros mantimentos e muita cera; abastado de muitos mantimentos, bons pescados, muitas galinhas continuamente andam os negros vendendo a troco de algodão e outras cousas.
>
> (Torrão 1991:166)

1.5 Metodologia

São objetivos deste trabalho:

- Elaborar uma descrição fiel da variedade do Fogo;

- Identificar e justificar as suas particularidades no contexto da língua cabo-verdiana;

-Identificar as condicionantes históricas que contribuíram para a formação deste crioulo.

1.5.1 Autores consultados

O quadro teórico que sustenta este trabalho de descrição linguística é essencialmente funcionalista, na linha de autores como Dixon (*Basic linguistic Theory*, 2019/2012), Creissels (2006) e os autores da APICS (Michaelis, Maurer, Haspelmath & Huber 2013).

A análise é baseada num corpus oral, recolhido em imersão linguística no seio da comunidade falante. Para a preparação do trabalho de campo baseei-me nas recomendações de Bowern (2008) e Chelliah & Reuse (2011). Os volumes 1, 2 e 3 de Dixon (2009 e 2012) foram manuais de consulta que me acompanharam ao longo de todo o trabalho, desde a preparação e recolha de terreno à análise de dados, dando pistas importantes de tópicos e perspetivas de análise.

Para análise da frase complexa, estrutura de coordenação e subordinação, consultei Haspelmath 2004, Shopen 2007 e Cristofaro 2003.

Quanto a outras gramáticas descritivas, espelhei-me no trabalho de Quint 2000 e Lang (em preparação) para o santiaguense. Swolkien 2015, Baptista 2002, Biagui 2012 e Jacobs 2012 foram alguns autores consultados para descrições de outras variedades do cabo-verdiano, bem como dos crioulos continentais da mesma família linguística.

1.5.2 Trabalho de campo

O corpus que serve de base e ilustra a análise desta descrição linguística foi recolhido por mim, durante um total de cinco meses de trabalho de campo na localidade de Ribeira Ilhéu na ilha do Fogo, em Cabo Verde. As missões decorreram nos anos de 2016, 2017 e 2018, abarcando o período seco, o tempo da colheita e a estação das chuvas.

1.5.2.1 Fase preparatória

A preparação do trabalho de campo teve lugar logo nos primeiros dois meses após o início do programa de Doutoramento. Neste período tive formações técnicas sobre o manuseio do equipamento de gravação áudio e vídeo e uma introdução aos softwares de tratamento de dados (Toolbox e Elan), disponibilizados pelo meu laboratório, o LLACAN. Esse período foi também dedicado à pesquisa bibliográfica e preparação metodológica sobre a intervenção no terreno, bem como preparação dos documentos de suporte, como sejam materiais de elicitação, formulários de consentimento e as devidas autorizações administrativas para entrada e saída do território francês.

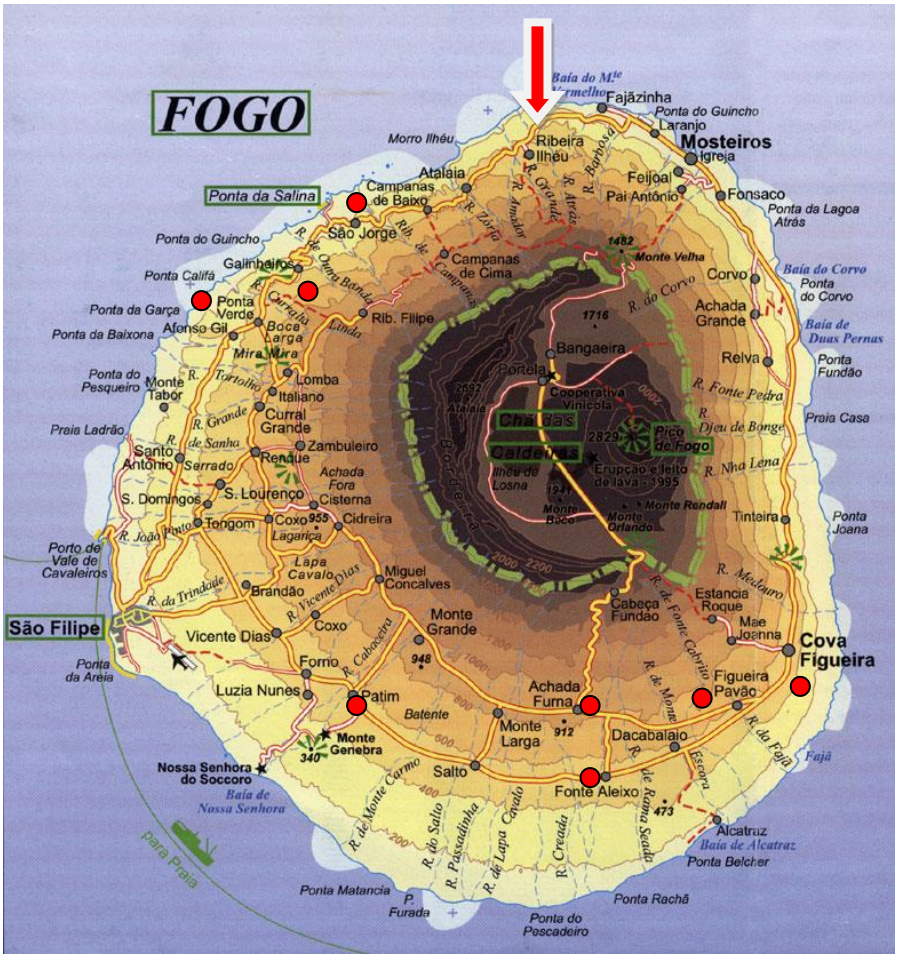
Neste período fiz igualmente uma revisão da bibliografia existente e compilação de alguns dados de terreno já coletados por Nicolas Quint em 2009, para ter noções preliminares sobre as particularidades da língua**.**

1.5.2.2 Fase de execução

A primeira missão de terreno foi a mais longa e decorreu durante três meses, entre dezembro de 2016 e março de 2017. O objetivo era ter um primeiro contato com a variedade estudada, fazer um levantamento o mais exaustivo possível, com registos áudio e vídeo, numa convivência estreita com a população. O objetivo principal era recolher dados que

permitissem análises futuras no campo da fonologia, morfossintaxe e léxico e conhecer mais a fundo a variedade escolhida de forma a destacar as suas particularidades no contexto da língua cabo-verdiana. Na primeira semana na ilha, optei por fazer uma recolha de dados em diferentes localidades, de forma a ter um panorama geral da variedade, além de fazer um reconhecimento de terreno em diferentes zonas e escolher a localidade que reunia as melhores condições para a minha estadia de imersão linguística.

Figura 5. Mapa da ilha do Fogo com sinalização dos pontos de recolha linguística



Legenda:

Localidade de imersão linguística

Localidades onde foram realizadas gravações

1.5.2.3 A localidade

Depois de uma semana de pesquisa e gravações em diversos pontos da ilha, fixei residência na localidade de Ribeira de Ilhéu. Ribeira do Ilhéu é uma povoação do interior do concelho dos Mosteiros, distando cerca de 20 minutos de carro, da sede do município, a cidade de Igreja. Contando com uma população residente de quase 1000 pessoas (no censo 2000 foram recenseados 870 habitantes), é uma das mais populosas localidades do interior do concelho.

A agricultura e a criação de gado são as principais atividades económicas da população, à semelhança de 96% da população do município. As famílias da localidade contam também com a remessa de emigrantes como importante fonte de provisão.

A localidade não dispõe de água canalizada, sendo que a maior parte das residências dispõe de cisternas de armazenamento de água das chuvas, que permite ter água disponível durante alguns meses do ano. Em 2016 a energia elétrica era disponibilizada pela autarquia por cerca de dez horas por dia, mas atualmente o seu fornecimento é contínuo.

Vista de Ribeira Ilhéu

A localidade conta com diversos aglomerados de casas ao longo da encosta onde se localiza, o que me permitiu uma fácil circulação para fazer a minha pesquisa. A localidade também se situa numa zona alta que até algumas décadas atrás nem sequer dispunha de estrada de acesso. No entanto já dispõe de uma estrada de ligação, que permite chegar facilmente à capital do município para acesso a bens de consumo e serviços administrativos e de saúde.

Ribeira Ilhéu conta com uma população mista, com um contingente considerável de jovens, mas também de indivíduos da terceira idade que constituíram 52% dos nossos informantes. Independentemente da faixa etária, grande parte da população tem baixa ou nenhuma escolaridade, sendo por isso bastante reduzida a interferência do português, uma vez que também o acesso aos meios de comunicação social é bastante baixo. Considerando o cenário apresentado, classificamos a variedade da localidade escolhida como uma variedade baseletal. Todas estas particularidades fizeram de Ribeira Ilhéu a escolha ideal para o trabalho de pesquisa, do ponto de vista geográfico, mas sobretudo linguístico.

Atividades diárias em Ribeira Ilhéu

A primeira missão de terreno permitiu-me grandes avanços em termos de análise. Com o registo áudio e vídeo da variedade pude fazer uma primeira inventariação dos fonemas vocálicos e consonânticos da mesma (com estabelecimento de pares mínimos).

Pude ainda registar ocorrências dos fenómenos fonéticos, fonológicos e morfossintáticos mais relevantes da variedade foguense de Ribeira Ilhéu, e estruturar listas de palavras, expressões idiomáticas, assim como os principais estrangeirismos e empréstimos em uso no dia-a-dia da população, para catalogação do léxico principal da variedade.

Do ponto de vista sociolinguístico, a missão permitiu-me analisar *in loco* as formas de uso da língua, variações existentes ou não em função do tipo de discurso, idade, grau de escolaridade, posição social dos interlocutores, entre outros fatores. Esta missão decorreu na estação seca, e durante o período de colheita de feijões. A atividade de apanha, descasque e acondicionamento para exportação para a ilha de Santiago, costumava reunir grupos de pessoas no final do dia, momentos dos quais pude participar e tirar boa parte das minhas anotações linguísticas.

Mais duas missões de terreno foram levadas a cabo na ilha em 2017 e 2018, com o objetivo de complementar a pesquisa, através da verificação de alguns aspetos ainda problemáticos dos dados obtidos e melhoramento da base de dados lexical. A missão de 2017 foi essencialmente voltada para a morfologia, com elicitação de paradigmas pronominais e enriquecimento da pesquisa bibliográfica no que diz respeito aos dados históricos e sociais da ilha, através da pesquisa local, nomeadamente nos estabelecimentos de ensino, bibliotecas municipais e museu local.

A missão de 2018 aconteceu na estação das chuvas, proporcionando-me o acesso a um rico campo lexical ligado às atividades agrícolas. Durante esta missão pude participar nas primeiras sementeiras realizadas na localidade e anotar as diferenças, tanto no campo lexical como nas práticas de cultivo, comparativamente a Santiago.

Durante todo o tempo passado em Ribeira Ilhéu pude escutar, analisar e registar o falar dos habitantes. A convivência de perto e a participação em atividades diárias da comunidade permitiu-me confirmar e comparar ocorrências. Por outro lado, o conteúdo das conversações mantidas com os moradores permitiu-me conhecer melhor a história da localidade, através de testemunhos vivos das secas e fomes que dizimaram a ilha na primeira metade do século XX, as atrocidades vivenciadas pela população no passado colonial e os desafios que hoje se impõem aos jovens e menos jovens.

Apesar de uma certa resistência inicial e até um certo descrédito, resultado da incompreensão da relevância do estudo de uma língua que não é ensinada, o nível de participação dos moradores nas sessões foi bastante alto. Nesta convivência estreita, pude também sentir o pulsar da população e chamar a sua atenção para a questão da valorização da língua materna.

Pude ainda contar com o apoio de alguns habitantes que se disponibilizaram a acompanhar-me durante o processo de recolha.

1.5.3 Metodologia de recolha utilizada

1.5.3.1 Observação participante

Considerando a dimensão da localidade e a fácil disseminação da informação, em alguns dias a minha presença na localidade já era do conhecimento público, embora não fosse ainda muito claro o objetivo da minha estadia. Para melhor interagir com a população, aluguei um quarto numa das residências locais, a partir de onde poderia facilmente conviver com a família que me acolheu, bem como com a vizinhança. Na residência onde fiquei alojada funciona uma das lojas da localidade, pelo que o movimento de pessoas era intenso, dando-me acesso privilegiado a diálogos espontâneos, a partir dos quais pude tirar as primeiras notas sobre as particularidades da variedade falada.

Para dar continuidade a este processo e no sentido de me integrar o melhor possível na comunidade, participava também das atividades diárias da comunidade, como a apanha e descasque de feijões, retirada de água do poço, participação nas atividades juvenis como jogos e torneios, viagens juntamente com integrantes da comunidade em transportes públicos de ligação à sede do município e à capital da ilha. Atividades do tipo permitiram-me acesso a dados linguísticos em contexto espontâneo de uso.

Esta metodologia manteve-se ativa durante toda a minha estadia, em combinação com as sessões gravadas de conversa espontânea e elicitação.

1.5.3.2 Recolha espontânea

Para as recolhas de áudio e vídeo deslocava-me às casas das famílias da comunidade onde me apresentava e convidava voluntários a participar das sessões. As gravações aconteciam em casa dos informantes preferencialmente no período da tarde, depois de as famílias terem regressado do trabalho nos campos. Em alguns casos os informantes deslocaram-se ao meu espaço de trabalho. Para garantir maior espontaneidade, as gravações não tinham tema específico ou duração definida. Os relatos começavam normalmente por narrações de vida e versavam sobre a história da ilha ou do país, episódios de infância e juventude, relatos do dia-a-dia, considerações sobre a vivência atual da comunidade e ainda planos para o futuro.
Sempre que as condições o permitiam, recorria também a gravações vídeo, embora em muitos casos, para preservar a privacidade de informantes mais idosos, optei apenas pela gravação áudio.

1.5.3.3 Elicitação

A elicitação foi usada para clarificar dúvidas ocorridas durante as gravações, além de recolhas em domínios linguísticos específicos, como paradigmas pronominais, listagem de campos semânticos e lexicais ou explicitação de contextos de uso para variantes fonológicas ou morfológicas. Na fonética e fonologia a elicitação permitiu-me clarificar aspetos como a acentuação, os pontos e modos de articulação para determinados fonemas, bem como os contextos de ocorrências através da solicitação aos falantes de exemplos de uso. Para essas sessões recorremos a cartões com imagens, questionários e perguntas diretas.

1.5.4 Registo e tratamento do Corpus

O Corpus da Ilha do Fogo recolhido por mim constitui-se de cerca de 10 horas de gravação. As gravações foram feitas com material disponibilizado pelo laboratório, nomeadamente um gravador áudio zoom H4n e uma câmara Sony HDR-CX260. Em casos pontuais, servi-me também do *smartphone* para recolha, tanto áudio com vídeo. Para efeitos deste trabalho, tratei pouco mais de um terço do material recolhido (cerca de 4 horas). As transcrições ortográficas e fonéticas destas quatro horas constituíram o material de base para a análise dos dados. O restante material áudio recolhido também foi consultado no decorrer do trabalho de análise sempre que tal se mostrou necessário.

Material de gravação usado

1.5.4.1 Transcrição ortográfica

1.5.4.1.1 Breve histórico dos sistemas de escrita da língua cabo-verdiana

Os registos de uso e escrita do crioulo por artistas e intelectuais remontam ao séc. XIX. O filólogo português Adolfo Coelho apresentou, em 1880, na sua obra *Os Dialectos Românicos ou neolatinos da África, Ásia e América*, a primeira experiência de escrita do cabo-verdiano.

Em 1888 o cabo-verdiano António de Paula Brito, na sua obra Apontamentos para a Gramática do Crioulo Que Se Fala na Ilha de Santiago, propõe um alfabeto composto por vinte e uma letras e quatro dígrafos: A B CH D E F G I JH J K L M NH N O P R RR S T U V X Z. Uma das características mais inovadoras desta proposta é o princípio da bi-univocidade (cada letra ou grafema corresponde com um fonema e vice-versa). Este trabalho só viria a ser conhecido no país em 1984, numa altura em que se intensificavam os debates à volta da escrita e padronização da língua materna, que começaram logo nos primeiros anos após a independência de Cabo Verde, em 1975.

O Alfabeto de Mindelo apresentado em 1979 foi a primeira proposta do período pós-independência. Essa proposta foi apresentada no Colóquio de Mindelo (ilha de São Vicente). O evento, que tinha como principal objetivo a harmonização de escrita do cabo-verdiano, contou com a presença de linguistas, professores, intelectuais e homens de cultura do país e da diáspora, além de representantes da Guiné-Bissau, Portugal, Senegal e da UNESCO.

Apesar dos esforços para a sua promoção, esta proposta de alfabeto viria a encontrar fortes resistências sociolinguísticas, devido ao facto de a escrita em crioulo ter sido sempre feita com recurso ao alfabeto de base etimológica utilizado para a escrita do português. No entanto o seu aparecimento foi crucial para impulsionar o debate em torno da língua materna. Foi depois do seu aparecimento que se deu início à introdução do estudo da língua cabo-verdiana na Escola de Formação de Professores do Ensino Secundário. Este mesmo alfabeto serviu também de suporte a programas de ensino da língua cabo-verdiana nos Estados Unidos da América.

1.5.4.1.2 O alfabeto utilizado - ALUPEC

Dez anos mais tarde o país acolheu o Fórum de Alfabetização Bilingue e em 1993 seria criado o Grupo de Padronização do Alfabeto, com a incumbência de apresentar uma nova proposta. Foi deste grupo que surgiu a proposta do Alfabeto Unificado Para a Escrita do Crioulo, ALUPEC, atualmente o único sistema reconhecido pelo Parlamento cabo-verdiano.

Este sistema composto originalmente por um total de 23 letras e quatro dígrafos – **A** /a/ ou /ɐ/, **B** /b/ **D** /d/, **DJ** /d͡ʒ/, **E** /e/ ou /ɛ/, **F** /f/, **G** /g/, **H, I** /i/ ou /j/, **J** /ʒ/, **K** /k/, **L** /l/, **LH** /ʎ/, **M** /m/, **N** /n/, **NH** /ɲ/, **Ñ** /ŋ/, **O** /o/ ou /ɔ/, **P** /p/, **R** /ɾ/ ou /ʁ/ ou /r/, **S** /s/, **T** /t/, **TX** /t͡ʃ/, **U** /u/ ou /w/, **V** /v/, **X** /ʃ/, **Z** /z/ - rege-se por um princípio fonológico, sendo que, na maioria dos casos, cada letra ou dígrafo representa um fonema (Veiga 2000:48).

O ALUPEC, aprovado a título experimental pelo Decreto-Lei n.º 67/98, ainda não é, no entanto, consensual entre os linguistas cabo-verdianos e estudiosos estrangeiros da língua cabo-verdiana. Todavia, até ao momento, desconhecem-se outras propostas que venham dar respostas aos aspetos menos consensuais do ALUPEC.

1.5.4.1.3 Adaptações efetuadas

Para este trabalho uso ALUPEC sempre que escrevo em língua cabo-verdiana, procedi, no entanto, a algumas adaptações que a seguir apresento, para melhor ilustrar as especificidades linguísticas do foguense:

i) Representação do /r/

Na ortografia represento com consoante dupla -rr- a vibrante alveolar múltipla que é parte integrante do sistema fonológico do foguense, nas posições onde ocorre (início de palavra, e posição intervocálica).

Ex.

rrotxa [ˈ**rr**ɔtʃɐ] ‘rocha’

bu**rr**u [ˈbu**rr**u] ‘burro’

ii) Diacríticos

Aplicam-se também as regras de acentuação do ALUPEC. Introduzo o diacrítico correspondente, agudo ou circunflexo, em todos os verbos, para ilustrar a natureza vocálica.

Ex.

and**â** [ɐnˈdɐ] ‘andar’

korr**ê** [koˈrre] ‘correr’

fuj**í** [fuˈʒi] ‘fugir’

iii) Acentuação das palavras terminadas em vogais /e/ e /o/ átonas finais

Acentuo as vogais abertas /ɛ/, /a/, /ɔ/ em sílaba tónica, e excecionalmente, acentuo também graficamente todas as vogais da sílaba tónica, em palavras paroxítonas terminadas nas vogais /e/ e /o/, para ilustrar a abertura da vogal da antepenúltima sílaba, bem como para diferenciá-las dos seus cognatos em outras variedades que apresentam acentuação oxítona.

Ex.

múdje [ˈmuʤe] ‘mulher’

kátxo [ˈkatʃo] ‘cão’

A transcrição ortográfica foi tratada com recurso ao *software* Toolbox, no qual inseri e registei a lista de textos e gerei a lista de todas as palavras ocorridas nos textos introduzidos. Da lista de textos consta ainda a lista de palavras e expressões diárias recolhidas no caderno de terreno. A lista de textos e consequente lista de palavras que fazem parte do corpus transcrito foram a fonte dos exemplos apresentados nos diferentes capítulos.

Para análise estatística do padrão silábico e acentual baseei-me em dois textos espontâneos retirados do corpus e ainda uma lista de provérbios e ditados, elaborada por mim com base na lista de textos recolhidos, conforme a metodologia descrita nos pontos 3 e 4.

A base de dados de textos em Word serviu de base de pesquisa para análises morfológicas. Para pesquisa de ocorrências do morfema de plural recorri à ferramenta de pesquisa do Word para verificação nos textos transcritos.

Este mesmo método, a par da consulta na lista de palavras do Toolbox, serviu para levantamento de todos os prefixos e sufixos atestados e elaboração de uma lista que permitiu a análise das particularidades de cada sufixo (significado associado, natureza morfológica da raiz a que se junta, etc), assim como para levantamento das conjunções registadas e as orações em que ocorrem, o que me permitiu fundamentar a minha análise e apresentar exemplos de ocorrências.

No que diz respeito à língua portuguesa, sigo as normas do acordo ortográfico da língua portuguesa de 1990, em vigor em Portugal, no Brasil, em São Tomé e Príncipe e em Cabo Verde.

1.5.4.2 Transcrição fonética

Para transcrição fonética fiz uso do Alfabeto fonético internacional (AFI). Optei pela transcrição estreita já que importava distinguir os fonemas, mas também registar os alofones,

bem como processos fonéticos como propagação de traços, supressão ou adição de seguimentos.

Para cada texto transcrito ortograficamente fiz a respetiva transcrição fonética. Este conjunto de textos constitui um subcorpus dentro do corpus principal, de onde retirei ocorrências para análise fonético-fonológica, exemplos de pares mínimos, alofones e processos linguísticos.

Representação do /r/

Assim como para a representação ortográfica, nas transcrições fonética e fonológica represento com consoante dupla -rr- a vibrante alveolar múltipla notada /r/ no AFI (cf. 2.3.1) para efeitos de melhor ilustrar o seu caracter fonológico no foguense, contrariamente às variedades santiaguense e maiense do cabo-verdiano.

Ex.

rrotxa [ˈ**rr**ɔʧɐ] ‘rocha’

bu**rr**u [ˈbu**rr**u] ‘burro’

1.5.5 Apresentação de exemplos

Os exemplos apresentados ao longo da tese são todos retirados do corpus, à exceção de alguns contraexemplos criados para ilustrar processos e exemplos de fontes escritas.

Os exemplos retirados do corpus são apresentados seguindo as normas vigentes em tipologia (*Leipzig Glossing Rules* https://www.eva.mpg.de/lingua/pdf/Glossing-Rules.pdf), ou seja com identificação do número de ocorrência, glosa morfológica e tradução em português, conforme ilustrado abaixo.

Ex.

(87)

du	kontrâ	go	bera	káza	(DV 36:19)
D.S1PL	encontrar.PFV	agora	PREP	casa	

‘Encontramo-nos à beira de casa’

Legenda:

Linha 1 – (número)

Linha 2 – Exemplo em foguense + código de identificação

Linha 3 – GLOSA MORFOLÓGICA

Linha 4 – ‘tradução para português’

No final do exemplo apresenta-se entre parênteses o código de identificação, composto pelas iniciais que identificam o informante, seguido do tempo de ocorrência do exemplo no ficheiro áudio correspondente.

1.5.6 Caracterização dos informantes

1.5.6.1 Grupo principal

Na primeira missão de terreno na localidade de Ribeira Ilhéu fiz a maior parte dos registos áudio e vídeo da variedade que viriam a servir de base à análise linguística.

O grupo principal de informantes foi constituído pela população de Ribeira Ilhéu, ou seja, indivíduos acima dos 18 anos de ambos os sexos. Deste grupo fizeram parte 31 mulheres e 11 homens, sendo 48% na faixa etária dos 18-50 e 52% na faixa etária acima dos 50. De realçar que deste grupo 72% tinham mais de 60 anos (representando 38% do total dos inquiridos) e 18% mais de 80 (representando 9% do total dos inquiridos).

Gráfico 1.

Caracterização dos informantes por sexo

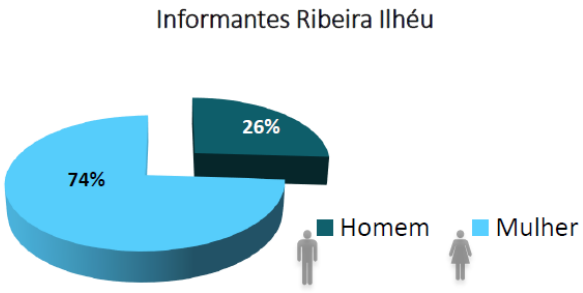
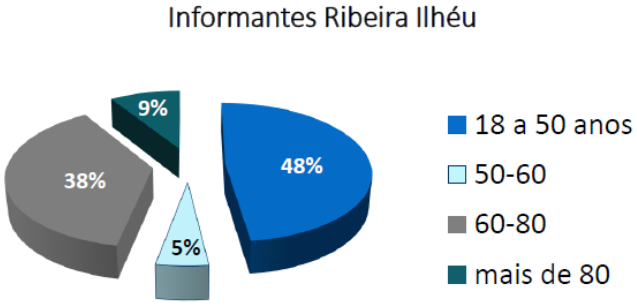


Gráfico 2.

Caracterização dos informantes por idades



1.5.6.2 Outros grupos

1.5.6.2.1 Informantes de outras localidades

Para este trabalho fiz também uso das produções orais de 8 informantes, gravados em diferentes zonas da ilha, no início da minha estadia. Estes dados foram uma importante fonte de verificação para diferentes aspetos da análise, como a ocorrência de alofones como o [ɒ] pretónico, processos fonéticos como a realização em [d] do /r/ intervocálico português, as

variantes lexicais das preposições, entre outros. A verificação desses traços nos dados recolhidos noutras localidades permitiu-me determinar se o traço em análise faz parte da variedade da ilha ou da microvariedade da comunidade onde passei mais tempo.

Informantes em diferentes zonas da ilha

1.5.6.2.2 Informantes na Uni-CV

Em 2019 no âmbito de um projeto de mobilidade de três meses na universidade pública de Cabo Verde, Uni-CV, financiado pelo Labex-EFL[2], desenvolvi uma oficina de trabalho de campo com alunos da licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses. Nesta ocasião também pude enriquecer o meu trabalho de recolha, desta vez com alunos falantes nativos da variedade que descrevo, com quem pude verificar questões gramaticais mais abstratas, tendo em conta o seu conhecimento linguístico diferenciado em relação aos informantes com quem trabalhei na ilha do Fogo.

Do grupo de estudantes naturais da ilha do Fogo com quem trabalhei na universidade de Cabo Verde, escolhi para informantes 5 alunos do primeiro ano, um grupo que tinha chegado à capital há menos de seis meses e que apresentava, por isso, uma variedade bastante preservada. Com estes estudantes levei a cabo trabalhos de elicitação de campos lexicais como as palavras de origem africana, por exemplo. Por serem originários de diferentes zonas da ilha do Fogo, estas sessões ajudaram-me também a ter uma noção mais precisa das variações linguísticas dentro da ilha. Esta mobilidade permitiu-me ainda reforçar a pesquisa bibliográfica, particularmente no que se refere às fontes históricas, não apenas no acervo da Universidade, mas também em outras estruturas, como a Biblioteca Nacional, na cidade da Praia.

1.5.7 Outras fontes de recolha

1.5.7.1 Redes sociais

Além dos registos da língua recolhidos em entrevistas presenciais servi-me também das redes sociais para elicitação e confirmação de dados juntos dos informantes. Recorri a aplicativos que permitem gravação de voz para ter registos fonéticos de ocorrências e seus usos. Esta estratégia foi extremamente útil e frutífera, principalmente nos últimos meses de redação,

[2] 6éme appel Bourses de Mobilité Sortante

perante a impossibilidade de realizar a última missão de terreno prevista, devido à pandemia do Covid-19 e consequente encerramento das ligações aéreas e marítimas entre as ilhas.

1.5.7.2 Fontes escritas

Neste trabalho privilegiei os dados orais, que fazem parte do corpus recolhido. No entanto, sempre que necessário, para confirmar a antiguidade ou produtividade de certas ocorrências recorremos a algumas fontes escritas, nomeadamente:

-Cantigas de Ana Procópio in Claridade (nr. 12)

-Coletânea de contos tradicionais Na Boka Noti II, III, IV

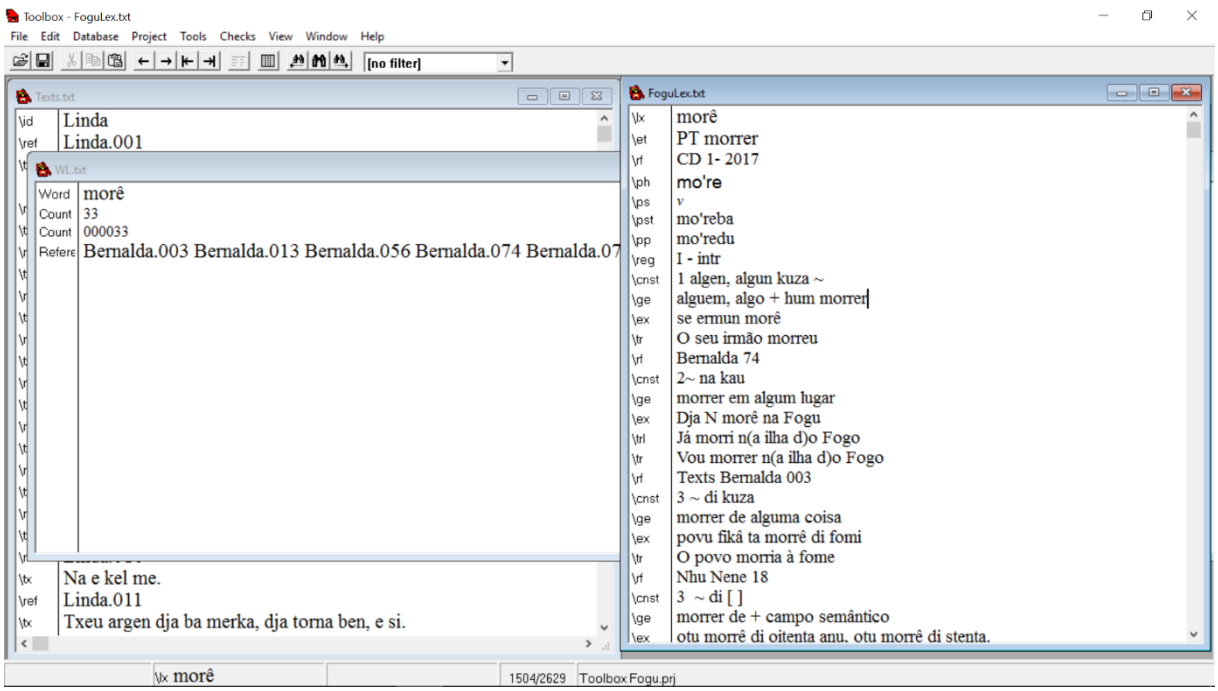
-Folk-Lore from the Cape Verde Islands (American Folklore Society Memoirs Series)

1.5.8 *Softwares* de apoio

Para análise dos dados recorremos a alguns *softwares* disponibilizados no laboratório. O Toolbox e o Elan foram os mais usados.

1.5.8.1 Toolbox

Figura 6. Software Toolbox



O Toolbox é um *software* de gestão de base de dados linguísticos publicado pela SIL. Permite o registo, exibição, pesquisa, classificação, filtragem e impressão de textos recolhidos no terreno. É particularmente adequado para a gestão de arquivos lexicais, permitindo a geração estruturada de dicionários de uma dada língua. Neste software temos um corpus de 19 textos que originaram uma lista de mais de 3000 palavras.

Fiz recurso a este *software* para a estruturação da lista de palavras, permitindo verificar o número de ocorrências, a origem de uma ocorrência no conjunto dos textos transcritos e importados para o *software*. Aqui também mantive o registo de todos os textos trabalhados e

de todos os informantes e de cada entrada lexical que poderá servir de base para o desenvolvimento posterior de um dicionário da variedade.

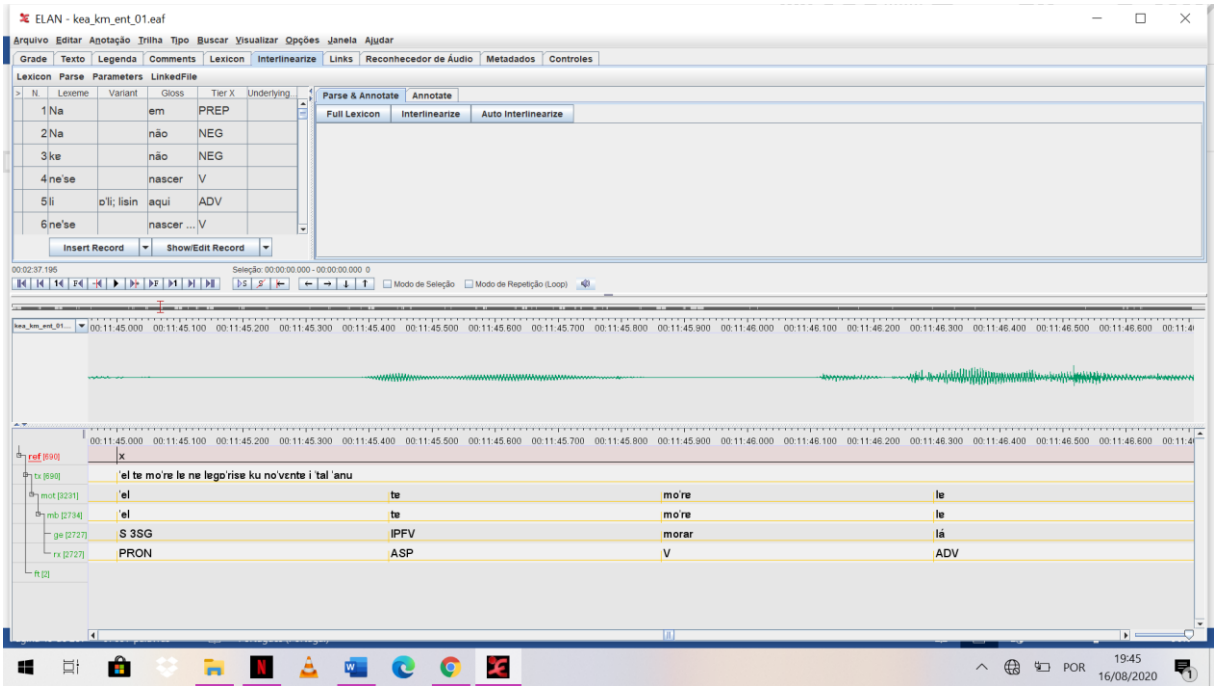
1.5.8.2 Elan

O Elan é um *software* desenvolvido pelo Instituto Max Plank de Psicolinguística de Nijmegen, nos Países Baixos. Permite a anotação de gravações de áudio ou vídeo (para linguagem gestual por exemplo).

Linhas de anotação sincronizadas com o som e / ou a imagem são criadas e cortadas em segmentos de tempo pelo usuário. Essas linhas podem incluir, por exemplo, a transcrição do discurso de cada interlocutor, cada um na sua própria linha ou, no caso de um vídeo, a documentação dos gestos.

Este *software* foi de grande valia para a análise morfológica pois permitiu-me segmentar e destacar e classificar as características de um registo oral, clarificando conceitos como acento, sílaba e palavra fonológica. Fazendo recurso ao Elan, analisei um texto oral de 21 minutos.

Figura 7. Software Elan



2 Inventário Fonológico/fonémico

2.1 As vogais-Inventário Sincrónico

Na variedade foguense do crioulo cabo-verdiano estão atestadas 8 vogais orais. Todas ocorrem em sílaba tónica.

Tabela 1. Vogais orais posição tónica

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	/i/		/u/
Semiaberta	/e/	/ɐ/	/o/
Aberta	/ɛ/	/a/	/ɔ/

/i/ [miˈninu] ‘menino’

/e/ [rriˈberɐ] ‘ribeira, vale’

/ɛ/ [ˈtɛtu] ‘teto’

/a/ [ˈkazɐ] ‘casa’

/ɐ/ [fiˈkɐ] ‘ficar’

/u/ [ˈuɲɐ] ‘unha’

/o/ [ˈoru] ‘ouro’

/ɔ/ [ˈpɔrtɐ] ‘porta’

2.1.1 Pares mínimos

/i/ e /e/: [si]conj. ‘se’vs. [se] pron. ‘seu/sua’

/i/ e /ɛ/: [ˈbilɐ] s.‘vila’ vs. [ˈbɛlɐ] s.‘ ‘velɐ’

/e/ e /ɛ/: [ˈnteru] adj. ‘enteiro’ vs. [ˈntɛru] s.‘enterro’

/ɐ/ e /a/: [ˈstɐ] v. ‘estar.PRS’ vs. [ˈsta] v.‘estar.PASS’

/u/ e /o/: [ˈsur] s. ‘sul’vs. [sor] s.‘sol’

/u/ e /ɔ/: [ˈfus] s. ‘peido’ vs. [ˈfɔs] s.‘fósforo’

/o/ e /ɔ/: [ˈfo(rru)] s. ‘forro’ vs. [ˈfɔ(ra)] s.‘fora[3]/interior’

/i/ e /u/: [ˈbitʃu] n.‘bicho’ vs. [ˈbutʃu] n. ‘pantorrilha’

[3]Apresentamos um par quase mínimo.

/e/ e /ɐ/: kumê [kuˈmɐ] v. ‘comer’ vs. kumâ [kuˈmɐ] conj. ‘que’

/ɐ/ e /o/ : kabâ [kɐˈbɐ] v. ‘acabar’ vs. kobâ [koˈbɐ] v. ‘cavar’

/e/e /o/: [ˈʧeru] s.‘cheiro’ vs.[ˈʧoru] s.‘choro’

/ɛ/ e /a/: [ˈkɛnɐ] s. ‘alguidar’vs. [ˈkanɐ] s. ‘cana’

/a/ e /ɔ/: [ˈbakɐ] s. ‘vaca’vs. [ˈbɔkɐ] s. ‘boca’

/ɛ/ e /ɔ/: [ˈɛrɐ] v. ‘era’vs. [ˈɔrɐ] s. ‘hora’

2.1.2 Distribuição das vogais

2.1.2.1 Posição átona

A tabela 2 mostra que todas as 8 vogais ocorrem em sílaba tónica. Contudo, em posição átona (tanto pré-tónica como pós-tónica) o inventário reduz-se para cinco, devido a uma neutralização entre (i) /e/ e /ɛ/, (ii) /ɐ/ e /a/, e (iii) /o/ e /ɔ/, estando as vogais abertas /a/, /ɛ/ e /ɔ/ restritas à posição tónica.

2.1.2.1.1 Posição pré-tónica

Tabela 2. Vogais orais posição pré-tónica

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	/i/		/u/
Semiaberta	/e/	/ɐ/	/o/

/i/ [b**i**ˈbidɐ] ‘bebida’

/e/ [n**e**ˈse] ‘nascer’

/a/ [k**ɐ**ˈzɐ] ‘casar’, [f**ɐ**luˈpɐ] ‘submergir’[4]

/u/ [t**u**ˈmɐ] ‘tomar’

/o/ [m**o**ˈfinu] ‘mal/pouco’

2.1.2.1.2 Posição pós-tónica

Tabela 3. Vogais orais posição pós-tonica

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	/i/		/u/
Semiaberta	/e/	/ɐ/	/o/

[4]Na posição pré-tónica, o fonema /ɐ/ tem duas realizações, como ilustrado nos exemplos. Os parâmetros de distribuição são explicados em pormenor no ponto **2.1.3.2.**

/i/ [tiˈmẽnt**i**] ‘enquanto’

/e/ [ˈkaf**e**] ‘café’

/a/ [ˈdɔn**ɐ**] ‘avó’

/u/ [ˈpet**u**] ‘peito’

/o/ [ˈkatʃ**o**] ‘cão’

2.1.3 Distribuição das vogais centrais

2.1.3.1 Posição tónica

Em posição tónica ocorrem as vogais centrais aberta /a/ e semi-aberta /ɐ/. A ocorrência destes dois fonemas é condicionada por dois parâmetros:

-(i) ordem de ocorrência da vogal dentro da palavra.

-(ii) categoria gramatical

Tabela 4. Realização do fonema /a/ tónico

	Ordem de ocorrência	
Categoria gramatical	Não final	Final
Outro que verbo	/a/ (1)	/a/ (2)
Verbo		/ɐ/ (3)

Exemplos:

(1) /a/ não final + outro que verbo

/ˈanu/ [ˈ**a**nu] ‘ano’

/kuˈr**a**du/ [kuˈr**a**du] ‘curado’

(2) /a/ final + outro que verbo

/mɐˈm**a**/ [mɐˈm**a**] ‘mãe’

(3) /ɐ/ final + verbo

/fɐluˈp**ɐ**/ [fɐluˈp**ɐ**] ‘submergir’

2.1.3.2 Posição átona

Em posição átona ocorre a vogal central semi-aberta /ɐ/, que tem como alofone em posição pretónica a vogal aberta posterior [ɒ]. A repartição destes dois alofones é condicionada por dois parâmetros:

-(i) posição em relação à sílaba tónica

-(ii) ambiente fonético de ocorrência

Tabela 1. Realização do fonema /a/ átono

	Posição	
ambiente fonético de ocorrência	Pré-tónica	Pós-tónica
Sílaba (i) adjacente à sílaba tónica + (ii) aberta + (iii) presença de V=/i, e, u/ e/ou C=/b, m, p, k, g, ʒ, ɲ/ (cf. mais abaixo)	[ɒ] (1)	[ɐ] (3)
Outros ambientes fonéticos	[ɐ] (2)	[ɐ] (4)

A realização [ɒ] ocorre quando o /a/ se encontra em presença, das vogais /i/ e, u /e/ ou das seguintes consoantes: as bilabiais /b, p/ e /m/, as velares /k/ e /g/ e as palatais /ʒ/ e /ɲ/.

Apesar da divisão que fazemos aqui entre os fonemas vocálicos e consonânticos é possível, numa perspetiva de análise mais global, agrupar todos os fonemas que condicionam a realização do [ɒ] pré-tónico, levando em conta os traços articulatórios. Assim podemos dizer que a realização [ɒ] ocorre em presença de:

i) Fonemas palatais (consoantes (/ʒ/, /ɲ/ + vogais /i/, /e/)

ii) Fonemas velares (consoantes /k/, /g/ + vogal /u/)

iii) Fonemas arredondados (consoantes /b/ e /m/ + vogal /u/)

Esta classificação mostra de forma mais clara que alguns traços articulatórios recorrentes influem na produção deste alofone, a nível global.

Até onde pudemos verificar, a sílaba pré-tónica contendo o /ɒ/ é:

(a) sempre imediatamente adjacente à sílaba tónica[5];

(b) na grande maioria dos casos (92%) aberta (CV), sem nenhuma consoante final a ocupar a posição de coda, interpondo-se entre a vogal e a próxima sílaba tónica.

As ocorrências em sílabas travadas (pela consoante final /s/ ex. /k**ɒs**ˈkɐ/ ‘descascar’ e pelo arquifonema nasal /N/ ex. /str**ɒ**nˈʒeru/ ‘estrangeiro’), representam apenas 8% do total da nossa amostra.

Exemplos:

(1) [ɒ]pré-tónico em presença de V=/i, e, u/ e/ou C=velar, labial e palatal[6].

(i) Em presença de /i/ tónico

[m**ɒ**ˈri̲ɐ] ‘Maria’

[s**ɒ**ˈi̲] ‘sair’

[**dɒ**ˈvi̲di] ‘David *N.P’*

(ii) Em presença de /e/ tónico

[m**ɒ**ˈne̲rɐ] ‘maneira’

[k**ɒ**ˈde̲rɐ] ‘cadeira’

[bɐt**ɒ**ˈte̲rɐ] ‘batateira’

(iii) Em presença de /u/ tónico

[**ɒ**ˈʒu̲dɐ] ‘ajuda’

[**ɒ**ˈlu̲nu] ‘aluno’

[f**ɒ**ˈtu̲rɐ] ‘factura’

Nestes exemplos a presença do /u/ tónico é determinante para a realização /**ɒ**/, vogal com a qual partilha o traço articulatório velar.

[5] O facto de o [ɒ] pré-tónico ser sempre adjacente à sílaba tónica não exclui, no entanto, a ocorrência de /ɐ/ pré-tónico nas mesmas condições de adjacência em outros ambientes fonéticos.

[6] Esta realização constitui um dos traços acústicos marcantes na perceção que os restantes cabo-verdianos têm do falar foguense. Trata-se dum fenómeno que não existe nas outras ilhas do arquipélago e identifica por isso imediatamente o falante como sendo nativo da ilha do Fogo.

(iv) Em presença de uma consoante velar, labial ou palatal

[k**ɒ**ˈzɐ] ‘casar’

[m**ɒ**ˈɲɐn] ‘amanhã’

[**ɒ**ˈtʃɐ] ‘achar’

(2) /ɐ/ pré-tónico em outros ambientes fonéticos

[tr**ɐ**ˈzɐ] ‘atrasar’

[st**ɐ**ˈfɐ] ‘estafar’

Nestes dois primeiros exemplos, a realização [ɐ] observa-se apesar da ausência de qualquer dos fonemas que condicionam a realização [ɒ]. Isso demonstra que a realização [ɒ] é um fenómeno regido por tendências, mas não regras absolutas.

[disp**ɐ**diˈse] ‘espairecer’

Neste exemplo, a realização [ɐ] explica-se pelo facto do /a/ pré-tonico não se encontrar imediatamente adjacente à sílaba tónica contendo a vogal palatal /e/ que condicionaria a sua velarização.

(3) /ɐ/ pós-tónico em presença de V=/i, e, u/ e C=velar, labial e palatal

(i) Em presença de /i/ tónico

[mɒˈri**ɐ**] ‘Maria’

[kɒˈtiɲ**ɐ**] ‘não tinha’

[lɐgɒˈris**ɐ**] ‘Lagariça Tp.’

(ii) Em presença de /e/ tónico

[mɒˈner**ɐ**] ‘maneira’

[kɒˈder**ɐ**] ‘cadeira’

[ʤiˈber**ɐ**] ‘alguibeira’

(iii) Em presença de /u/ tónico

[ɒˈʒud**ɐ**] ‘ajuda’

[ɒrˈtur**ɐ**] ‘altura’

[fɒˈtur**ɐ**] ‘fatura’

(iv) Em presença de uma consoante velar, labial ou palatal

[kɐˈbɛs**ɐ**] ‘cabeça’

[ˈgɛr**ɐ**] ‘guerra’

[ˈmaɲ**ɐ**] ‘manha’

(4) /ɐ/ pós-tónico em outros ambientes fonéticos

[ˈpɛdr**ɐ**] ‘pedra’

[ˈlat**ɐ**] ‘lata’

[bɐˈnan**ɐ**] ‘banana’

2.1.3.3 Análise estatística da ocorrência do /ɒ/ pré-tónico

Tabela 2. Análise estatística da ocorrência do /ɒ/ pré-tónico

	Vogais tónicas			Consoantes										
	ant.		post.	velares		labiais			palatais					
Fonema desencadeador	i	e	u	k	g	b	p	m	ʒ	ɲ	tʃ	dʒ	ʃ	Total
nr. de ocorrência	29	16	2	18	8	13	7	9	4	18	2	4	1	131
% do total	**22**	**12**	1	14	6	10	5	7	3	14	1	3	0	100
% de palavras da amostra	**45**	**25**	3	28	13	20	11	14	6	28	3	6	2	
% por cada tipo de fonema	**70**		3	41		45			45					

Para melhor clarificação do peso de cada um dos fatores desencadeadores da realização do /ɒ/ pré-tónico levámos a cabo uma análise estatística, com base numa amostra de 64 palavras retiradas do nosso corpo que apresentam a ocorrência desta realização (cf. Anexo 1).

Para o efeito contabilizámos a ocorrência numa mesma palavra dos fonemas desencadeadores, (vogais e consoantes, velares, palatais e arredondados), em todos os contextos acentuais, de forma a determinar o peso numérico de cada uma delas.

Ex. [**k**ɒˈ**miŋ**u] ‘caminho’

Numa ocorrência deste tipo, todos os fonemas destacados a negrito foram contabilizados como influenciadores da realização pré-tonica /ɒ/. A análise final mostra o peso de cada um no contexto geral das ocorrências.

Os resultados mostram que as vogais tónicas anteriores palatais/i/ e /e/ são os fonemas desencadeadores com maior frequência, condicionando total ou parcialmente mais de dois terços (45+25=70%) das ocorrências.

No entanto, convém realçar que a combinação de fatores está quase sempre presente. Registamos a ocorrência de um só fator desencadeador em apenas 20% das palavras analisadas. Ou seja, a velarização do /a/ pretónico em foguense é um fenómeno determinado por uma combinação complexa de fatores que deviam ser estudados numa pesquisa específica que vai além do perímetro desta descrição.

2.1.4 Nasalidade vocálica

Na variedade foguense não podemos falar de vogais fonologicamente nasais, mas antes de sequências vogal oral + consoante nasal.

Ou seja, consideramos para esta variedade a mesma teoria defendida por autores como Câmara (1970), que postula a não ocorrência de vogais puramente nasais em português, pela inexistência de distinções do tipo bon /bɔ̃/ ‘bom’ vs. bonne /bɔn/ ‘boa’ do francês.

Assim, seguindo o padrão da língua lexificadora, a articulação das vogais nasalizadas do foguense acontece num contexto bifonémico /VN/, no qual a vogal V é seguida de um arquifonema nasal N, dando origem às correspondentes foneticamente nasalizadas das oito vogais orais inventariadas.

É a este tipo de sequência que nos referiremos sempre que usarmos a designação vogal nasalizada, ao longo desta seção.

Apesar de não terem valor fonémico por si só, a sequência sonora resultante da combinação vogal oral + consoante nasal constitui, como em português e noutras variantes da língua cabo-verdiana, um traço acústico foneticamente relevante. Por essa razão, decidi apresentar aqui em pormenor uma lista completa das vogais nasalizadas atestadas em foguense.

2.1.4.1 Inventário

O inventário das vogais nasalizadas do foguense é correspondente ao das vogais orais (o que também constitui um indício a favor do seu carácter não fonémico). Oito-[ĩ] [ẽ] [ɛ̃] [ɐ̃] [ã] [ũ]

[õ] [ɔ̃]- em posição tónica e cinco -[ĩ] [ẽ] [ɐ̃] [ũ] [õ] -em posição átona. No caso das vogais nasalizadas a posição átona corresponde à posição pré-tónica, já que nenhuma está atestada em posição pós-tónica.

Tabela 3. Vogais nasalizadas em posição tónica

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	[ĩ]		[ũ]
Semiaberta	[ẽ]	[ɐ̃]	[õ]
Aberta	[ɛ̃]	[ã]	[ɔ̃]

Exemplos:

[ĩ] [ˈv**ĩn**ti] /ˈv**iN**ti/ ‘vinte’
[ẽ] [ˈs**ẽ**mpri] /ˈs**eN**pri/ ‘sempre’
[ɛ̃][ˈbɛ̃ntu] /ˈb**ɛN**tu/ ‘vento’
[ɐ̃] [kurɐˈsɐ̃ᵑ[7]] /kurɐˈsɐ**N**/ ‘coração’
[ã] [ˈpr**ãn**tɐ] /ˈpr**aN**tɐ/ ‘planta’
[ũ] [ˈdʒ**ũn**tu]/ˈdʒ**uN**tu/ ‘junto’
[**õ**] [irˈm**õ**ᵑ] /irˈm**oN**/ ‘irmão’
[ɔ̃] [ˈm**ɔ̃n**dɐ]/ˈm**ɔN**dɐ/ ‘monda’

Tabela 4. Vogais nasalizadas em posição átona (pré-tónica)

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	[ĩ]		[ũ]
Semiaberta	[ẽ]	[ɐ̃]	[õ]
Aberta			

Exemplos:

[ĩ] [tr**ĩn**ˈtɐ] /tr**iN**ˈtɐ/ ‘saltar’
[ẽ] [b**ẽn**ˈde] /b**eN**'de/ ‘vender’
[**ɐ̃**] [dʒ**ɐ̃n**ˈtɐ] /dʒ**ɐN**ˈtɐ/ ‘jantar’
[ũ] [f**ũn**ˈ**d**ɐ] /f**uN**ˈdɐ/ ‘descer’
[**õ**] [k**õn**ˈsedʒu] /k**oN**ˈsedʒu/ ‘conselho’

[7] A opção pelo [ᵑ] expoente serve para diferenciar o grau de velarização final das vogais nasalizadas, que não se verifica na mesma proporção do que em santiaguense ou nos crioulos continentais, onde esta articulação final é bem vincada. No foguense, apesar de se notar foneticamente a presença da nasalidade, a velarização é menos intensa, constituindo um traço fonético menos pronunciado.

2.1.4.2 Pares relevantes vogais orais vs. Vogais nasalizadas[8]

/ i/ e /ĩ/

[ˈpiˈtɐ] /piˈtɐ/ v. ‘apitar’vs. [p**ĩn**ˈtɐ] /p**i**Nˈtɐ/ v.‘pintar’

/e / e /ẽ/

[d**e**ˈ**t**ɐ] v. ‘deitar-se’vs. [d**ẽn**ˈt(r)ɐ] /d**e**Nˈt(r)ɐ/ v. ‘entrar’

/ɛ/ e /ɛ̃/

[ˈb**ɛ**tu] /ˈbɛtu/ s P. ‘Beto’ vs. [ˈb**ɛ̃n**tu] /ˈbɛNtu/ s.‘vento’

/ɐ/ e /ɐ̃/

[**k**ɐˈsɐ] /**k**ɐˈsɐ/ n. ‘caçar’ vs. [kɐ̃**n**ˈsɐ] /kɐ̃**N**ˈsɐ / v.‘cansar’

/a/ e /ã/

[ˈpr**a**tɐ] /ˈpr**a**tɐ/ s. ‘prata’vs.[ˈpr**ãn**tɐ] /ˈpr**aN**tɐ/ s.‘planta’

/u / e /ũ/

[ˈm**u**du] /ˈm**u**du / adj. ‘mudo’ vs.[ˈm**ũn**du] /ˈm**uN**du/ s.‘mundo’

/ɔ/ e /ɔ̃/

[ˈmɔdɐ] /ˈmɔdɐ/ s.‘moda’ vs.[ˈm**ɔ̃n**dɐ]/ˈm**ɔN**dɐ/ s.‘monda’

/o/ e /õ/

[ˈtr**o**ku] /ˈtr**o**ku/ s. ‘troco’ vs.[ˈtr**õŋ**ku] /ˈtr**oN**ku/ adj. ‘grande’

2.2 Vocalismo – Diacronia e comparativismo

Neste capítulo analisaremos a evolução diacrónica do inventário vocálico do foguense. Estudaremos os processos atestados, tendo como ponto de partida a língua lexificadora, o português.

Nos casos em que se justificar, empreenderemos uma análise comparativa com a variedade vizinha da ilha de Santiago e com o bissau-guineense e o casamansês.

[8] Para sublinhar a natureza bifonémica das vogais nasais, optei pela designação “par relevante” (e não “mínimo”) para referir ao contraste entre vogais orais e vogais nasais.

2.2.1 Análise comparativa do inventário

Nesta secção faço uma comparação do inventário vocálico do foguense resultante da minha análise, com o inventário do santiaguense de Quint (2000) e o inventário foguense de Lopes (2014).

2.2.1.1 Comparação com inventário santiaguense de Quint (2000)

Tabela 5. Inventário vocálico santiaguense Quint 2000: 19

Vogais	Anterior	Central	Posterior
Fechadas	i		u
Semi-fechadas	e		o
Semi-abertas	ɛ	ɐ	ɔ
Abertas		a	

Assim como apresentamos para o foguense, Quint (2000:19) apresenta para o santiaguense um inventário de 8 fonemas.

2.2.1.2 Comparação com inventário foguense de Lopes (2014)

Tabela 6. Inventário vocálico foguense e santiaguense Lopes 2014: 34

	vogais orais			vogais nasalizadas		
	a.	c.	p.	a.	c.	p.
Fechadas	i		u	ĩ		ũ
Semi-abertas	e	ɐ	o	ẽ	ɐ̃	õ
Abertas	ɛ	a	ɔ	ɛ̃	ã	ɔ̃

a. = anteriores (palatais), c. = centrais, p. = posteriores (velares)

Lopes (2014) apresenta um inventário de 16 vogais: 8 orais e 8 nasais. Difere do inventário apresentado neste trabalho pela inclusão de vogais nasais.

Como explicitado no ponto 2.1.4, na presente análise não consideramos a existência de vogais nasais no foguense, mas antes de sequências vogal oral + consoante nasal. Optamos por isso na nossa análise por designá-las "vogais nasalizadas", adotando a mesma análise de Quint e Biagui para o santiaguense e o casamansês[9] respetivamente.

[9] En effet, la nasalité vocalique est toujours strictement dépendante du contexte phonique et elle n'est jamais distinctive. D'un point de vue phonologique, le casamançais ne connaît donc pas de voyelles nasales, mais seulement des suites /VN/ (Voyelle + consonne nasale). Biagui (2012 : 21).

> Com efeito, a nasalidade vocálica é sempre estritamente dependente do contexto fónico e ela nunca é distintiva. De um ponto de vista fonológico o casamansês não tem vogais nasais, mas apenas sequências /Vn/.(Vogal + consoante nasale).
>
> Biagui (2012:21).

> As vogais nasais do badio são em efeito vogais semi-nasalizadas, em contraste com vogais nasais do português ou do francês. Ou seja, os dois elementos, vocálico e consonântico, são mais percetíveis em badio. De um ponto de vista estritamente fonológico o badio não tem vogais nasais, mas apenas sequências /Vn/.
>
> (Quint 2000: 25).

2.2.1.3 A respeito da vogal /a/

Vale notar que a inclusão no inventário fonológico da vogal central aberta /a/, no santiaguense, se baseia em grande medida em pares do tipo [kɐrɐˈp**a**ti] n. ‘sisal’ [kɐrɐp**ɐ**ˈti] v.‘agarrar-se’, que diferenciam nomes (e em alguns casos adjetivos) de verbos.

No foguense, apesar de termos pares do tipo, com nomes a apresentar vogal aberta e verbos a apresentar vogal semi-aberta, a acentuação verbal oxítona faz com que difiram em dois pontos: (i) na abertura da vogal e (ii) no lugar da acentuação.

cf.

FG [kɐrɐˈp**a**ti] n.‘sisal’ FG [kɐrɐp**ɐ**ˈti] v. ‘agarrar-se’

vs.

ST [kɐrɐˈp**a**ti] n.‘sisal’ ST [kɐrɐˈp**ɐ**ti] v. ‘agarrar-se’

Por esta razão não consideramos ocorrências do tipo como pares mínimos em foguense, contrariamente ao que se observa em santiaguense. No entanto /a/ constitui sim um fonema no foguense, sendo essencial nesta variedade para distinguir o aspeto progressivo presente e passado (6.2.1.1.2).

2.2.2 Análise comparativa dos contextos de ocorrência em foguense e santiaguense

2.2.2.1 Vogais em posição tónica

Todas as 8 vogais do foguense ocorrem em posição tónica. O foguense apresenta uma maior regularidade no que diz respeito à ocorrência de vogais abertas em sílaba tónica, o que permite clarificar aspetos linguísticos importantes.

Para categorias funcionais, cuja tonicidade é por vezes discutível, o grau de abertura da vogal dá pistas importantes. No foguense, a presença de um /a/ aberto permite afirmar que o adjetivo possessivo de primeira pessoa do singular é tónico.

FG [ˈɲ**a**] ST [ˈɲ**ɐ**] ‘meu/minha’

Les voyelles nasales badiaises sont en fait des voyelles semi-nasalisées, par contraste avec des voyelles nasalisées du portugais ou du français. Autrement dit, les deux éléments, vocalique et consonantique, sont plus perceptibles en badiais. D’un strict point de vue phonologique le badiais ne connaît pas de voyelle nasale, mais seulement des suites /Vn/. (Quint 2000: 25).

É também o grau de abertura da vogal que permite definir o lugar da acentuação e consequente definição de fronteira de palavra fonológica. Nos exemplos abaixo, a presença da vogal aberta deixa claro que as partículas monossilábicas (pronomes clíticos ou partículas aspetuais) formam uma só palavra fonológica com os verbos aos quais se juntam.

FG [unˈd**ɛ**bu] ST [unˈd**e**bu] 'onde.O2SG' = 'onde é que estás?'

FG [moˈrr**ɛ**bɐ] ST [moˈr**e**bɐ] 'morrer-PASS'

FG [gosˈt**a**de] ST [ˈgostɐˈdel] 'gostar + PREP.INDP3SG' = 'gosta(r) dele'

2.2.2.2 Vogais em posição átona

2.2.2.2.1 Vogais pré-tónicas

2.2.2.2.1.1 Elevação das vogais médias /e/ e /o/- Redução vocálica

Em posição pré-tónica e em presença de fonemas labiais, coronais e velares, de natureza vocálica ou consonântica, as vogais médias /e/ e /o/sofrem um processo de elevação para /i/ e /u/. As palavras afetadas podem apresentar a vogal /i/ em posição tónica, e/ou as consoantes /m/, /b/, /ʃ/, /k/ na sílaba pré-tónica.

Ex.

FG [tʃ**u**ˈmabɐ]ST [tʃ**o**ˈmabɐ][10] 'chamar-PASS'

FG [t**u**ˈmabɐ] ST [t**o**ˈmabɐ] 'tomar IPFV'

FG [d**i**ˈʃabɐ] ST [d**e**ˈʃabɐ] 'deixar IPFV'

FG [b**u**ˈlaʃɐ]ST [b**o**ˈlaʃɐ] 'bolacha'

FG [k**u**ˈlɛgɐ]ST [k**o**ˈlɛgɐ] 'colega'

FG [b**u**ˈkadu]ST [b**o**ˈkadu] 'bocado'

FG [b**i**ˈb**i**dɐ] ST [b**e**ˈb**i**dɐ] 'bebida'

Apesar deste processo produzir realizações foneticamente similares ao português (cf. FG [tuˈmɐ] PTM [tuˈmar] 'tomar' ; FG [biˈbidɐ] PTM [bɨˈbidɐ] 'bebida') o facto da elevação das vogais médias ser classificado como um fenómeno recente no português moderno[11] deixa claro que o processo em foguense nada tem a ver com herança etimológica mas antes com um processo interno, motivado contudo, talvez pelos mesmos fenómenos e que afeta também palavras de etimologia africana.

cf. FG [k**u**ˈtʃi] ST [ˈk**o**tʃi] 'separar o milho do farelo no pilão'

[10] Para efeitos de melhor exemplificar o comportamento das pré-tónicas nas duas variedades do cabo-verdiano usamos como exemplos formas verbais no passado. Apesar de o fenómeno de elevação no foguense se registar também na forma livre, esta forma não permite uma comparação com o santiaguense devido ao diferente padrão acentual da forma livre dos verbos nas duas variedades do cabo-verdiano. cf. FG [tuˈmɐ] ST [ˈtomɐ] 'tomar'.

[11] "Na verdade, tudo nos leva a pensar que o que chamamos "redução" de *e* e *o* pretônicos aconteceu no decorrer do século XVIII, ou, mais precisamente, na segunda metade desse século.[...] Por volta de 1800, a transformação do antigo [ọ] (=[o]) em [u] está consumada [...]o [ë] (=[ɨ]) pretônico, tão característico da língua contemporânea de Portugal, surgiu no século XVIII, provavelmente depois de 1750", Teyssier (1992: 51-52).

FG [b**u**ˈli] ST [ˈb**o**li] ‘cabaça’

Nesta variedade, analisaremos o processo à luz do fenómeno de redução vocálica. Apesar de exemplos envolvendo presença de vogais altas em sílaba tónica parecerem apontar para uma eventual harmonia vocálica, não consideramos nesta variedade tal fenómeno, tendo em conta que mesmo nos casos em que há presença das vogais altas na sílaba tónica o ambiente fonético é também condicionado por consoantes labiais, coronais ou velares.

[b**i**ˈ**b**idɐ] ‘bebida’

[k**u**ˈ**ʧ**i] ‘ato de separar o milho do farelo no pilão’

Desconsideramos ainda a hipótese de harmonia vocálica por tratar-se, no nosso entender, de um processo de natureza diferente e que afeta noutras variedades do cabo-verdiano outras vogais (Baptista 2013:206) e não apenas as médias, como acontece no foguense.

2.2.2.2.1.2 Preservação de vogais pré-tónicas altas

O foguense preserva vogais pré-tónicas /i/ e /u/, que em santiaguense sofreram queda. Registamos este processo em palavras dissilábicas. Com a preservação das vogais pré-tónicas altas o foguense mantém a estrutura silábica etimológica das palavras, que corresponde à estrutura preferencial /CVCV/ da língua, conforme demonstrado no ponto 3.2.2.

FG [f**u**ˈrɐ] ST [ˈfrɐ] ‘furar’

FG [f**i**ˈri] ST [ˈfri] ‘ferir/ picar’

FG [t**i**ˈrɐ] ST [ˈtrɐ] ‘tirar’

Esta manutenção pode ser analisada como mais uma das razões que contribuem para uma maior incidência do padrão CV no foguense, quando comparado com o santiaguense, conforme explicitado no capítulo dedicado à estrutura silábica.

2.2.2.2.2 Vogais em posição pós-tónica

2.2.2.2.2.1 Inventário

Pela falta de atestação da acentuação proparoxítona, a posição pós-tónica no foguense coincide com a posição final. O foguense apresenta o inventário mais extenso de vogais pós-tónicas no conjunto das variedades do Sotavento, com 5 fonemas (tabela 11).

Tabela 7. Vogais orais posição pós-tónica

	foguense			santiaguense			Maiense		
	anterior	central	posterior	anterior	central	posterior	anterior	central	Posterior
Fechadas	i		u	I		u			
Semi-abertas	e	ɐ	o		ɐ			ɐ	

Este fenómeno resulta de dois fatores:

a) Preservação das vogais altas

FG [ˈfiʤ**u**] CM [ˈfiʤ] ‘filho’

FG [ˈpeʃ**i**] CM [ˈpeʃ] ‘peixe’

Assim como o santiaguense, o foguense preserva as vogais átonas finais, contrariamente às variedades de Barlavento e ao maiense (Sotavento) onde a queda das vogais altas finais é sistemática.

b) ocorrência de /e/ e /o/ átonos finais

FG [ˈkatʃ**o**] ST [kɐˈtʃor] PT [kɐˈtʃorru] ‘cão’

FG [ˈmuʤe] ST [muˈʤer] PT [muˈʌer] ‘mulher’

FG [ˈkaf**e**] ST [kɐˈfe] PT [kɐˈfɛ] ‘café’

As vogais /e/ e /o/ ocorrem em posição átona final no foguense em decorrência de processo de regularização de padrões silábico e acentual de palavras dissilábicas, tornando o inventário nesta posição mais extenso (3.3.3.1).

Em [ˈkatʃ**o**] e [ˈmuʤ**e**] as vogais /e/ e /o/ átonas finais surgem em consequência da queda da consoante vibrante final dos étimos portugueses e consequente mudança da acentuação oxítona a paroxítona.

Em [ˈkaf**e**] ocorre apenas uma mudança acentual, já que este item constituía uma exceção, dentro da classe nominal, onde prevalece a acentuação paroxítona. Em consequência deste processo, o /ɛ/ final que era tónico passa a ser átono ao mesmo tempo que se fecha em /e/.

2.2.2.2.2.2 Rendimento da vogal /u/

Em posição final, a vogal /u/ é usada para evitar sílabas com coda fechada (cf. 3.4.3. FG [vɐˈpor**u**] ST [vɐˈpor] PT [vɐˈpor] ‘vapor’). Substitui também em alguns itens lexicais a vogal temática etimológica, demonstrando uma tendência à adoção da vogal /u/ como vogal final por defeito.

FG [ˈmãŋg**u**] ST [ˈmãŋg**i**] PT [ˈmɐ̃g**ɐ**] ‘manga’

FG [ˈpɔst**u**] ST [ˈpɔst**i**] PT [ˈpɔst**i**] ‘poste’

2.2.3 Comportamento dos grupos vocálicos

2.2.3.1 Grupos vocálicos orais

2.2.3.1.1 Manutenção de encontros vocálicos

No que diz respeito ao tratamento dos grupos vocálicos, o foguense preserva os encontros vocálicos do português, mantendo sequências de duas sílabas.

Levando em conta a estrutura dissilábica preferencial da língua, a manutenção dos encontros vocálicos parece ser uma estratégia de manter as palavras afetadas dentro do padrão da língua, já que a redução das pré-tonicas produziria palavras monossilábicas, como acontece em santiaguense.

FG [ˈlu.ɐ] ST [ˈlwɐ] ‘lua’

FG [ˈru.ɐ] ST [ˈrwɐ] ‘rua’

FG [ˈbu.ɐ] ST [ˈbwɐ] ‘voar’

FG [ˈdi.ɐ] ST [ˈdjɐ] ‘dia’

FG [ˈti.ɐ] ST [ˈtjɐ] ‘tia’

FG [fiˈɐ] ST [ˈfjɐ] ‘fiar-se’

FG [kɒˈi] ST [ˈkɐj] ‘cair’

FG [sɒˈi] ST [ˈsɐj] ‘sair’

2.2.3.1.2 Sequências /a/ mais semi-consoantes

Neste caso, regista-se no foguense a clara marcação da tonicidade com a presença da vogal /a/ aberta, contrariamente ao santiaguense, variedade na qual essas mesmas palavras apresentam uma vogal central semi-aberta /ɐ/ (antes de /j/) ou uma vogal velarizada /ɔ/ (antes de /w/).

FG [ˈp**a**j] ST [ˈp**ɐ**j] ‘pai’

FG [ˈm**a**j] ST [ˈm**ɐ**j] ‘mãe’

FG [ˈb**a**j] ST [ˈb**ɐ**j] ‘ir’

FG [ˈm**a**w] ST [ˈm**o**w] ‘mau’

2.2.3.2 Grupos vocálicos nasais

Os grupos vocálicos nasalizados no foguense apresentam dois tipos de tratamentos, contrariamente ao santiaguense, onde a quase totalidade dos grupos vocálicos nasalizados [ãw] convergiram para [õŋ][12], sendo o tratamento dado aos grupos vocálicos nasais pelo santiaguense muito similar ao do casamansês (CS).

a) [ɐ̃w]=[ãn]

FG [kuraˈsãᵑ]	ST [kuraˈsõŋ]	CS [korˈsõŋ] ‘coração’
FG [pɐ̃nˈsãᵑ]	ST [pɐ̃nˈsõŋ] ‘pensão’	(CS [pãnsiˈyõŋ] < francês *pension* [pã’sjɔ̃])
FG [kriɐˈsãᵑ]	ST [kriɐˈsõŋ]	CS [krijaˈsõŋ] ‘criação’

b) [ãw]= [ãw]

FG [vjoˈlãw] ST [vjoˈlõŋ]

[12]A realização [ɐ̃ŋ] é também atestada em santiaguense, em algumas variedades baseletais do interior da ilha.

FG [aˈvjãw] ST [aˈvjõŋ] ‘avião’ (CS [abiˈjõŋ] < francês *avion* [a’vjõ])

FG [televiˈzãw] ST [tiliviˈzõŋ] ‘televisão’ (CS [telebisi’jõŋ] < francês *télévision* [televi’zjõ])

De realçar que o tratamento exemplificado em b) parece aplicar-se a palavras com entrada mais recente na língua, ou seja, do ponto de vista diacrónico, temos dois tratamentos consecutivos:

- Português Clássico [‘ɐ̃w] > Fogo - [‘ãn]

- Português Moderno [‘ɐ̃w] > Fogo - [ɐ̃w]

2.2.4 Conclusão

Em termos numéricos, o inventário vocálico do foguense não difere muito do santiaguense ou de outras variedades do cabo-verdiano. No entanto há importantes diferenças a assinalar no que diz respeito ao comportamento vocálico nos diferentes contextos de ocorrência, em particular sob o condicionamento da acentuação.

O inventário revela-se na sua totalidade em posição tónica. Na posição pré-tonica o inventário reduz-se, mas é também nesta posição que se manifesta a maioria dos alofones vocálicos. Já a posição pós-tonica admite um maior número de fonemas quando comparamos com outras variedades do cabo-verdiano. Ou seja, apesar de apresentar o mesmo inventário do santiaguense por exemplo, o foguense apresenta uma maior dinâmica vocálica, registando-se maiores variações fonéticas em função dos contextos.

O diferente tratamento dos grupos vocálicos orais, com consequências diretas na estrutura silábica e acentual, bem como o tratamento bifurcado dos grupos vocálicos nasais são outras ocorrências que atestam uma evolução diacrónica diferente no que diz respeito às vogais do foguense e que confirmam a seu carácter singular no contexto da língua cabo-verdiana.

2. 3 As consoantes-Inventário Sincrónico

Recorrendo à distinção de pares mínimos, concluímos que o inventário consonântico do Foguense conta com 22 fonemas. Para classificá-los, consideramos distintivos nesta variedade, (i) os traços labial, dental, palatal e velar, quanto ao ponto de articulação e (ii) os traços oclusiva, fricativa, nasal, contínua e líquida, quanto ao modo de articulação, sendo também relevantes as oposições surda/sonora. cf. Tabela 12.

Tabela 8. Inventário fonológico das consoantes

		Labial	Dental	Palatal	Velar
Oclusiva	Surda	p	t	c [tʃ]	k
	Sonora	b	d	ɟ [dʒ]	g
Fricativa	Surda	f	s	ʃ	
	Sonora	v	z	ʒ	
Nasal		m	n	ɲ	
Contínua			r/rr	j	w
Líquida			l		

2.3.1 Nota a respeito do estatuto dos fonemas /r/ e /rr/

Atestamos em foguense a ocorrência de dois fonemas vibrantes. A saber a simples e a múltipla, notadas respetivamente por /ɾ/ e /r/ no AFI. Para uma melhor legibilidade da distinção entre os dois fonemas, optámos por representá-las no conjunto deste estudo por /r/ e /rr/, respetivamente.

Os dois fonemas estão atestados na variedade como se pode comprovar pelo par mínimo [ˈkaru] ‘custoso’ vs. [ˈkarru] ‘viatura’.

No entanto esta distinção apenas se verifica em posição intervocálica. Nas restantes posições há uma neutralização da distinção fonológica, que obedece, contudo, a uma distribuição complementar.

Tabela 9. Distribuição complementar dos fonemas /r/ e /rr/

Posição	Realização	Fonema	Oposição vibrantes
Início palavra	[rr]	/R/	neutralizada
Antes de consoante	[r]	/R/	neutralizada
intervocálica	[r] vs. [rr]	/r/ vs. /rr/	funcional
Depois de consoante	[r]	/R/	neutralizada
Final de palavra	[r]	/R/	neutralizada

Legenda: /R/ = arquifonema vibrante

Exemplos:

(1) início palavra [ˈ**rr**ɔtʃɐ] ‘rocha’

(2) antes consoante [dɐ**r**ˈgadu] ‘delgado’

(3) intervocálica [ˈbu**rr**u] ‘burro’, [oˈ**r**ɛlɐ] ‘auréola, beira’

(4) depois de consoantes [ˈp**r**atu] ‘prato’

(5) final palavra [ˈma**r**] ‘mar’

2.3.2 Pares Mínimos

2.3.2.1 Pontos de articulação

2.3.2.1.1 labiais

/p/ e /b/ Oclusiva surda/ sonora
[ˈ**p**iku] s. ‘pico’ vs. [ˈ**b**iku] s. ‘bico’

/p/ e/f/ (oclusiva /fricativa surda)
[ˈ**p**atu] s. ‘pato’ vs. [ˈ**f**atu] s. ‘fato’

/p/e /v/ (oclusiva surda /fricativa sonora)
[ˈ**p**ɔrtɐ] s. ‘porta’ vs. [ˈ**v**ɔrtɐ] s. ‘volta’

/p/ e /m/ (oclusiva surda /nasal)
[ˈ**p**aj] s. ‘pai’ vs. [ˈ**m**aj] s. ‘mãe’

/b/ e /f/ (oclusiva sonora / fricativa surda)
[ˈ**b**akɐ] n. ‘vaca’ vs. [ˈ**f**akɐ] s. ‘faca’

/b/ e /v/ (oclusiva/ fricativa sonora)
[ˈ**b**erdi] s. ‘verde’ (rel. ao estado de amadurecimento) vs. [ˈ**v**erdi] s. ‘verde’ (cor)

/b/ e /m/ (oclusiva sonora/nasal)
[ˈ**b**alɐ] s. ‘bala’ vs. [ˈ**m**alɐ] s. ‘mala’

/f/ e /v/ (fricativa surda/ sonora)
[ˈ**f**ɔs] n. ‘fósforo’ vs. [ˈ**v**ɔs] n. ‘voz’

/ f / e / m / (fricativa surda/nasal)
[ˈ**f**atu] n. ‘fato’ vs. [ˈ**m**atu] n. ‘mato’

/v/ e /m/ (fricativa sonora/nasal)
[ˈnɔ**v**i] s. ‘nove’vs. [ˈnɔ**m**i] s. ‘nome’

2.3.2.1.2 dentais

/t/ e /d/ (Oclusiva surda/ sonora)
[mõnˈ**t**ɐ] v. ‘montar’ vs. [mõnˈ**d**ɐ] v. ‘mondar’

/t/ e /s/ (oclusiva/fricativa surda)
[ˈ**t**ĩntu] adj. ‘tintu’ vs. [ˈ**s**ĩntu] s. ‘cinto’

/t/ e /z/ (oclusiva surda /fricativa sonora)
[kaˈ**t**ɐ] v. ‘catar’ vs. [kaˈ**z**ɐ] v. ‘casar’

/t/ e /n/ (oclusiva surda /nasal)
[ˈpa**t**u] s. ‘pato’ vs. [ˈpa**n**u] s. ‘pano

/t/ e /rr/ (oclusiva surda /vibrante)
[**t**õmˈbɐ] s. ‘cair’ vs. [**rr**õmˈbɐ] s. ‘desmoronar’

/t/ e /l/ (oclusiva surda /líquida)
[ˈga**t**u] s. ‘gato’ vs. [ˈga**l**u] s. ‘galo’

/d/ e /s/ (oclusiva sonora /fricativa surda)
[**d**eˈtɐ] v. ‘deitar-se’ vs. [**s**eˈtɐ] v. ‘aceitar’

/d/ e /z/ (oclusiva /fricativa sonora)
[ˈ**d**ɔnɐ] s. ‘avó’ vs. [ˈ**z**ɔnɐ] s. ‘zona’

/d/ e /n/ (oclusiva sonora /nasal)
[ˈdo**d**u] adj. ‘doido’ vs. [ˈdo**n**u] s. ‘dono’

/d/ e /rr/ (oclusiva sonora /vibrante)

[kɐˈ**d**erɐ] s. ‘cadeira’ vs. [kɐˈ**rr**erɐ] s. ‘carreira’

/d/ e /l/ (oclusiva sonora /líquida)
[ˈbi**d**ɐ] s. ‘vida’ vs. [ˈbi**l**ɐ] s. ‘vila’

/s/ e /z/ (fricativa surda/ sonora)
[kɐ ˈ**z**ɐ] s. ‘casar-se’ vs. [kɐˈ**s**ɐ] s. ‘caçar’

/s/ e /n/ (fricativa surda/ nasal)
[ˈ**s**ɔrti] s. ‘sorte’ vs. [ˈ**n**ɔrti] s. ‘norte’

/s/ e /r/ (fricativa surda/ vibrante)
[ˈpo**s**tu] s. ‘posto’vs. [ˈpo**r**tu] s. ‘porto’

/s/ e /l/ (fricativa surda/ líquida)
[ˈma**s**] s. ‘mais’ vs. [ˈma**l**] s. ‘mal’

/z/ e /n/ (fricativa sonora/ nasal)
[ˈka**z**ɐ] s. ‘casa’ vs. [ˈka**n**ɐ] s. ‘cana’

/z/ e /r/ (fricativa sonora/ vibrante)
[kuˈ**z**ɐ] s. ‘coisar’ vs. [ˈkuˈ**r**ɐ] s. ‘curar’

/z/ e /l/ (fricativa sonora/ líquida)
[ka ˈ**z**ɐ] s. ‘casar-se’ vs. [kaˈ**l**ɐ] s. ‘calar-se’

/n/ e /rr/ (nasal/ vibrante)
[ˈ**n**ɔdɐ] s. ‘nódoa’ vs. [ˈ**rr**ɔdɐ] s. ‘roda’

/n/ e /l/ (nasal/ líquida)

[ˈdɔnɐ] s. ‘avó’ vs. [ˈdɔlɐ] s. ‘dólar’

/rr/ e /l/ (vibrante/ líquida)
[ˈ**rr**uɐ] s. ‘rua’ vs. [ˈ**l**uɐ] s. ‘lua’

2.3.2.1.3 palatais

/tʃ/ e /dʒ/ (africadas surda/sonora)
[ˈ**tʃ**ew] adv. ‘muito’ vs. [ˈ**dʒ**ew] s. ‘ilhéu’

/tʃ/ e/ʃ/ (africada/fricativa surda)
[ˈ**tʃ**ɐ] v. ‘achar’ vs. [ˈ**ʃ**ɐ] v. ‘deixar’

/tʃ/ e/ɲ/ (africada surda/nasal)
[ngɐˈ**tʃ**ɐ] v. ‘esconder’ vs. [‘ngɐˈ**ɲ**ɐ] v. ‘ganhar’

/tʃ/ e /j/ (africada surda/contínua)
[rr(o)ˈ**tʃ**ɐ] s. ‘apertar’ vs. [rr(e)ˈ**j**ɐ] s. ‘arear’

/dʒ/ e /ʃ/ (africada sonora/ fricativa surda)
[ˈmo**dʒ**u] s. ‘molho’ vs. [ˈmo**ʃ**u] s. ‘banco’

/dʒ/ e/ʒ/ (africada /fricativa sonora)
[ˈgre**dʒ**ɐ] s. ‘faca sp.’vs. [ˈgre**ʒ**ɐ] s. ‘igreja’

/dʒ/ e/ɲ/ (africada sonora / nasal)
[ˈba**dʒ**u] s. ‘baile’ vs. [ˈba**ɲ**u] s. ‘banho’

/dʒ/ e/j/ (africada sonora / contínua)
[(o)ˈrre**dʒ**ɐ] s. ‘orelhas’ vs. [(ɐ)ˈrre**j**ɐ] s. ‘areia’

/ʃ/ e/ʒ/ (fricativa surda / sonora)
[ˈbe**ʃ**u] s. ‘lábios’ vs. [ˈbe**ʒ**u] s. ‘beijo’

/ʃ/ e/j/ (fricativa surda / contínua)
[ˈfe**ʃ**u] s. ‘fecho’ vs. [ˈfe**j**u] s. ‘feio’

/ʒ/ e/ɲ/ (fricativa sonora / nasal)
[diˈze**ʒ**u] s. ‘desejo’ vs. [diˈze**ɲ**u] s. ‘desenho’

/ʒ/ e/j/ (fricativa sonora / contínua)

[ˈ**ʒ**ɛrɐ] s. ‘nora’ vs. [ˈ**j**ɛrɐ] v. (fv.) ‘era’

/ɲ/ e/j/ (nasal/contínua)
[ɐˈrr(a)**ɲ**ɐ] s. ‘arranha’ vs. [ɐˈrr(e)**j**ɐ] s. ‘areia’

2.3.2.1.4 velares

/k/ e /g/ (oclusiva surda/ sonora)
[ˈ**k**alu] s. ‘calo’ vs. [ˈ**g**alu] s. ‘galo’

/g/ e /w/ (oclusiva surda/ contínua)
[ˈ**g**ɔrɐ] s. ‘agora’ vs. [ˈ**w**ɔrɐ] s. ‘hora’

2.3.2.2 Modos de articulação

2.3.2.2.1 Oclusivas surdas

/p/ e /t/ (bilabial/dental)
[ˈ**t**ĩntɐ] s. ‘tinta’ vs. [ˈ**p**ĩntɐ] s. ‘feijão verde’

/p/ e /tʃ/ (bilabial/palatal)
[**p**uˈpɐ] v. ‘gritar’ vs. [**tʃ**uˈpɐ] v. ‘sugar’

/p/ e /k/ (bilabial/velar)
[ˈ**k**ɛna] s. ‘alguidar’ vs. [ˈ**p**ɛna] s. ‘pena’

/t/ e /tʃ/ (dental/palatal)
[rroˈ**t**ɐ] v. ‘arrotar’ vs. [rroˈ**tʃ**ɐ] v. ‘apertar’

/t/ e /k/ (dental/velar)
[ˈ**t**ãmpu] n. ‘tampa’ vs. [ˈ**k**ãntu] n. ‘canto’

/tʃ/ e /k/ (palatal/velar)
[ˈ**tʃ**oru] s. ‘choro’ vs. [ˈ**k**oru] s. ‘chifre’

2.3.2.2.2 Oclusivas sonoras

/b/ e /d/ (bilabial/dental)
[ˈbɛ̃ntu] n. ‘ventu’ vs. [ˈdɛ̃ntu] n./adv. ‘dentro’

/b/ e / ʤ/ (bilabial/palatal)
[ˈbabu] n. ‘baba’ vs. [ˈbaʤu] n. ‘baile’

/b/ e /g/ (bilabial/ velar)
[ˈbatɐ] s. ‘bata’ vs. [ˈgatɐ] s. ‘bebedeira’

/d/ e / ʤ/ (dental/palatal)
[koˈde] n/adj. ‘filho caçula’ vs. [koˈʤe] v. ‘colher’

/d/e /g/ (dental/velar)
[mɐ̃nˈ**d**ɐ] v. ‘mandar’ vs. [mɐ̃ŋˈgɐ] v. ‘troçar’

/ ʤ/ e /g/ (dental/palatal)
[ˈ**ʤ**atu] s. ‘grito’ vs. [ˈ**g**atu] s. ‘gato’

2.3.2.2.3 Fricativas surdas

/f/ e /s/ (labiodental/alveolar)
[**f**ĩnˈtɐ] v. ‘fintar’ vs. [**s**ĩnˈtɐ] v. ‘sentar-se’

f/ e /ʃ/ (labiodental/palatal)
[bɐ ˈ**f**ɐ] v. ‘cobrir/tapar’ vs. [bɐˈ**ʃ**ɐ] v. ‘baixar/baixar-se’

/s/ e /ʃ/ (alveolar/palatal)
[**s**iˈnɐ] v. ‘assinar’ vs. [**ʃ**iˈnɐ] v. ‘ensinar/aprender’

2.3.2.2.4 Fricativas sonoras

/v/ e /z/ (labiodental/alveolar)
[trɐˈ**v**ɐ] v. ‘travar’ vs. [trɐ ˈ**z**ɐ] v. ‘atrasar’

/v/ e /ʒ/ (labiodental/palatal)
[**v**iˈrɐ] v. ‘virar’ vs. [**ʒ**iˈrɐ] v. ‘girar’

/z/ e /ʒ/ (alveolar/palatal)
[ˈ**z**ɛru] s. ‘zero’vs. [ˈ**ʒ**ɛru] s. ‘genro’

2.3.2.2.5 Nasais

/ m / e/n / (bilabial/dental)
[ˈ**m**oʤu] s. ‘molho’ vs. [ˈ**n**oʤu] s. ‘luto’

/m/ e/ɲ/ (bilabial/palatal)
[ˈrra**m**u] s. ‘ramo’ vs. [ˈrra**ɲ**u] s. ‘ranho’

/n/ e /ɲ/ (dental/palatal)
[ˈ**n**os] pron. pessoal. ‘nós’ vs. [ˈ**ɲ**os] pron. pessoal. ‘vós’

2.3.2.2.6 Contínuas

/r/ e /j/ (dental/palatal)
[ˈma**r**] s. ‘mar’ vs. [ˈma**j**] s. ‘mãe’

/w/ e /r/ (labial/dental)
[ˈma**w**] s. ‘mau’ vs. [ˈma**r**] s. ‘mar’

/w/ e /j/ (labial/palatal)
[ˈma**w**] s. ‘mau’ vs. [ˈma**j**] s. ‘mãe’

2.3.3 Distribuição das Consoantes

A distribuição dos fonemas consonânticos no Foguense deixa claro que:

-quase todas podem ocorrer em posição inicial, à exceção da consoante vibrante simples /r/ (cf.Tabela 14);

-na posição mediana todas são admitidas (cf. Tabela 15);

-é portanto, a posição final a que apresenta mais restrições (cf. Tabela 16);

2.3.3.1 Consoantes em Posição Inicial

Tabela 10. Consoantes em Posição Inicial

		Labial	Dental	Palatal	Velar
Oclusiva	Surda	p	t	c [tʃ]	k
	Sonora	b	d	ɟ [ʤ]	g
Fricativa	Surda	f	s	ʃ	
	Sonora	v	z	ʒ	
Nasal		m	n	ɲ	
Contínua			rr	j	w
Líquida lateral			l		

2.3.3.1.1 Labiais

/p/[ˈ**p**aʤɐ] ‘palha’

/b/ [**b**ɐrˈnɛldɐ] ‘fruto silvestre. esp’

/f/ [**f**ũnˈdɐ] ‘descer’

/v/ [ˈ**v**azu] ‘vaso’

/m/ [ˈ**m**ãŋgu] ‘manga’

2.3.3.1.2 Dentais

/t/ [**t**ɐ̃mˈboru] ‘baril/tambor’

/d/ [**d**iskɐˈpɐ] ‘remover as folhas da espiga do milho’

/s/ [ˈ**s**edʒɐ] ‘tina’

/z/[ˈ**z**ingu] **‘**lata grande de metal’

/n/ [**n**ɐˈno] ‘pescoço’

/rr/ [ˈ**rr**odʒu]‘sabugo’

/l/ [ˈ**l**õndʒi] ‘longe’

2.3.3.1.3 Palatais

/tʃ/ [**tʃ**uˈbarɐ] ‘cabrita’

/dʒ/ [**dʒ**iˈberɐ] ‘bolsos’

/ʃ/ [**ʃ**iˈnɐ] ‘ensinar/aprender’

/ʒ/ [ˈ**ʒ**ũntɐ] ‘farináceos (bolos, bolacha, pão...)’

/ɲ/ [**ɲ**oˈɲo] ‘*Nhonhó*’ (npr.)

/j/ [ˈ**j**ɛrɐ] ‘era’ (fv.)

2.3.3.1.4 Velares

/k/ [**k**ɐreˈtɐ] ‘acarretar, carregar’

/g/ [**g**ɐˈzadʒu] ‘presente’

/w/ [ˈ**w**ɔrɐ] ‘ora’

2.3.3.2. Consoantes em Posição Mediana

Tabela 11. Consoantes em Posição Mediana

		Labial	Dental	Palatal	Velar
Oclusiva	Surda	p	t	c [tʃ]	k
	Sonora	b	d	ɟ [dʒ]	g
Fricativa	Surda	f	s	ʃ	
	Sonora	v	z	ʒ	
Nasal		m	n	ɲ	
Contínua			r/rr	j	w
Líquida lateral			l		

2.3.3.2.1 Labiais

/p/ [poˈ**p**ɐ] ‘poupar’

/b/ [ˈba**b**u] ‘baba’

/f/ [ʃɐ**f**ɐˈris] ‘chafaris’

/v/ [noˈ**v**ɐ̃ntɐ] ‘noventa’

/m/ [tuˈ**m**ɐ] ‘tomar’

2.3.3.2.2 Dentais

/t/ [ˈpĩn**t**ɐ] ‘feijão verde’

/d/ [koˈ**d**e] ‘filho mais novo’

/s/ [ˈkar**s**ɐ] ‘calças’

/z/ [kuˈ**z**iɲɐ] ‘cozinha’

/n/ [nɐˈ**n**o] ‘pescoço’

/r/ [loˈ**r**adu] ‘lento’

/r/ [dɐ**r**ˈgadu] ‘delgado’

/rr/ [ˈka**rr**u] ‘carro’

/l/ [kuˈ**l**ɛgɐ] ‘colega’

2.3.3.2.3 Palatais

/tʃ/ [ˈdja**tʃ**i] ‘locução de espanto/admiração’

/dʒ /[rrɐ**dʒ**ɐˈderɐ] ‘contente’

/ʃ/ ['baʃu] ‘baixo’

/ʒ/ [diˈze**ʒ**u] ‘desejo’

/ɲ/ [maˈ**ɲ**ẽᵑ] ‘manha’

2.3.3.2.4 Velares

/k/ [boˈ**k**adu] ‘bocado’

/g/ [vĩŋˈ**g**ansɐ] ‘vingança’

2.3.3.3 Consoantes em Posição Final

A partir dos nossos dados só pudemos atestar a ocorrência de consoantes finais em sílabas tónicas. Nessa posição registam-se uma série de processos a afetar as consoantes finais. Abordaremos estes processos em maior detalhe na seção da diacronia.

Tabela 12. Consoantes em Posição Final[13]

		Dental	Palatal	Velar
Fricativa	Surda	s		
Nasal		n		
Contínua		r	j	w
Líquida lateral		l		

2.3.3.3.1 dentais

/s/ [pɐˈda**s**] ‘pedaço’

/n/ [mɐˈɲẽᵑ] ‘amanhã’

/r/ [ˈma**r**] ‘mar’

/l/ [pɐdʒiˈga**l**] ‘campo de sequeiro’

[13] O reduzido número de consoantes admitidas em posição final é típica dos crioulos de Sotavento, à excepção da variante da ilha do Maio, que por apresentar a queda sistemática das vogais altas finais (/i/ e /u/) do português clássico, como atestam Quint (2000: 72) e Moreira (2013: 40), aceita um número maior de consoantes em posição final, aproximando-se neste traço dos crioulos de Barlavento, onde o processo da queda das vogais altas finais é também sistemático (Silva (1957) Almada (1961), Baptista (2013), Swolkien (2015)).

2.3.3.3.2 palatal

/j/[ˈma**j**] ‘mãe’

2.3.3.3.3 velar

/w/[ˈma**w**] ‘mau’

2.3.4 Grupos Consonânticos

Na variedade foguense ocorrem dois tipos de grupos consonânticos:

- (i) diconsonânticos

- (ii) triconsonânticos

Os grupos consonânticos que atestamos no Foguense, são constituídos maioritariamente por oclusivas e fricativas, como primeiro elemento, seguidos de líquidas e vibrantes, como segundo elemento. Aparecem em início e meio de palavra.

2.3.4.1. Grupos diconsonânticos

2.3.4.1.1. C1 = Oclusiva/ fricativa + C2 = outra consoante

Tabela 13. C1 = Oclusiva/ fricativa + C2 = outra consoante

		Primeiro elemento			
		Oclusivas			Fricativas
		Labial	Dental	Velar	Dental
Segundo elemento		/p, b/	t/d	k/g	F
Vibrante	r	/pr, br/	/tr, dr/	/kr, gr/	/fr/
Líquida	l	/bl/		/kl/	
contínua	w		**/tw, dw/**	**/kw, gw/**	
	j	**/pj/**	**/dj/**		

2.3.4.1.1.1 Oclusiva + vibrante

/pr [ˈ**pr**ɔpi] ‘próprio/mesmo’, [kõmˈ**pr**ɛtu] ‘completo’

/tr/ [ˈ**tr**ĩn̲tɐ] ‘trinta’, [ẽnˈ**tr**ɐ] ‘entrar’

/kr/ [ˈ**kr**us] ‘cruz’

/br/ [ˈ**br**ãŋ̲ku] ‘branco’, [sõmˈ**br**ɐ] ‘deitar/pernoitar’

/dr/ [ˈ**dr**ɔgɐ] ‘droga’, [pĩnˈ**dr**abɐ] ‘pendurar.PASS’

/gr/ [ˈ**gr**ãndi] ‘grande’, [ˈso**gr**u] ‘sogro’

2.3.4.1.1.2 Oclusiva + líquida

/bl/ [pruˈ**bl**ɛmɐ] ‘problema’

/kl/ [ˈ**kl**aru] ‘claro’

2.3.4.1.1.3 Oclusiva + contínuas

/pj/ [**pj**ɐˈrribɐ] ‘pra cima’

/tw/ [ˈ**tw**adʒɐ] ‘toalha’

/dw/ [ˈ**dw**ẽnti] ‘doente’

/dj/ [ˈkãn**dj**ɐ] ‘candeeiro’

/kw/ [ˈ**kw**artu] ‘quarto’

/gw/ [**gw**ẽnˈtɐ] ‘aguentar’

2.3.4.1.1.4 fricativa + vibrante

/fr/ [ˈ**fr**iw] ‘frio’, [suˈ**fr**ibɐ] ‘sufrir.PASS’

2.3.4.1.2 C1 = fricativa, C2 = oclusiva

Nos grupos constituídos por fricativas como primeiro elemento e oclusivas como segundo elemento, atestamos três ocorrências, sempre com oclusivas surdas.

Exemplos:

/sp/ [s̲piˈɐ] ‘olhar’

/st/ [s̲tɐˈfɐ] ‘estafar’

/sk/ [s̲kɐˈpɐ] ‘desmaiar’

2.3.4.1.3 C1 = nasal, C2 = outra consoante

Tabela 14. Grupos pré-nasalizados

		primeiro elemento
		Nasal dental
Segundo elemento		/N/
Oclusivas Surdas	/p,t,k/	/np,nt,nk/
Oclusivas sonoras	/b,g/	/nb,ng/
fricativas	/v/	/nv/

Exemplos:

/np/ [**mp**orˈtɐ] ‘importar-se’

/nt/ [**nt**erˈnɐ] ‘internar’

/nk/ [ˈ**ŋk**wantu] ‘enquanto’

/nb/ [**mb**ɐrˈkɐ] ‘embarcar’

/ng/ [**ŋg**oˈdɐ] ‘acarinhar’

/nv/ [**ŋv**uˈlɔpi] ‘envelope’

2.3.4.1.3.1 As consoantes pré-nasais na língua cabo-verdiana

O estatuto das sequências ~C na língua cabo-verdiana, a sua origem e classificação, monofonemática ou bifonemática, já foram discutidos por diferentes autores.

Embora aparecendo na sua maioria em palavras de origem portuguesas iniciadas por sequências de vogais + consoante nasal (cf. PT ***ent****ender* vs CV ***nt****endi/****nt****endê*), Quint (2006) e Lang (2013) já mostraram a pertinência da influência do substrato africano para a admissão e multiplicação de consoantes pré-nasalizadas no cabo-verdiano.

No que diz respeito à classificação as opiniões divergem entre vários autores. Couto e Sousa (2006) são a favor de uma análise bifonemática, considerando a existência de uma vogal protética, não realizada nas sílabas iniciadas por consoantes pré-nasalizadas. Entre vários outros argumentos para esta posição apontam para a existência de variantes com ou sem a vogal como [ˈnfɛrnu] vs [inˈfɛrnu] ‘inferno’.

No entanto defensores da análise monofonemática como Lang (1999) apontam o sentir dos falantes como argumento decisivo para a análise dessas consoantes como fonemas da língua e não um grupo consonântico. Este autor classificou para o santiaguense 17 fonemas consonânticos pré-nasalizados, contrastando com 17 consoantes orais.

Uma análise comparativa entre o casamansês e o cabo-verdiano, de Biagui (2012: 50,51) trouxe, no entanto, novas luzes sobre o estatuto destas sequências no cabo-verdiano.

Entre outros argumentos, este autor demonstra a natureza monofonemática destas consoantes em casamansês através da possibilidade de ocorrência em posição final e ainda em meio de palavra, depois de outra consoante, sem necessidade de inserção de vogal de ligação.

Este autor exemplifica esta análise com o comportamento das pré-nasalizadas em casamansês e cabo-verdiano (santiaguense) em contato com o prefixo inversivo dis-, que ilustramos na tabela seguinte.

Tabela 15. Comportamento das pré-nasalizadas em casamansês e santiaguense em contato com o sufixo inversivo dis-

Posição de ocorrência	CS Biagui (2012:51)	ST Quint (1999:42,178)	Significado
Posição inicial	*Mburdja*	*Mburdia*	*embrulhar*
Posição mediana	*Dismburdja*	*disburdia*	*desembrulhar*

Como se pode ver pelos exemplos em posição inicial de palavra as sequências pré-nasalizadas demonstram o mesmo comportamento nas duas línguas, mas em posição interna, quando em contato com o prefixo inversivo dis-, nota-se um comportamento diferente. Enquanto no casamansês a consoante pré-nasalizada mantém-se imutável, no santiaguense, em presença do mesmo sufixo, há alteração da sequência pré-nasalizada.

Na análise de Biagui (2012), esses dados mostram que em casamansês as pré-nasalizadas comportam-se como as restantes consoantes da língua, enquanto no cabo-verdiano comportam-se como outros grupos consonânticos, que também não podem aparecer depois de outra consoante ou em final de palavra.

Já no casamansês estão atestadas 4 consoantes pré-nasalizadas em posição final de palavra, sendo também possível a combinação destes fonemas com outras consoantes da língua (Biagui 2012:47, 48, 49).

Outro ponto de comparação que este autor considera uma evidência da diferente natureza dessas consoantes nestes dois crioulos é o facto de em casamansês as consoantes pré-nasalizadas serem em número limitado (8), além de a sua distribuição obedecer a uma série de restrições, que fazem reduzir o inventário, consoante a posição e o ambiente fonético de ocorrência (Biagui 2012:47,48, 49).

A limitação numérica e as restrições de ocorrência são traços inerentes às consoantes pré-nasalizadas e podem ser registadas em várias outras línguas africanas que apresentam esse tipo de fonemas.

No Coalibe, por exemplo, língua da família heiban, falada no noroeste da região do Cordofão do Sul no Sudão, estão inventariadas 6 consoantes pré-nasalizadas. Nesta língua não é permitida a ocorrência das pré-nasalizadas nas posições pré-consonântica e final (Quint 2006:73 e 85).

Já no cabo-verdiano, não parecem existir restrições desta ordem. Ocorrem variantes pré-nasalizadas de todas as consoantes inventariadas, o que pode ser analisado como uma evidência da natureza fonética e não fonológica destas consoantes em cabo-verdiano.

Assim a combinação consoante nasal + consoante oral, constitui-se como os restantes grupos consonânticos permitidos na língua, ou seja, como elemento bifonemático.

2.3.4.1.3.2 O caso do Fogo

De uma forma geral podemos considerar que o comportamento das consoantes pré-nasalizadas no foguense é similar ao santiaguense, sendo válido o mesmo tipo de análise bifonemática.

Os dados levantados neste trabalho mostram que nesta variedade a ocorrência de consoantes pré-nasalizadas também não é relevante do ponto de vista fonológico, uma vez que a sua distribuição não parece ser comparável à dos outros fonemas consonânticos identificados na língua.

Para a análise deste fenómeno considero apenas a posição inicial de palavra, como mostram os exemplos da tabela 18.

Apesar de, assim como o Santiaguense, o foguense registar correspondente pré-nasalizadas para todas as consoantes inventariadas, notamos existir nesta variedade uma restrição de ocorrência de algumas delas na posição inicial de palavra.

Por esta razão algumas ocorrências que em santiaguense apresentam pré-nasalizadas são no foguense iniciadas por consoante simples.

As ocorrências de articulação simples registadas até agora apresentam sempre sequências com consoantes fricativas ou africadas.

Exemplos:

FG [ʒeˈsãw] vs. ST [nʃɐˈson] ‘injeção’

FG [ʃiˈnɐ] vs. ST [ˈnʃinɐ] ‘ensinar’

FG [suˈli] ST [ˈnsuli] < MDK [ˈsoli] ‘encher (através de uma extremidade estreita)’.

FG [dʒuˈtu] ST [ˈndʒutu] < MDK [ˈɟutu] ‘substimar’.

Os dois últimos exemplos atestam a fidelidade do foguense à articulação simples etimológica de consoantes iniciais em palavras de origem africana que ganharam em santiaguense articulação pré-nasalizada.

Não obstante estas as restrições, ao nível das possibilidades fonéticas da língua, a sequência ~C mostra-se bastante produtiva. Grupos do tipo podem ser criados continuamente, devido à existência do pronome pessoal de primeira pessoa átono /N/, que se realiza como uma consoante nasal: [ˈmbaj] ‘eu fui’, [nteˈne] ‘eu tenho’, [nsɐˈbe] ‘eu sei’ etc.

2.3.4.2 Grupos triconsonânticos

Os grupos consonânticos de três elementos que atestamos são sempre constituídos do modo seguinte:

- primeiro elemento: fricativa dental surda /s/ como.

- segundo elemento: oclusiva. A partir dos nossos dados, só conseguimos atestar oclusivas surdas nos grupos encontrados.

- terceiro elemento: vibrante simples.

Exemplos:

/spr/ [**spr**eˈjɐ] ‘borrifar’

/str/ [ˈ**str**õndu] ‘estrondo’

/skr/ [**skr**eˈbe] ‘escrever’

2.4 Consonantismo- Diacronia e Comparativismo

Neste capítulo daremos especial atenção à evolução diacrónica do inventário consonântico da variedade em estudo. Analisaremos os processos atestados, tendo como ponto de partida a língua lexificadora, o português.

Nos casos em que se justificar, empreenderemos uma análise comparativa com a variedade vizinha da ilha de Santiago e com o bissau-guineense e o casamansês.

2.4.1 Análise comparativa do inventário

Nesta secção faço uma comparação do inventário consonântico do foguense resultante da minha análise com o inventário do santiaguense de Quint 2000 e com o primeiro e único inventário foguense de Lopes 2014.

2.4.1.1 Comparação com o inventário santiaguense de Quint 2000

Na análise sincrónica apontamos a ocorrência no foguense de 22 fonemas consonânticos. Um inventário bastante semelhante ao apresentado por Quint (2003:16) para o santiaguense, embora com duas importantes diferenças a assinalar:

2.4.1.1.1 Inclusão de /ŋ/

O inventário de Quint 2000 integra a consoante nasal velar /ŋ/ não atestada no foguense. Em santiaguense esta consoante é atestada unicamente nas variedades baseletais, tendo sido identificada por Quint (2000:118) como herança linguística africana;

2.4.1.1.2 Ausência de /rr/ (sobre esta representação cf. 3.1)

O inventário de Quint 2000 apenas regista a ocorrência da vibrante simples, /r/ em todos os contextos, ao contrário do foguense, que preservou a distinção etimológica entre a vibrante simples /r/ e a múltipla /rr/, em contexto intervocálico (2.3.1).

2.4.1.2 Comparação com o inventário foguense de Lopes 2014

Tabela 16. Inventário fonológico das consoantes foguense Lopes 2014

		orais				nasalizadas			
		lb.	dt.	pl.	vl.	lb.	dt.	pl.	vl.
oclusivas	sd.	p	t	c	k	p̃	t̃	c̃	k̃
	vz.	b	d	ɟ	g	b̃	đ	ɟ̃	g̃
fricativas	sd.	f	s	ʃ		f̃	s̃	ʃ̃	
	vz.	v	z	ʒ		ṽ	z̃	ʒ̃	
líquidas	int.		r				r̃		
	con.		l	ʎ			l̃	ʎ̃	
nasais		m	n	ɲ					

O inventário de Lopes, 2014:38 constitui a primeira posposta de inventário para o foguense. Apresenta um total de 37 consoantes, sendo bastante mais extenso que o inventário apresentado neste trabalho. Elencamos a seguir as principais decisões linguísticas na base desta diferença numérica.

2.4.1.2.1 Inclusão de consoantes pré-nasais

Lopes 2014 apresenta um inventário de 17 consoantes pré-nasais, correspondentes a 17 fonemas orais.

Na nossa análise entendemos que as mesmas não têm estatuto fonológico na língua, conforme explicitado nos pontos 2.3.4.1.3.1 e 2.3.4.1.3.2.

2.4.1.2.2 Inclusão da consoante /ʎ/

O inventário de Lopes 2014 apresenta a consoante líquida palatal /ʎ/ como fonema no foguense. Na nossa análise embora tenhamos registado a ocorrência na língua de realizações fonéticas próximas de [ʎ] optamos por não as considerar como um fonema da língua, por dois fatores essenciais: (i) a sua baixa ocorrência e (ii) a possibilidade de essas ocorrências poderem ser analisadas como uma sequência /lj/.

Os nossos dados mostram que no foguense a consoante líquida palatal etimológica é sistematicamente realizada como /ʤ/.

cf.

PT [iˈʎɛw]	FG [ˈʤew]	‘ilhéu’
PT [ɐgɐˈzaʎu]	FG [gɐˈzaʤu]	‘agasalho’
PT [ˈmiʎu]	FG [ˈmĩɲʤu]	‘milho’
PT [moˈʎɐdu]	FG [moˈʤadu]	‘molhado’

PT [muˈʎer] FG [ˈmudʒɐ] ‘mulher’

PT [merˈguʎar] FG [murguˈdʒɐ] ‘mergulhar’

PT [ˈseʎɐ] FG [ˈsedʒɐ] ‘selha’

Atestamos a ocorrência do fonema /ʎ/ em empréstimos mais recentes do português.

FG [kõmpɐrˈtiʎɐ] PT [kõmpɐrˈtiʎɐ] ‘compartilha’

FG [ˈfiʎɐ] PT [ˈfiʎɐ] ‘filha’

FG [kõnseˈʎeru] < PT [kõnsəˈʎɐjru] ‘conselheiro’

FG [ˈʒuʎu] PT [ˈʒuʎu] ‘julho’

Contudo, mesmo nos casos em que se recorre a uma realização parecida à portuguesa, notamos que a realização da líquida palatal não é fidedigna. A sua produção parece frequentemente dividir-se em dois momentos articulatórios. Os falantes realizam foneticamente o que parece ser uma líquida lateral [l] seguida da semi-consoante [j], resultando num contínuo sonoro [lj] em vez de [ʎ].

cf.

FG [ˈiljɐ] < PT [ˈiʎɐ] ‘ilha’

Esta estratégia fonética é mais um argumento a favor da asserção de que o /ʎ/ não faz parte da gramática interna dos falantes desta variedade.

A realização [lj] está presente em empréstimos mais recentes. Já em palavras que entraram nos primeiros estádios de formação da língua o /ʎ/ foi sistematicamente reanalisado como /dʒ/. Assim o radical português /iʎ/- contido em ***ilha*** é realizado foneticamente como /dʒ/ em itens lexicais mais antigos. O próprio nome da ilha do Fogo é exemplo deste tratamento.

FG [**dʒ**ɐrˈfogu] < PT [ˈ**iʎ**ɐ du ˈfogu] ‘ilha do Fogo’

FG [ˈ**dʒ**ew] < PT [**i**ˈʎɛw] ‘ilhéu’

Estes dois exemplos, retirados do nosso corpus, mostram bem a opção dos falantes quanto ao uso das duas realizações derivadas do /ʎ/ do Português Clássico.

a) [ˈnflal mɐ nteˈne ˈɲa ˈfi**dʒ**u ˈli /nteˈne na ˈmɛrkɐ /ˈma ntɐ ˈba ntɔˈben pɐ ˈtras/ ˈe ˈflɐn pɐ ˈnba speˈrɐ *direitɐ dɐ miɲɐ fi**ʎ**iɐ//*]

[ˈn-fla-l mɐ n-teˈne ˈɲa ˈfi**ʤ**u ˈli
D.S1SG-dizer-D.O3SG CONJ D.S1SG-ter POSS.SPL2SG filho ADV

/nteˈne na ˈmɛrkɐ /
D.S1SG-ter.PFV PREP América
ˈmɐn-tɐ ˈba n-tɔ ˈben pɐ ˈtras/
CONJ D.S1SG-IPFV ir D.S1SG-IPFV vir PREP trás

ˈe ˈflɐ-n pɐ ˈn-ba speˈrɐ
D.S3SG dizer.PFV-D.O1SG CONJ D.S1SG-ir.PFV esperar.PFV
*direitɐ dɐ miɲɐ fi**lj**ɐ//*]
direito PREP.ART.DEF.F POSS.F1SG filha

‘Eu disse-lhe que tenho um filho aqui e tenho também nos Estados Unidos. Que vou e volto. Ele disse-me para esperar até que a minha filha me pudesse conceder o direito (de ficar de forma permanente nos Estados Unidos).’

b) [ˈpurki ˈdɛws tɐ ˈfrɐ / ˈkeɲɐ ki ˈten / bu ˈten ki kõnpɐrtiˈʎɐ ku keˈlotu ki kɔˈten//]

[ˈpurki ˈdɛws tɐ ˈfrɐ / ˈkeɲɐ ki ˈten /
CONJ deus IPFV dizer quem CONJ ter.PFV

bu ˈten ki kõnpɐrtiˈʎɐ ku keˈlotu ki kɐ ˈten//]
D.S2SG ter.PFV CONJ compartilhar.PFV ADV DEM.DIST CONJ NEG ter.PFV
‘Porque Deus diz: quem tem, deve partilhar com quem não tem.’

Em a), durante o relato de uma entrevista na embaixada americana, registamos a ocorrência dos dois fonemas /ʎ/ e /ʤ/ nos itens lexicais /ˈfiʤu/ e /ˈfiʎɐ/ cujos étimos proveem do mesmo radical português [fiʎ]. Na primeira ocorrência, quando a nossa interlocutora fala em crioulo, produz o fonema /ʤ/. Já na segunda ocorrência, numa tentativa de reproduzir o português do cônsul de serviço, que cita em discurso indireto, surge a forma /ʎ/, como consequência do code-switching para o português.

Em b) a forma /kõnpɐrtiˈʎɐ/ parece ser um decalque usado pelo nosso interlocutor (adventista), ao citar, em crioulo, um ensinamento da bíblia, que terá interiorizado a partir da citação original portuguesa.

2.4.1.2.3 Ausência da vibrante múltipla

Lopes 2014 apenas inclui a vibrante simples no inventário fonológico, apesar de atestar também a ocorrência da múltipla (cf. Lopes 2014 p.40).

Contrariamente, incluímos as duas vibrantes no inventário fonológico, pois o seu estatuto fonológico é revelado em contexto intervocálico, pela existência do par mínimo retirado do nosso corpus:

[ˈkaru] ‘caro, custoso’ (adj.) vs. [ˈkarru] ‘carro, viatura’ (n.)

Nas restantes posições, as duas consoantes apresentam-se como a realização de um mesmo arquifonema e estão em distribuição complementar, conforme explicitado no ponto 2.3.1

2.4.1.2.4 Ausência das semi-consoantes /j/ e /w/

Os fonemas /j/ e /w/ não estão de todo contemplados na fonologia de Lopes 2014. Embora se ateste a sua ocorrência fonética em vários exemplos**,** o seu estatuto fonológico não foi analisado.

Para a língua cabo-verdiana, em diversas outras análises **(**Baptista 2013: 13; Baptista 2013: 68), Swolkien 2013: 23) as semi-consoantes /j/ e /w/ são tratadas marginalmente no inventário fonético vocálico, como alofones das vogais /i/ e /u/ ou como alofones consonânticos.

Tendo em conta os nossos dados para o foguense, optamos por incluí-las no inventário pelo seu comportamento consonântico que exemplificamos abaixo em dois contextos distintos:

i) em início de palavra

cf.

FG [ˈ**w**ɔrɐ] ST [ˈɔrɐ] PT [ˈɔrɐ] ‘hora’

FG [ˈ**j**ɛrɐ] ST [ˈɛrɐ] PT [ˈɛrɐ] ‘era’

Neste contexto as semi-consoantes aparecem como um recurso para evitar ataques vocálicos.

ii) em final de sílaba e palavra

cf.

FG [ˈfr**i**] ~ [ˈfr**iw**] ST [ˈfr**iw**] ‘frio’

FG [ˈp**a**] ~ [ˈp**aj**] ST [ˈp**ɐj**] ‘pai’

Neste contexto as semi-consoantes são alvos de processos de queda semelhantes aos que afetam outras consoantes finais como o /r/ (cf FG [ˈkudʒe] ST [ˈkudʒer] ‘colher’) e que têm como consequência a regularização destes itens para o padrão silábico (C)CV dominante na língua (3.2.1). Os dois processos (i) e (ii) constituem uma evidência de que as semi-consoantes /j/ e /w/ são apercebidas pelos falantes como fonemas de natureza consonântica, ocupando por isso contextos consonânticos e sendo sensíveis a processos que afetam as consoantes.

2.4.2 Análise comparativa dos contextos de ocorrência em foguense e santiaguense

Fica claro em 2.4.1.1 que o foguense e o santiaguense partilham grande parte dos fonemas consonânticos. No entanto, há várias diferenças a assinalar no que diz respeito à distribuição e aos contextos de ocorrência das consoantes atestadas em ambas as variedades.

2.4.2.1 Consoantes em posição inicial

2.4.2.1.1 Ocorrência de /j/ e /w/

Na posição inicial, regista-se no foguense a ocorrência das semi-consoantes /j/ e /w/ em palavras iniciadas por vogais.

Ex

FG [ˈ**w**ɔrɐ] ST [ˈɔrɐ] PT [ˈɔrɐ] ‘hora’

FG [ˈ**j**ɛrɐ] ST [ˈɛrɐ] PT [ˈ ɛrɐ] ‘era’

Esta possibilidade de ocorrência, que também se regista, embora de forma mais limitada no santiaguense (onde alternam as variantes /el/ e /jel/ para o pronome tónico de terceira pessoa do singular) parece ser um processo comparável ao que ocorre de forma mais sistemática em casamansês, onde os ataques silábicos vocálicos são rejeitados na sua quase totalidade.

Ex. Biagui (2012:33,71)

Yendá [**j**eˈnda] ‘andar’

wora [ˈwora] ‘hora’

wútur [ˈwutur] ‘outro’

yiñcisí [jiñciˈsi] ‘encher’

A mesma estratégia surge também de forma residual, no maiense outra variedade de Sotavento.

Ex. Moreira (2014:46)

[ˈ**w**obrɐ] s. ‘obra’

[ˈ**j**ɛrɐ] v. ‘era’

Numa análise isolada aos dados do foguense podíamos ser levados a pensar tratar-se de uma inovação recentes desta variedade.

No entanto, a sistematicidade com que este processo ocorre no casamansês e os resquícios ainda encontrados noutras variedades de Sotavento parecem apontar para uma estratégia linguística que terá sido generalizada nos primeiros estádios do protocrioulo tendo-se perdido

aos poucos no cabo-verdiano, submetido a uma influência mais forte do português moderno do que as variedades crioulas faladas no continente africano, como o casamansês.

2.4.2.2 Consoantes em posição mediana

É na posição mediana, que é também a posição que admite a ocorrência de todas as consoantes da língua, que se dá a grande maioria dos processos diacrónicos que afetam as consoantes do foguense.

Neste ponto agrupamos os processos segundo a motivação da sua ocorrência. i) influência da língua lexificadora; ii) influência das línguas de substrato/formas do proto-crioulo; iii) motivação interna da língua.

2.4.2.2.1 Manutenção de fonemas da língua lexificadora (português)

2.4.2.2.1.1 Tratamento das fricativas

i) Manutenção das fricativas sonoras dental e palatal

Tabela 17. Tratamento das fricativas sonoras dental /z/ e palatal /ʃ/ do Português

Português (PT)	Fogo (FG)	Santiago (ST)	Guineense (GB)	Casamancês (CS)
/z/	/z/	/s/	/s/	/s/
/ʒ/	/ʒ/	/ʃ/		

PT [ˈkoj**z**ɐ~ˈkow**z**ɐ] >FG [ˈku**z**ɐ] ST [ˈku**s**ɐ] GB [ˈku**s**ɐ] CS [kuˈ**s**ɐŋ] ‘coisa’

PT [ˈigre**ʒ**ɐ] >FG [ˈgre**ʒ**ɐ] ST [ˈgre**ʃ**ɐ] GB [ˈgri**sj**ɐ] CS [giriˈ**si**jɐ] ‘igreja’

O foguense regista a manutenção das fricativas sonoras do português**/ʒ/ e /z/** em posição intervocálica, ao contrário do santiaguense onde as mesmas sofreram um processo de ensurdecimento, passando a **/ʃ/ e /s/**. Esta manutenção está presente em todas as restantes variedades de Sotavento, conforme atestado para o maiense por Moreira (2013:52) e para o bravense por Baptista (2013:14).

O processo de ensurdecimento em santiaguense é analisado como um traço de africanidade por Quint (2000:113), que dá conta do mesmo processo no crioulo da Guiné-Bissau. O casamansês também não apresenta a manutenção das fricativas sonoras do português. O processo de ensurdecimento resultou na realização única /s/.

Biagui (2012:55) explica que a fricativa sonora /z/ (bem como a sonora /v/ e a surda palatal /ʃ/) apenas aparece na língua em empréstimos recentes do português ou do francês, o que deixa claro que no processo de crioulização não foi preservada, ao contrário do que aconteceu no foguense. Além disso, o casamansês e o guineense, tal como consta na tabela 21 e nos exemplos acima apresentados, perderam a distinção entre fricativas dentais e palatais do Português, tendo sido submetida a série palatal a um processo de despalatalização que conduziu à sua absorção pela série dental.

ii) Manutenção da fricativa dental surda antes de vogal /i/

PT /**s**enˈtar/ >FG /**s**inˈtɐ/ ST /ˈ**ʃ**intɐ/ ‘sentar-se’

PT /ˈfa**s**il/ >FG /ˈ fa**s**i/ ST /ˈfa**ʃ**i/ ‘fácil, rápido’

A variedade foguense do cabo-verdiano conservou a fricativa dental surda do português /s/ em início de palavra e sílaba, quando precede a vogal alta anterior /i/. Esta preservação também se verifica em casamansês. Em santiaguense neste contexto a fricativa dental surda passou a fricativa surda palatal /ʃ/. A presença de /ʃ/ em santiaguense parece ser um traço próprio desta variedade.

2.4.2.2.1.2 Manutenção da distinção fonológica /r/ vs /rr/

ex [ˈkaru] ‘caro, custoso’ (adj.) vs. [ˈkarru] ‘carro, viatura’ (adj.)

Além de conservar na sua fonologia as vibrantes simples e a múltipla, o foguense manteve também os mesmos contextos de ocorrência do português para produção da vibrante múltipla, que são as posições intervocálica e de início de palavra. Assim como em português, apenas a posição intervocálica é relevante para a distinção fonológica. De realçar, contudo, que na pronúncia padrão contemporânea da língua portuguesa, nestes dois contextos, a vibrante realiza-se como uvular /R/.

PT contemporâneo [ˈkaRu]FG [ˈkarru] vs. ‘viatura’

Assim a distinção é feita entre uma vibrante uvular e uma vibrante alveolar ou dental /r/. A distinção dental vs múltipla subsiste, contudo dialetalmente.

A entrada da vibrante uvular na língua portuguesa é ainda hoje discutida, sendo considerada em algumas análises como uma influência francesa. O certo é que nem sempre existiu na língua, como aliás atesta Teyssier (1982:54, 55), que lista o seu aparecimento como uma das inovações fonéticas da língua Portuguesa no século XIX.

> “O português sempre possuiu, como o espanhol, uma oposição fonológica entre um /r/ brando (uma vibração) e um /r̄/ forte (várias vibrações) em posição intervocálica; ex.: caro e carro. Nas outras posições existe na língua apenas um fonema, realizado como [r] (ex.: três, parte) ou como [r̄] (ex.: ramo, melro, tenro, Israel). Até uma data recente o ponto de articulação era, nos dois casos, apical: a ponta da língua batia uma vez para [r] e várias para o [r̄]. É a pronúncia atual do espanhol. No decorrer do século XIX, porém, surge uma articulação uvular do [r̄] forte, bastante semelhante à do francês, embora mais apoiada. Alguns falantes chegam a realizar esta consoante como constritiva velar surda, muito próxima do jota espanhol. O [r] simples, ou brando, mantém a sua articulação apical. Em 1883, Gonçalves Viana assinala em Lisboa a nova articulação do [r̄] considera-a, no entanto, variante individual. Em 1903, o mesmo foneticista observa que ela “se espalha progressivamente pelas cidades”, mas acrescenta: “E vista ainda como viciosa?” Ora, nos dias que correm, tal pronúncia é geral em Lisboa e largamente adotada no resto do país, sem que tenha, apesar disso, suplantado a antiga articulação apical.”
>
> (Teyssier 1982:54-55 tradução de Celso Cunha)

A manutenção da distinção no foguense entre as vibrantes simples e múltipla é mais uma evidência em favor desta mudança linguística do português, deixando claro que no português clássico a pronúncia da vibrante intervocálica e em início de palavra era múltipla e que, portanto, a atual pronúncia do Fogo conserva o sistema do português clássico ou pré-contemporâneo.

2.4.2.2.2 Tratamentos preservados do proto-crioulo

2.4.2.2.2.1 Passagem de /r/ intervocálico a /d/

PT [pɐsɐˈ**r**iɲɐ] >FG [pɐsɐˈ**d**iɲɐ] ST [pɐsɐˈ**r**iɲɐ] ‘ave endémica’ (*Halcyon leucocephala*)’

PT [dizɐpɐ**r**eˈser] >FG [dizɐpɐ**d**iˈse] ST [disˈpɐ**r**si] ‘desaparecer’

PT [ɐˈli**r**ju] >FG [ɐˈli**d**ju] ST [ɐˈli**r**ju] ‘Alírio *n.p.’*

Este processo resulta da realização como oclusiva sonora dental /d/ da consoante vibrante múltipla etimológica do português /r/ quando se encontra em posição intervocálica e em de ataque silábico. Trata-se de uma ocorrência também registada no santiaguense embora com menor expressão. Quint 2000 apresenta para o santiaguense as ocorrências [roˈzadi] (>PT [rroˈzarju] ‘rosário’ e [dispɐˈdise] (>PT [ispajˈreser] ‘espairecer’.

O foguense apresenta mais ocorrências de itens onde se atesta este processo. Um traço que o aproxima do casamansês e ao guineense. Os exemplos abaixo atestam que o processo é ainda mais sistemático no casamansês.

PT [mĩnˈti**r**ɐ] >FG [mĩnˈti**d**ɐ] CS [mĩnˈti**d**ɐ] ST [mĩnˈti**r**ɐ] ‘mentira’

PT [kɐrˈnej**r**u] >FG [kɐrˈne**r**u] CS [karˈne**d**u] ST [kɐrˈnɛ**r**u]~[kɐrˈne**r**u] ‘carneiro’

PT [kõmpɐˈɲej**r**u] >FG [kũmpɐˈɲe**r**u]CS [kũmpɐˈɲe**d**u] ST [kũmpɐˈɲe**r**u] ‘companheiro’

A passagem do/r/ intervocálico a /d/, é uma evidência de um traço conservador da variedade da ilha do Fogo em relação ao protocrioulo da África Ocidental (PCAO). Trata-se de um processo que parece ter ocorrido nos primeiros estádios de formação da língua, tendo-se mantido ativo no casamansês, enquanto no cabo-verdiano, perdeu produtividade ou sofreu um processo de “correção” sob a influência do português moderno (que favoreceu a substituição de formas com [d] por formas com [r]), preservando-se atualmente apenas em alguns itens lexicais.

A atestação no foguense de mais itens que preservam esta realização fonética demonstra que este processo de “correção” aconteceu com maior sistematicidade no santiaguense, o que pode ser explicado por esta variedade, falada na ilha capital, ter sofrido ao longo dos tempos maior exposição ao português, a língua oficial.

A atestação do mesmo processo em papiamento, conforme explicita Jacobs (2012: 72,74), parece ser mais um argumento a favor da pertença deste crioulo à família dos Crioulos de Base Portuguesa da Africa ocidental.

2.4.2.2.3 Processos independentes

Contrariamente aos processos descritos nos dois pontos anteriores, os processos abaixo não parecem ter motivação nem na língua lexificadora nem na proto-língua, resultando de mudanças internas inerentes à variedade em estudo.

2.4.2.2.3.1 Substituição de /l/ por /r/

i. Em coda silábica

PT [ˈbo**l**sɐ] >FG [ˈbɔ**r**sɐ] ST [ˈbɔ**l**sɐ]~[ˈbɔ**j**sɐ] ‘bolsa’

PT [ˈso**l**] >FG [ˈso**r**] ST [ˈso**l**] ‘sol’

ii. No interior de grupos consonânticos

PT [kõmˈ**pl**ɛtu] FG [kõmˈ**pr**ɛtu] ST [kõmˈ**pl**ɛtu] *‘completo’*

Este processo parece mostrar uma tendência da língua no sentido do fortalecimento da consoante /l/, dando-lhe um carácter menos contínuo. Exatamente o oposto do que acontece em santiaguense, onde neste mesmo contexto, em algumas variedades baseletais, a líquida lateral sofre um enfraquecimento, sendo substituído pela semi-consoante /j/:

FG [ˈbɔ**r**sɐ] ST rural [ˈbɔ**j**sɐ] ‘bolsa’

Outros exemplos parecem corroborar esta tendência ao fortalecimento de consoantes no foguense, como é o caso dos processos abaixo. Em todos eles consoantes não obstruintes são substituídas por obstruintes, de carácter mais forte e, portanto, menos suscetíveis a apagamentos ou queda.

2.4.2.2.3.2 Queda do /n/ em sílaba átona quando antecedido de /r/

PT [ĩnˈfɛrnu] >FG [nfɛru] ST [ˈnfɛrnu] ‘inferno’

PT [ˈkornu] >FG [ˈkoru] ST [ˈkornu] ‘cornos/chifre’

Quando a consoante nasal dental /n/ se encontra precedida da vibrante simples acaba por enfraquecer e cair, passando o /r/ da posição de coda para ataque silábico.

A realização /ˈfurɐ/ no crioulo da vizinha ilha da Brava para o topónimo escrito Furna e realizado /ˈfurnɐ/ em português (que pude pessoalmente atestar em fala espontânea local) parece ser mais uma evidência deste processo, já que as duas variedades podem ser consideradas, em determinados aspetos, como um contínuo linguístico.

Esta tendência parece ser esporádica na língua contemporânea, sendo os casos mencionados os únicos que encontrei, ao passo que outras palavras do foguense mantêm a sequência [rn] do Português:

PT [ˈkarni] >FG [ˈkarni] ST [ˈkarni] ‘carne’

2.4.2.3 Tratamento de consoantes em posição final

O foguense, assim como o santiaguense, apresenta 6 consoantes em posição final.

Tabela 18. Consoantes em posição final em foguense e santiaguense

		Dental	Palatal	Velar
Fricativa	Surda	s		

Nasal	n		
Contínua	r	j	w
Líquida lateral	l		

(a) dentais

/s/ [pɐˈda**s**] ‘pedaço’

/n/ [mɐˈɲɐ̃**n**] ‘amanhã’

/r/ [ˈma**r**] ‘mar’

/l/ [pɐdʒiˈga**l**] ‘campo de sequeiro’

(b) palatal

/j/ [ˈma**j**] ‘mãe’

(c) velar

/w/ [ˈma**w**] ‘mau’

No entanto quando comparamos as duas variedades, notamos no foguense vários processos a afetar consoantes em posição final, dando-lhes um carácter mais instável. Das seis consoantes atestadas, apenas a nasal /n/ e a fricativa dental /s/ se mantêm estáveis. Todas as restantes sofrem processos de queda ou mudança.

2.4.2.3.1 Queda de /r/

PT [muˈʎer] FG [ˈmudʒe] ‘mulher’

PT [kuˈʎer] FG [ˈkudʒe] ‘colher’

PT [ˈkaʃoRu] FG [ˈkatʃo] ‘cão’

Em posição final, o foguense apresenta a queda da vibrante alveolar /r/ depois de vogal tónica em português. Tal processo não se regista no santiaguense, onde em algumas variedades baseletais registam-se, porém, as formas /kuˈdʒe**i**/ e /muˈdʒe**i**/ (região da Assomada) e /kuˈdʒe**l**/ e /muˈdʒe**l**/ (Norte e Leste de Santiago).

Numa análise em termos gradativos, podemos considerar que a ocorrência das variantes e /kuˈdʒe**i**/ e /muˈdʒe**i**/ e /kuˈdʒe**l**/ e /muˈdʒe**l**/ em santiaguense apontam para um enfraquecimento da consoante, que poderá resultar numa eventual queda, resultando na mesma realização atestada no foguense, variedade na qual podemos postular que a vibrante sofreu queda direta sem passar pelos estádios intermédio de enfraquecimento.

Ou seja, as duas variedades parecem caminhar na mesma direção, sendo que no foguense o processo de queda aconteceu sem que tenha havido registo de outras realizações que denotassem o enfraquecimento antes da queda.

2.4.2.3.2 Queda das semiconsoantes /j/ e /w/

FG [ˈfr**i**] ~ [ˈfr**iw**]	ST [ˈfr**iw**]	‘frio’
FG [kreˈtʃ**e**] ~ [kreˈtʃ**ew**]	ST [kreˈtʃ**ew**]	‘ser amado (n.)’
FG [ˈm**a**] ~ [ˈm**aj**]	ST [ˈm**ɐj**]	‘mãe’
FG [ˈp**a**] ~ [ˈp**aj**]	ST [ˈp**ɐj**]	‘pai’

Outros fonemas a sofrer queda em posição final no foguense são as semiconsoantes /j/ e /w/. Neste caso coexistem variantes que conservam as semiconsoantes finais com as variantes sem as semiconsoantes finais.

2.4.2.3.3 Substituição de /l/ por /r/

PT [ˈso**l**] FG [ˈso**r**] ST [ˈso**l**] ‘sol’

A substituição da líquida lateral pela vibrante simples, em posição final, faz parte de um processo mais abrangente, também registado em final de sílaba e no interior de grupos consonânticos, que têm a vibrante simples como segundo elemento (2.4.3.1).

A variedade continua, no entanto, a registar ocorrências estáveis de /l/ em posição final de palavra, embora não sejam muito abundantes.

[pɐdʒiˈgal] ‘campo de sequeiro’

[bɐˈril] ‘baril’

2.4.3 Grupos consonânticos

2.4.3.1 Grupos consonânticos atestados em português e foguense

A maioria dos grupos consonânticos /Cr/ do foguense está atestada na língua lexificadora e também em santiaguense.

PT /ˈ**gr**ɐ̃w/ > FG /ˈ**gr**ɐn/ ST /ˈ**gr**ɐn/ ‘grão’

PT /ˈpɛ**dr**ɐ/ > FG /ˈpɛ**dr**ɐ/ ST /ˈpɛ**dr**ɐ/ ‘pedra’

PT /ˈ**tr**ĩntɐ/ >FG /ˈ**tr**ĩntɐ/ ST /ˈ**tr**ĩntɐ/ ‘trinta’

O foguense preserva grupos /Cr/ etimológicos, contrariamente ao santiaguense que apresenta ocorrências de /CVr/ devidos a um processo de metátese:

PT [es**gr**ɐvɐˈtar] >FG [**gr**ɐbɐˈtɐ] ST [**gɐr** ˈbatɐ] ‘esgravatar’

PT [**pel**ɐmɐˈɲɐ̃] >protocrioulo *[**pr**ɐmɐˈɲɐ̃ŋ] >FG [**pr**ɐmaˈɲãᵘ] ST [**pɐr**maˈɲɐ̃ŋ] ‘pela manhã’

No entanto o foguense apresenta também grupos consonânticos que, embora resultem nos mesmos grupos atestados etimologicamente, surgem como resultados de processos independentes, nomeadamente envolvendo a vibrante simples /r/, enquanto segundo elemento dos grupos consonântico.

i) Inversão da posição da consoante /r/ (metátese)

PT [**d**o**r**ˈmir] FG [**dr**uˈmi] ST [ˈ**d**u**r**mi~ˈ**dr**umi] ‘dormir’[14]

PT [ve**r**ˈgoɲɐ] FG [**br**iˈgɔɲɐ] ST [**bur**ˈgɔɲɐ] ‘vergonha’

PT [ve**r**ˈmelhu] FG [**br**uˈmedʒu] ST [**bur**ˈmedʒu] ‘vermelho’

PT [**publi**ˈkar] FG [**pru**biˈkɐ] ST [**pur**ˈbikɐ] ‘publicar’

PT [**per**gũnˈtar] FG [**pr**ugũnˈtɐ] ST [**pur**ˈgũntɐ] ‘perguntar’

Este processo parece ter como principal objetivo evitar codas silábicas fechadas pela vibrante simples /r/. Ocorre também em santiaguense e papiamento, sendo menos tolerado na variedade continental da Guiné-Bissau, conforme aponta Jacobs (2012:76).

Convém, contudo, realçar que enquanto no foguense a metátese produz grupos consonânticos do tipo /Cr/, em santiaguense e papiamento registam-se também casos de metátese que levam à anulação de grupos do tipo, movendo a vibrante para a posição de coda silábica da sílaba anterior:

PT [mɐ**dr**uˈgadɐ] FG [mɐ**dr**uˈgadɐ] ST [mɐ**rd**uˈgadɐ] PA [ma**rd**uˈgadɐ] ‘madrugada’

ii) Substituição da consoante /l/ por /r/

PT [ˈkõmplɛtu] FG [komˈprɛtu] ST [komˈplɛtu] ‘completo’

iii) Inserção da vibrante simples

PT [ˈkõntu] >FG [ˈkõt**r**u] ST [ˈkõtu] ‘contos’

PT [ˈʃɛfi] >FG [ˈʃɛ**fr**i][15] ST [ˈʃɛfi~ˈʃɛ**fr**i] ‘chefe’

[14]O caso do verbo dormir é curioso uma vez que essa metátese se atesta também em crioulos de base lexical espanhola e francesa, conforme aponta Jacobs (2012:76).
“The metathesis of the /r/ has affected the incorporation of the Romance verb *dormir* identically in several creoles of different lexifiers: besides PA/SCV *drumi*, we find Papia Kristang *drumí*, Macanés *drumí*, Java Creole *droomi*, Ceylan and Haitian French Creole *dromí*, PLQ *drumí* and ST *dlumi* (Hancock 1975: 226, 227).
Esta é também uma metátese comum em línguas românicas –não crioulas- em particular em ocitano onde *dromir* /druˈmi/ é de uso maioritário em gascão e também é atestado em diversas variedades de lenguadociano (Quint, comunicação pessoal 2018).
[15]Forma atestada por Veiga (1997:75).

2.4.3.2 Grupos pré-nasais

Apesar de, assim como o Santiaguense, o foguense registar correspondentes pré-nasais para todas as consoantes inventariadas, notamos existir nesta variedade uma restrição de ocorrência de algumas delas na posição inicial de palavra.

Por esta razão algumas ocorrências que em santiaguense apresentam articulação pré-nasal são no foguense iniciadas por consoante simples. As ocorrências registadas até agora apresentam sempre sequências com consoantes fricativas ou africadas.

A articulação como consoante simples de consoantes que são pré-nasais em santiaguense pode ser verificada em dois grupos de palavras.

a) palavras onde a articulação pré-nasal tem origem etimológica pela queda da vogal inicial do português

PT [ĩnʒɛˈsãw] FG [ʒeˈsãw] ST [nʃɐˈson] ‘injeção’

PT [ẽnˈsinar] FG [ʃiˈnɐ] ST [ˈnʃinɐ] ‘ensinar’

PT [ẽmbarˈkar] FG [bɐrˈkɐ] ST [ˈmbarkɐ] ‘embarcar’

b) palavras de etimologia africana que em santiaguense ganharam articulação pré-nasal, possivelmente por analogia com as pré-nasais de origem portuguesa, mas que em foguense mantiveram a articulação simples

FG [ʒuˈtu] ST [ˈɲdʒutu] < MDK *jutu* ‘subestimar’

FG [suˈli] ST [ˈnsuli] < MDK *soli* ‘encher (através de uma extremidade estreita)’

2.4.4 Conclusão

A análise diacrónica deixa claro que apesar de apresentar um inventário muito próximo do santiaguense, o foguense apresenta uma série de processos distintos, que demonstram claramente que estas duas variedades seguiram caminhos diferentes no processo de evolução da língua. Esta variedade é singular, sobretudo na dinâmica das consoantes inventariadas em posição interna. É neste contexto que se dá a maioria dos processos que comprovam a singularidade da variedade do Fogo em relação ao santiaguense.

O comportamento das consoantes em posição final, a criação de novos grupos consonânticos e o comportamento das pré-nasais são outros pontos divergentes entre estas duas variedades do cabo-verdiano, e que atestam a singularidade do foguense.

Em algumas áreas, o foguense mostra ter preservado características fonéticas e fonológicas da língua lexificadora -o português- não registadas no santiaguense.

Também no que diz respeito às línguas africanas de substrato, os dados permitem, em vários casos, agrupar o foguense com o casamansês, pondo em realce aspetos linguísticos partilhados que remetem para um estádio mais remoto da língua (o protocrioulo da África

Ocidental ou PCAO (Quint 2000b)) e que trazem novas luzes para os estudos de reconstrução e evolução linguística dentro da família dos crioulos da Alta Guiné.

A tabela a seguir apresenta uma súmula dos processos atestados e sua ocorrência nos demais crioulos portugueses da Alta Guiné, bem como a classificação da sua origem.

Tabela 19. Processos diacrónicos do foguense e sua ocorrência nos demais UPGC

	ORIGEM								
Processo	Língua lex.	Línguas subs	Int.	FG	ST	GB	CS	PA	secção ex.
Presença de fricativas sonoras	x			+	-	-	-	-	2.4.2.2.1.1
consoantes pré-nasais		x		++	+++	+++++	+++++	-	2.4.3.2
Rejeição de ataques vocálicos		x		++	+		++++++		2.4.2.1.1
Manutenção de /s/ antes de vogal /i/	x			+	-	+	+	-	2.4.2.2.1.1
distinção fonológica /r/ vs /rr/	x			+	-	-	-	-	2.4.2.2.1.2
Passagem de /r/ intervocálico a /d/		x		+++	++	+++++	+++++	+	2.4.2.2.2.1
metátese de /r/			x	+		-	-	+	2.4.3.1
Substituição de /l/ por /r/			x	+	-	-	-	-	2.4.2.2.3.1
Queda de /r/ /j/ e /w/ finais			x	+	-	-	-	+ **ex**	2.4.2.3.2

Legenda:

CS	Casamansês	Subs.	língua de substrato
FG	Foguense	+	atestado
GB	Crioulo da Guiné-Bissau	++	atestado com baixa produtividade
Int.	processo interno	+++	atestado com produtividade média

Lex.	língua lexificadora	+++++	atestado com alta produtividade
PA	Papiamento	-	não atestado
ST	Santiaguense		

A tabela apresenta processos diacrónicos, atestados em foguense e a sua ocorrência nos demais crioulos da família linguística. Os processos são classificados com um **X** consoante a origem, em três parâmetros: língua lexificadora, línguas de substratos e motivação interna da língua. Na última coluna é dado o número das secções correspondentes à análise de cada processo, com base em exemplos do meu corpus. O sinal + significa a presença e – a ausência da atestação de um determinado processo. Para alguns traços optámos por uma classificação gradativa, correspondendo o número de + à frequência e produtividade de um dado processo em cada um dos crioulos considerados.

3. Estrutura silábica

3.1 Tipos silábicos atestados

Na variedade foguense identificamos 14 padrões silábicos possíveis, ilustrados nas duas tabelas abaixo[16].

3.1.1 Sílabas abertas

Tabela 20. Sílabas abertas do foguense

Tipo silábico	exemplo	PT
V	[ˈ**ɛ.**rɐ]	'era'
CV	**[ne.**ˈse]	'nascer'
CCV	**[pri.**ˈmer]	'primeiro'
nCCV	**[ngo.**ˈda.nu]	'mimar-nos'
nCV	**[Nte.**ˈrɐ]	'enterrar'

3.1.2 Sílabas fechadas

Tabela 21. Sílabas fechadas do foguense

Tipo silábico	exemplo	PT
CVn	[ɐr.ˈ**mun**]	'irmão/ã'
nCVn	**[ntẽn.**ˈde]	'entender'
Vn	**[ˈũn]**	'um'
CCVn	**[brĩn.**ˈkɐ]	'brincar'
VC	**[es]**	'eles'
CVC	[ɐ.ˈ**rros]**	'arroz'
CCVC	**[**ˈ**krus]**	'cruz'
nCVC	**[nter.**ˈnɐ]	'enternar'

[16] Pela atestação do pronome pessoal dependente de primeira pessoa do singular atestamos no foguense a existência de uma palavra constituída apenas por um som nasal, representado em arquifonema nasal /N/ e, por consequência, correspondendo teoricamente a um tipo silábico C. No entanto, na prática, o item referido é sempre átono e clítico. Portanto, de um ponto de vista fonológico, faz parte integrante da palavra que lhe segue, ou seja, por exemplo em N fikâ [nfiˈkɐ] 'fiquei' analisa-se a estrutura como CCV.CV o que faz com que, na realidade da língua, o pronome N nunca ilustra um tipo silábico C.

CVnC	[ɐr.ˈ**mũns]**	‘irmãos/ãs’

3.2 O padrão foguense: estudo estatístico

Para o estudo estatístico da sílaba no foguense, e tendo em vista a comparação no seio da família linguística dos crioulos da Alta Guiné, usei o método de Omnès (1988, 1990, 1995) também usado para outra variedade do cabo-verdiano, o santiaguense, por Quint (2000) e para o casamansês, por Biagui (2012).

Para este estudo analisei três textos. Dois excertos do meu corpus (de 334 e 537 sílabas) e uma lista de provérbios (de 113 sílabas), também retirados do meu corpus, num total de 984 sílabas (cf. Anexo 2). Os resultados individuais e globais para os três textos estão expressos nas tabelas abaixo.

3.2.1 Prevalência global dos diferentes tipos silábicos em foguense

Tabela 22. Tabela percentual dos tipos silábicos do foguense

Tipo silábico	Número	%
V	46	4,67
CV	697	70,83
CCV	44	4,47
nCCV	4	0,40
nCV	29	2,94
sub total abertas	**820**	**83,33**
CVn	55	5,58
nCVn	10	1,01
Vn	9	0,91
CCVn	1	0,10
sub total Vn	**74**	**7,52**
VC	16	1,62
CVC	64	6,50
CCVC	4	0,40
nCVC	4	0,40
CVnC	1	0,10

sub total VC	**89**	**9,04**
sub total fechadas Vn+VC	**163**	**16,56**
TOTAL	984	**100**

As percentagens expressas pela média dos três textos são reveladoras de aspetos importantes do comportamento da sílaba no foguense.

(i) o padrão **CV** é de longe o mais comum, representando uma média percentual de 70,90. A sua ocorrência dominante tem implicação direta na predominância das sílabas abertas (83%) nesta variedade;

(ii) a ocorrência de sílabas fechadas é baixa (17%). Este resultado é previsível, se levarmos em conta que esta variedade admite apenas 6 consoantes em posição final (cf. Ponto 2.3.3.3) e que mesmo estas sofrem processos que intervêm na sua posição, conforme explicitado no ponto 3.3.3.

(iii) os fonemas consonânticos têm preferência para início de sílaba ou palavra. Os ataques vocálicos têm baixa ocorrência (8%).

Tabela 23. Tabela percentual dos tipos silábicos do foguense em função das ramificações

Número de ramificações	%
1 (V)	5
2 (CV+Vn+VC)	74
3 (CCV+ CVC+ nCV +CVn)	20
4(CCVC+nCCV+CCVn nCVn + CVnC +nCVC)	1
Total	100

A análise dos tipos silábicos do foguense em função das ramificações deixa claro que no foguense as estruturas silábicas com duas ramificações têm grande prevalência. Para este domínio contribui a grande ocorrência de estruturas CV conforme ficou explicitado na tabela 26. A ocorrência de sílabas com mais de três ramificações não ultrapassa 1%, em todos os três textos analisados.

3.2.2 Prevalência do número de sílabas por palavras

O método estatístico aplicado para determinar o padrão silábico permitiu-me determinar também o número médio de sílaba por palavras.

Tabela 24. Número médio de sílabas por palavras no foguense

	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Total palavras	Total sílabas
1 sílaba	132	212	37	381	381
2 sílabas	66	110	21	197	394
3 sílabas	18	27	6	51	153
4sílabas	4	6	4	14	56
Total palavras	220	357	113	643	984
Média sílabas/palavra	984/643 = 1,53				

Estes dados permitem-nos apurar que o número médio de sílabas por palavras no foguense é de 1,53.

Tabela 25. Número médio de sílabas por palavras no foguense %

	Texto 1	Texto 2	Texto 3	**Média**
1 sílaba	60	59	54	**58**
2 sílabas	30	31	31	**31**
3 sílabas	8	8	9	**8**
4sílabas	2	2	6	**3**
Total	100	100	100	**100**

Percentualmente, é clara a homogeneidade dos três textos no que diz respeito à distribuição do número de sílabas por palavras.

- (i) as palavras monossilábicas constituem a maioria, representando 58% do total;

- (ii) palavras com mais de 3 sílabas têm uma frequência muito baixa nesta variedade, representando apenas 11 % do total.

Tabela 26. Número médio de sílabas por palavra acentuada no foguense %

	Texto 1	Texto 2	Texto 3	**Média**
1 sílaba	40	47	34	**40**
2 sílabas	45	42	45	**44**
3 sílabas	12	10	13	**12**
4 sílabas	3	1	8	**4**
Total	100	100	100	**100**

A determinação do número médio de sílabas por palavra muda consideravelmente, se considerarmos apenas as palavras tónicas da língua. A prevalência das monossilábicas cai drasticamente quando se excluem os monossilábicos átonos, como sejam preposições, partículas aspetuais, conjunções e algumas séries de pronomes.

Neste caso, a comparação do número médio de sílabas por palavra acentuada põe em primeiro plano as palavras dissilábicas (44%). No entanto, a diferença percentual de ocorrência das monossilábicas é de apenas 4%, como se pode ver pela tabela, ou seja, entre as palavras acentuadas do foguense, observam-se uma dominação clara das palavras monossilábicas e dissilábicas, com percentagens bastante comparáveis para essas duas categorias.

3.3 Diacronia e comparativismo

3.3.1 Análise comparativa dos tipos silábicos

Tabela 27. Frequência dos tipos silábicos em foguense, santiaguense e casamansês[17]

	CABO VERDE (SOTAVENTO)					CONTINENTE		LEXIFICADOR
	FOGUENSE				ST	CS	GB	PT
Tipo silábico	Texto 1	Texto 2	Texto 3	MEDIA	MEDIA	MEDIA	MEDIA	MEDIA
V	4	5	7	6	2	5	14,80	8,4
c(c)v	82	75	83	78	71	73	65,79	61,8
Vc	0	3	0	1	2	1	5,59	6,8
c(c)vc	14	17	10	14	25	21	13,82	23
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total v + vc	**4**	**8**	**7**	**6**	**4**	**6**	**20,29**	**15,2**
Tot.c(c)v +c(c)vc	**96**	**92**	**93**	**94**	**96**	**94**	**79,01**	**84,8**
Tot.vc+c(c)vc	**14**	**20**	**10**	**15**	**27**	**22**	**19,41**	**29,8**
Tot. v +c(c)v	**86**	**80**	**90**	**85**	**73**	**78**	**80,59**	**70,2**

Legenda:
FG - Foguense
ST - Santiaguense
CS - Casamansês
GB- Bissau-guineense
PT- Português

Numa análise comparativa constata-se que o foguense apresenta maior prevalência de sílabas abertas (85%), em todo a família linguística. A diferença para o santiaguense (73%) é

[17] ST Quint (2000: 37); CS Biagui (2012: 61); GB Biagui (2012: 61), Mbodj (1979 :54); Biagui (2012: 61) ?; PT Omnès (1988 :146).

considerável. Os números do foguense ultrapassam também os crioulos de Casamansa (78%) e Guiné-Bissau (80%).

Esse resultado obriga a uma nova perspetiva comparativa entre os crioulos do continente (CS e GB), tidos até agora como mais fiéis ao padrão **CV** e às sílabas abertas do que o crioulo de Cabo Verde.

Autores como Rougé (1988) e Biagui (2012) consideram a prevalência do padrão CV nos crioulos do continente como um traço de africanidade e do seu contato permanente com outras línguas africanas. De acordo com estes autores o cabo-verdiano apresentaria menor prevalência do padrão CV pela falta de contato com essas mesmas línguas.

Contudo, convém realçar, que até então, no que diz respeito aos crioulos de Cabo Verde, a comparação era feita apenas com base nos números do santiaguense que de facto apresenta menor prevalência de padrão CV quando comparado com o casamansês e o crioulo da Guiné-bissau (cf. Biagui (2012).

O mesmo já não se pode dizer do foguense, que apresenta maior prevalência do padrão CV em toda a família linguística. Tendo em conta que a variedade foguense não está em contato com nenhuma língua africana, consideramos, com base nestes novos dados, que o padrão CV não resulta de uma maior ou menor contato com línguas africanas, podendo antes ser um traço do processo de crioulização que se manteve mais preservado nesta variedade do cabo-verdiano.

No que diz respeito à prevalência do padrão **CV** e das sílabas abertas de uma forma geral, o foguense agrupa-se com os crioulos do continente, distanciando do santiaguense.

3.3.2 Análise comparativa do número médio de sílabas por palavras

Tabela 28. Número médio de sílabas por palavras no foguense, santiaguense e casamansês[18]

	Foguense				ST	CS
	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Média	Média	Média
1 sílaba	60	59	54	**58**	**50**	**44**
2 sílabas	30	31	31	**31**	**40**	**43**
3 sílabas	8	8	9	**8**	**8**	**11**
4sílabas	2	2	6	**3**	**2**	**2**
Total	100	100	100	100	100	100

Os resultados mostram que o foguense é a variedade que apresenta maior prevalência de palavras monossilábicas. Neste parâmetro está mais próxima da variedade vizinha, o santiaguense. A diferença para o casamansês é considerável (14%=58%-44%). Ou seja, neste caso temos um contraste ST+FG vs. CS.

O santiaguense e o casamansês apresentam resultados similares (40 e 43%) no que diz respeito à ocorrência das dissilábicas, já o foguense está numa posição mais isolada com 31%. Ou seja, neste caso temos um contraste FG vs. ST + CS.

[18]ST Quint (2000: 38); CS Biagui (2012: 64).

No que diz respeito à ocorrência de palavras de mais de 3 e 4 sílabas as três variedades em comparação, não apresentam grandes variações.

Pode-se assim afirmar que em todas elas as monossilábicas e dissilábicas constituem a esmagadora maioria das palavras da língua e que, no que diz respeito ao número de sílabas, os dados disponíveis não permitem contrastar os crioulos de Cabo Verde com os do continente.

Os dados da tabela 32 apresentam ainda o número médio de sílaba por palavra. Conseguimos apurar que no foguense é de 1,53 (cf. Tabela 28), ligeiramente inferior ao santiaguense 1,61 e ao casamansês 1,67 (Biagui 2012: 335), que têm ambos menos palavras monossilábicas e mais palavras dissilábicas do que o crioulo do Fogo.

3.3.2.1 Influência do acento tónico

Tabela 29. Número médio de sílabas por palavra acentuada no foguense santiaguense e casamansês% [19]

	Foguense				ST	CS
	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Média	Média	Média
1 sílaba	41	47	34	**40**	**21**	**15**
2 sílabas	44	42	45	**44**	**63**	**65**
3 sílabas	12	10	13	**12**	**13**	**17**
4sílabas	3	1	8	**4**	**3**	**3**
Total	100	100	100	100	100	100

Os dados mostram que, quando se tem em conta o fator acentuação para a determinação da prevalência do número de sílabas por palavras, para o foguense, a diferença de ocorrência entre as monossilábicas (40%) e as dissilábicas (44%) não é tão significativa como para o santiaguense e o casamansês, que apresentam uma diferença percentual de mais de 40% entre a ocorrência de palavras dos dois padrões silábicos. Neste caso, ocorre o seguinte contraste: FG vs. ST + CS.

3.3.3 Processos fonéticos que intervêm na regularização silábica para o padrão CV

Como ficou explicitado no ponto 3.2.1, o foguense mostra-se uma língua de padrão CV dominante. Contudo, se por um lado pode-se considerar que neste traço não difere do santiaguense, convém realçar que o foguense leva esta obrigatoriedade mais ao extremo, resultando numa ocorrência maior deste padrão.

Vários processos fonológicos afetando as consoantes admitidas em posição final, não atestados no santiaguense, estão em curso nesta variedade, demonstrando uma tendência constante à regularização das palavras/sílabas da língua para o padrão **CV**.

Este processo de mudança atua em duas direções, sendo possível observar processo de supressão de consoantes e de adição de vogais.

[19]Quint (2000: 39); Biagui (2012: 65).

3.3.3.1 Processo de apagamento

(i) Apagamento de consonantes finais

a) Apagamento opcional de semi-consoantes finais

FG [ˈfr**i**] CCV ~ [ˈfr**iw**] CCVC	ST [ˈfr**iw**]	‘frio’
FG [kreˈtʃ**e**] CCV. CV~[kreˈtʃ**ew**] CCV.CVC	ST [kreˈtʃ**ew**]	‘ser amado (n.)’
FG [ˈm**a**] CV ~ [ˈm**aj**] CVC	ST [ˈm**ɐj**]	‘mãe’
FG [ˈp**a**] CV ~ [ˈp**aj**] CVC	ST [ˈp**ɐj**]	‘pai’

Este processo transforma sílabas com coda fechada pelas semiconsoantes /w/e /j/, de estrutura complexa (com três ramificações) CCV em sílabas abertas de estrutura mais simples (de duas ramificações) CV.

Os exemplos mostram tratar-se de um processo em curso na língua, tendo em conta a ocorrência de variantes com e sem as semiconsoantes finais, conforme se pode ver mais acima.

b) Apagamento da vibrante simples alveolar /r/ final

FG [ˈmudʒ**e**] CV.CV	ST [muˈdʒ**er**] CV.CVC	< PT ‘mulh**er**’
FG [ˈkudʒ**e**] CV.CV	ST [kuˈdʒ**er**] CV.CVC	< PT ‘colh**er**’
FG [ˈkatʃ**o**] CV.CV	ST [kɐˈtʃ**or**] CV.CVC	< PT ‘cach**orr**o’

Este processo transforma sílabas com coda fechada pela consoante alveolar /r/ de estrutura CVC, em sílabas abertas, de estrutura CV. A queda da consoante final favorece por sua vez a mudança acentual das palavras conforme podemos ver pelos exemplos do foguense (FG). Sem a presença da consoante final que retinha o acento, este avança para a penúltima sílaba (para responder ao cânone silábico acentual /'CVCV/ visto em 3.2.1), tornando as palavras afetadas paroxítonas.

(ii) simplificação de grupos consonânticos

Além do apagamento de consoantes em posição de coda, o processo afeta também consoantes em posição de ataque ramificado em grupos consonânticos, transformando estruturas **CCV** em **CV**. Este processo ocorre principalmente em posição inicial de palavra e pode afetar:

a) a segunda consoante do grupo

FG [**s**iˈɐ] CV.V	ST [ˈ**sp**jɐ] CCCV	< PT ‘espiar/olhar’

FG [seˈrɐ] CV.CV ST [ˈ**sp**ɛrɐ][20] CCV.CV < PT ‘esperar’

Os exemplos mostram a anulação de um grupo consonântico pela supressão da consoante /p/, quando ocupa a posição de segundo elemento do grupo /sp/. Como resultado do processo, a fricativa /s/ passa a ser a única consoante a ocupar a posição de ataque silábico, resultando numa estrutura silábica simplificada (CV).

b) a primeira consoante do grupo (em articulações pré-nasalisadas)

FG [ʒeˈsãw] CV.CVC ST [**nʃ**ɐˈsoᵑ] nCV.CVC < PT ‘injeção’

FG [ʃiˈnɐ] CV.CV ST [ˈ**nʃ**inɐ] nCV.CV < PT ‘ensinar’

Os exemplos mostram a anulação de grupo consonânticos do tipo /~C/ pela queda do traço da nasalidade. Este processo resulta na articulação simples de consoantes que têm articulação pré-nasalizadas em santiaguense. Desta forma passa-se de uma estrutura silábica CCV para CV.

3.3.3.2 Processos de adição de uma vogal

(i) Adição da vogal /u/

FG [vɐˈpo**ru**] CV. CV.CV	ST[vɐˈpo**r**] CV. CVC	< PT ‘vapo**r**’
FG [ɐˈmo**ru**] V. CV.CV	ST [ɐˈmo**r**] V. CVC	< PT ‘amo**r**’
FG [kɐˈlo**ru**] CV. CV.CV	ST [kɐlo**r**] CV. CVC	< PT ‘calo**r**’
FG[kõNʒelɐˈd**oru**] CVn. CV. CV.CV.CV	ST[kõNʒelɐˈd**or**] CVn.CV.CV.CV.CVC	PT ‘congelad**or**’

Esses exemplos mostram que para permitir a manutenção da consoante /r/ final etimológica os falantes recorrem a uma vogal de suporte /u/.

Assim como em 3.3.3.1 (ii) passa-se de uma estrutura silábica complexa CVC para uma estrutura simples CV, evitando a ocorrência do /r/ final. Este processo tem a particularidade de acrescentar uma sílaba extra às palavras como resultado da adição da vogal.

Do ponto de visto da história da língua, a existência de dois processos diferentes a afetar o /r/ final (supressão em [ˈmuʤ**e**] e adição de vogal em [kɐˈlo**ru**]), para atingir o mesmo objetivo de regularização do padrão silábico pode ser explicada por uma diferença cronológica de início dos dois processos.

Podemos postular que as palavras que apresentam a vogal de suporte entraram geralmente na língua numa fase posterior, quando o processo de apagamento do /r/ final (ilustrado mais acima em 3.3.3.1 (i) b) já não estava produtivo, obrigando a recorrera uma outra estratégia.

[20]Em santiaguense baseletal e no casamansês ocorre um processo semelhante, sendo que se suprime a primeira consoante do grupo, resultando na ocorrência [ˈ**p**ɛrɐ] (ST) e [peˈra] (CS).

Uma hipótese que podemos reforçar através de uma análise lexical das palavras afetadas, que referem, de uma forma geral, realidades, objetos ou elementos mais recentes do ponto de vista das tradições e vivências do povo cabo-verdiano.

[vɐˈpo**ru**] ‘vapo**r**’

[kõNʒelɐˈd**oru**] ‘congelad**or**’

Ocorrências aparentemente contraditórias, como [kɐˈlo**ru**] ‘calo**r**’, por se referirem a realidades sempre presentes na vida das populações, podem ser resultado de uma convergência morfológica mais tardia, por analogia.

(ii) Adição da vogal /e/

FG [leˈ**re**] ST [ˈl**e_**] CV < PT ‘le**r**’

FG [seˈr**e**bɐ] ST [ˈse**r_**bɐ] CV < PT ‘seria’

Nos exemplos acima apresentados, assim como acontece com a inserção da vogal /u/, passa-se de uma estrutura silábica complexa CVC, para uma estrutura simples CV, recorrendo-se à inserção da vogal /e/.

Este processo permite-nos reconstruir parcialmente a evolução das formas verbais *ler* e *ser*.

Em sincronia, o foguense apresenta a forma [leˈ**re**] (com adição da vogal /e/ final) o que parece ser uma evidência de que a primeira forma a entrar nesta variedade conservava o /r/ final infinitivo do português.

No caso do verbo *ser*, não se atesta em sincronia a ocorrência de uma forma livre *ser**e**. A realização em sincronia é [ˈser]. No entanto, é a forma do passado [seˈr**e**bɐ] que nos revela a existência em algum momento da língua da forma de base com /e/ final.

A inserção da vogal /e/ permite também a regularização do padrão silábico das palavras afetadas. Passam de monossilábicas a dissilábicas[21], o padrão preferencial da língua (cf. Tabela 27 ponto 3.2.1).

3.3.4 Considerações a respeito da análise silábica

Os processos que afetam estruturas **CVC** e para transformá-las em **CV**, tanto pela eliminação de uma consoante como pela adição de uma vogal, parecem colaborar para a percentagem de 78% de sílabas abertas (cf. Tabela 26, ponto 3.2.1) no foguense contra 73 no casamansês e 71 no santiaguense.

Estes dados são reveladores da natureza conservadora do foguense dentro da família dos crioulos da alta Guiné, ultrapassando neste aspeto mesmo o casamansês considerado até agora o mais conservador, o que é explicado por Biagui (2012:63) por este último ser a única variedade desta família que não teve contato contínuo com o português dentro das fronteiras onde a língua é falada.

[21]A forma do passado [se’reba] implica a existência de uma antiga forma de base dissilábica *[se’re].

Este autor considerou, com base em dados do santiaguense, que a língua cabo-verdiana, por estar em contato constante com o português apresenta menos prevalência da estrutura CV, quando comparada ao casamansês.

Contudo os dados do foguense, uma das mais antigas variedades do arquipélago, permitem uma nova análise, segundo a qual se pode considerar a prevalência do padrão CV como um traço de crioulização (simplificação dos padrões silábicos do português) e não apenas uma influência de línguas africanas, conforme explicitado em 3.3.1. De facto, se o domínio do padrão CV se explicasse só pelo substrato africano, então deveria ser o casamancês (falado em contato permanente com vários adstratos mandés e atlânticos) a apresentar a maior percentagem de sílabas CV, o que não é o caso, como acabo de demonstrar.

4. Padrão acentual

O foguense apresenta dois tipos de acentuação. A oxítona (palavras acentuadas na última sílaba) e a paroxítona (palavras acentuadas na penúltima sílaba). A acentuação proparoxítona é inexistente no meu corpus.

Acentuação oxítona

/soNˈbrɐ/ v. ‘prenoitar’

/ɐrˈmuN/ n. ‘irmão’

/kreˈtʃew/ n. ‘pessoa amada’

/goˈsi/ adv. ‘agora’

/pɐdʒiˈgal/ n. ‘campo de sequeiro’

/fuˈrjɐ/ v. ‘atirar’

Acentuação paroxítona

/moˈrrɛdu/v. ‘morrer-PSV’

/ˈkɛnɐ/ n. ‘recipiente grande’

/kriˈabɐ/ v. ‘criar-PASS’

/skerˈderɐ/ adj. ‘canhota’

/dʒiˈberɐ/ n. ‘bolso/algibeira’

/ˈrrodju/ n. ‘sabugo’

Como fica claro pelos exemplos acima, os dois tipos de acentuação encontram-se presentes em todas as classes gramaticais. Contudo é pertinente para a determinação do padrão acentual do foguense, uma análise diferenciada para as categorias verbal e nominal.

Os verbos apresentam acentuação predominantemente oxítona, enquanto os nomes e adjetivos apresentam acentuação predominantemente paroxítona, conforme já foi apontado por Lopes (2014:45).

No entanto, como se pode ver nas seções seguintes, numa análise global pode-se concluir que o foguense é uma língua de padrão acentual maioritariamente paroxítona.

4.1 Análise estatística

Para a análise do padrão acentual recorremos à análise estatística do tipo de acentuação presente em palavras de três textos usados como amostra, num total de 461 palavras, das quais 197 são monossilábicas.

Nesta variedade, assim como no santiaguense (Quint (2000: 39)) e no casamansês (Biagui (2012:65)) consideramos átonas palavras funcionais como sejam preposições, partículas aspetuais, conjunções e algumas séries de pronomes, que foram deixadas, por isso, de fora da análise. De fora da análise ficaram também as monossilábicas tónicas, pela impossibilidade de classificá-las como pertencentes a um ou outro padrão acentual.

4.1.1 Prevalência das paroxítonas

Tabela 30. Prevalência das paroxítonas

Nr sílabas	Tx1 (%)	Tx2 (%)	Tx3 (%)	Media (%)	Nr Plvs
2	70	52	52	58	114
3	89	89	100	93	46
4	67	100	100	89	12
Total	**74**	**61**	**68**	**68**	**172**
C(C)Vx2	73	53	64	63	64

Legenda:
Tx = Texto
Nr Plvs = número de palavras
(%) = percentagem

Os resultados estatísticos mostram que 68% das palavras da língua apresentam uma acentuação paroxítona, com incidência quase total nas palavras plurisilábicas.

Globalmente as trissilábicas e as quadrissilábicas apresentam uma média de aproximativamente 90%de acentuação paroxítona (93% e 89% respetivamente).

A acentuação paroxítona é também dominante em palavras dissilábicas. Contudo neste caso a diferença percentual é menor. As paroxítonas representam 58% e as oxítonas dissilábicas 42%, revelando uma tendência mais equilibrada de distribuição destes dois tipos de acentuação em palavras dissilábicas.

No caso particular das dissilábicas de padrão C(C)Vx2, que representam o padrão silábico preferencial da língua (cf. Pontos 3.2.1/3.2.2), a incidência da acentuação paroxítona é de 63%).

4.1.2 Prevalência das oxítonas

Tabela 31. Prevalência das oxítonas

Nr sílabas	Tx1 (%)	Tx2 (%)	Tx3 (%)	Media (%)	NrPlvs
2	30	48	48	42	83
3	11	11	0	7	5
4	33	0	0	11	1
Total	**26**	**39**	**32**	**32**	**89**
C(C)Vx2	27	47	36	37	38

Legenda:
Tx = Texto
Nr Plvs = número de palavras
(%) = percentagem

Os resultados estatísticos mostram que no que diz respeito às palavras plurissilábicas, a prevalência da acentuação oxítona é maior nas dissilábicas (42%).

No caso particular das dissilábicas de padrão C(C)Vx2 a incidência é ligeiramente menor (37 %) do que para as dissilábicas no geral.

Já em palavras de mais de duas sílabas a prevalência é baixa ou mesmo nula, como se pode verificar nas palavras quadrissilábicas do texto 2 e nas trissilábicas e quadrissilábicas do texto 3. No entanto, para essas categorias, o número de palavras contempladas na amostra é tão reduzido (cinco palavras trisilábicas e uma quadrisilábica) que consideramos o seu valor estatístico nulo.

A acentuação oxítona tem uma prevalência de 32% na língua.

4.1.3 Padrão acentual por categoria gramatical

Para determinar a incidência dos dois padrões acentuais da língua (oxítono e paroxítono) nas diferentes categorias gramaticais, analisei a sua distribuição pelas palavras dissilábicas dos três textos utilizados para o estudo silábico e acentual.

Considerei este conjunto por agruparem a maior parte das palavras acentuadas da língua (cf. Ponto 3.3.2.1) e serem por isso representativas da estrutura tanto silábica como acentual desta variedade.

Tabela 32. Distribuição da acentuação oxítona de acordo com a classe gramatical nas palavras dissilábicas do Foguense

	Texto 1		Texto 2		Texto 3		
Categorias gramaticais	Nr	%	Nr	%	Nr	%	Média %
Verbo	**13**	**57**	**29**	**55**	**6**	**60**	**57**
Nome	6	26	12	23	1	10	20
Pron.	0	0	0	0	1	10	3
Adj.	0	0	0	0	2	20	7
Num.	1	4	0	0	0	0	1
Adv.	3	13	12	23	0	0	12
Total não verbais	**10**	**43**	**24**	**45**	**4**	**40**	**43**
Total geral	**23**	**100**	**53**	**100**	**10**	**100**	**100**

Legenda:
Nr = número
% = percentagem
Pron. = pronome
Adj. = adjetivo
Num. = numeral
Adv. = advérbio

O padrão oxítono é aplicado regularmente aos verbos na forma livre (cf. 6.1). Em todos os três textos analisados, mais de metade das palavras dissilábicas (57%) a apresentar este tipo de acentuação são efetivamente da classe verbal.

Nos restantes 43% encontra-se nomes, adjetivos, advérbios, numerais e pronomes. Os nomes representam 20% das palavras com acentuação oxítona. No total das palavras analisadas nesta classe gramatical, apenas 26% apresenta acentuação oxítona.

Todas elas são palavras excecionais do ponto de vista do cânone silábico da língua (cf. pontos 3.2.1/ 3.2.2), apresentando sílabas finais fechadas por consoantes ou ditongos, que determinam a atração do acento para a última sílaba.

Exemplos:

/monˈtron/ n.P ‘Montrond’

/ɐrˈmun/ n. ‘irmão/ã’

/diˈmas/ adv. ‘demais’

/diˈpos/ adv. ‘depois’

/mɐrˈgos/ adj. ‘amargo’

Tabela 33. Distribuição da acentuação paroxítona de acordo com a classe gramatical nas palavras dissilábicas do Foguense

	Texto 1		Texto 2		Texto 3		
Categorias gramaticais	Nr	%	Nr	%	Nr	%	Média
Verbo	**15**	**34**	**10**	**18**	**1**	**9**	**20**
Nome	13	30	32	56	9	82	56
Adj.	1	2	2	3	0	0	2
Num.	5	11	0	0	0	0	4
Adv.	10	23	13	23	1	9	18
Total não verbais	**29**	**66**	**47**	**82**	**10**	**91**	**80**
Total geral	44	**100**	57	**100**	11	**100**	**100**

80% das dissilábicas paroxítonas analisadas pertencem à categoria não verbal. Os nomes dissilábicos representam 56% das palavras com acentuação paroxítona.

Contrariamente, os verbos representam 20% das palavras paroxítonas. No entanto, ao contrário dos verbos dissilábicos que apresentam acentuação oxítona, as formas verbais paroxítonas são formas com morfemas sufixados e não formas livres.

Ou seja, podemos postular que os verbos do foguense são sempre oxítonos na forma livre e paroxítonos em formas flexionadas. Uma mudança de paradigma acentual verificada nos verbos dissilábicos, que constituem aqui a nossa amostra em análise, mas também extensível a verbos de mais de duas sílabas, sempre que há adição de morfemas sufixados (de voz e tempo ou certos pronomes clíticos: segunda pessoa do singular, primeira pessoa de plural).

[el oˈ**dʒa**ba] ‘tinha visto, vira’ (tempo passado)

[el oˈ**dʒa**du] ‘foi visto’ (voz passiva)

[el oˈ**dʒa**bu] ‘viu-te’ (verbo + O2SG)

[el oˈ**dʒa**nu] ‘viu-nos’ (verbo + O1PL)

Obs: assinalamos a ocorrência na língua de duas formas verbais na forma de base a apresentar acentuação paroxítona, concorrendo com as mesmas formas com acentuação oxítona.

/ˈʃĩnɐ/ ~ /ʃiˈnɐ/ v. ‘ensinar’

/ˈdʒugɐ/ ~ /dʒuˈgɐ/ v. ‘jogar’

Por se tratar de verbos dissilábicos tais ocorrências podem ser o indício de uma mudança linguística na língua (ainda muito incipiente) no sentido de regularizar palavras dissilábicas para o padrão paroxítono, respeitando o cânone silábico e acentual mais frequente na língua conforme já ficou explicitado nos pontos 3.2.1/ 3.2.2 e 4.1.2.

Estes exemplos podem também constituir uma pista explicativa do processo de mudança acentual verbal ocorrido no santiaguense (Quint 2001, 2008b), que pode ter começado pelos verbos dissilábicos e depois ter sido estendido a toda a classe verbal, até se chegar ao paradigma atual, onde a acentuação paroxítona é o padrão para todas as classes gramaticais da língua.

4.2 Análise comparativa

Tabela 34. Prevalência das oxítonas em foguense, santiaguense e casamansês[22]

Nr sílabas	Foguense	Santiaguense	Casamansês
2	42	10	59
3	7	6	30
4	11	0	13
Total	**32**	**9**	**51**
C(C)Vx2	37	1	54

Tabela 35. Prevalência das paroxítonas em foguense, santiaguense e casamansês[23]

Nr silabas	Foguense	Santiaguense	Casamansês
2	58	90	41
3	93	94	65
4	89	100	60
Total	**68**	**91**	**47**
C(C)Vx2	63	99	46

4.2.1 Padrão acentual geral

A análise comparativa dos dados mostra que o foguense apresenta o mesmo inventário de padrões acentuais do santiaguense. Ambas as variedades do cabo-verdiano apresentam apenas dois tipos de acentuação nas amostras consideradas: oxítona e paroxítona. A acentuação paroxítona prevalece nas duas variedades do cabo-verdiano, no entanto há diferenças consideráveis tanto na prevalência percentual de cada uma delas, como na proporção de distribuição.

[22] ST Biagui (2012: 66); CS Biagui (2012: 66).
[23] ST Quint (2000:39); CS Biagui (2012: 67).

O santiaguense apresenta um enorme desfasamento percentual entre os dois padrões acentuais existentes na língua com 91% de acentuação paroxítona, contra 9% de acentuação oxítona (Quint 2000:39).

Já no foguense, a percentagem de 68% de paroxítonas e 32% de oxítonas mostra uma tendência mais equilibrada de coexistência dos dois padrões.

O casamansês apresenta também uma tendência mais equilibrada, dando, no entanto, primazia à acentuação oxítona (51%) sobre a paroxítona (47%), Biagui (2012:67,68).

4.2.2 Padrão acentual das estruturas C(C)Vx2

No que diz respeito ao padrão preferencial para as estruturas C(C)Vx2, nota-se que o foguense é muito mais tolerante quanto à prevalência da acentuação oxítona. Nesta variedade 37% das palavras de padrão C(C)Vx2 são oxítonas.

No Santiaguense, pelo contrário, a quase totalidade (99%) das palavras de padrão C(C)Vx2 são paroxítonas no santiaguense.

No casamansês os valores são mais aproximados, com prevalência, no entanto, para a acentuação oxítona, que afeta 54% das palavras de padrão C(C)Vx2.

Em conclusão, apesar de apresentar o mesmo padrão acentual do santiaguense, o foguense mostra uma tendência mais equilibrada, aproximando-se neste traço do casamansês.

A visível diferença percentual na prevalência do padrão acentual paroxítono nas variedades das ilhas do Fogo e Santiago revela uma diferente evolução acentual nestas duas variedades do cabo-verdiano.

4.2.3 Influência dos verbos para a determinação do padrão acentual

A prevalência da acentuação oxítona na classe verbal é uma das principais diferenças do foguense em relação ao santiaguense, no domínio da acentuação.

Para melhor explicitar a influência da categoria verbo na determinação do padrão acentual da língua recorri à mesma análise apresentada por Biagui (2012:69), para explicar a diferença do padrão acentual entre o casamansês e cabo-verdiano (com base no santiaguense).

O método consiste em recalcular a percentagem de dissilábicas oxítonas e paroxítonas no padrão C(C)Vx2, o padrão preferencial da língua, retirando os verbos da amostra. A tabela seguinte mostra os resultados que obtive para o Foguense.

Tabela 36. Estudo do padrão silábico-acentual das dissilábicas canónicas no foguense

textos	Parox	Ox	Vox	% Vox	N1=(ox-Vox)	N2=(parox+ox-Vox)	% (ox-Vox)	% parox
Texto 1	30	11	11	100	0	30	0	100
Texto 2	25	22	16	73	6	31	19	79
Texto 3	9	5	4	80	1	10	10	90
Total	**64**	**38**	**31**	**80**	**7**	71	**10**	**90**

Legenda:

Parox : Número de paroxítonas

Ox : Número de oxítonas

Vox : Número de verbos oxítonos

%Vox : Percentagem de verbos paroxítonos em relação ao total de oxítonos (ox) = (Vox/ox) x 100

N1=(ox-Vox) : Número de (oxítonos – verbos oxítonos)

N2=(parox+ ox-Vox) : Paroxítonos + (oxítonos – verbos oxítonos) = total das palavras sem os verbos oxítonos (Vox)

% (ox-Vox) : Percentagem de (oxítonos – verbos oxítonos) em relação a N2 = (N1/N2) x 100

% parox : Percentagem de paroxítonos = 100 - % (ox -Vox)

Ao excluir os verbos, a percentagem total das palavras oxítonas diminui drasticamente, passando de32% (cf. Tabela 35) a 10%. Inversamente proporcional, a percentagem de paroxítonas sobe de 68% (cf. Tabela 34) para 90%.

Fica bastante claro que a acentuação verbal é determinante para um maior predomínio da acentuação oxítona no foguense em relação ao santiaguense.

No casamansês os resultados obtidos com este método demonstraram uma prevalência de 83% de paroxítonas contra 17% de oxítonas (cf. Biagui (2012:69)). Resultados similares, que demonstram que a acentuação verbal oxítona é um traço conservador do foguense, partilhado pelo casamansês e pelas demais variedades do cabo-verdiano[24].

Por apresentar o mesmo padrão acentual -paroxítono- tanto para a classe verbal como para a nominal, no santiaguense o mesmo tipo de operação não permite alteração de resultados para o padrão acentual, conforme demonstra Biagui (2012:70).

Por ser o único a não apresentar um padrão diferenciado para a classe verbal e nominal e pela significativa diferença percentual na prevalência dos padrões oxítonos e paroxítonos, o santiaguense demonstra logo um carácter singular no domínio da acentuação, dentro da família linguística dos crioulos da Alta Guiné, enquanto, pelo contrário, o foguense parece corresponder mais ao perfil geral desta família de crioulos.

[24]A prevalência do padrão acentual paroxítona nos verbos em santiaguense é fruto de uma mudança linguística, conforme já foi explicitado por Quint (2001, 2009).

5. Morfologia nominal

O substantivo em foguense não dispõe de forma especial, podendo apresentar vários perfis silábicos (terminados em consoantes ou vogais) e acentuais, preenchendo todos os paradigmas existentes na língua.

pá /ˈpa/ CV ‘pá’

bulí /buˈli/ CV.CV ‘cabaça tradicional’

fidju/ˈfiʤu/ CV.CV ‘filho’

ermun /erˈmuN/ VC.CVC ‘irmão’

kartidja /kɐrˈtiʤɐ/ CV.CV.CV ‘cartilha’

pɐdjigal /pɐdʒiˈgal/ CV.CV.CVC ‘campo de sequeiro’

5.1 Flexão nominal

Nesta secção tratamos das diferentes estratégias de marcação da pluralidade e do género em foguense. Também apresentamos neste capítulo da morfologia vários tipos de estratégias semânticas, apenas no intuito de condensar no mesmo espaço todas as estratégias de marcação, embora não sendo as estratégias apresentadas nos pontos 5.1.1.1, 5.1.2.1 e 5.1.2.3 do domínio da morfologia no sentido estrito.

5.1.1 Marcação de pluralidade

5.1.1.1 Marcação semântica

De uma forma geral a flexão morfológica em número dos nomes é residual no foguense. A pluralidade é marcada por outros elementos semânticos, como sejam os numerais (1) ou quantificadores (2).

(1)

Mi	desdi	nha	nisiu	ê	kel	**dos**	fidju
RD.TOP1SG	CONJ	POSS1SG	início	ser.PRS	DEM	NUM	filho

ki	N	ten (B 05:07)
CONJ	D.S1SG	ter.PFV

‘Eu, desde o meu início, são esses dois filhos que eu tenho’

(2)

N	ten	**munti**	di	ermun	na	Mérka (MM 11:46)
D.S1SG	ter.PFV	muitos	PREP	irmão	PREP	América

‘Tenho muitos irmãos na América’

5.1.1.2 Marcação morfológica

Nos casos em que a pluralidade é marcada morfologicamente ela é realizada com recurso ao morfema de plural ***s*** /s/**.** Na pluralização de nomes terminados em consoante, para evitar encontros consonânticos não admitidos na língua, recorre-se à vogal /u/, que funciona como vogal de suporte para o morfema de plural. O recurso à vogal /u/ no processo de flexão em

número reforça o seu papel de vogal por defeito da língua, que pode ser observado em várias outras áreas da língua (cf. 2.2.2.2.2.2).

5.1.1.2.1 Nomes terminados por vogais

5.1.1.2.1.1 Ocorrências sem mudança acentual

Nos nomes terminados por vogal acrescenta-se simplesmente o morfema de plural ***-s,*** em final de palavra.

Tabela 37. Plural dos nomes terminados em vogal

SG	PT	PL	PT
káza /ˈkazɐ/	‘casa’	kázas /ˈkazɐs/	‘casas’
fidju /ˈfidʒu/	‘filho’	fidjus /fiˈdʒus/	‘filhos’
ómi /ˈɔmi/	‘homem’	ómis /ˈɔmis/	‘homens’

5.1.1.2.1.2 Ocorrências com mudança acentual

Os casos apresentados na tabela 42 também terminam em vogal e formam o plural pela adição do morfema plural *-s*. No entanto estes casos apresentam a mudança acentual da forma de singular paroxítona para a forma de plural que passa a ser oxítona. Esta mudança é consequência da queda da consoante final do português que determina a mudança de paradigma na formação de plural destes nomes: as formas de singular deslocaram o acento dos seus étimos portugueses (cf.3.4.3.1 b)) enquanto as formas de plural mantiveram o acento dos seus étimos portugueses (cf. 5.1.1.3).

Tabela 38. Plural dos nomes terminados em vogal

SG	Étimo português cl.	PL	Étimo português cl.	Significado
múdje /ˈmudʒe/	mulher/muˈʎer/	mudjé**s**/muˈdʒes/	mulheres/muʎeˈris/	‘mulher’
kátxo/ˈkatʃo/	cachorro /kɐˈtʃorru/	katxó**s**/kɐˈtʃos/	cachorros/kɐˈtʃorrus/	‘cão’

5.1.1.2.2 Nomes terminados em consoante

Os nomes terminados em consoante também formam o plural em /s/, sendo que nestes casos recorre-se a uma vogal de suporte (/u/) para o morfema de plural ***-s***.

Tabela 39. Plural dos nomes terminados em consoante

SG	PT	PL	PT
mos/ˈmos/	‘rapaz’	mosus /moˈs**us**/	‘rapazes’
papel/ˈpɐpel/	‘papel’	papelus /pɐˈpel**us**/	‘papeis’

O emprego de /u/ enquanto vogal de suporte para o morfema de plural parece também influenciar, por analogia, uma tendência maior para a o uso de marcas abertas de plural para

palavras, de diferentes classes, que têm etimologicamente a vogal /u/ como vogal final, ou seja a flexão de número parece ser mais comum em palavras terminadas na vogal átona /u/ do que nas terminadas nas restantes vogais da língua (/o/,/ɐ/,/e/, /i/).

Ex.

amigus /ɐˈmig**us**/ *n.* 'amigos'
ánus /ˈan**us**/ *n.* 'anos'
pokus /ˈpok**us**/ *quant.* 'poucos'
rronkus /ˈrroNk**us**/ *quant.* 'muitos'
tántus /ˈtaNt**us**/ *quant.*'tantos'
ténpus /ˈtɛNp**us**/ *n.* 'tempos'

5.1.1.3 Perspetiva comparativa

O foguense apresenta a vogal /u/ como vogal de suporte para a marca do plural dos substantivos com consoante final no singular, à semelhança do casamansês (Biagui 2012: 105)[25],e contrariamente ao santiaguense (Quint 2000:153) e ao bissau-guineense (Biagui 2012: 89) onde a vogal /i/ desempenha a mesma função.

A queda do /r/ final é também responsável pela diferença da formação de plural entre o foguense e o santiaguense.

Itens com a mesma raiz ex.FG [ˈmudʒe] ST [muˈdʒer] < PT [muˈʎer] 'mulher' recorrem a estratégias diferentes de formação de plural nas duas variedades, pela diferente morfologia da coda.

No foguense a forma de singular *múdje* /ˈmudʒe/, resultante da queda do /r/ final, termina em vogal e forma o plural *mudjés* /muˈdʒes/ com a adição do morfema ***s***, seguindo a regra da língua para nomes terminados em vogais.

Já no santiaguense, a manutenção do /r/ final obriga ao recurso a uma vogal de suporte que nesta variedade é /i/ para se formar o plural *mudjeris* /muˈdʒeris/.

Note-se que esta diferente morfologia de coda e sua consequente influência na formação de plural resulta também em diferentes padrões acentuais para as formas de singular e plural nas duas variedades. No foguense a forma singular [ˈmudʒe] tem acentuação paroxítona, divergindo tanto da forma santiaguense [muˈdʒer] como da forma etimológica portuguesa [muˈʎer]. Já a forma de plural do foguense [muˈdʒes], apesar de ter uma morfologia de plural diferente, apresenta o mesmo tipo de acentuação, na última sílaba do radical, das formas de plural correspondentes no santiaguense [mudʒeˈris] e o português [muʎeˈris].

Por outro lado, existem também no Foguense formas de plural divergentes das formas santiaguenses, que apresentam a vogal /u/ antes do morfema de plural /s/, nas quais esta vogal aparece, não como vogal de suporte, mas por já fazer parte da forma singular da palavra, devido a uma estratégia de evitar codas consonânticas.

Tabela 40. Formas de plural divergentes entre Santiago e Fogo

SG	PT	PL	PT

[25]Conferir mais sobre a versatilidade da vogal /u/ no foguense na secção 1.2.2.2.2.2 da fonologia.

FG	ST		FG	ST	
vapo**ru**	vap**or**	‘vapor’	vapor**us**	vapor**is**	‘vapores’
trabadjado**ru**	trabadjad**or**	‘trabalhador’	trabalhador**us**	trabadjado**ris**	‘trabalhadores’

5.1.2 Marcação de género

A marcação de género no foguense dá-se de três formas.

5.1.2.1 Género lexical

O género lexical existe para nomes que designam ou qualificam seres vivos humanos, animais e plantas e pode ser encontrado em pares do tipo:

Tabela 41. Pares de género lexical dos nomes no foguense

F	PT	M	PT
mái/ˈmaj/	‘mãe’	pái/ˈpaj/	‘pai’
múdje /ˈmudʒe/	‘mulher’	ómi /ˈɔmi/	‘homem’
madrinha/mɐˈdriɲɐ/	‘madrinha’	padrinho/pɐˈdriɲu/	‘padrinho’
báka /ˈbakɐ/	‘vaca’	toru /ˈtoru/	‘boi’
kábra/ˈkabrɐ/	‘cabra’	bódi /ˈbɔdi/	‘bode’
galinha /gɐˈliɲɐ/	‘galinha’	gálu /ˈgalu/	‘galo’

5.1.2.2 Género sintético

Na estratégia de construção do género sintético recorre-se às vogais temáticas do português /ɐ/ e /u/ (ou uma forma reduzida /w/ da mesma em ditongos) para formar pares masculino/feminino. Note-se que alguns pares são etimologicamente derivados dos mesmos pares portugueses, embora nem sempre conservando o mesmo significado, como é o caso dos exemplos da primeira linha da tabela 46. Esse mesmo recurso é também usado na língua para dar origem a outros pares que não existem na língua lexificadora, como é o caso dos exemplos da última linha da tabela 46.

Tabela 42. Pares de género sintético dos nomes no foguense

F	PT	M	PT
dóna/ˈdɔnɐ/	‘avó’	donu /ˈdonu/	‘avô’
tia/ˈtiɐ/	‘tia’	tiu /ˈtiw/	‘tio’
pórka/ˈpɔrkɐ/	‘porca’	porku /ˈporku/	‘porco’
prima/ˈprimɐ/	‘prima’	primu/ˈprimu/	‘primo’
kunháda /kuˈɲadɐ/	‘cunhada’	kunhádu /kuˈɲadu/	‘cunhado’
irmána[26] /irˈmanɐ/	‘irmã’	irmãu /irˈmãw/	‘irmão’

[26]O par *irmau* /irˈmaw/ ~ *irmána* /irˈmanɐ/ coexiste na língua, em sincronia com o mesmo grau de produtividade do par *armun femia /armun matxu* (cf. 5.1.2.3 mais abaixo) Os dois pares são igualmente empregues por locutores de diferentes gerações.

5.1.2.3 Género analítico

A expressão de género na estratégia analítica faz recurso aos adjetivos *matxu* /ˈmatʃu/ vs. *femia*/ˈfɛmjɐ/. O seu uso é aplicável a seres vivos em geral: seres humanos, plantas, animais.

Tabela 43. Pares de género analítico dos nomes no foguense

F	PT	M	PT
armun fémia /ɐrˈmuNˈfɛmjɐ/	‘irmã’	armun mátxu /ɐrˈmuNˈmatʃu/	‘irmão’
kátxo fémia /ˈkatʃoˈfɛmjɐ/	‘cadela’	katxo mátxu /ˈkatʃo ˈmatʃu/	‘cão’
papáia fémia[27] /pɐˈpajɐˈfɛmjɐ/	‘papaia feminina’	papaia mátxu /pɐˈpajɐˈmatʃu/	‘papaia masculina’

No que diz respeito aos seres humanos, regista-se também no foguense outra estratégia de construção de género analítico para o feminino, com recurso aos adjetivos *mudje* e *omi*.

(3)

bo ê argen ómi bu
RD.S2SG ser.PRS alguém homem D.S2SG
podê stâ na pórta lója
poder.PFV estar.PFV PREP porta loja
má el ê argen múdje
CONJ RD.S3SG ser.PRS alguém mulher
e ka podê sta la (CL 002 02:21)
ser.PRS NEG poder.PFV estar.PFV ADV.DIST

(4)

Argen múdje ki stâ li na Serkinhu
Alguém mulher REL estar.PFV ADV PREP Cerquinho
ê só mi
ser.PRS ADV RD.S1SG (T CD1 P. 10)
‘Mulher que está aqui no Cerquinho sou só eu’

(5)

El frâ ná anha argen
D.S1SG dizer.PFV ADV INDP.TOP.2SG.RSP.F alguém
múdje d -es óra
mulher PREP DEM hora
pa nha andâ ustántu kaminhu (DV 11:30)
CONJ D.S2SG.RSP.F andar.PFV ADV caminho
‘Ele disse, não, a senhora, uma mulher destas horas para andar tanto caminho’

[27]Esta distinção tipicamente usada para seres humanos e animais, utiliza-se também em crioulo para plantas que apresentam variação sexual, como é o caso da papaia que tem indivíduos femininos e masculinos.

5.1.2.4 Perspetiva comparativa

O foguense apresenta as mesmas estratégias de marcação de género que o santiaguense e os restantes crioulos da mesma família linguística (cf. Quint (2000:154); Biagui (2012:83-87). No entanto essas estratégias resultam, em alguns casos, em pares masculino/feminino diferentes das restantes variedades.

No que diz respeito ao género lexical nota-se que os pares existentes provêm da língua lexificadora. No entanto muitos outros pares cuja existência se atesta no português não foram preservados em crioulo, sendo a marcação de género feita com recurso à estratégia analítica, com os adjetivos *mátxu/fémia* (cf. Tabela 47). Ainda no que diz respeito à estratégia analítica de marcação de género, o foguense regista também o recurso a nomes diferentes (*múdje* 'mulher' que também serve para marcar o feminino dos seres humanos) que reforçam as especificidades desta variedade.

Por outro lado, na estratégia de marcação sintética, o recurso às vogais temáticas /ɐ/ e /u/ da língua lexificadora deu origem a novos pares, como /irˈmãw/ e /irmanɐ/, mostrando que a estratégia continua produtiva na língua e não está presente apenas nos pares preservados do português.

5.2 Morfologia adjetival

O adjetivo qualificativo pode ter vários perfis silábicos podendo apresentar uma, duas, três ou quatro sílabas. No que diz respeito ao padrão acentual pode ser oxítono, paroxítono ou proparoxítono, preenchendo os três paradigmas acentuais existentes na língua. Pode ainda terminar em uma consoante ou nas vogais /a/ /o/ /e/ /i/ /u/.

bon /ˈbon/ CVn 'bom'
fedi /ˈfɛdi/ CV.CV 'mau, fedorento'
múdje /ˈmuʤe/ CV.CV 'mulher'
margós /mɐrˈgɔs/ CVC.CVC 'amargo'
mofinu /moˈfinu/ CV.CV.CV 'mau, de fraca qualidade'
stúpidu /ˈstupidu/ CCV.CV.CV 'estúpido'
rradjadera /rrɐʤɐˈderɐ/ CV.CV.CV.CV 'contente.F'
trabadjad**ô** /trɐbɐʤɐˈdo/ CV.CV.CV .CV 'trabalhador'

5.2.1 Flexão adjetival

Os adjetivos do foguense seguem o mesmo paradigma nominal no que diz respeito à flexão em género e número, por isso optamos por tratá-los como um subcapítulo da morfologia nominal.

5.2.1.1 Flexão em número

A flexão em número dos adjetivos é praticamente inexistente, pelo facto de ela ser também residual na classe dos nomes. No que diz respeito à flexão, esta variedade apresenta um princípio de economia, também presente noutras variedades da mesma família linguística (Quint 2000b:135), permitindo apenas uma marca de flexão no sintagma nominal. Em (6) nota-se que a flexão já está presente no pronome possessivo, que dispõe de formas de plural no inventário da língua (cf. 5.4.2.1), por isso a flexão não é repetida nem no nome, nem no adjetivo.

(6)

El	ten	se-**s**	fidju	so	idukádu (DV 20:53)
D.S3SG	ter.PFV	POSS.SPL3SG-PL	filhos	ADV	ADJ.SG

‘Ele tem os seus filhos todos educados’

Nos casos em que a flexão plural é expressa no adjetivo ela realiza-se através do recurso ao morfema nominal de plural **-s.**

No entanto não é uma construção usual da língua. Em 14 verifica-se que o adjetivo ocorre anteposto ao nome, numa posição normalmente ocupada por adjetivos possessivos ou demonstrativos, que apresentam formas de plural. Esta mesma posição é também a posição por defeito de pronomes indefinidos e numerais, também usados para expressar noções de pluralidade. Assim a flexão do adjetivo nesta posição pode ser considerada como resultado da aplicação do princípio de economia: quando o sintagma nominal é no plural e o adjetivo é o primeiro elemento deste sintagma.

(7)

Ê	un	ómi	ki	ten	so	bon**s**	palávra (DV 23:06)
ser.PRS	IND	homem	REL	ter.PFV	ADV	ADJ.PL	palavra

‘É um homem que tem só boas palavras’

5.2.1.2 Flexão em género

No foguense apenas os adjetivos terminados na vogal átona /u/ ou vogal tónica /o/ permitem flexão em género. Para todas as restantes terminações (vogais /a/ /e/ /i/ e consoantes) a flexão não se aplica.

Tabela 44. Paradigma flexional dos adjetivos consoante a terminação

Terminação	ADJ.M	ADJ.F
/**u**/	(ómi) bedj**u** ‘homem velho’	(múdje) bédj**a** ‘mulher velha’
/ˈo/	(ómi) trabadjad**ô** ‘homem trabalhador’	(múdje) trabadjade**ra** ‘mulher trabalhadeira’
/**i**/	(ómi) póbr**i** ‘homem pobre’	(múdje) póbr**i** ‘mulher pobre’

Para os adjetivos que admitem flexão em género, nota-se o recurso à estratégia de marcação sintética, usando marcas de género provindas do português /ɐ/ e /u/ para formar pares masculino/feminino. Assim como para os nomes, a distinção de género só é aplicável a entidades apresentando o traço +ANIMADO. Alguns pares coincidem com pares etimológicos do português. No entanto, a marcação sintética é também usada na língua crioula para dar origem a outros pares que não existem na língua lexificadora, como é o caso dos dois primeiros exemplos da tabela 49.

Tabela 45. Pares de género sintético dos adjetivos no foguense

F sabida /sɐˈbidɐ/	PT ‘esperta’	M sabidu /sɐˈbidu/	PT ‘esperto’

skerdera /skerˈdeɾɐ/	‘canhota’	skerderu /skerˈderu/	‘canhoto’
bédja /ˈbɛdʒɐ/	‘velha’	bedju /ˈbedʒu/	‘velho’
feia /feˈjɐ/	‘feia’	feiu /feˈju/	‘feio’

5.2.1.3 Concordância adjetival

5.2.1.3.1. Concordância em número

A concordância em número dos adjetivos com os nomes que modificam é quase inexistente. Com explicado em 5.2.1.1, a flexão adjetival de número é residual. No nosso corpus não encontramos ocorrências de concordância em número nome-adjetivo.

5.2.1.3.2 Concordância em género

5.2.1.3.2.1. Concordância com nomes animados

A concordância adjetival apresentada em 5.2.1.2 ocorre apenas com nomes animados. Os adjetivos que apresentam flexão em género apresentam concordância com o nome que modificam.

(8)

N bá skóla, N ben ku nhá kartidjinha,
D.S1SG ir.PFV escola D.S1SG vir.PFV PREP POSS.SPL1SG cartilha.DEM
rradjadera, **faliseda** nha mái frâ si
ADJ.F ADJ.VB.F POSS.SPL1SG mãe dizer.PFV ADV
ami náu, N ka sa po- bu na skóla (V 10:35)
INDP.TOP1SG não D.S1SG NEG estar.PFV pôr.PFV D.O2SG PREP escola
‘Fui à escola, vim com a minha cartilhazinha, contente, a minha falecida mãe disse: eu não, não te vou pôr na escola’

Em (8) vemos a concordância tanto do adjetivo qualificativo *rradjadera* com o sujeito da frase, do sexo feminino, quanto do adjetivo verbal *faliseda* com o sujeito da oração coordenada *nha mai*, também feminino. Ambos os sujeitos denotam nomes animados.

No entanto mesmo nestes casos verificamos, pelas ocorrências do corpus, que esta concordância não é obrigatória.

(9)

Ê mi ki sta li
ser.PRS RD.TOP1SG REL estar.PFV ADV.PROX
Mi ku nhá **irma** k’ -ê más **bedju**
RD.TOP1SG PREP POSS.SPL1SG irmã REL ser.PRS ADV ADJ.N
ki k’ á nun kábu (V 09:20)
REL.S NEG ir.PFV ADV lugar
‘Sou eu que cá estou. Eu e a minha irmã mais velha que não foi a lado nenhum’

5.2.1.3.2.2 Concordância com nomes inanimados

Para os nomes inanimados, mesmos os de etimologia feminina, como nos exemplos abaixo (*kazinha, fésta, prufisãu*), não se verifica a concordância do adjetivo com o nome modificado. Nestes casos o masculino é usado como forma neutra e não há distinção de género.

(10)

Ka tinha argen txê káza poku, **kazinha bedjinhu** (AF 03:11)
NEG ter.PFV pessoas muito casa pouco casa.DIM ADJ-DIM.NTR
‘Não havia muitas pessoas. (Haviam) poucas casas, casinhas velhinhas’

(11)

Nos nos **fésta bedju** era un kazamentu (V 03:47)
RD.TOP1PL POSS.SPL1PL festa ADJ.N ser.PASS IND casamento
‘A nossa festa rija era um casamento’

(12)

Kondutor afinál ê más **mofinu profisãu**
condutor ADV ser.PRS ADV ADJ.N profissão
ki N konsigí na nha vida (D 07:43)
REL D.S1SG conseguir.PFV PREP POSS.SPL1SG vida
‘Condutor é a pior profissão que eu consegui na minha vida’

5.2.1.4 Flexão em grau

5.2.1.4.1 Grau comparativo

5.2.1.4.1.1 Comparativo de superioridade

Os adjetivos do foguense surgem em construções comparativas nos graus de superioridade, igualdade e superlativo. O comparativo de superioridade é expresso com recurso ao advérbio *mas* (< PT mais) que se junta ao adjetivo e à locução conjuntiva *di ki* (< PT *de +que*) ou à conjunção *ki* (< PT *que*). Os exemplos (13, 14) correspondem ambos ao esquema: comparado + más + adjetivo + (di) ki + referente:

(13)

Mundu di bedju éra **más sábi ki** oji (V 07:51)
Mundo PREP antigamente ser.PASS ADV ADJ CONJ hoje
‘O mundo de antigamente era melhor que o de hoje’

(14)

jélu ta kaí **más ártu ki** kel janéla li (03:58)
gelo IPFV cair ADV ADJ CONJ DEM-DIST janela ADV.PROX
LIT. ‘A neve cai mais alta que esta janela aqui’
‘A neve cai a uma altura maior que a desta janela’

Atestamos casos de formação de comparativo de superioridade sem adjetivo (15) com a ocorrência da construção comparativa *mas [ø] di ki*, em que o adjetivo fica subentendido.

(15)

Konxita tenha tilivisãu parki Alidiu
Konxita ter.PFV.PASS televisão CONJ Alirio
éra **más di ki** ningen ki sá na Djeu (N 02:00)
ser.PASS ADV PREP CONJ ninguém CONJ estar.PFV.PASS PREP Djeu
‘A Conchita tinha televisão porque o Alírio era mais (rico) do que qualquer pessoa na aldeia’

Noutras construções o limite da dimensão da comparação é dado por uma oração relativa.

Também atestamos casos de comparativos de superioridade sem referente:

(16)

N	frâ	-l	ta	fikâ	**más**	bunitu (DV 14.05)
D.S1SG	dizer	D.O3SG	IPFV	ficar	ADV	bonito

‘Eu disse-lhe: [isso] ficará mais bonito’

5.2.1.4.1.2 Comparativo de igualdade

O comparativo de igualdade é expresso com recurso às conjunções *sima*, que conta com a variante *suma* (< PT cl. *assim+coma* (Quint 2000:150)) e *simé* (< PT *assim+mesmo*). O advérbio *simé* é frequentemente seguido da conjunção *ma – simé ma*.

(17)

El	ê	trabadjadô	suma	se	pá
RD.S3SG	ser.PRS	trabalhador	CONJ	POSS.SPL3SG	pai

‘Ele é tão trabalhador quanto/como o pai’

De realçar que estas conjunções são as mesmas que ocorrem em orações adverbiais comparativas.

(18)

El	marelâ,	el	fikâ	marelu		
RD.S3SG	amarelar.PFV	RD3.SG	ficar.PFV	amarelo		
sima	bu	odjâ	kel	kuza	la (V 19:08)	
CONJ	D.S2SG	ver.PFV	DEM.DIST	coisa	ADV.DIST	

‘Ela amarelou e ficou amarela como aquela coisa ali’

(19)

Ma	es	ê	ómi	**sime**	ma	nos (AF 06:19)
CONJ	RD.S3PL	ser.PRS	homem	CONJ	CONJ	RDS.2PL

‘Que eles são homens como nós’

(20)

Minis	di	gosí	ka	**sima**	di	bedju (L 07:23)
Crianças	PREP	agora	NEG	CONJ	PREP	antigamente

‘As crianças de agora não são como as (crianças) de antigamente’

5.2.1.4.1.3 Comparativo de inferioridade

Assim como em santiaguense (Quint 2000a:150) nota-se a ausência de uma construção para o comparativo de inferioridade, sendo esta ideia expressa através de uma construção de comparativo de superioridade, com recurso ao adjetivo que expresse a ideia oposta à pretendida (21) ou à negação do comparativo de igualdade (22).

(21)

Mi éra más miodu ki nhá irmána
RD.S1SG ser.PASS ADV ADJ CONJ POSS.SPL1SG irmã
'Eu era mais pequena do que a minha irmã' = 'Eu era menos crescida do que a minha irmã'.

O comparativo de inferioridade pode também ser expresso pela negação da igualdade.

(22)

Kel-li[28] na Mérka ê p-o ba panhâ un
DEM-ADV.PROX PREP América ser.PRS PREP-D.S2SG ir.PFV apanhar.PFV IND
beginha dos três dóla, ka saburóza **sima** di li (ID 05:42)
saco.DIM NUM2 NUM3 dólar NEG ADJ CONJ PREP ADV.PROX
Lit. 'Este na América é para ires apanhar um saquinho dois ou três dólares e não saboroso como o de aqui'

'Isto na América tens de comprar um saquinho por dois ou três dólares e não é tão saboroso como o nosso' = 'é menos saboroso do que o nosso'

5.2.1.4.2 Grau superlativo

5.2.1.4.2.1 Grau superlativo relativo

O grau superlativo também é formado com recurso ao advérbio *mas* (< PT *mais*) que aparece em diversas construções, exemplificadas mais abaixo:

(23) – retomado de 12

Kondutor afinál ê **más** mofinu profisãu
condutor ADV ser.PRS ADV ADJ.N profissão
ki N konsigí na nha vida (D 07:43)
REL D.S1SG conseguir.PFV PREP POSS.SPL1SG vida
'Condutor é a pior profissão que eu consegui na minha vida'

(24)

Era otokáru **más** **bedju** **ki** **ten** (D 16:59)
ser.PASS autocarro ADV velho CONJ ter.PFV
'Era o autocarro mais velho que havia'

Encontramos também nos nossos dados a construção em (29) na qual a repetição do adjetivo é usada como recurso para a expressão do grau superlativo.

(25)

Stadu ta dâ **koitádu** **mas** **koitádu**, ta dâ libru (NN 12:07)
Estado IPFV dar coitado ADV coitado IPFV dar livro
'O Estado dava, aos pobres mais pobres, livros'

[28]O sujeito substituído pelo demonstrativo pode ser *pinta* ST-*pintu* 'feijões', portanto uma forma com desinência átona –a ˈ-/ɐ/mas não animada. A forma feminina do adjetivo pode explicar-se neste caso pelo fenómeno da hipercorreção. Tratando-se de um empréstimo do português (cf. PT *saboroso/a* LCV *sábi)* e tendo o locutor conhecimento de que na língua fonte existe a variação de género poderá ter ido buscar a forma feminina uma vez que o sujeito subentendido pode ser também considerado feminino pelos critérios da mesma língua fonte para o adjetivo emprestado.

5.2.1.4.2.2 Grau superlativo absoluto

O grau superlativo absoluto é expresso com recurso a advérbios que expressam quantidade como *mutu* (< PT muito), *dimás* (< PT demais).

(26)

Mérka ê **mutu** **bonitu** (SJ 03:05)
America ser.PRS ADV ADJ
'A América é muito bonita'

(27)

Mi iá **trakinu** **dimás** (D 01:24)
RD.S1SG ser.PASS traquinas ADV
'Eu era super traquinas'

5.3 Morfologia Derivacional

A derivação na variedade falada na ilha do Fogo recorre a duas estratégias principais. A prefixação e a sufixação. Neste capítulo comparei palavras de base com palavras derivadas do meu corpus de forma a fazer um levantamento exaustivo de todos os afixos encontrados e analisar as suas propriedades de seleção.

5.3.1 Prefixação

Enquanto processo de formação de palavras, a prefixação nominal é pouco produtiva no foguense. Os exemplos que se seguem foram retirados de ocorrências do nosso corpus e ilustram a totalidade dos prefixos encontrados.

5.3.1.1 Prefixos Nominais e adjetivais

5.3.1.1.1 Derivação de substantivo para substantivo (S > S)

prefixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
in- [ĩ]-ˈ	*in*- [ĩ]-ˈ	S →S	não	não

Significado da palavra derivada (PD):

- O contrário da ideia expressa no substantivo

amigu /ɐˈmigu/ 'amigo' > **in**dimigu /**in**diˈmigu/ 'inimigo'

Nesta ocorrência, surge depois do prefixo a consoante dental /d/ que serve de ataque da segunda sílaba, e que ocorre também em Santiaguense e nos crioulos do Continente, deixando pensar que este tratamento remonta ao protocrioulo da África Ocidental. Seja como for, o par *amigu / indimingu* representa um caso de derivação fossilizada, herdado do latim AMICUM/INIMICUM através do Português *amigo/inimigo*.

prefixo[29]	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
dis~diz- [dis~diz]-ˈ	*des*- [diz~dis]-ˈ	S →S	sim	sim

Significado da palavra derivada:

[29]Os prefixos verbais *-dis* (inversivo) e *-ra* (repetitivo) são tratados neste capítulo por se juntarem aos nomes deverbais (*obidénsia, ramónda*). Serão, contudo, tratados em mais detalhe no capítulo da morfologia verbal.

- O contrário da ideia expressa por PB

obidénsia /obiˈdɛNsjɐ/ ‘obediência’ > **diz**obidénsia /**diz**obiˈdɛNsjɐ/ ‘desobediência’

prefixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
-ra [rrɐ]-ˈ	*-re* [rre]-ˈ	S →S	não	não

Significado da palavra derivada:

- Repetição da ação expressa no substantivo

mónda /ˈmɔNdɐ/ ‘monda’ > **rra**mónda /**rrɐ**ˈmɔNdɐ/ ‘segunda monda’

5.3.2 Sufixação

A sufixação mostra-se um processo mais produtivo que a prefixação no foguense. Todos os sufixos atestados no nosso corpus e ilustrados abaixo, apresentam etimologia portuguesa. A produtividade destes sufixos no foguense pode ser atestada:

I) pela sua ocorrência em nomes e adjetivos de etimologia portuguesa, que provavelmente já entraram na língua como palavras derivadas, (cf. PT curioso /ˈkurjozu/ ‘curioso’> /kurjoziˈ**dadi**/ ‘curiosidade’ e FG kuriozu /ˈkurjozu/ ‘curioso’ > kuriozidadi /kurjoziˈ**dadi**/ ‘curiosidade’);

II) pelo recurso a estes mesmos sufixos para derivar novas palavras de radicais/palavras de etimologia africana, ou de radicais/palavras de etimologia inglesa, que são atualmente de uso corrente no foguense. (cf. ING bag/ˈbæg/ ‘saco’ > FG begi /ˈbɛgi/ ‘saco’ > DIM. beginhu /beˈg**iŋu**/ ‘saquinho’).

A possibilidade de derivação de novas palavras, desde que respeitando as restrições de seleção dos sufixos, com atestação de gramaticalidade por parte dos falantes, é também outra evidência da produtividade dos sufixos em sincronia.

5.3.2.1 Sufixos nominais e adjetivais não dimensionais

5.3.2.1.1 Derivação de substantivo para substantivo

sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
-ada -ˈ[adɐ]	*-ada* -ˈ[adɐ]	S →S	não	sim

Significado da palavra derivada:

- Actividade ligada ao uso da palavra de base

rrua /ˈrruɐ/ ‘rua’ > rru**áda** /ˈrrw**adɐ**/ ‘festa na rua/ar livre’

sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
-era -ˈ[erɐ]	*-eira* -ˈ[ejrɐ]	S →S	não	sim

Significado da palavra derivada:

- A planta que origina o fruto do substantivo

aménd**u**a /ɐˈmɛNdwɐ/ ‘amêndoa’ > amendu**era** /ɐmeNˈdw**erɐ**/ ‘amendoeira’

mandióca /mɐNˈdjɔkɐ/ ‘mandioca’ > mandiok**era** / mɐNdjoˈk**erɐ**/ ‘mandioqueira’

mángu /ˈmɐNgu/ ‘manga’ > mang**era** /mɐnˈg**erɐ**/ ‘maNgeira’

5.3.2.1.2 Derivação de adjetivo para substantivo

sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
-u**ra** -ˈ[urɐ]	-u**ra** -ˈ[urɐ]	ADJ→S	sim	sim

Significado da palavra derivada:

- Qualidade da característica expressa pelo adjetivo

ártu /ˈartu/ ‘alto’ > art**ura** /ɐrˈ**turɐ**/ ‘altura’

sábi /ˈsabi/ ‘bom’ > sab**ura** /sɐˈ**burɐ**/ ‘alegria, felicidade’

londji /ˈlõNʤi/ ‘longe’ > londj**ura** /loNˈʤ**urɐ**/ ‘distância’

sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
-idadi -[iˈdadi]	*-idade* -[iˈdadɨ]	ADJ→S	sim	sim

Significado da palavra derivada:

- Qualidade da característica expressa pelo adjetivo

kuriozu / ˈkurjozu/ ‘curioso’ > kurioz**idadi** / kurjoziˈ**dadi**/ ‘curiosidade’

novu /ˈnɔvu/ ‘novo’ > nov**idadi** / noviˈ**dadi**/ ‘novidade’

sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
-eza-ˈ[ɛzɐ]	*-eza*-ˈ[*e*zɐ]	ADJ→S	sim	sim

Significado da palavra derivada:

- Qualidade da característica expressa pelo adjetivo

malkriádu / mɐlkriˈadu/ ‘malcriado’ > malkriad**éza** /mɐlkriɐˈd**ɛzɐ** / ‘malcriação’

5.3.2.1.3 Derivação de verbo para substantivo

sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
-era-ˈ[erɐ]	*-eira* -ˈ[ejrɐ]	V →S	Sim	sim

Significado da palavra derivada:

- Resultado da ação expressa pelo verbo

kansâ /kɐNˈs**ɐ**/ ‘cansar’ > kans**era** /kɐNˈs**erɐ**/ ‘canseira’

sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**

-anti -ˈ[ãti]	*-ante* –ˈ[ɐ̃ti]	v→s	não	sim

Significado da palavra derivada:

- Agente da ação expressa pelo verbo

studâ /stuˈdɐ/ ‘estudar’ > stud**ánti** /stuˈd**a**N**ti**/ ‘estudante’

rrabidâ /rrɐbiˈdɐ/ ‘virar’ > rrabid**ánti** /rrɐbiˈd**a**N**ti**/ ‘comerciante’

bizitâ /biziˈtɐ/ ‘visitar’ > bizit**ánti** /biziˈt**a**N**ti**/ ‘visitante’

sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
-san -ˈ[sɐ̃ᵑ]	*-ção* ˈ[sɐ̃w]	v→s	sim	sim

Significado da palavra derivada:

- Resultado da ação expressa pelo verbo

operâ /opeˈrɐ/ ‘operar’ > opera**san** /operɐˈ**sɐ**N/ ‘operação’

idukâ /iduˈkɐ/ ‘educar’ > iduka**san** /idukɐˈ**sɐ**N/ ‘educação’

sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
-ensia -ˈ[ɛ̃nsjɐ]	*-ência* -ˈ[ẽnsjɐ]	v→s	sim	sim

Significado da palavra derivada:

- Resultado da ação expressa pelo verbo

vivê /viˈve/ ‘viver’ > viv**énsia** /viˈv**ɛ**N**sjɐ**/ ‘vivência’

dizobidesê /dizobideˈse/ ‘desobedecer’ > dizobid**énsia** /dizobiˈd**ɛ**N**sjɐ**/ ‘desobediência’

Sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
-mentu-ˈ[mɛ̃ntu]	*-mento* ˈ[mẽntu]	v→s	sim	sim

Significado da palavra derivada:

- Resultado da ação expressa pelo verbo

kazâ /kaˈzɐ / ‘casar’ > kaza**mentu** / kɐzɐˈ**me**N**tu** / ‘casamento’

dispadisê /dispɐdiˈsê/ ‘espairecer’ > dispadise**mentu** /dispɐdisiˈ**me**N**tu**/ ‘espairecimento’

pensâ /penˈsɐ/ ‘pensar’ > pensa**mentu** /pensɐˈ**me**N**tu**/ ‘pensamento’

kontisê /kontiˈse/ ‘acontecer’ > akontisi**mentu** /ɐkontisiˈ**me**N**tu**/ ‘acontecimento’

5.3.2.1.4 Derivação de substantivo para adjetivo

	Sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
M	**-entu** -ˈ[ẽtu]	*-ento* -ˈ[ẽtu]	S→ADJ	não	sim
F	**-enta** -ˈ[ẽtɐ]	*-enta* -ˈ[ẽtɐ] NA			

Significado da palavra derivada:

- Agente da ação expressa pelo substantivo

gozu /goˈzu/ ‘chacota’ > [30]agoz**entu** /ɐgoˈz**e**N**tu**/ ‘brincalhão’

mokeru /moˈkeru/ ‘bêbado’ > moker**entu** /mokeˈr**e**N**tu**/ ‘bêbado’

	Sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
M	**-eru** -ˈ[eru]	*-eiro* -ˈ[ejru]	N → ADJ V → ADJ	Não	Sim
F	**-era** -ˈ[erɐ]	*-eira* -ˈ[ejrɐ]			

Significado da palavra derivada:

-Agente da ação expressa pelo substantivo

konsedʒu /konˈsedʒu/ ‘conselho’ > konsedʒ**eru** /konseˈdʒ**eru**/ ‘conselheiro’

pédra /ˈpɛdrɐ/ ‘pedra’ > pedr**eru** /peˈdr**eru**/ ‘pedreiro’

baleia /bɐˈlejɐ/ ‘baleia’ > bal**eru** /bɐˈl**eru**/ ‘baleeiro’

pasáji /pɐˈsaʒi/ ‘passagem’ > pasaj**eru** /pɐsɐˈʒ**eru**/ ‘pasageiro’

- Agente da ação expressa pelo verbo

kunpanhâ /kuNpɐˈɲɐ/ ‘acompanhar’ > kunpanh**eru** /kuNpɐˈɲ**eru**/ ‘companheiro’

5.3.2.1.5 Derivação de verbo para adjetivo

Sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
-V$_T$du ˈ-[du]	*-V$_T$do* ˈ-[du]	V →S	Sim	sim

Significado da palavra derivada:

[30] A forma apresenta o sufixo *a*/ɐ/ inicial, que pode ser equiparado analogicamente à vogal que aparece em formas pronominais e adverbiais de tópico cf. TOP1SG-***a****mi*~ RD1SG-*mi*; ADV.PROX.TOP - ***a****li*~ ADV.PROX-*li* .

- Apresentando a qualidade expressa pelo verbo

diskudâ /diskuˈdɐ/ ‘descuidar’ > diskudá**du** /diskuˈd**adu**/ ‘descuidado/irresponsável’

diskunfiâ /diskuNˈfjɐ/ ‘desconfiar’ > diskunfiá**du** /diskuNˈfj**adu**/ ‘desconfiado’

sabê /sɐˈbe/ ‘ saber’ > sabi**du** /sɐˈbi**du**/ ‘esperto’

	Sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
M	**-do** ˈ-[do]	*-dor* -ˈ[dor]	V→ N	sim	sim
F	**-dera** -ˈ[dera]	*-deira* -ˈ[dejrɐ]			

Significado da palavra derivada:

- Agente da ação expressa pelo verbo

diskesê /diskeˈse/ ‘esquecer’ > diskesédo /diskeˈsɛ**do**/ ‘esquecido’

matâ /mɐˈtɐ/ ‘matar’ > matá**do** /mɐˈt**ado**/ ‘matador’

radjâ /rɐˈʤɐ/ ‘ralhar’ > rradjad**era** /rrɐʤɐˈ**derɐ**/ ‘contente/conversadeira’

piskâ /pisˈkɐ/ ‘pescar’ > piská**do** /pisˈka**do**/ ‘pescador’

sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
-doru -ˈ[doru]	*-dor* -ˈ[dor]	V→ADJ	não	Sim

Significado da palavra derivada:

- Agente da ação expressa pelo verbo

operê /opeˈrɐ/ ‘operar’ > opera**doru** /operɐˈ**doru** / ‘cirurgião’

O sufixo -doru- é uma variante mais recente do sufixo -do-, derivando ambos do mesmo étimo português *dor*. Ambos resultam dos diferentes processos de tratamento do /r/ final em foguense, conforme explicitado no ponto 3.3.3.

5.3.2.2 Sufixos nominais e adjetivais dimensionais

5.3.2.2.1 Aumentativos

Para a formação do aumentativo ocorrem os sufixos *on* e *ona*. Estes sufixos juntam-se a nomes e adjetivos para exprimirem a ideia de aumento da natureza ou qualidade expressa.

	Sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
M	**-on** –ˈ[õ^{n}]	*-ão* -ˈ[ɐ̃w]	S→ S	Não	Sim

F	**-ona** –ˈ[ɔnɐ]	*-ona* -ˈ[onɐ]			

Significado da palavra derivada:

a) aumenta o tamanho da entidade expressa pelo substantivo

bóia /ˈbɔjɐ/ ‘garrafa de plástico’ > boi**on** /boˈ**jo**N/ ‘boião’

spiga /ˈspigɐ/ ‘espiga’ > spig**on** /spiˈ**gon**/ ‘espiga de maiores dimensões’

b) aumenta a qualidade expressa pelo adjetivo

mariádu /mɐˈrjadu/ ‘mau’ > mariad**on** /mɐrjɐˈ**don**/ ‘muito mau’

analfabéta /ɐnɐlfɐˈbɛtɐ/ ‘analfabeta’ > analfabet**óna** /ɐnɐlfɐbeˈt**ɔnɐ**/ ‘super/muito analfabeta’

5.3.2.2.2 Diminutivos

O diminutivo é formado no foguense pela adição do sufixo *-inhu-*ˈ/iɲu/ ~ *-inha–*‘/iɲɐ/ que conta também nesta variedade, assim como no português, com a variante *zinhu*/ˈziɲu/~*zinha*/ˈziɲɐ/.

5.3.2.2.2.1 Forma *inhu* (feminino *-inha)*

	Sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
M	**-inhu** -ˈ[ĩɲu]	*-inho* -ˈ[ĩɲu]	S⟶S ADJ⟶ADJ	Não	sim
F	**-inha** -ˈ[ĩɲɐ]	*-inha* -ˈ[ĩɲɐ]			

Significado da palavra derivada:

Diminui o tamanho da entidade expressa pelo substantivo ou a qualidade expressa pelo adjetivo

As formas *–inhu* e *–inha* juntam-se a palavras paroxítonas, cujas vogais finais são átonas e por isso podem ser facilmente descartadas, evitando assim o encontro vocálico entre a vogal da palavra e a vogal /i/ do sufixo.

A forma-*inhu* junta-se a palavras terminadas nas vogais átonas /i/ e /u/, enquanto a forma -*inha* junta-se a palavras terminadas na vogal átona /ɐ/. As palavras terminadas em /e/ e /o/ átonas seguem um paradigma diferente de sufixação do diminutivo (5.3.2.2.2.3).

i) Ocorrências com forma-*inhu*

begi /ˈbɛgi’/ ‘saco’ > beg**inhu** /beˈg**iɲu/** ‘saquinho’
kábu /ˈkabu/ ‘campo’ > kab**inhu** /kɐˈb**iɲu/** ‘lugarzinho’
króki /ˈkrɔki/ ‘contraído’ > krok**inhu** /kroˈk**iɲu/** ‘dobradinho’
pánu /ˈpanu/ ‘pano’ > pan**inhu** /pɐˈn**iɲu/** ‘paninho’
rrádiu /ˈrradju/ ‘rádio’ > rrad**inhu** /rrɐˈd**iɲu/** ‘radiozinho’

sabidu /sɐˈbidu/ ‘crescido’ > sabid**inhu** /sɐˈbid**iɲu**/ ‘espertinho/crescidinho’
sukuru /suˈkuru/ ‘escuro’ > sukur**inhu** /sukuˈr**iɲu/** ‘escurinho’

ii) Ocorrências com forma-*inha*

bunita /buˈnitɐ/ ‘bonita’ > bunit**inha** /buniˈt**iɲɐ/** ‘bunitinha’
káza /ˈkazɐ/ ‘casa’ > kaz**inha** /kɐˈz**iɲɐ/** ‘banquinha’
goiába /goˈjabɐ/ ‘goiaba’ > goiab**inha** /gojɐˈb**iɲɐ/** ‘goiabinha’
kartidja /kɐrˈtidʒɐ/ ‘cartilha’ > kartidj**inha** /kɐrtiˈdʒ**iɲɐ/** ‘cartilhazinha’
rróda /ˈrrɔdɐ/ ‘roda’ > rrod**inha** /rroˈd**iɲɐ/** ‘rodinha’
simentera /simenˈterɐ/ ‘sementeira’ > simenter**inha**/simenteˈr**iɲɐ**/ ‘sementeirazinha’

5.3.2.2.2.2 Forma z*inhu(a)*

	Sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Abstrato**	**Prod.**
M	**-zinhu** -ˈ[ziɲu]	-*zinho* -ˈ[ziɲu]	S⟶S ADJ⟶ADJ	Não	sim
F	**-zinh**a -ˈ[ˈziɲɐ]	-*zinha* ˈ[ziɲɐ]			

Diminui o tamanho da entidade expressa pelo substantivo ou a qualidade expressa pelo adjetivo

A forma *zinhu(a)* ocorre normalmente com palavras terminadas em vogal tónica, em sílaba aberta (*kumê, nabí, nokí*) ou fechada (*arrós, fajan, kaleron, minís*). A forma z*inha* é atestada, mas não se mostra produtiva na língua. Foi atestada no corpus apenas na ocorrência *Fajanzinha* (cf. mais abaixo), um topónimo que apresenta a mesma forma da língua lexificadora, preservando o sufixo etimológico no feminino. Tendo em conta o funcionamento do par *–inhu/–inha* apresentado acima, poder-se-ia supor que *–zinha* substituiria *–zinho* em palavras terminadas na vogal tónica /a/. No entanto tal não se regista. O sufixo *–zinho* cobre todos os contextos de vogal tónica, sem exceção de vogal: de fato, em foguense, só a vogal átona ˈ-[ɐ] é que pode marcar o feminino no sistema morfológico da língua (cf. 5.1.2.2).

iii) Ocorrências com forma *–zinhu* em sílaba aberta

kumê /kuˈme/ CV.CV ‘comida’ > kume**zinhu** /kumeˈ**ziɲu/** ‘comidinha’

nabí /nɐˈbi/ CV.CV ‘navio’ > nabi**zinhu** /nɐbiˈzi**ɲu**/ ‘naviozinho’

nakí /nɒˈki/ CV.CV ‘recipiente’ > naki**zinhu** /nɒkiˈ**ziɲu/** ‘recipientezinho’

pá /ˈpa/ CV ‘pá’ > pa**zinhu** /paˈzi**ɲu**/ ‘pazinha’

iv) Ocorrências com com forma *–zinhu* em sílaba fechada

arrós /ɐˈrros/ CV.CVC ‘arroz’ > arrozinho /ɐrroˈ**ziɲu/** ‘arrozinho’

kaleron /kɐleˈroN/ CV.CV.CVC ‘caldeirão’ > kaleron**zinhu** /kɐleronˈ**ziɲu/** ‘caldeirãozinho’

minis /miˈnis/ CV.CVC ‘meninos’ > mini**zinhu** /miniˈ**ziɲu/** ‘menininhos

v) Ocorrências com forma *–zinha* em sílaba fechada

Fajan /fɐˈjɐn/ CV.CVC ‘Fajã TP.’ > Fajan**zinha** /fɐjɐnˈ**zi**ɲ**ɐ**/ ‘Fajanzinha topónimo’

Como exposto em 5.3.2.2.2.1 nas ocorrências com a forma *inhu/inha* as palavras afetadas sofrem a supressão da vogal. No entanto nos casos em que esta vogal é tónica e por isso mais forte ela se preserva e opta-se pelo sufixo *zinhu/zinha*, evitando (*) encontros vocálicos entre a vogal da palavra de base e a vogal /i/ do sufixo ou (**) encontros entre a sequência /VN/ final (que corresponde foneticamente a uma vogal nasalada /Ṽ/ da palavra de base e a vogal /i/ do sufixo.

Por não interferir com a forma de base da palavra à qual se junta, a forma *zinhu/zinha* tem por vezes uma maior autonomia em relação ao substantivo ou adjetivo sufixado. Biagui (2012:115) discute o estatuto de *siñu* (cognato casamancês de *–zinhu*) enquanto morfema independente no casamansês, afirmando ser um elemento com estatuto intermédio entre a classe dos adjetivos e dos afixos[31]. No foguense as ocorrências encontradas de *–zinhu/zinha* não nos parecem justificar uma classificação como morfema independente, mostrando-se, no entanto, um sufixo com uma maior tendência à autonomização, uma vez que não requer acomodação do radical para sua ocorrência.

5.3.2.2.2.3 O caso de *múdje* e *kátxo*

As palavras terminadas em vogal /e/ e /o/ átonas constituem casos excecionais na aplicação dos sufixos diminutivos.

kúdje /ˈkudʒe/ CV.CV ‘colher’	> kudjerz**inhu** /kudʒerˈz**iɲu**/ ‘colher pequena/ colherzinha’
múdje /ˈmudʒe/ CV.CV ‘mulher’	> mudjerz**inha** /mudʒerˈ**zi**ɲ**ɐ**/ ‘mulher pequena/ mulherzinha’
kátxo /ˈkatʃo/ CV.CV ‘cão’	> katxo**zinhu** /kɐtʃoˈ**zinhu**/ ‘cãozinho /cão pequeno’
kátxo /ˈkatʃo/ CV.CV ‘cão’	> katxo**rrinhu** /kɐtʃoˈ**rrinhu**/ ‘cãozinho’

De acordo com a regra geral da língua, por terminarem em vogal átona seria de esperar que tais palavras formassem o diminutivo com recurso ao sufixo *-inhu*, com queda da vogal da raiz.

múdje *mudjinhu

kátxo *katxinhu

Tais formas são, no entanto, agramaticais na língua. Ao contrário de outros processos morfológicos, como a formação de plural por exemplo, nestes casos o sufixo parece selecionar outra raiz da palavra, a que chamarei de ‘longa’ e que contém o /r/ final etimológico, para formar o diminutivo. Neste caso a raiz considerada termina em sílaba tónica[32] fechada, como os casos em 5.3.2.2.2.2 IV.

---

[31]**"Siñu** n’est pas un adjectif comme **pikininu** et il n’est pas non plus un affixe comme **–iñu**et **-iña** (…) c’est donc un élément qui a un statut intermédiaire entre l’adjectif et l’affixe."
(Siñu não é um adjetivo como pikininu e não é também um afixo como –iñu e -iña (…) é, portanto, um elemento que tem um *status* intermediário entre adjetivo e afixo.) Tradução do autor.

[32]Como a raiz longa não existe independentemente do sufixo diminutivo, é difícil saber se a sua última sílaba deve ser considerada como tónica ou não. No entanto, não atestamos no léxico tradicional do foguense palavras que terminem em sílaba átona com -/r/ final. Por isso parece razoável pensar que a raiz longa tem uma

Tabela 46. Raíz de *múdje* na formação de plural e diminutivo

Sufixo aplicado	Forma de base	Forma derivada
Morfema de plural	múdje /ˈmudʒe/ (raíz curta)	mudjes /muˈdʒes/
Sufixo diminutivo	mudjer /muˈdʒer/ (raíz longa)	mudjerzinha /mudʒerˈziɲɐ/

Apesar de a ocorrência *múdje* > *mudjerz**inha*** ser considerada possível pelos nossos informantes, esta forma de diminutivo, não é, no entanto, usual. Outras estratégias, como o recurso a um adjetivo são usadas para dar a ideia de diminuto. Uma mulher pequena é normalmente referida como:

Un padás di múdje
INDF pedaço PREP mulher
'um pedaço de mulher'

A palavra apresenta ainda outra forma de diminutivo com ocorrência do sufixo *–inha*, sendo neste caso a leitura semântica diferente.

múdje /ˈmudʒe/ CV.CV 'mulher' > mudjerrinha /mudʒeˈrriɲɐ/ 'homossexual (em sentido pejorativo)'

Nota-se, no entanto, que para o diminutivo de *múdje* recorre-se às formas femininas do sufixo, *-inha* e *-zinha*. Tal pode ser uma evidência de que se trata de formas de diminutivo lexicalizadas da língua portuguesa. A escolha do sufixo em /a/ pode também ter como motivação o género intrínseco feminino da palavra, que por ser [+ humano] recebe marca morfológica de género.

cf.

[+ humano]

mudjerzinha /mudʒerˈziɲɐ/ 'mulher pequena/ mulherzinha

Vs.

[- humano]

kudjerzinhu /kudʒerˈziɲu/ 'colher pequena/ colherzinha'

Já a ocorrência *katxozinhu* segue a regra da língua para palavras terminadas em vogal tónica (5.3.2.2.2.2 iii).

katxo /ˈkatʃo/ CV.CV 'cão' > katxo**zinhu** /kɐtʃoˈ**zinhu**/ 'cãozinho'

Contudo, a forma simples da palavra, que confirmámos por diversas vezes junto dos informantes, é paroxítona /ˈkatʃo/. Embora a forma com ocorrência do sufixo *-zinhu* não apresente uma raiz longa como acontece em mudjer > *mudjerzinha,* o item parece ter de certa forma, no processo de formação do diminutivo, guardado "memória" da consoante final

acentuação subjacente oxítona assim como outras palavras que apresentam consoante final ex. [mɐˈɲɐ̃] 'amanhã' [pɐdʒiˈgal] 'campo de sequeiro'.

etimológica /r/ ou da acentuação oxítona que esta coda originava (comportando-se em presença do sufixo como uma palavra terminada em sílaba tónica aberta).

A ocorrência de *katxorrinhu*, por sua vez, parece apontar para a possibilidade de lexicalização da palavra portuguesa.

FG katxorrinhu /kɐtʃoˈ**rrinhu**/ ‘cãozinho’ > PT kachorrinho /kɐʃoˈ**rrinhu**/ ‘cãozinho’

5.3.2.2.2.4 A questão do género

As formas *-inha* e *-zinha*, etimologicamente derivadas das variantes femininas de *–inho* e *–zinho* na língua lexificadora, não podem ser consideradas produtivas no foguense enquanto sufixos diminutivos femininos.

As formas em *-inha* e *–zinha* podem aparecer no foguense:

i) Em formas que apresentam a vogal /ɐ/ quando esta não marca explicitamente o género feminino em crioulo (cf. 5.3.2.2.2.1, 5.3.2.2.2.2)

ii) Em formas lexicalizadas do português e que ficaram na língua com a mesma forma do que os femininos equivalentes na língua portuguesa.

Tabela 47. Formas de diminutivos terminados em /a/ lexicalizadas do português

Forma PT	FON.	DIM.PT	FON.	Forma FG	FON.	DIM.FG	FON.
banca	/ˈbaNk**ɐ**/	banquinha	/bɐNˈk**iɲɐ**/	bánka	/ˈbaNk**ɐ**/	bankinha	/bɐNˈk**iɲɐ**/
tarde	/ˈtard**i**/	tardinha	/tɐrˈd**iɲɐ**/	tárdi	/ˈtɐrd**i**/	tardinha	/tɐrˈd**iɲɐ**/
calça	/ˈkals**ɐ**/	calcinha	/kɐlˈs**iɲɐ**/	kársa	/ˈkars**ɐ**/	karsinha	/kɐrˈs**iɲɐ**/

De realçar que estes itens lexicais apresentam uma semântica mais restrita e têm significado próprio, não designando simplesmente o diminutivo da palavra de base (cf. *banquinha n.* ‘móvel de cabeceira’; *tardinha n.* ‘o início da tarde’; *calcinha n.* ‘roupa interior feminina’).

Em conclusão, a formação de diminutivos em *–inha* e *–zinha* dá origem no foguense a formas foneticamente parecidas às do português mas também a formas que não são encontradas em português e que seguem a regra interna da língua crioula, como o demonstram os dois casos de diminutivos abaixo, em que os sufixos portugueses e crioulos diferem, apesar de que as formas de base das duas línguas sejam muito semelhantes.

Forma PT	FON.	DIM.PT	FON.
sementeira	/simeNˈtejrɐ/	sementeira**zinha**	/simeNteiraˈ**ziɲɐ**/
cartilha	/kɐrˈtiʎɐ/	cartilha**zinha**	/kɐrtiʎɐˈ**ziɲɐ**/

Forma FG	FON.	DIM.FG	FON.
simentera	/simeNˈterɐ/	simenter**inha**	/simeNteˈr**iɲɐ**/
kartidja	/kɐrˈtiʤɐ/	kartidj**inha**	/kɐrtiˈʤ**iɲɐ**/

Assim, embora exista variação de género na forma do sufixo, esta ocorrência está sedimentada em determinados itens e não se mostra produtiva em sincronia, não sendo por isso aplicada para produzir concordância de género entre os nomes e os adjetivos, como se pode ver em (28).

(28)

Ka	tinha	argen	txê				
NEG	ter.PASS	alguém	muito				
káza	poku	kazinha	bedjinhu	di	jorra	na	txon
Casa	pouco	kaza.DIM	velho.DIM	PREP	jorra	PREP	chão
kubridu	ku	padja					
cobrir.ADJ.VB	PREP	palha (AF 03:15)					

A ocorrência em (28) apresenta dois diminutivos seguidos de um nome (*káza*) e um adjetivo (*bedju*) sem que haja concordância. *Káza* parece ter retomado a vogal temática suprimida do radical, formando o diminutivo em *inha*, conforme a regra da língua explicitada em 5.3.2.2.2.1, enquanto *bedju* recorreu à forma masculina que funciona como a forma neutra da língua (já que *káza* em foguense é um substantivo inanimado e não tem género marcado).

5.3.3 Composição

A composição é outro recurso linguístico para a formação de palavras na variedade do Fogo.

5.3.3.1 Construções genitivais

Em composição, a fórmula mais produtiva é uma construção genitival do tipo N1 + N2 ou N1 + *di* + N2 ou N1 +*'l* + N2, sendo *'l* uma variante combinatória de *di* (cf. Quint 2000a: I.1.2.1.). No nosso corpus a formação de compostos genitivais para designar espécies de plantas e animais (5.2.3.1.1) e partes do corpo (5.2.3.1.2) é particularmente expressiva. Nota-se que para a quase totalidade dos exemplos abaixo indicados o foguense recorre a um composto enquanto a língua portuguesa apresenta uma palavra simples como correspondente do mesmo item lexical.

5.3.3.2 Designações para animais ou plantas

kuza di ngran	'leguminosas'	(< *kuza* 'coisa' + *di* 'de' + *ngran* 'grão')
bóbra-kanéla	'abóbora esp.'	(< *bobra* 'abóbora' + *di* 'de' +*kanela* 'canela')
fijon-figera	'feijão esp.'	(< *fijon* 'feijão' + *di* 'de' +*figera* 'figueira')
uba-kátxo	'planta silvestre esp.'	(< *uba* 'uva' + *di* 'de' +*kátxo* 'cachoro')
uba-prera	'planta silvestre esp.'	(< *uba* 'uva' + *di* 'de' +*prera* 'pereira')
fror di frera	'planta silvestre esp.'	(< *fror* 'flor' + *di* 'de' +*frera* 'freira')
galinha -Giné	'galinha do mato'	(< *galinha* 'galinha' + *di* 'de' +*giné* 'guiné')

5.2.3.3 Partes do corpo

Pe di baxu	'sola do pé'	(< *pe* 'pé' + *di* 'de' + *baxu* 'baixo')
Pe di trás	'calcanhar'	(< *pe* 'pé' + *di* 'de' +*trás* 'trás')
Róta di pe	'calcanhar'	(< *rota* 'rota' + *di* 'de' + *pe* 'pé')

Odju pé	‘artelho’	(< *odju* ‘olho’ + *pe* ‘pé’)
Gran d’odju	‘olho SG’	(< *gran* ‘grão’+ *di* ‘de’ +*odju* ‘olho’)
Kabel d’odju	‘pálpebra’	(< *kabel* ‘cabelo’ + *di* ‘de’ +*odju* ‘olho’)
Denti d’odju	‘dente de leite’	(< *denti* ‘dente’ + *di* ‘de’ +*odju* ‘olho’)
Denti pilon	‘molares’	(< *denti* ‘dente’ + *pilon* ‘pilão’)
Máma kadera	‘nádegas’	(< *mama* ‘mama’ +*kadera* ‘cadeira’)
Korpu múdje	‘vagina’	(< *korpu* ‘corpo’ +*múdje* ‘mulher’)
Biku máma	‘mamilos’	(< *biku* ‘bico’ +*mama* ‘mama’)

5.2.3.4 Outros casos observados

Ndjarga’l prátu	‘laterais do prato’	(< *ndjarga* ‘ilharga’ + *di* ‘de’ +*prátu* ‘prato’)
mariasan di kabésa	‘tontura’	(< *mariasan* ‘mareação’ + *di* ‘de’ +*kabésa* ‘cabeça’)

5.4 Pronomes

5.4.1 Pronomes pessoais

O foguense dispõe de pronomes pessoais, agrupados num sistema de 8 pessoas e duas séries: dependentes e independentes.

5.4.1.1 Formas independentes

Tabela 48. Pronomes pessoais independentes

Pessoa gramatical	Forma extensa	Forma reduzida
1ªsingular	ami /ɐˈmi/	mi /mi/
2ªsingular	abo/ɐˈbo/	bo/ˈbo/
2ªsing (formal m.)	anho /ɐˈɲo/	nho /ˈɲo/
2ªsing (formal f.)	anha /ɐˈɲɐ/	nha /ˈɲɐ/
3ª sing	ael /ɐˈel/	el /ˈel/
1ªplural	anos /ɐˈnos/	nos /ˈnos/
2ªplural	anhos /ɐˈɲos/	nhos /ˈɲos/
3ªplural	aes /ɐˈes/	es /ˈes/

As formas independentes caracterizam-se por terem acento próprio e ocorrerem de forma autónoma no enunciado, constituindo por si só uma palavra fonológica.

Apresentam duas formas. Uma forma mais extensa (com a partícula /ɐ/ inicial) e outra forma, mais reduzida, conforme ilustrado na tabela 52.

5.4.1.1.1 Usos principais

5.4.1.1.1.1 Tópico

Neste caso, as formas independentes aparecem sempre em início de enunciado, em contextos de topicalização e, sempre seguidas das formas átonas.

(29)

Ami	ê	li	ki	N	nesê (N00:21)

INDP.TOP1SG ser.PRS.FOC1 ADV FOC2.S D.S1SG nascer.PFV
‘Eu, foi aqui que nasci’

(30)

Mi	N	ta	mora-ba	ku	nhá	mái (V 01:38)
RD.TOP1SG	D.S1SG	IPFV	morar-PASS	PREP	POSS.SPL1SG	mãe

‘Eu Morava com a minha mãe’

5.4.1.1.1.2 Ocorrência com verbo *ser*

As formas independentes extensas e reduzidas são as únicas admitidas na posição de sujeito para as formas *ê* (presente) e *éra* (passado) do verbo *ser* ‘ser’ (contrariamente a outros verbos que selecionam as formas dependentes nesta posição (cf. 5.4.1.2.1)).

(31)

Mi	ê	un	gáju	trabadjador
RD.S1SG	ser.PRS	IND	gajo	trabalhador

‘Sou um rapaz trabalhador’

5.4.1.1.1.3 Ocorrência com formas clíticas (passado, passivo e posição de segundo objeto)

As formas independentes são também as formas selecionadas na posição de objeto por verbos com morfemas verbais, como o sufixo de passado /ba/ ou de passivo /du/ e na posição de segundo objeto, em conjugações com objeto duplo. Nestas ocorrências apenas as formas reduzidas são admitidas.

Tabela 49. Paradigma de passado do verbo *dexa* ‘deixar’

Exemplo	Transcrição fonológica	Tradução
El dixá-ba mi	/el diˈʃabɐ ˈmi/	‘ele deixara-me’
El dixá-ba bo	/el diˈʃabɐ ˈbo/	‘ele deixara-te’
El dixá-ba el	/el diˈʃabɐ ˈel/	‘ele deixara-lhe’
El dixá-ba nho	/el diˈʃabɐ ˈɲo/	‘ele deixara o senhor’
El dixá-ba nha	/el diˈʃabɐ ˈɲɐ/	‘ele deixara a senhora’
El dixá-ba nos	/el diˈʃabɐ ˈnos/	‘ele deixara-nos’
El dixá-ba nhos	/el diˈʃabɐ ˈɲos/	‘ele deixara-os’
El dixá-ba es	/el diˈʃabɐ ˈes/	‘ele deixara-lhes’

Tabela 50. Paradigma de particípio passado do verbo *da* 'dar'

Exemplo	Transcrição fonológica	Tradução
el dá-du mi	/el ˈdadu ˈmi/	'foi-me dado'
el dá-du bo	/el ˈdadu ˈbo/	'foi-te dado'
el dá-du el	/el ˈdadu ˈel/	'foi-lhe dado'
el dádu nho	/el ˈdadu ˈɲo/	'foi dado ao senhor'
el dá-du nha	/el ˈdadu ˈɲɐ/	'foi dado à senhora'
el dá-du nos	/el ˈdadu ˈnos/	'foi-nos dado'
el dá-du nhos	/el ˈdadu ˈɲos/	'foi-vos dado'
el dá-du es	/el ˈdadu ˈes/	'foi-lhes dado'

Tabela 51. Conjugação com duplo objeto do verbo *mostra* 'mostrar'

Exemplo	Transcrição fonológica	Tradução
el mostrá-m-el	/el mosˈtraˈm**el**/	'ele mostrou-mo'
el mostrá-bu-el	/el mosˈtrabu ˈ**el**/	'ele mostrou-to'
el mostrá-l-el	/el mosˈtralˈ**el**/	'ele mostrou-lho'
el mostrâ nho-el	/el mosˈtrɐ ˈɲo **el**/	Ele mostrou-o ao senhor
el mostrâ nha-el	/el mosˈtrɐ ˈɲɐ **el**/	Ele mostrou-o à senhora
el mostrá-nu-el	/el mosˈtranu ˈ**el**/	'ele mostrou-no-lo'
el mostrâ nhos-el	/el mosˈtrɐˈɲoˈz**el**/	'ele mostrou-vo-lo'
el mostrâ es-el	/el mosˈtrɐˈeˈz**el**/	'ele mostrou-lhos'

Estas ocorrências deixam claro que o Foguense, assim como o Santiaguense (Quint 2004:79) admite apenas um clítico à direita do verbo, selecionando por isso pronomes não clíticos, sempre que já haja um sufixo de passado, de passivo ou um outro pronome na posição enclítica ao verbo.

5.4.1.1.1.4 Ocorrência com preposição

Nas ocorrências com preposição (assim como nas ocorrências com sufixos de verbais de tempo, aspeto e voz), apenas as formas reduzidas são permitidas.

(32)

Ago	dipos	nhá	mái	ben	ku	**mi**
ADV.TOP	ADV	POSS.SPL1SG	mãe	vir.PFV	PREP	RD.OBL1SG

banbudu	na	kósta (V 00:24)
levar-às-costas.ADJ.VB	PREP	costas

Lit. 'agora depois a minha mãe veio com mim às costas'

'Depois a minha mãe trouxe-me ainda bebé'

Na ocorrência com a preposição *ku* a forma de terceira pessoa do singular /el/ conta com a variante *al* [ɐl]: *ku al* /kwal/ ‘com ele/ela’.

As formas independentes extensas e reduzidas dos pronomes pessoais são equivalentes e demonstram comutatividade em diversos contextos. No entanto em certos contextos apenas uma das formas é admitida, conforme ficou exposto nos pontos acima.

Tabela 52. Funções das formas extensas e reduzidas dos pronomes pessoais

Função	Formas extensas	Formas reduzidas
Tópico	+	+
SV. pass e psv	-	+
Sujeito verbo ser	+	+
Sujeito prep.	-	+

5.4.1.1.2 Uso dos pronomes de respeito

A segunda forma do singular apresenta as formas de respeito, *nho* ‘o senhor’ e *nha* ‘a senhora’. Trata-se da única forma de pronome pessoal a apresentar variação em género. Estes pronomes são usados em dois contextos distintos.

i) Uso para com pessoas mais idosas ou de estatuto social/profissional considerado mais elevado;

ii) Uso entre pessoas da mesma idade e pertencentes ao mesmo estrato social, que assinalam desta forma uma relação de respeito mútuo, motivado por relações de amizade ou familiares ou como simples forma de demonstrar elevado apreço e estima pelo interlocutor. Note-se que neste caso as pessoas em questão convivem de forma próxima, fazendo muitas vezes parte da mesma família alargada. O respeito não é motivado pela diferença social ou grau de proximidade, mas antes pelo grau de apreço/amizade.

5.4.1.1.3 Perspetiva comparativa

As formas independentes dos pronomes pessoais do foguense apresentadas neste estudo são equivalentes às do santiaguense, tanto na forma como nos contextos de ocorrência.

No que diz respeito ao inventário dos pronomes pessoais do foguense apresentado por Lopes 2015, há a assinar diferenças na abertura da vogal.

As formas de primeira e segunda pessoas do plural *Nós* e *Nhós* apresentam em Lopes (2015:61) vogais abertas (a julgar pela apresentação do acento gráfico agudo nas vogais), contrastando com as formas apresentadas neste estudo com vogais semifechadas – *nos* /ˈnos/ *nhos* /ˈɲos/.

5.4.1.2 Formas dependentes

As formas dependentes ocorrem normalmente em posição clítica, podendo ser proclítica, na posição de sujeito, ou enclítica, na posição de objeto direto.

5.4.1.2.1 Posição de sujeito

Os pronomes dependentes que ocorrem nesta posição são todos átonos, contrariamente aos pronomes independentes, que são tónicos. Na posição de sujeito, apenas a primeira e segunda pessoas do singular e a primeira do plural apresentam formas dependentes foneticamente diferentes (assinaladas a negrito na tabela 58 das suas correspondentes da série das independentes. Nas restantes pessoas ocorrem formas equivalentes às independentes.

Tabela 53. Pronomes pessoais dependentes-posição sujeito

Pessoa gramatical	Forma
1ªsingular	**n** /~/
2ªsingular	**bu**/bu/, o /o/
2ªsing (formal m.)	nho /ɲo/
2ªsing (formal f.)	nha /ɲɐ/
3ª sing	el /el/
1ªplural	**du**/du/
2ªplural	nhos /ɲos/
3ªplural	es /es/

A segunda pessoa do singular conta com a forma /o/. Esta forma ocorre unicamente em frases complexas, introduzidas pelas preposições *ma* e *pa*. Em consequência da queda do /b/ intervocálico o pronome fica reduzido à vogal que sofre uma mudança no seu grau de abertura.

(33)

Fijon te ki sekâ p’ o ben digudja
Feijão CONJ CONJ secar.PFV COMP’ D.S2SG vir.PFV debulhar.PFV
-l **p’o** **kunsâ** **garda** -l (LD 03:12)
- D.O3SG COMPD.S2SG **fazer.depois**.PFV **guardar**.PFV -D.O3SG
‘O feijão, quando secar, tens de debulhar e só depois guardá-lo’

(34)

N ka **krê**
D.S1SG NEG querer.PFV
[NUC]
p’o kriâ konprimisu ku otu pesoa (DN 09:10)
COMP.D.S2SG criar.PFV compromisso PREP outra pessoa
[COMP]
‘Não quero que assumas compromisso com mais ninguém’

Tabela 54. Conjugação perfectiva do verbo *bai* ‘ir’

Exemplo	Transcrição fonológica	Tradução

N bái	/ˈNbaj/	‘Eu fui’
bu bái	/bu ˈbaj/	‘tu foste’
el bái	/el ˈbaj/	‘ele(a)foi’
nho bái	/ɲo ˈbaj/	‘o senhor foi’
nha bái	/ɲɐˈbaj/	‘a senhora foi’
du bái	/du ˈbaj/	‘nós fomos’
nhos bái	/ɲos ˈbaj/	‘vós fostes’
es bái	/es ˈbaj/	‘eles foram’

5.4.1.2.1.1 Forma de primeira pessoa do plural /du/

A forma da primeira pessoa do plural, sujeito, apresenta no foguense a particularidade da desnasalização da consoante /n/ etimológica (< Port. ***n****ós*). O pronome é realizado nesta variedade /du/, passando a nasal inicial a ter uma realização oclusiva dental.

Este processo parece resultar de uma evolução interna do crioulo do Fogo, mas até onde pudemos constatar, apenas se atesta neste item.

5.4.1.2.1.2 Perspetiva comparativa

A série dos pronomes pessoais sujeito do foguense equivale à do santiaguense. Na série dos dependentes sujeitos há três importantes diferenças a assinalar:

i) A ocorrência da forma de primeira pessoa do plural /**d**u/ no Fogo (ST /**n**u/) descrita acima. A forma em /d/ do foguense não se encontra em nenhum outro crioulo de base portuguesa da África Ocidental.

ii) O uso no foguense da forma /e**l**/ (< Port. *el**e***) para a terceira pessoa do singular. Trata-se dum traço conservador do foguense (manutenção do /l/ do Português) quando comparado com o santiaguense e os crioulos do continente, onde são atestadas as formas reduzidas /e/ para o Santiaguense e /i/ para os crioulos do continente.

iii) A realização com vogal semi-aberta para a forma de respeito da segunda pessoa do singular masculina /ɲo/, contrastando com o santiaguense onde a forma apresenta vogal fechada /ɲu/.

5.4.1.2.2 Posição de objeto

5.4.1.2.2.1. Ocorrências com objeto simples

Na posição de objeto os pronomes pessoais apresentam formas clíticas para as formas do singular (salvo as formas de respeito) e primeira pessoa do plural e formas não clíticas para a segunda pessoa do plural e as formas de respeito (formais) no singular. Na terceira pessoa do plural, observa-se uma alternância entre formas clíticas (cf.5.4.1.1) e não clíticas (cf.5.4.1.2) conforme se pode observar na tabela 59.

Tabela 55. Pronomes pessoais dependentes- posição objeto

Pessoa gramatical	Forma
1ªsingular	**-m** /traço nasal/
2ªsingular	**-bu** /bu/
2ªsing (formal m.)	nho /ˈɲo/
2ªsing (formal f.)	nha /ˈɲɐ/

3ª sing	**-l** /l/
1ªplural	**-nu** /nu/
2ªplural	nhos /ˈɲos/
3ªplural	**s** ~ es /s/ /ˈes/

Tabela 56. Conjugação com objeto direto do verbo *odja* 'ver'

Exemplo	Transcrição fonológica	Tradução
el odjâ-m	/el oˈʤɐN/	'ele viu-me'
el odjá-bu	/el oˈʤabu/	'ele viu-te'
el odjá-l	/el oˈʤal/	'ele viu-o(a)'
el odjâ nho	/el oˈʤɐˈɲo/	'ele viu o senhor'
el odjâ nha	/el oˈʤɐˈɲɐ/	'ele viu a senhora'
el odjá-nu	/el oˈʤanu/	'ele viu-nos'
el odjâ nhos	/el oˈʤɐˈɲos/	'ele viu-vos'
el odjâ es	/el oˈʤɐˈes/	'ele viu-os'

5.4.1.2.2.2 Ocorrências com objeto duplo

Nas ocorrências com objeto duplo, no primeiro objeto, mantém-se a ocorrência de pronomes objetos clíticos para as três pessoas do singular e primeira do plural e de pronomes independentes para a segunda pessoa do plural e as duas pessoas de respeito no singular para a posição de primeiro objeto. A terceira pessoa do plural é sempre não clítica.

Na primeira pessoa do singular regista-se a realização [m] para o primeiro pronome objeto. Na segunda e na terceira pessoas do plural ocorre o vozeamento da fricativa final do primeiro pronome objeto, quando se liga à vogal do pronome do segundo objeto, passando a sua realização de /s/ para /z/.

Tabela 57. Conjugação com duplo objeto do verbo *da* 'dar'

Exemplo	Transcrição fonológica	Tradução
el dâ-m-el	/el dɐˈ**m**el/	'ele deu-mo'
el da-bu-el	/el ˈdabu ˈel/	'ele deu-to'
el da-l-el	/el ˈdalˈel/	'ele deu-lho'
el dâ nho-el	/el ˈdɐˈɲo ˈel/	'ele deu-lho'
el dâ nha-el	/el ˈdɐˈɲɐ ˈel/	'ele deu-lha'
el da-nu-el	/el ˈdanu ˈel/	'ele deu-no-lo'
el dâ nhos-el	/el ˈdɐˈɲoˈ**z**el/	'ele deu-vo-lo'
el dâ es-el	/el ˈdɐˈeˈ**z**el/	'ele deu-lhos'

5.4.1.2.2.3 Comparação com as formas de sujeito

As formas clíticas de objeto apresentam três diferenças fundamentais das suas correspondentes clíticas da posição de sujeito.

i) **Na terceira pessoa do singular** o pronome é reduzido a /l/ (vs. sujeito /**e**l/)

(35)

N	bá	djobe-	**l**
D.S1SG	ir.PFV	ver.PFV	D.O3SG

'Eu fui vê-lo(a)'

ii) **Na primeira pessoa do plural** a forma do pronome apresenta o /n/ etimológico (sujeito /**d**u/)

(36)

El	bá	djobe-	**nu**
D.S3SG	ir.PFV	ver.PFV	D.O1PL

'Ele foi ver-nos'

iii) **Na terceira pessoa do plural** o pronome apresenta duas formas que resultam da restrição de seleção do verbo em causa.

a) O pronome assume a forma clítica /s/, resultante da fusão da vogal do pronome com a vogal do verbo, quando se junta a verbos monossilábicos.

(37)

El	fra-	**s**
D.S3SG	dizer.PFV	D.O3PL

'Ele disse-**lhes**'

b) Já em verbos polissilábicos é dada preferência à forma não clítica do pronome /es/. Esta forma surge mesmo no caso de verbos com vogal temática /e/, onde seria mais expectável a fusão entre a vogal do verbo e a vogal do pronome.

(38)

N	ka	sabê	kuzê	ki	N	fazê	**es (MC 12.05)**
D.S1SG	NEG	saber.PFV	INT	REL	D.S1SG	fazer.PFV	RD.O3PL

Lit. 'Eu não sei o que eu fiz eles'
'Não sei o que lhes fiz'

(39)

Ê	mos	ki	ta	kunpanhâ	**es**(MX 03:01)
ser.PRS.FOC1	rapaz	FOC2.S	IPFV	acompanhar	RD.O3PL

'É o rapaz que os acompanha'

(40)

Nos du bá ta pidí **es** prága (V 06:59)
RD.TOP1PL D.S1PL ir.PFV IPFV pedir RD.O3PL praga
Lit. 'Nós nós fomos a pedir eles praga'
'Fomos-lhes rogando pragas pelo caminho'

A forma *es* é no entanto a mais usada ocorrendo também às vezes com verbos monossilábicos, apesar da restrição apresentada acima[33].

(41)

El frâ e**s**
D.S3SG dizer.PFV RD.O3PL
'Ele disse-**lhes**'

5.4.1.2.2.4 Perspetiva comparativa

Os pronomes pessoais objetos do foguense apresentam três diferenças fundamentais com o santiaguense:

- (i)na ocorrência com duplo objeto na forma de primeira pessoa do singular, a consoante nasal é realizada [m] conforme à sua etimologia (< Port. *–**me*** ou ***m**im*), não sofre palatalização para /ɲ/ em presença das vogais palatais/e/, como ocorre em santiaguense ([e dɐ'**ɲ**el] 'deu-mo/ma'.

- (ii) para a segunda pessoa do singular, a forma plena /bu/ tem sempre prevalência no foguense. No santiaguense, é possível encontrar-se ocorrências de /bu/ no meio rural (Quint 2000: 167) mas a forma reduzida /w/ é claramente dominante.

- (iii) na terceira pessoa do plural, uma forma reduzida /s/ é atestada em foguense, mas é a forma plena /es/ que apresenta maior frequência. No santiaguense, pelo contrário, apenas a forma reduzida /s/ é atestada para a 3ª pessoa do plural.

5.4.2 Pronomes possessivos

O foguense apresenta duas séries de pronomes possessivos. Uma primeira série de formas simples, com 6 pronomes e uma série de formas compostas, com 8 pronomes.

5.4.2.1 Formas simples

O foguense apresenta 6 pronomes possessivos simples, correspondendo às 6 pessoas gramaticais de base do discurso. Para a terceira pessoa, a presença do morfema de plural /s/ é a única diferença entre a forma do singular e a forma do plural. Para as restantes pessoas, o singular e o plural apresentam formas distintas etimologicamente. A variação em género é inexistente.

Apenas a primeira pessoa do singular e as terceiras pessoas do singular e do plural apresentam formas derivadas dos possessivos portugueses. Nas restantes pessoas usam-se formas equivalentes às dos pronomes pessoais (independente para a primeira pessoa do plural,

[33]O mecanismo de seleção da forma não clítica *es* (D.O3PL) com verbos fica ainda por esclarecer.

dependente para a segunda pessoa do singular, dependente ou independente para a segunda pessoa do plural) (cf. Tabela 52 e 57).

De referir que assim como nas restantes variedades de Sotavento (Maiense (Moreira, 2013), Santiaguense (Quint 2000) e Bravense (Baptista 2013)), a série dos pronomes possessivos simples é a única série pronominal que não apresenta no Foguense, formas de respeito para as segundas pessoas masculina e feminina do singular.

Tabela 58. Pronomes possessivos simples em Foguense

Pessoa gramatical	Forma
1ªsingular	nhá/ˈɲa/
2ªsingular	bu /bu/
3ª sing	se /se/
1ªplural	nos /nos/
2ªplural	nhos /ɲos/
3ªplural	ses /ses/

5.4.2.1.1 Uso

As formas simples são as formas por defeito e são empregues sempre antes do nome possuído, com uso adjetival.

Tabela 59. Paradigma possessivo simples de *kaza* 'casa'

Exemplo	Transcrição fonética	Tradução
nhá káza	/ˈɲaˈkazɐ/	'a minha casa'
bu káza	/bu ˈkazɐ/	'a tua casa'
se káza	/se ˈkazɐ/	'a sua casa, a casa dele'
nos káza	/nos ˈkazɐ/	'a nossa casa'
nhos káza	/ɲos ˈkazɐ/	'a vossa casa'
ses káza	/ses ˈkazɐ/	'a sua casa, a casa deles'

5.4.2.1.2 Perspetiva comparativa

As formas simples dos pronomes possessivos do foguense apresentadas neste estudo são equivalentes às do santiaguense, no que diz respeito aos contextos de ocorrência e à forma, com exceção da primeira pessoa do singular *nhá* /ˈɲa/ que consideramos tónica no foguense, característica visível pelo grau de abertura da vogal. Esta forma contrasta também com a forma apresentada por Lopes 2015 para o foguense com vogal semifechada *nha* /ɲɐ/.

De realçar também a forma de terceira pessoa do singular do foguense /se/, que contrasta com a forma mais comum do santiaguense /si/, embora este último também exiba em variedades baseletais a forma /se/.

5.4.2.2 Formas compostas

Tabela 60. Pronomes possessivos compostos em Foguense

Pessoa gramatical	Forma
1ªsingular	di mé /di ˈmɛ/
2ªsingular	di bo /di ˈbo/
2ªsing (formal m.)	di nho /di ˈɲo/
2ªsing (formal f.)	di nha /di ˈɲɐ/
3ª sing	di sel /di ˈsel/
1ªplural	di nos /di ˈnos/
2ªplural	di nhos /di ˈɲos/
3ªplural	di ses /di ˈses/

Tabela 61. Paradigma possessivo composto de *kaza* 'casa'

Exemplo	Transcrição fonética	Tradução
káza di mé	/ˈkazɐ diˈmɛ/	'a minha casa'
káza di bo	/ˈkazɐ diˈbo/	'a tua casa'
káza di nho	/ˈkazɐ diˈɲo/	'a sua casa (do senhor)'
káza di nha	/ˈkazɐ diˈɲɐ/	'a sua casa (da senhora)'
káza di sel	/ˈkazɐ diˈsel/	'a sua casa'
káza di nos	/ˈkazɐ diˈnos/	'a nossa casa'
káza di nhos	/ˈkazɐ diˈɲos/	'a vossa casa'
káza di ses	/ˈkazɐ diˈses/	'a casa deles'

Nas formas compostas surgem mais duas formas de respeito para a segunda pessoa do singular com as correspondentes masculino e feminino, decorrentes das formas formais do pronome pessoal para a terceira pessoa.

As formas compostas resultam da combinação da preposição *di* /di/ 'de' com um elemento possessivo pronominal, expressando a pessoa do possessor. Nas pessoas do plural, este elemento possessivo pronominal tem a mesma forma do que as formas possessivas simples correspondentes (cf. Tabela 65).

Comentário morfológico:

Assim como na série dos pronomes possessivos simples, também nas formas compostas, a primeira pessoa do singular apresenta uma forma original de pronome possessivo (cf. discussão mais abaixo);

- A terceira pessoa do singular apresenta uma forma parcialmente derivada do pronome possessivo simples equivalente [se], com a realização do /l/ também presente no pronome pessoal da mesma pessoa [ˈel] da série de pronomes pessoais independentes, ou seja parece que, dum ponto de vista diacrónico, pode-se propor para o surgimento da forma *sel* o seguinte esquema evolutivo: *se* 'possessivo simples 3SG' X *el* 'pronome pessoal independente 3SG' > *[di] sel* 'possessivo composto 3SG'. A criação da forma *sel* parece ter sido um processo interno à língua cabo-verdiana;

- A terceira pessoa do plural é formalmente idêntica ao pronome possessivo simples equivalente;

- Nas restantes pessoas usam-se formas equivalentes às formas reduzidas dos pronomes pessoais independentes (cf. Tabela 52).

Na primeira pessoa as formas simples e compostas são etimologicamente diferentes. A forma simples *nhá* deriva da forma feminina do pronome possessivo de primeira pessoa do singular do português *minha*, enquanto a forma composta resulta provavelmente da combinação da preposição portuguesa *de* e da forma masculina do pronome possessivo de primeira pessoa do singular –*meu* (Quint 2000:175). O contraste de género em Português terá sido reinterpretado como um contraste entre duas construções sintáticas distintas (cf. Tabela 66).

Tabela 62. Reinterpretação em Foguense do contraste de género das formas possessivas de primeira pessoa do singular do Português

Português		Foguense	
Forma	**Função**	**Forma**	**Função**
meu	masculino	di mé	possessivo composto
minha	Feminino	nhá	possessivo simples

PT *minha* > FG *nhá*

Ex. *nhá kaza* /ˈɲaˈkazɐ/ ‘a minha casa’

PT *de* + *meu* > FG *di mé*

Ex. *kaza di mé* /ˈkazɐdiˈmɛ/ ‘a minha casa’

A forma /di ˈmɛ/ ilustra o processo de queda da semi-consoante final /w/, processo regular nesta variedade, conforme exposto no capítulo da fonologia, no ponto 2.4.2.3.2.

5.4.2.2.1 Uso

5.4.2.2.1.1 Uso adjetival

As formas compostas equivalem às formas simples. Em contexto adjetival surgem sempre depois do nome possuído, com a partícula *di* a introduzir o sintagma possessivo.

(42)

Anteru	**di-nos,**	k’	ê	primu	di	nhá	mái,
N	POSS.CP1PL	REL	-ser.PRS	primo	PREP	POSS.SPL1SG	mãe
oji	el	stâ	na	Mérka (V 13:28)			
Hoje	D.S3SG	estar.PFV	PREP	América			

‘O nosso Antero, que é primo da minha mãe, hoje ele está na América.’

(43)

El	bá	kunprâ	-m	pasáju	**di-mé**
D.S3SG	ir.PFV	comprar.PFV	D.O1SG	passagem	POSS.CP1SG
má	di	nhá	fidju (V 19:31)		
CONJ	PREP	POSS.SPL1SG	filho(a)		

‘Ele foi comprar a minha passagem e a (passagem) da minha filha’

5.4.2.2.1.2 Uso pronominal

As formas compostas têm também uso pronominal, substituindo o nome possuído, em contexto de retoma em oração secundária, conforme ilustrado nos exemplos abaixo.

(44)

Má	nos	ê	irmon	so	di	mái,
CONJ	RD.S1PL	ser.PRS	irmão	ADV	PREP	mãe
pamodi	el	el				
CONJ	RD.TOP3SG	D.S3SG				
ten	**se**	pái	mi	N	ten	**di-mé (**V 09:30**)**
ter.PFV	POSS.SPL3SG	pai	RD.TOP1SG	D.S1SG	ter.PFV	POSS.CP1SG

‘Mas somos apenas irmãos maternos, porque ela tem o seu pai, eu tenho o meu (pai)’

(45)

Du	danâ	di	sinku	mes	prenha
D.S1PL	separar-se.PFV	PREP	NUM.5	mês	grávida
el	el	fikâ	na	**se**	bánda
RD.TOP3SG	D.S3SG	ficar.PFV	PREP	POSS.SPL3SG	lado
mi	N	fikâ	na	**di-mé** (B 08:26)	
RD.TOP1SG	D.S1SG	ficar.PFV	PREP	POSS.CP1SG	

‘Separámo-nos quando eu estava grávida de cinco meses. Ele ficou no seu canto, eu fiquei no meu (canto)’.

5.4.2.2.2 Perspetiva comparativa

As formas compostas dos pronomes possessivos do foguense apresentadas neste estudo são equivalentes às do santiaguense, tanto na forma como nos contextos de ocorrência, exceção feita à forma de primeira pessoa do singular, cuja forma foguense /di ˈmɛ/contrasta com o santiaguense /di ˈmew/.

Assim como para as formas de pronome pessoal (cf. 5.4.1.1.3), no inventário dos pronomes possessivos do foguense de Lopes (2015:63) as formas de primeira e segunda pessoas do plural, derivadas das formas de pronome pessoal *di nós* e *di nhós*, também apresentam diferente natureza vocálica (considerando a apresentação do acento gráfico agudo nas vogais) quando comparadas com as formas apresentadas neste estudo *di nos* /di ˈnos/, *di nhos* /di ˈɲos/. Tanto quanto pudemos atestar no nosso corpus consideramos as vogais tónicas destas formas semifechadas.

Uma melhor caracterização da natureza destas vogais poderá ser conseguida mediante um estudo acústico mais detalhado.

Lopes 2015 apresenta também para a primeira pessoa do singular uma variante da forma composta *di mi*, forma não atestada no nosso corpus.

5.4.3 Demonstrativos

O foguense apresenta duas formas de demonstrativos *es* e *kel*. Na sua ocorrência neutra, as duas formas denotam uma relação espacial bipartida: *Es* =perto, *kel* =longe. Contudo esta relação pode ser alterada com a combinação dos advérbios *li* e *la* para indicar o grau de proximidade.

Tabela 63. Demonstrativos do Foguense (formas simples)

Formas simples		Valor deítico	
Singular	Plural	perto	Longe
kel	kes		+
es		+	

Tabela 64. Demonstrativos do Foguense (formas combinadas)

Formas combinadas		Valor deítico	
Singular	Plural	Perto	Longe
kel-li	kes-li	+	
kel-la	kes-la		+
es-li		+	

5.4.3.1 Tipos de uso

As formas neutras dos demonstrativos, *kel* e *es*, e as formas combinadas com os advérbios *li* e *la (kel-li, kel-la, es-li)* podem ser usadas em co-ocorrência com nomes (uso adjetival) ou autonomamente (uso pronominal).

5.4.3.1.1 Uso adjetival

Na ocorrência adjetival, *kel* e *es* precedem sempre o nome referido.

(46)

Es	tra	-nu	kelo				
D.S3PL	tirar.PFV	D.O1PL	ADV				
es	bá	ku	nos	di	**kel**	bádju (V 6:57)	
D.S3PL	ir.PFV	PREP	RD.S1PL	PREP	DEM.DIST	baile	

‘Tiraram-nos logo e levaram-nos daquele baile’

(47)

El	ta	vive-ba	ku	un	minina	di	Fogu
D.S3SG	IPFV.HAB	viver-PASS	PREP	INDF	menina	PREP	Fogo
es	minina	iá	kazádu	ku	un	badiu (D 17:48)	

DEM.PROX menina ser.PASS casar.ADJ.VB PREP INDF badio
‘Ele vivia com uma rapariga da ilha do Fogo. Esta rapariga era casada com um badio (santiaguense)’

No emprego de formas combinadas com os advérbios *li* e *la*, estes ocorrem depois do nome, dando a referência espacial, e nunca em sequência directa com o pronome demonstrativo.

(48)

Midjor algen ki ta murgudjá
ADV pessoa REL IPFV.HAB mergulhar
na kel kábu -li êra el (MX 01:17)
PREP DEM.DIST lugar ADV.PROX ser.PASS RD.S3SG
‘O melhor mergulhador neste lugar era ele’

(49)

N ka sa trabadjâ más
D.S1SG NEG PROG trabalhar ADV
Ago **es** múdje **-li** ki nos ê kazádu
TOP ADV DEM.PROX mulher ADV.PROX REL.S RD.S1PL ser.PRS casar.ADJ.VB
ki ta trabadjâ (NM 06:29)
FOC.S IPFV.HAB trabalhar
‘Já não trabalho. Agora esta mulher, com quem sou casado é que trabalha’

Além do nome, outros elementos modificadores do sintagma nominal, podem ocorrer entre o adjetivo demonstrativo e o advérbio que dá a referência espacial, como sejam:

i) Advérbios

(50)

Nhá pái tenha bá kel kutélu
POSS.SPL1SG pai ter.PASS ir.PFV DEM.DIST colina
saí la na **kel** kutelu riba **-la** (NM 03:17)
sair.PFV ADV PREP DEM.DIST colina ADV ADV.DIST
‘O meu pai tinha (terrenos) até junto daquela colina. Até ao cimo daquela colina lá em cima’

ii) Relativas

(51)

Más es kriâ dretu **es** dos minis
CONJ D.S3PL criar.PFV bem DEM.PROX NUM2 meninos
ki N ten **-li** (MM 03:33)
REL.O D.S1SG ter.PFV ADV.PROX
‘Mas eles cresceram bem, estes dois filhos que cá tenho’

5.4.3.1.2 Uso pronominal

Quando empregues com uso pronominal, os demonstrativos ocupam a posição de sujeito da oração, podendo retomar um nome já referido ou ter referência própria.

(52)

Má	**kel**	di	bedju,	**kel**	ka	ten	más
CONJ	DEM.DIST	PREP	velho	DEM.DIST	NEG	ter.PFV	ADV
Idukasan	ea	diferenti (B 01:37)					
educação	ser.PASS	diferente					

‘Mas o (=a [coisa]) de antigamente, esse já não existe. A educação era diferente’

(53)

Kántu	N	ben	dja	N	tenha	un	fidju
CONJ	D.S1SG	vir.PFV	PRF	D.S1SG	ter.PASS	NUM2	filho
Ago	**es**		**otu**	ki	N	ben	ten,
TOP.ADV	DEM.PROX		outro	PRON	D.S1SG	vir.PFV	ter.PFV
es	séti,	tudu	ê	li (S 06:43)			
DEM.PROX	NUM7	ADV	ser.PRS	ADV.PROX			

‘Quando vim já tinha um filho. Agora estes outros [filhos] que vim a ter, estes sete, nasceram todos cá’

Nas formas compostas os pronomes demonstrativos e os advérbios *li* e *la* ocorrem em sequência directa.

(54)

El	txa	-m	ku	três	prátu	-kárni
D.S3SG	achar.PFV	D.O1SG	PREP	NUM3	prato	carne
El	fra	-m:				
D.S3SG	dizer.PFV	D.O1SG				
kel	**-li**	ê	ken	ki	manda	-bu?
DEM	-ADV.PROX	ser.PRS	INTR	FOC.S	mandar.PFV	D.O2SG (V 4:41)

‘Ela encontrou-me com três pratos de carne e perguntou-me: Quem mandou estes?’

(55)

Ka	tenha	es	kuza	txeu	di	bibida	
NEG	ter.PASS	DEM.PROX	coisa	ADV	PREP	bebida	
sima	ki	stâ	na	mundu	**kel**	**-la**	ka tenha (V 03:53)
CONJ	CONJ	estar.PFV	PREP	mundo	DEM	-ADV.DIST	NEG ter.PASS

‘Não havia esta coisa de muita bebida, como existe no mundo agora. Aquilo não havia’

(56)

Es	**-li**	N	ta	tuma	-l	di	noti,

DEM -ADV.PROX D.S1SG IPFV.HAB tomar D.O3SG PREP noite
Es -li N ta tuma -l di parmanhan
DEM -ADV.PROX D.S1SG IPFV.HAB tomar D.O3SG PREP manhã
N ta tumâ dos pur dia (B 03:51)
D.S1SG IPFV.HAB tomar NUM2 PREP dia
'Este tomo à noite, este tomo de manhã. Tomo dois por dia [medicamentos]'

5.4.3.2 Referência temporal

Além do sentido primário de referência espacial, os demonstrativos ***es*** e ***kel*** denotam também no foguense uma dicotomia temporal. A noção de proximidade continua a ser expressa através de uma referência temporal, onde es=perto (no tempo) e kel = longe (no tempo), como se pode observar em (58) e (59).

(58)

El bá kel skóla di nalfabétu
D.S3SG ir.PFV DEM.DIST escola PREP alfabetização
'Ele foi **às** aulas de alfabetização[que se organizavam antigamente]'

(59)

zingi ê kel láta ártu, ê ka sima **es**
zingi ser.PRS DEM.DIST lata alto ser.PRS NEG CONJ DEM.PROX
bárdi di oji sima boion marélu ki tenha (S 09:21)
balde PREP ADV CONJ boião amarelo REL ter.PASS
'O *zingi* é uma lata alta, não é como **o** balde de hoje, nem o boião amarelo que havia'

5.4.3.3 Outras formas

5.4.3.3.1 Forma *kelotu*

O pronome demonstrativo *kelotu* denota, assim como *kel la*, um objecto com grau de proximidade não próximo do interlocutor, podendo por isso também contrapor-se à forma *keli*no que diz respeito ao grau de proximidade.

Ke-li= perto

Kelotu= longe

No entanto, contrariamente a *kela*, *kelotu* é normalmente usado num contexto discursivo que envolve dois elementos equivalentes, cuja existência se presume conhecida de ambos os interlocutores. A sua referência é sempre dependente de um primeiro elemento.

(60)

Ali na fregezia sufrí
TOP.ADV PREP freguesia sofrer.PFV
kelotu me sufrí purki ka tenha bárku (NM 03:37)

DEM.DIST ADV sofrer.PFV CONJ NEG ter.PASS barco
‘Esta freguesia aqui sofreu. A outra também sofreu porque não havia barco’

(61)

Anteru bá pruguntâ **kelotu** Anteru
Antero ir.PFV perguntar DEM.DIST Antero
pamodi ki N podê bá *obrigatoriamenti* si (V 13:28)
INT CONJ D.S1SG poder.PFV ir.PFV ADV ADV
‘O nosso Antero foi perguntar ao outro Antero porque é que eu devia ir assim obrigatoriamente’

(62)

Ba ta midjorâ ta midjorâ ki oji dja
ir.PFV IPFV.PROG melhorar IPFV.PROG melhorar CONJ hoje ADV
mundu konpretamenti sta riku di **kelotu** mundu (V 06:02)
mundo ADV estar.PFV rico PREP DEM.DIST mundo
‘Foi melhorando, melhorando até o mundo estar hoje completamente (mais) rico do (que o) outro mundo’

(63)

ma gosí ê pa bá pa **kelotu** bánda
CONJ ADV ser.PRS CONJ ir.PFV PREP DEM.DIST banda
mo ka ten kaminhu (SJ 00:43)
CONJ NEG ter.PFV caminho
‘Mas agora há que ir-se para o outro lado, porque não há caminho’

5.4.3.3.2 Formas com o advérbio *sin*

Tanto nas ocorrências com *es* como com *kel*, em muitos casos, o advérbio *li* é seguido do advérbio de modo *sin*. É normalmente usado para reforçar o valor deítico do pronome, quando este se refere a um elemento presente no campo visual do interlocutor e que pode ser apontado.

(64)

El tenha un fidju **kel** **-li** **-sin**
D.S3SG ter.PASS NUM1 filho DEM -ADV.PROX ADV
kaí na fonti morrê (B 05:17)
cair.PFV PREP cisterna morrer.PFV
‘Ele tinha um filho, este aqui, caiu numa cisterna e morreu’

(65)

Ê nabí di béla béntu ta panha -l
ser.PRS navio PREP vela vento IPFV.HAB apanhar D.O3SG
ta ba ku el ali
IPFV.HAB ir PREP RD.OBL3SG TOP.ADV.PROX
el ta bá p' **es** **banda -li**
RD.S3SG IPFV.HAB ir PREP DEM lado ADV.PROX
-sin góra mo mutor ka tenha (NM 03:14)
ADV ADV CONJ motor NEG ter.PASS
Lit. 'É barco à vela. O vento apanha-o, leva-o para ali, vai para este lado aqui, porque não havia motor'

'Era um barco à vela. O vento trazia-o para este lado, porque não havia motor'

5.4.3.4 Perspetiva comparativa

Os dois pronomes demonstrativos do foguense *es* e *kel* apresentam distribuição e comportamento similar aos mesmos pronomes do santiaguense, tanto na combinação com os advérbios *li* e *la*, como no posicionamento quando coocorrem com nomes ou advérbios.

No que diz respeito aos contextos de ocorrência, quando encerram referência espacial, o funcionamento é o mesmo do santiaguense. No entanto o foguense apresenta uma ocorrência mais marcada dos dois demonstrativos denotando referência temporal, conforme exemplificado em 5.3.3.2. Se no santiaguense é ainda possível a ocorrência de ***kel*** com a referência temporal de longe/distante no tempo, a dicotomia com ***es*** já não é tão produtiva. Os contextos em que o foguense emprega o demonstrativo ***es*** com referência temporal de perto são substituídos por Ø ou ***kel***. A referência temporal de ***es*** em foguense verifica-se com maior frequência, o que contribui para a sua maior produtividade na língua, quando comparado com o santiaguense.

(66) (retomado a partir de (59)

FG

Zingi ê kel láta ártu, ê ka sima **es bárdi** di oji
zingi ê kel láta ártu, ê ka sima
zingi ser.PRS DEM.DIST lata alto ser.PRS NEG CONJ
es **bárdi** di oji (S 09:21)
DEM.PROX balde PREP ADV
'O *zingi* é uma lata alta, não é como **o** balde de hoje (...)'.

ST

Zingi ê kel láta áltu, ê ka sima Ø **báldi** di oxi
zingi ê kel láta áltu, ê ka sima
zingi ser.PRS DEM.DIST lata alto ser.PRS NEG CONJ
bárdi di oxi
balde PREP ADV
'O *zingi* é uma lata alta, não é como **o** balde de hoje (...)'.

~

Zingi ê kel láta áltu, ê ka sima **kel báldi** di oxi

zingi	ê	kel	láta	áltu,	ê	ka	sima
zingi	ser.PRS	DEM.DIST	lata	alto	ser.PRS	NEG	CONJ
kel	**bárdi**	di	oxi				
DEM.DIST	balde	PREP	ADV				

‘O *zingi* é uma lata alta, não é como **o** balde de hoje (...)’.

Em conclusão o pronome foguense *kel* comporta-se como o demonstrativo primário, exibindo dois graus de proximidade (+-*li/la*) e variação em número (*kel/kes*), à semelhança do que acontece em santiaguense, enquanto *es*, de uso reduzido no santiaguense, exibe maior produtividade no foguense, exibindo uma função referencial mais diversificada.

5.5 Numerais

5.5.1 Números cardinais

5.5.1.1 Formas

Todos os numerais atestados no foguense têm etimologia na língua lexificadora. As formas cardinais correspondem a formas invariáveis que ocorrem sempre antes do nome que modificam.

(67)

el	ten	se	dos	mininu (B 05:13)
D.S3SG	ter.PFV	POSS.SPL3SG	NUM2	minino

‘Ele tem os seus dois meninos (filhos)’.

(68)

nos	iá	kuátu	dentu	káza (B 05:10)
RD.S1PL	ser.PASS	NUN4	dentro	casa

Lit. ‘Nós éramos quatro dentro casa’
‘Éramos um agregado de quatro pessoas’

5.5.1.1.1 Formas simples

Tabela 65. Numerais cardinais em foguense de 1 a 20

1	un /ˈuN/	11	ónzi /ˈɔnzi/
2	dos /ˈdos/	12	dozi /ˈdozi/
3	tres /ˈtres/	13	treizi /ˈtrejzi/
4	kuátu /ˈkwatu/	14	katorzi /kɐˈtorzi/
5	sinku /ˈsiNku/	15	kinzi /ˈkiNzi/
6	saix /ˈsɐjʃ/	16	dizasais /dizɐˈsɐjʃ/
7	séti /ˈsɛti/	17	dizaséti /dizɐˈsɛti/
8	oitu /ˈojtu/	18	dizóitu /diˈzɔjtu/
9	nóvi /ˈnɔvi/	19	dizanóvi /dizɐˈnɔvi/
10	dés /ˈdɛs/	20	vinti /ˈviNti/

Tabela 66. Numerais cardinais em foguense-dezenas e centenas

Dezenas		**Centenas**	
10	dés /ˈdɛs/	100	sen /ˈseN/
20	vinti /ˈviNti/	200	duzéntu /duˈzɛNtu/
30	trinta /ˈtriNtɐ/	300	trizéntu /triˈzɛNtu/
40	korenta /koˈrɛNtɐ/	400	kuatuséntu /kwatuˈsɛNtu/
50	sinkenta /sinˈkwɛNtɐ/	500	kinhéntu /kiˈɲɛNtu/
60	sasenta /sɐˈsɛNtɐ/	600	saiséntu /sɐjˈsɛNtu/
70	stenta /ˈstɛNtɐ/	700	setuséntu /setuˈsɛNtu/
80	oitenta /oiˈtɛNtɐ/	800	oituséntu /ojtuˈsɛNtu/
90	noventa /noˈvɛNtɐ/	900	noviséntu /noviˈsɛNtu/

5.5.1.1.2 Formas combinadas

Nas formas combinadas das dezenas, nota-se a incorporação da vogal de ligação /i/ (< português *e* /i/), que passa a substituir a vogal final do primeiro elemento do numeral composto.

5.5.1.1.2.1 Dezenas

trinti un /triNˈtjuN/ ‘trinta e um’

trinti dos /ˈtriNti ˈdos/ ‘trinta e dois’

trinti tres /ˈtriNti ˈtres/ ‘trinta e três’

trinti kuátu /ˈ triNti ˈkwatu/ ‘trinta e quatro’

trinti sinku /ˈtriNti ˈsiNku/ ‘trinta e cinco’

trinti saix /ˈ triNti ˈsajʃ/ ‘trinta e seis’

trinti séti /ˈtriNti ˈsɛti/ ‘trinta e sete’

trinti oitu /ˈtriNti ˈojtu/ ‘trinta e oito’

trinti nóvi /ˈtriNti ˈnɔvi/ ‘trinta e nove’

5.5.1.1.2.2 Centenas

Na designação dos números a partir de uma centena regista-se igualmente a incorporação da vogal do primeiro elemento, neste caso o número correspondente à casa das centenas.

kuátusenti sinkuenta /kwɐtuˈsenti sinˈkwɛntɐ/ ‘quatrocentos e cinquenta’

Senti des /ˈsenti ˈdɛs/ ‘cento e dez’

Para as formas compostas, o numeral 100 recorre a uma raiz diferente do numeral que designa o numeral isolado.

Tabela 67. Variantes lexicais do numeral 100

Forma simples	PT cem > FG sen
Forma composta	PT cento > FG senti

5.5.1.2 Uso

5.5.1.2.1 Unidades monetárias

Os números cardinais são também usados para expressar valor monetário.

Un skudu /ˈuN ˈskudu/ ‘um escudo’
Dos skudu /ˈdos ˈskudu/ ‘dois escudos’
Dés skudu /ˈdɛs ˈskudu/ ‘dez escudos’
Sen skudu /ˈseN ˈskudu/ ‘cem escudos’
Mil skudo /ˈmil ˈskudu/ ‘mil escudo’

Além da moeda nacional, o escudo, subsistem algumas medidas como *mirrés* /miˈrrɛs/ < PT *mil rés*, *kontu* /ˈkontu/ < PT *conto*, *tiston* /tisˈton/ < PT *tostão*, subdivisões do sistema monetário português antigo, sendo certo que no foguense a sua semântica foi alterada. À moeda de 1 escudo, a moeda menor no sistema monetário cabo-verdiano corresponde também à designação *déston* < PT dez tostões. De realçar que no período colonial o sistema monetário era diferente, pelo que agora apesar de manter a mesma raiz *-tiston-* já não equivale ao mesmo valor monetário. *Déston* era então a moeda de menor valor no sistema, pelo que a unidade continuou a ser aplicada à moeda de menor valor no sistema cabo-verdiano atual. *Tiston* ainda se usa com referência ao seu valor passado (69).

(69)

Ovu	iá	barátu.	Sinku	tiston (DD 02:02)
Ovo	ser.PASS	barato.	NUM.5	tostão

‘O ovo era barato. Cinco tostões’

Em sentido figurado, é empregue para se referir a uma modesta quantia em dinheiro.

(70)

El	ta	trabadjâ,			
D.S3SG	IPFV	trabalhar			
el	ta	manda	-m	un	tiston (B 09 :06)
D.S3SG	IPFV	mandar	- D.O1SG	INDF	tostão

‘Ele trabalha e manda-me algum dinheiro’

Hoje o *mirrés* é equivalente ao escudo. Todos os valores em escudo podem também ser expressos em *mirrés*, mantendo o mesmo valor monetário.

sinku mirrés = sinku skudu ‘sinku escudos’

des mirrés = dez skudu ‘dez escudos’

kinhentus mirrés = kinhentus skudu ‘quinhentos escudos’

(71)

N	ka	tinha	nen	des	mirrés
D.S1SG	NEG	ter.PFV.PASS	CONJ	NUM.10	mil rés
na	nha	kónta (D 08:42)			
PREP	POSS.SPL1SG	conta			

‘Não tinha nem dez escudos na minha conta’

O *kontu* ou *kontru* /ˈkontu/ é a unidade correspondente a cada mil unidades. Assim *1 kontu* corresponde a mil escudos.

(72)

El	bende	-m	káru	oitusentus	kontu (D 08:40)
D.S3SG	vender	- D.O1SG	carro	NUM.800	contos

‘Ele vendeu-me o carro por oitocentos contos/ oitocentos mil escudos’

(73)

Du	ten	ajuda	di	nos	sinku	kontru (DD 03:08)
D.S1PL	ter. PFV	ajuda	PREP	POSS.SPL1PL	NUM.5	contos

‘Temos a ajuda dos nossos cinco contos (da pensão social de sobrevivência)’

5.5.1.2.2 As horas

Para a contagem das horas recorre-se aos cardinais de 1[34] a 12, acrescentando as locuções adverbiais *di sedu* < PT de cedo ou *di parmanhã* < PT de + pela manhã, *di tardi* < PT de tarde, *di noti* < PT de noite e *di madrugada* < PT de madrugada, para diferenciar os períodos do dia.

(74)

Si	N	entra	oitu	óra	parmanhã,		
CONJ	D.S1SG	entrar.PFV	NUM.8	hora	pela-manhã,		
N	ten	ki	sai-ba	tres	óra	di	tárdi (D 13:32)
D.S1SG	ter.PFV	CONJ	sair.PFV-PASS	NUM.3	hora	PREP	tarde

Lit. ‘Se eu entrar às oito da manhã tinha de sair às três da tarde’
‘Se eu entrasse às oito teria de sair às quinze horas’

[34]Para 2 horas recorre-se, no entanto, à forma fossilizada do português, na forma feminina, ou seja /ˈdwɐz ˈɔrɐ/ ‘2h da madrugada ou 14 horas’

(75)

Du	ta	labanta-ba	tres	óra	madrugáda (AF 03:51)
D.S1PL	IPFV	levantar-PASS	NUM.3	hora	madrugada

‘Levantávamo-nos às três da manhã’

Para indicar as horas com os minutos recorre-se à fórmula fossilizada do português, com recurso à conjunção coordenativa i /i/ < PT e /i/. Aqui também se regista o processo de incorporação da vogal de ligação no primeiro numeral da expressão conforme explicitado em 5.5.1.1.2.1).

oiti dés /ˈojti ˈdɛs/ ‘oito (horas) e dez (minutos)’

5.5.2 Números ordinais

5.5.2.1 Formas

Estão atestados no foguense três números ordenais, correspondendo aos três primeiros. Para os restantes casos recorre-se às formas cardinais, que podem ser antecedidas da preposição *di* (assumindo uma natureza pronominal) ou seguidas do substantivo *bes* ‘vez’ (79).

Prumeru

(76)

Prumeru	kábu	ki	N	morâ	na	Práia	(DV 17:09)
Primeiro(NUM)	lugar	CONJ	D.S1SG	morar.PFV	PREP	Praia	
N	morâ	na	Txadinha				
D.S1SG	mora.PFV	PREP	Achadinha				

‘O primeiro bairro onde morei na (cidade da) Praia foi na Achadinha’

Sugundu

(77)

Bái	bu	ben	na	**sugundu**	bes (D 11:32)
vai.IMP.S2SG	D.S2SG	ben.PFV	PREP	sugundo(NUM)	bes

‘Vai e volta uma segunda vez’

terseru

(78)

N	ta	lembrâ	**prumeru**	bes
D.S1SG	IPFV	lembrar	primeiro(NUM)	vez
es	ka	po	-m	el
D.S3PL	NEG	pôr.PFV	D.O1SG	RD.O3SG
N	tornâ	bá	**sugundu**	bes
D.S1SG	tornar.PFV	ir.PFV	segundo(NUM)	vez

es ka po -m el
D.S3PL NEG pôr.PFV D.O1SG RD.O3SG
N tornâ bá **tirseru** bes
D.S1SG tornar.PFV ir.PFV tirseru(NUM) vez
es ka po -m el
D.S3PL NEG pôr.PFV D.O1SG RD.O3SG
Na **di** **kuátu** es ben po -m el (NM 01:21)
PREP PREP NUM4 D.S3PL vir pôr. PFV D.O1SG RD.O3SG
'Lembro-me que fui (à embaixada) a primeira vez, não mo puserem, fui de novo a segunda vez, não mo puseram, fui de novo a terceira vez, não mo puseram, na quarta vez puseram-mo (o visto)'

(79)

Es kábu li dja sta **na** **sinku** **bes**
DEM.PROX lugar ADV.PROX PRF estar.PFV PREP NUM5 vez
ki ronba-du (B 00:37)
CONJ arrronbar.PFV-PSV
Lit. 'este lugar já está em cinco vez que (foi) demolido'
'Esta é a quinta vez que este lugar é demolido'

5.5.2.2 Uso de formas lexicalizadas

Além do uso regular dos três numerais cardinais acima referidos, registam-se ocorrências de outros números ordinais em expressões lexicalizadas da língua portuguesa, quando se refere a nível de ensino/escolaridade ou aos dias da semana, por exemplo.

(80)

Éra sábadu, sugunda fera el ten fidju (DV 36:32)
ser.PASS sábado segunda feira D.S3SG ten.PFV filho
'Era um sábado, na segunda-feira ela deu à luz'

(81)

N ba-ba siklu ti terseru ánu (D 01:04)
D.S1SG ir.PFV-PASS ciclo PREP terceiro ano
'estudei o ciclo (preparatório) até ao terceiro ano'

(82)

Es ka tinha kuárta klasia (DD 01:03)
D.S3PL NEG ter.PFV.PASS quarta classe
'Eles não tinham a quarta classe'

(83)

N studa-ba sétimu oitavu ánu na kel
D.S1SG estudar.PFV-PASS sétimo oitavo ano PREP DEM.DIST
liseu -li
liceu ADV.PROX
'Estudei o sétimo e o oitavo ano neste liceu'

5.5.3 Outros usos dos numerais

Os numerais cardinais e ordenais tem também outros usos discursivos para expressar o tempo em sentido figurado (83), ou como advérbio de tempo (84).

(84)

Es	kuátu	dia	ki	fika	-m
DEM.PROX	NUM4	dia	REL	fica.PFV	- D.O1SG

di	karkel	manera	N	debê	pasa	-l (B 09:44)
PREP	qualquer	maneira	D.S1SG	dever.PFV	passar.PFV	- D.O3SG

Lit. ‘Este quatro dia que ficar-me, de qualquer maneira eu dever passar’
‘Este pouco tempo de vida que me resta, devo sobreviver’

(85)

Es	interesâ	kel	trabádju
D.S3PL	interessar.PFV	DEM.DIST	trabalho

prumeru	di	ki	skola (N 04:19)
primeiro(NUM)	PREP	CONJ	escola

Lit. ‘Eles interessar aquele trabalho primeiro que escola’
‘Eles (os meus pais) preferiram o trabalho à escola’

5.6 Preposições

Nesta secção analisamos o comportamento das preposições mais comuns do foguense *báxu* [ˈbaʃu]< PT baixo, *bera* [ˈberɐ]< PT beira, *dentu* [ˈdɛ̃tu]< PT dentro, *diánti* [djãnti]< PT diante, *di* [di]< PT de, *ku* [ku]< PT com, *na* [nɐ]< PT na(<em + a), *pa* [pɐ]< PT para, *riba* [ˈrribɐ]< PT riba, *sen* [ˈsẽ^{ŋ}]< PT sem e *ti* [ti]< PT até. As monossilábicas *di, ku* e *na* apresentam uma forma estendida e outra reduzida clítica, quando ocorrem antes de vogal tónica. A forma reduzida *p'* surge ainda em contextos de ocorrência com o pronome de segunda pessoa do singular *-bu,* em consequêcia da queda do /b/ intervocálico (5.4.1.2.1).

Tabela 68. Preposições do Foguense

Forma plena	+ el	**Forma reduzida**	+ el
baxu	baxu d'el /ˈbaʃu ˈdel/		
bera	bera d'el /ˈberɐˈdel/		
dentu	dentu d'el /ˈdeNtu ˈdel/		
diánti	dianti d'el /ˈdjaNti ˈdel/		
di	di el /di el/	d'	d'el /ˈdel/
ku	ku el /ku el/	ku'	ku'el /ˈkwel/ ku'al /ˈkwɐl/
na	na el /nɐ el/	n'	n'el /ˈnel/
pa	pa el /pɐ el/	p'	
riba	riba d'el /ˈribɐ del/		
sen	sen el /ˈseN el/		
ti	ti el /ti el/		

5.6.1 Locativos

As preposições abaixo são empregues para expressar localização

Báxu 'embaixo de/por baixo de'

(86)

Du	benha	ku	el	un	bádju,		
D.S1PL	vir.PFV.PASS	PREP	RD.OBL3SG	INDF	baile		
li	sin	na	un	káza	áaxu	ká	Maria (V 06:35)
ADV.PROX	ADV	PREP	INDF	casa	PREP	casa	Maria

'Tínhamos vindo com ela a um baile aqui assim, em uma casa por baixo da casa da Maria'

Bera **'**à beira de/perto'

(87)

du	kontrâ	go	bera	káza	(DV 36:19)
D.S1PL	encontrar.PFV	agora	PREP	casa	

'Encontramo-nos à beira de casa'

Dentu **'**dentro de**'**

A preposição *dentu* assim como *na* é empregue para introduzir complementos que designam a localização. Esta localização pode ser no sentido físico (88), ou abstrato, num sentido mais lato em referência ao espaço circundante (90).

(88)

N entrâ **dentu** otokáru (D 16:56)
D.S1SG entrar.PFV PREP autocarro
'Entrei dentro do autocarro'

(90)

N bá te ki N xinâ
D.S1SG ir.PFV até CONJ D.S1SG ensinar.PFV
língua di italianu **dentu** Boavista (D 17:45)
língua de italiano PREP Boavista
Lit 'Eu fui até que eu ensinar língua de italiano dentro Boavista'
'Cheguei ao ponto de aprender italiano na Boavista'

Diánti 'diante de'

(91)

N ta tene -l diánti káma (B 03:48)
D.S1SG IPFV ter -D.O3SG PREP cama
'Tenho-os (medicamentos) diante da cama'

Na 'na/em'

(92)

N nesê **na** fregezia Sãu Lurensu (V 00:15)
D.S1PL nascer.PFV PREP freguesia São Lourenço
'Nasci na freguesia de São Lourenço'

(93)

N bá fikâ **na** nhá káza (V 03:06)
D.S1SG ir.PFV ficar.PFV PREP POSS.SPL1SG casa
'Fui ficar na minha casa'

Riba 'em cima de'

(94)

El ben el txa -m
D.S3SG vir.PFV D.S3SG achar.PFV D.O1SG

ku tres prátu kárni, **riba** mésa (V 04:35)
PREP NUM.3 prato carne PREP mesa
‘Ela veio e encontrou-me com três pratos de carne em cima da mesa’

5.6.2 Possessivo *di* ‘de’

5.5.2.1 Forma de uso geral

A preposição *di* é empregue para introduzir complementos que designam matéria/natureza/tipo (95) posse (96), origem ou pertença (97) ou ainda parte de um todo (98).

(95)

Tinha káza so **di** karapáti (DD 08:08)
ter.PFV.PASS casa ADV PREP sisal
‘Só havia casas (cobertas) de sisal’

(96)

Ê txon di argen ki N ta tenê (B 05:40)
ser.PRS chão PREP alguém REL.FOC D.S1SG IPFV ter
Lit. ‘Ser chão de alguém que eu ter’
‘São terrenos de terceiros, que eu cultivo’

(97)

Nhá pái éra **di** Ribera Ilhéu (V 00:18)
POSS.SPL.1SG pai ser.PASS PREP Ribeira Ilhéu
‘O meu pai era de Ribeira Ilhéu’

(98)

N ta da nhos meia libra **di**
D.S1SG IPFV dar RD.O2PL meia libra PREP
káfe nhos ta trokâ ku arroz (V 01:17)
café D.S2PL IPFV trocar PREP arroz
‘Dou-vos meia libra de café, vocês trocarão com arroz’

5.6.2.2 Ocorrência ø

A preposição *di* pode ser omitida, mantendo-se a mesma semântica do enunciado.

(99)

Du ta mora-ba na bera kazá ø Maria Juvana (V 01:40)
D.S1SG IPFV morar-PASS PREP PREP casa ø Maria Jovana
‘Morávamos [numa casa] perto da casa da Maria Jovana’

5.6.2.3 Forma *l’*

A preposição *di* tem uma variante que se realiza foneticamente em consoante lateral /l/. Esta variante ocorre em posição clítica ao nome e substitui a partícula *di* na introdução de sintagmas preposicionais de natureza nominal ou pronominal.

(100)

Nu	ta	bá	distansia**’**	**l**	manduku (N 03:43)
D.S1PL	IPFV	ir- PASS	distância	PREP	manduku

Lit. ‘Nós íamos a distância de um pau’
‘Andávamos uma grande distância/ uma distância comprida’

(101)

Fómi	ta	da	kabu**’**	**l**	bo (MM 07:49)
Fome	IPFV	dar	cabo	PREP	RD.OBL2SG

‘A fome dá cabo de ti’

5.6.2.4 Forma *r’*

A realização em consoante vibrante /r/ é uma variação da realização /l/, em consequência do fenómeno fonético bastante produtivo na língua de substituição de /l/ por /r/ em coda silábica (2.4.2.2.3.1).

Esta realização não se mostra produtiva na língua em sincronia, mas formas atestadas, como a própria designação da ilha, dão conta da sua ocorrência na língua, contrastando com construções do tipo que recorrem a outras variantes da mesma preposição.

Dja’r fogu /ˈʤɐr ˈfogu/ ‘ilha do Fogo’

Dja’r mai /ˈʤɐr ˈmɐj / ‘ilha do Maio’

Vs.

Dja d’sal /ˈʤ**a**dˈsal/ ‘ilha do Sal’

5.6.3 Instrumental *ku*

A preposição *ku* é empregue para introduzir complementos que designam meio ou instrumento ((102) *ku pánu*) ou comitativo ((102) *ku mi*).

(102)

Ago	dipos	nhá	mái	ben	**ku**	mi
ADV.TOP	ADV	POSS.SPL1SG	mãe	vir.PFV	PREP	RD.OBL1SG

banbudu	na	kósta
levar-às-costas.ADJ.VB	PREP	costa

Mininu	banbudu	**ku**	pánu	na	kósta (V 00:24)
Criança	levar às costas.ADJ.VB	PREP	pano	PREP	costa

Lit.‘agora depois a minha mãe veio com mim às costas. Criança trazida com um pano às costas’
‘Depois a minha mãe trouxe-me às costas, ainda bebé’

(103)

El	ten	fidju	**ku**	tres	múdje (V 02:40)
D.S3SG	ter.PFV	filhos	PREP	NUM.3	mulher

‘Ele teve filhos com três mulheres’

5.6.4 Diretivo *pa*

5.6.4.1 Forma de uso geral

A preposição *pa* é empregue para introduzir complementos que designam percurso (104), destino (105), tempo (período de ocorrência ou duração) (106) e o destinatário de uma ação (107).

(104)

Gosí	ê	pa	ba	pa	kelotu	bánda (SJ 00:44)
Agora	ser.PRS	COMP	ir.PFV	PREP	DEM.DIST	banda

‘Agora deve-se ir pelo outro lado’

(105)

El	el	ben	barkâ	**pa**	Purtugal (V 03:10)
RD.S3SG	D.S3SG	vir.PFV	embarcar.PFV	PREP	Portugal

‘ele veio a embarcar para Portugal’

(106)

Ta	fikâ	la	**pa**	txeu	témpu (V 05:02)
IPFV	ficar	ADV.DIST	PREP	ADV	tempo

‘Fica lá por muito tempo’

(107)

N	ka	fazê	jantâ	pa	es (D 13:56)
D.S1SG	NEG	fazer.PFV	jantar	PREP	RD.OBL3PL

‘Não fiz o jantar para eles’

5.6.4.2 Forma *pra*

A preposição *pa* conta com a variante *pra* [prɐ] que surge quando ocorre com os advérbios deícticos *li* e *la*.

(108)

Mas	**pra**	la	ta	frádu	Kemadinha (SJ 00:05)
ADV	PREP	ADV.DIST	IPFV	dizer-PSV	Queimadinha

Lit. ‘Mais para lá diz-se Queimadinha’
‘Mais acima chama-se Queimadinha’
Pra apresenta um alofone *pia* [pjɐ], que, até onde pudemos constatar, ocorre em variação livre.

(109)

Bu	ta	subí	pia	riba	la (S 00:30)
D.S2SG	IPFV	subir	PREP	riba	DEM.DIST

Lit.‘Tu sobes para cima lá’
‘Vai-se ali por cima’

5.6.5 Preposição negativa *sen*

(110)

N	fikâ	sen	dinheru (D 21:47)
D.S1SG	ficar.PFV	PREP	dinheiro

‘Fiquei sem dinheiro’

5.6.6 Limitativo *ti*

(111)

N	ba-ba	siklu	ti	terseru	ánu (D 01:07)
D.S1SG	ir-PASS	ciclo	PREP	terceiro	ano

Lit. ‘Eu fui ao ciclo até ao terceiro ano’
‘Estudei até o terceiro ano do ciclo preparatório’

5.7 Advérbios

Insistiremos aqui principalmente sobre os casos em que o Foguense se distingue nitidamente do Português e/ou do Santiaguense.

5.7.1 Advérbios de lugar: os deícticos *li* e *la*

5.7.1.1 Uso geral

5.7.1.1.1 Ocorrência isolada

O sistema dos deícticos apresenta duas formas que caracterizam um sistema bipartido. A forma *li* (PT ali) que designa proximidade e *la* (PT lá) que designa distância em relação ao locutor.

(112)

Du	ta	mora-ba	na	un	káza
D.S1PL	IPFV	morar-PASS	PREP	INDF	casa
li	na	Kutelu (V 01:39)			
ADV.PROX	PREP	Kutelo.TP			

‘Moravámos numa casa aqui no Cutelo’

(113)

N	tenha	un	padjigal	**la**	báxu (V 20:24)
D.S1SG	ter.PFV.PASS	INDF	campo sequeiro	ADV.DIST	baixo

‘Eu tinha um terreno lá em baixo’

Coexistem no sistema dos deícticos formas extensas *ali* ‘aqui’ e *ala* ‘ali’, que apresentam o prefixo /a/, e formas reduzidas *li* e *la,* sem o prefixo. As formas extensas ocorrem em contextos de topicalização, ocorrendo em alguns casos retoma da forma reduzida, seguindo o mesmo paradigma dos pronomes pessoais, que apresentam o mesmo tipo de variação (cf. 5.4.1).

(114)

Ali so mi ki stâ **li** (V 09:15)
ADV.PROX.TOP ADV RD.S1SG REL.FOC estar.PFV ADV.PROX
Lit. ‘Aqui só eu é que está aqui’
‘Aqui só estou eu’

Estas formas desempenham também um papel crucial no sistema dos demonstrativos, conforme explicitado no ponto 5.3.3.

5.7.1.1.2 Coocorrência com o advérbio *sin*

Os advérbios *li* ‘aqui’ e *la* ‘ali’ apresentam frequentemente coocorrência com o advérbio de modo *sin* ‘assim’, que reforça o valor deíctico do advérbio.

(115)

Du benha ku el un bádju,
D.S1PL vir.PFV.PASS PREP RD.OBL3SG INDF baile
li sin na un káza baxu ká Maria (V 06:35)
ADV.PROX ADV PREP INDF casa baixo casa Maria
‘Tínhamos vindo com ela a um baile aqui assim, em uma casa por baixo da casa da Maria’

(116)

Má oji N ta txigâ na txafaris
ADV ADV D.S1SG IPFV chegar PREP chafariz
li **sin** **li** N tra agu N ben (03:15)
ADV.PROX ADV ADV.PROX D.S1SG tirar.PFV água D.S1SG vir.PFV
‘Mas hoje Eu chego no chafariz aqui assim aqui e volto’

5.7.1.2 Uso presentativo

Os deícticos têm também valor *presentativo* na língua, ocorrendo em fórmulas de cumprimento e em atos de fala para apontar ou entregar objetos.

(117)

Oi alí dretu, abo? (B 04:34)
Olá ADV.PROX direito EXT.S2SG
Lit. ‘Olá, aqui direito e tu?’
‘Olá, tudo bem e tu?’

(118)

Mi N kriâ ku nhá pái própi
RD.TOP1SG D.S1SG crescer.PFV PREP POSS.SPL1SG pai ADV
al- el la na fótu (B 01:25)
ADV.PROX RD.O3SG ADV.DIST PREP foto
Lit.‘Eu cresci com o meu pai mesmo. Lá ele lá na foto’
‘Eu cresci com o meu pai mesmo. Lá está ele na foto’

(119)

N	fla-	l	nho	alí	sinhor	dotor (V 04:35)
D.S1SG	dizer.PFV	D.O3SG	RD.S3SG.RESP.M	ADV.PROX	senhor	doutor

Lit. ‘Eu disse-lhe: o senhor aqui, senhor doutor’
‘Eu disse-lhe: doutor, aqui tem’

5.7.2 Advérbios de modo

A par dos advérbios em -mente, que correspondem a formas lexicalizadas e de uso corrente na língua ex. p*ratikamenti,* ‘praticamente’, *justamenti* ‘justamente’, o foguense apresenta o advérbio de modo *si,* que apresenta as variantes *asi* e *sin*, e formas adjetivais (inclusive adjetivos verbais) que são também empregues como advérbios de modo sem nenhuma mudança morfológica. A seguir, apresentamos algumas dessas formas de alta frequência no discurso em Foguense:

sin ~ si ‘assim’< PT assim

(120)

Bedju	go	k’	éra	**si** (MM 05:51)
Antigamente	agora	NEG	ser.PASS	ADV

‘Antigamente, agora, não era assim’

fási ‘rapidamente’< PT fácil

(121)

Purki	raiba	ta	pasâ	**fási** (DV 44:45)
CONJ	raiva	IPFV	passar	ADV

‘Porque a raiva passa rápido’

fédi ‘mau’ < PT feder

(122)

mi	el	ka	sa	odja	-m	ta	faze	-l	fédi (N 07:28)
RD.TOP1SG	D.S3SG	NEG	PROG	ver	D.O1SG	IPFV	fazer	D.O3SG	ADV

Lit.‘A mim, ela não me está a ver a fazer-lhe fedido’
‘A mim, ela não me está a ver a fazer-lhe mal’

mofinu ‘pouco, mau’ < PT mofino

(123)

mi	N	sa	pensâ	mofinu (DV 33:48)
RD.TOP1SG	D.S1SG	PROG	pensar	ADV

‘Eu estou a pensar mofino’
‘Eu não estou a pensar bem/de forma clara’

(124)

N	ta	sinâ	mofinu
D.S1SG	IPFV	assinar	mofinu

‘Eu assino mal (não sei assinar muito bem)’

5.7.3 Advérbios de tempo

No caso dos advérbios de tempo também coexistem advérbios parecidos com os seus equivalentes santiaguenses, tais como *gósi* ‘agora’ (ST *gósi*), *dipos* ‘depois’ (ST *di(s)pós*), *ónti* ‘ontem’ (ST *ónti*), *oji* ‘hoje’ (ST *oji*), *manhan* ‘amanhã’ ‘ST (*manhan*)’, com adjetivos que assumem o papel de advérbios. A seguir, apresentamos três casos particularmente característicos do Foguense.

bedju< PT velho **e *antigu*** < PT antigo

Os advérbios de tempo ***bedju*** ‘antigamente’(< PT *velho*) e ***antigu*** (ʻhá muito’< PT *antigo*) - ambos derivados a partir dos adjetivos da mesma forma (respetivamente *bedju* ‘velho’ e *antigu* ‘antigo’) - comportam-se de maneira diferente quando assumem a função adverbial.

Bedju surge sempre no início de enunciado ou posição pré-verbal (125), enquanto *antigu* surge em posição final (126). *Bedju* também apresenta casos de nominalização (125), o que não ocorre com antigo.

(125)

Bedju ka ta bende-du (V 04:15)
ADV NEG IPFV vender.PSV
‘Antigamente não se vendia’

(126)

N ka odja- l **antigu** (CD1 P.15)
D.S1SG NEG ver.PFV D.O3SG ADV
‘Não o vejo há muito’

(127)

Mundu di **bedju** éra más sábi (V 07:50)
Mundo PREP ADV ser.PASS ADV ADJ
‘O mundo de antigamente era melhor’

(128)

Minis di gosi ku di **bedju** ka igual (L 07:10)
Crianças PREP ADV CONJ PREP ADV NEG igual
‘As crianças de agora e as de antigamente não são iguais’

korridu ‘constantemente’< PT corrido

(129)

Sintidu ta da- m na bo **korridu** (CD1 P.20)
Sentido IPFV dar D.O1SG PREP RD.O2SG corrido
Lit. ‘O sentido dá-me em ti constantemente’
‘Lembro-me constantemente de ti’

5.7.4 Perspetiva comparativa

Na maioria dos casos, o foguense apresenta os mesmos advérbios que o santiaguense, embora se registe também em foguense (i) formas adjetivais com usos adverbiais, que em santiaguense apenas ocorrem como adjetivos como é o caso de *antigu* ou (ii) formas adjetivais cujos usos adverbiais diferem em santiaguense. Assim, *bedju* ocorre em santiaguense com funções de advérbios, mas quase sempre precedido da preposição *na (Dj'e bai na bedju)* e nunca em posição pré-verbal como ocorre em foguense (125).

6. Morfologia verbal

Os verbos do foguense flexionam em tempo e voz e combinam-se com diferentes morfemas aspetuais para determinar a qualidade da ação.

Na forma livre- forma do verbo sem adição de nenhum morfema aspeto-modal de tempo ou de voz- é possível encontrar verbos terminados nas 5 vogais atestadas em posição final na língua, mas também verbos terminados em consoante nasal /N/.

Verbos terminados em vogal:

/a/andâ /ɐNˈdɐ/ ‘andar’
/e/ korrê /koˈrre/ ‘correr’
/i/ fují /fuˈʒi/ ‘fugir’
/o/ djongotô /dʒoNgoˈto/ ‘acocorar-se’
/u/ banbú /baNˈbu/ ‘levar às costas’

Verbos terminados em consoante:

/N/ ben /ˈbeN/ ‘vir’
/N/ ten /ˈteN/ ‘ter’

6.1 Sobre a origem das formas

Assim como para o santiaguense (Quint 2000:93; 2001:76), pode-se considerar que a esmagadora maioria dos verbos do foguense tem origem nas formas de infinitivos dos verbos portugueses (com queda do /r/ final), como atesta a manutenção da acentuação verbal oxítona, contrastando com a classe nominal que apresenta padrão paroxítono (4.1.3).

No entanto, o tratamento dos infinitivos portugueses não foi o mesmo no Fogo, para todos os verbos. A forma livre *lerê* /leˈre/ ‘ler’e a forma de passado *sereba* /seˈrɛbɐ/ (sere+ba) do verbo *ser*, ‘ser’ deixam claro que o infinitivo do português foi tratado de duas formas diferentes nesta variedade, registando queda do /r/ final (caso geral) ou inserção de vogal (*lere* e *sereba*). Esta diferença pode-se explicar (i) pelo facto de esses verbos terem entrado em momentos diferentes na língua, ou (ii) por razões de estrutura silábica ou fónica, os infinitivos portugueses ‘ler’ e ‘ser’ apresentando pontos comuns tais como um radical monoconsonântico (/l/- e /r/- respetivamente) e uma mesma vogal temática /e/.

6.2 Morfemas aspetuais -aspetos fundamentais

O foguense apresenta morfemas aspetuais e modais pré-verbais para os valores de imperfectivo *ta* [tɐ], progressivo *sa-ta* [sɐˈtɐ], potencial *al* [ˈal] e perfeito *dja* [dʒɐ]. A ausência de morfema (ou morfema zero) também transmite informação aspetual, nomeadamente o perfectivo. Todos os morfemas segmentais são de etimologia portuguesa, embora o seu emprego e sistema de uso sejam semanticamente mais próximos do dos morfemas aspeto-modais das línguas de substrato. Por razões de ordem combinatória, estes morfemas aspetuais formam três sistemas distintos:

- os aspetos fundamentais: perfectivo, progressivo e imperfectivo, que são sempre mutuamente exclusivos.

- o potencial.

- o perfeito.

A análise do sistema aspetual requer ainda a distinção entre verbos de ação e verbos de estado, já que, para alguns morfemas, os valores aspeto-modais variam consoante a natureza verbal.

6.2.1 Sistema aspeto-modal dos verbos de ação

6.2.1.1 O aspeto perfectivo-morfema ø

A ausência de morfemas de tempo, aspeto e voz denota o aspeto perfectivo- o facto de a ação estar completamente acabada ou cumprida - e corresponde geralmente, nos verbos de ação, ao pretérito perfeito do português (ancorado no passado), quando não combinado com uma marca de tempo. Por razões de economia, representarei nas glosas a abreviatura do aspeto perfectivo diretamente na forma verbal.

(130)

Oji	mundu	ø	modifikâ	di	tudu	manera
hoje	mundo	PFV	modificar	PREP	toda	maneira
		modificar.PFV (=ø + modificar)				

'Hoje, o mundo mudou em todos os aspetos.'

6.2.1.2 O aspeto progressivo- morfema *sa-ta*

O aspeto progressivo é dado pelo morfema *sa-ta,* que também apresenta a forma reduzida *sa.* Este morfema expressa a ideia da acão estar a ocorrer no momento discurso. Silva (1985) e Almada (1961) defendem que este mofema tenha origem na perífrase verbal portuguesa -estar a, considerando-a uma variante de *sta ta*. Esta etimologia é, porém, questionada por (Quint2000:258-259), que explicita a sua diferença morfológica, fonológica e semântica da locução verbal *sta ta*. Apesar de o considerar um morfema único do ponto de vista paradigmático), assumimos aqui a natureza composta do morfema que se revela nomeadamente na forma de passado (133), optando pela representação com um hífen a separar os dois elementos.

Algumas análises anteriores (Lopes (2014:68), Veiga (1985:128)) não consideram a existência do morfema *sa-ta* em foguense, mas sim de uma variante *sta ta*. No entanto no nosso corpus encontramos a ocorrência deste morfema, em falantes de mais de 60 anos e não escolarizados, o que nos permite afirmar que este morfema é sim parte do sistema aspetual foguense, e pelo que os dados indicam, é mesmo característico das formas mais baseletais do foguense. Quint (em preparação) atesta este item em 5 das 85 aldeias que constam do estudo.

(131)

N	nesê	li	N	sa-ta	morrê	li (B 01:03)
D.S1SG	nascer.PFV	ADV.PROX	D.S1SG	PROG	morrer	ADV.PROX

'Nasci aqui, estou a morrer (=envelhecer até a morte) aqui'
O morfema sa-ta apresenta a variante *sa* que aparece em variação livre com *sa-ta*.

(132)

Nu	sa	mestê	kondutor (D 14:17)
D.S1PL	PROG	precisar	condutor

‘Estamos a precisar de condutor’

Registamos, no entanto, ocorrências de *stá ta* [ˈsta tɐ] que, por ocorrer sempre em enunciados no passado, analisamos como sendo uma forma supletiva de *sa-ta* para passado e que, portanto, analisaremos com mais pormenores na secção dedicada ao tempo passado (6.3).

Esta forma revela uma estratégia diferente do foguense de construir o aspeto progressivo no passado. Em santiaguense a construção obedece à fórmula S+PROG+ V-PASS (133).

(133)

E	sa-ta	kume-ba	fixon
D.S3SG	PROG	comer-PASS	feijão
S	PROG	V-PASS	O

‘Ele estava a comer feijões’

Já no foguense, no tempo passado, existe uma estratégia tripla:

(i) uma solução comparável ao santiaguense:

(134)

N	sa	ba-ba	káza	di	un	amigu	di-meu (DV 05:06)
D.S1SG	PROG	ir-PASS	casa	PREP	INDF	amigo	POSS.CP1SG

‘Eu estava a ir à casa de um amigo meu’

(135)

Un	rápas	sa	gosta-ba	d’	-el (DV 35:34)
INDF	rapaz	PROG	gostar-PASS	PREP	D.OBL3SG

‘Um rapaz estava a gostar dela’/ ‘Um rapaz estava apaixonado por ela’

(ii) o morfema de passado *ba* tende a juntar-se à primeira partícula do morfema composto *sa-ta* e não se repete no verbo, originando a forma **sá-ta** [ˈs**a**tɐ], em consequência da queda do /b/ intervocálico[35] (136):

sa-ta (presente) >*sába ta>sá-ta

(136)

El	**sá-ta**	miasa	-el,	múdje	korrê (N 12.48)
D.S3SG	PROG.PASS	ameaçar	RD.O3SG	mulher	correr.PFV

‘Ele estava a ameaçá-lo, a mulher correu’

(iii) recorre-se a uma perífrase verbal *staba ta* [ˈst**ab**ɐtɐ] ‘estar.PASS + IPFV’, que pode também ser reduzida a **stá ta** [ˈst**a** tɐ].

(137)

El	**stá-ta**	ba	tuma	(kárru)	na	bila (V 13:59)
El	PROG.PASS	ir	tomar	(carro)	PREP	vila

“Ele estava a ir buscar o carro à vila”

[35] A queda do /b/ intervocálico é uma tendência evolutiva muito comum em diversas variedades caboverdianas do Sotavento (Quint 2000a, 2008b, Moreira em preparação).

O comportamento do morfema de progressivo foguense em presença de passado parece indicar que *sa-ta* e *sta ta* têm uma origem comum, em foguense, como provavelmente em santiaguense, deixando claro, no entanto, que se trata de duas formas distintas. Esta é mais uma evidência para relançar o debate sobre a origem deste morfema.

6.2.1.3 O aspeto imperfectivo- morfema ta

Pelo seu valor imperfectivo o morfema *ta* denota uma ação inacabada (opondo-se ao morfema zero do perfectivo) e não progressiva (opondo-se a *sa-ta*) que muitas vezes tem um valor de habitual e se pode ancorar temporalmente no tempo do discurso ou futuro. Quint (2000:257) considera que esta partícula tem como étimo a perífrase verbal portuguesa -estar a + infinitivo.

(138)

Du ta kriâ porku (B 06:14)
D.S3PL IPFV criar porcos
'Criamos porcos' (valor habitual, ancorado no presente)

(139)

Sperâ N ta frâ nha (SJ 06:54)
Espera D.S1SG IPFV dizer RD.O2SG.RSP.F
'Espere, eu direi à senhora' (ancorado no futuro)

6.2.2 Sistema aspetual dos verbos de estado

Os verbos de estado em cabo-verdiano exibem um comportamento diferente dos verbos de ação no que diz respeito à sua combinação e sobretudo à sua ancoragem temporal com os morfemas aspeto-modais. Esta dicotomia é mais patente na expressão dos três aspetos fundamentais perfectivo, imperfectivo e progressivo.

6.2.2.1 Aspeto perfectivo-morfema ø

A ausência de morfemas de tempo, aspeto e voz denota o aspeto perfectivo- ação acabada- e regra geral corresponde, nos verbos de estado, a uma ancoragem no tempo presente (na ausência de marca de passado).

(140)

N ø sta na káza
D.S1SG PFV estar. PREP casa
(= estar.PFV)
'estou em casa'

(141)

N ø konxê txeu algen (DV 02:03)
D.S1SG PFV conhecer. QUANT alguém
(= conhecer.PFV)
'Conheço muitas pessoas'

6.2.2.2 O aspeto imperfectivo-morfema *ta*

O morfema imperfectivo *ta* tem valor modal de habitualidade, denotando uma ação não acabada. Na ausência de marca de passado, pode ser ancorada temporalmente no presente ou no futuro. Nos verbos de estado considerados por Lang (em preparação) "intrinsecamente imperfectivos" a ocorrência de *ta* é mais frequentemente ancorada no tempo futuro, já que nestes verbos a leitura de presente é dada pelo morfema ø, conforme explicitado no ponto **6.2.2.1.**

(142)

N	ta	sta	na	káza
D.S1SG	IPFV	estar	PREP	casa

'Estarei em casa' (interpretação mais frequente)
'Costumo estar em casa' (interpretação menos frequente)

6.2.2.3 O aspeto progressivo-morfema *sa-ta*

A combinação do morfema *sa-ta*, ou da sua forma reduzida *sa*, com verbos de estado é menos frequente, quando comparado com os verbos de ação. No nosso corpus apenas registamos ocorrências com o verbo de estado *mestê* 'precisar'. A leitura é igualmente de ação em curso no momento da enunciação.

(143)

N	sa	mestê	garráfa (MX 01:51)
D.S1SG	PROG	precisar	garrafa

'Estou a precisar de uma garrafa'

Quanto aos restantes morfemas pré-verbais, perfeito-*dja* e potencial-*ál*, não se notam diferenças no valor aspetual nas ocorrências com verbos de ação e verbos de estado. Por isso analisamos estes dois morfemas sem levar em conta esta separação do paradigma verbal.

6.2.3 O potencial –morfema *al*

"Língua di mundo,

Si 'm panhá-bo

Nim ca bonito,

Cuzido ó frito

Algum cachô

***Hál** cmê 'mbô"*

"Língua do mundo, se te apanhar

Nem és bonita, cozida ou frita

Algum cão há de te comer"[36]

[36]Cantigas de Ana Procópio Revista claridade N. 12 (Grafia do autor).

6.2.3.1 Apresentação

O morfema *ál*, com origem na perífrase verbal portuguesa *há de* + infinitivo (Quint 2000:258), denota um aspeto potencial. Na ausência de morfema de passado, é geralmente ancorado temporalmente no futuro.

(144)

N	ta	da	pur	tudu	pa	N	entrâ	Mérka,
D.S1SG	IPFV	dar	por	tudo	CONJ	D.S1SG	entrar.PFV	América
Antan	N	ál	gastâ	tudu	kel		dinheru	ki
Então	D.S1SG	POT	gastar.PFV	todo	DEM.DIST		dinheiro	REL.O
N	ten	oji	na	nhá	kónta (D 12:34)			
D.S1SG	ter.PFV	hoje	PREP	POSS.SPL1SG	conta			

‘Farei de tudo para emigrar para a América. Então hei de gastar todo o dinheiro que tenho hoje/atualmente na minha conta’

Apesar do seu emprego em contextos de futuro, trata-se de um morfema com uma carga modal fortemente associada ao desiderativo, contrastando com o futuro canónico, que deriva do emprego do morfema *ta*, que não apresenta esta semântica desiderativa.

(145)

Déus	ál	da	-nu	txuba
Deus	POT	dar.PFV	D.O1PL	chuva

‘Deus há-de nos mandar chuva’

(146)

Déus	ta	da	-nu	txuba
Deus	IPFV	dar	D.O1PL	chuva

‘Deus vai mandar-nos chuva’

Ambos os enunciados apresentados em (145) e (146) têm ancoragem temporal no futuro. No entanto, com a ocorrência do morfema de potencial *ál* a semântica desiderativa é explícita enquanto com a ocorrência do morfema imperfectivo *ta*, embora se possa também atribuir leitura desiderativa, a leitura mais comum é declarativa. Neste caso o enunciado denota uma maior certeza do locutor na afirmação feita, sem a carga de dúvida associada ao desiderativo.

Ál no foguense aparece também em enunciados interrogativos com valor de imperativos atenuados onde pode se comutar com o *ta*. No entanto o empregue de *ál* pode ser associado a um ato de fala mais polido (147a).

(147a)

Bu	ál	konpo	-m	es	pexi?
D.S2SG	POT	arranjar.PFV	D.O1SG	DEM.PROX	peixe?

‘Podes arranjar-me este peixe?’

(147b)

Bu	ta	konpo	-m	es	pexi?
D.S2SG	IPFV	arranjar	D.O1SG	DEM.PROX	peixe?

‘Arranjas-me este peixe?’

6.2.3.2 Morfema modal por excelência

Enquanto os morfemas *ø, ta* e *sa-ta* transmitem mais informação aspetual, associada à qualidade da ação -perfectivo/imperfectivo/progressivo, o morfema *al* parece ter uma natureza mais modal. Esta diferença é também confirmada no plano sintático, já que é possível a combinação de *ál* com os três morfemas fundamentais de aspeto (148-150). De facto, por transmitir informação de cariz modal, *ál* não interfere com a informação aspetual já transmitida pelos morfemas aspetuais. Já os morfemas puramente aspetuais não se combinam entre si, pois ocorreria uma sobreposição e contradição de informação aspetual.

(148)

El	**ál**	ø	ben	oji
D.S3SG	POT	PFV	vir	hoje

‘Ele há de vir hoje’

(149)

El	**ál**	**sa-ta**	ben	oji
D.S3SG	POT	PROG	vir	hoje

‘Ele há de estar a vir hoje’

(150)

*El	**ta**	**sa-ta**	ben	oji
D.S3SG	IPFV	PROG	vir	hoje

6.2.4 Morfema *dja*

A discussão sobre a natureza da partícula *dja* ainda é uma questão em aberto nos estudos do cabo-verdiano. Com etimologia no advérbio português ‘já’, esta partícula sofreu uma gramaticalização em cabo-verdiano, desempenhando também a função de morfema aspetual. No entanto, a sua ocorrência simultânea na língua como advérbio (151) levanta questões sobre a sua natureza e a sua classificação como um verdadeiro morfema aspetual. Apesar do seu valor aspetual ser ilustrado por várias ocorrências da língua, em muitos casos, não fica clara a fronteira entre morfema e advérbio.

(151)

Dja	N	tenê	sasenta	ánu (B 00:48)
ADV	D.S1SG	ter.PFV	sessenta	ano

‘Já tenho sessenta anos’

Enquanto morfema aspetual, denota ação acabada-perfeito, com ancoragem temporal de passado recente, mantendo ainda uma relação com o tempo de referência do enunciado. Esta partícula apresenta algumas particularidades a nível sintático, que a distinguem dos restantes morfemas, deixando crer que o seu processo de gramaticalização ainda não está totalmente estável.

Quando a posição de sujeito é ocupada por um nome, *dja* ocorre na mesma posição dos restantes morfemas- imediatamente após o nome. No entanto se o sujeito é pronominal, o morfema de perfeito ocorre antes do pronome.

(152)

Maria dja bedjâ na Fogu
Maria PRF envelhecer.PFV PREP Fogo
'A Maria já envelheceu no Fogo'

(153)

N nesê na Fogu
D.S1SG nascer.PFV PREP Fogo
dja N bedjâ na Fogu (B 00:09)
PRF D.S1SG envelhecer.PFV PREP Fogo
'Nasci no Fogo, envelheci no Fogo'

O foguense regista, no entanto, também pós-posição do morfema em caso de sujeitos pronominais, o que pode sugerir uma maior integração no grupo dos morfemas e um comportamento que se distancia da sua função de advérbio.

(154)

Ma **nha** **dja** konxê numu di-nha
CONJ RD.S2SG.RESP.F PRF conhecer.PFV número POSS.CP2SG.RESP.F
ê txigâ panhâ (SJ 02:49)
ser.PRS chegar.PFV apanhar.PFV
'Desde que a senhora saiba o tamanho da senhora, é só chegar e tirar'

Lopes (2014:70), atesta a ocorrência do mesmo fenómeno com todos os pronomes da série, excetuando as primeiras pessoas do singular e do plural.

Tanto nas ocorrências apresentadas por este autor, como no nosso corpus as ocorrências em pós-posição em relação ao sujeito pronominal ocorrem sempre com pronomes da série independente (formas reduzidas).

Esta alternância só parece ser possível para formas pronominais que apresentam formas fonéticas parecidas para a série independente (reduzidas) e a série dependente. Sendo que as primeiras pessoas do singular e do plural, que não aceitam esta comutatividade, as únicas que apresentam formas fonéticas distintas para as duas séries (cf. 5.4.1).

6.2.2.4 Inventário dos verbos de estado

A implicação da natureza verbal na combinação com os marcadores aspeto-modais no cabo-verdiano e a consequente divisão dos verbos em dois grupos básicos- verbos de estado e verbos de ação- vem sendo alvo de análises de diferentes autores desde os primeiros estudos conhecidos sobre a língua cabo-verdiana, podendo ocorrer os seguintes binómios para representar esta dicotomia:

-Estativos / não estativo (*stative – non stative*) (Silva 1985, Baptista 2002)

-Verbos fracos / verbos fortes – (Quint 2000)

-Verbos de estado / verbos de processo-Lang (em preparação)

Neste trabalho faço uso do termo *estado,* que será contraposto pelo termo *ação*.

Silva (1985:142) define os verbos de estado como [- imperativos] e [- controlavéis], designando ações que não podem ser controladas pelo sujeito e que denotam um estado permanente, contrariamente aos verbos de ação que denotariam uma ação controlada pelo sujeito. Novas reanálises (Baptista 2002, Quint 2000 e Lang (em preparação) demonstram que nem todos esses critérios podem ser aplicados da mesma forma aos mesmos verbos e trouxeram novas propostas de inventário, acrescentando ou excluindo alguns verbos antes considerados de estado. Lang (em preparação) analisa a dicotomia verbos de estado vs. verbos de processos, considerando que "em rigor, não são determinados verbos, mas determinados predicados que se comportam de uma ou de outra forma. Pois há também verbos complexos como *sta ku fómi* 'passar fome', lit. 'estar com fome' etc. e perífrases verbais como *sta ta fase* 'estar a fazer' etc. que se comportam como 'verbos estativos', e há também verbos que só em determinados empregos se comportam como tal".

Devido à diferente semântica, uma mesma forma pode ter uma leitura estativa ou não estativa dependendo da aceção na qual é empregue. A restrição de combinação com o aspeto progressivo e a ancoragem no tempo não passado para a forma livre (ou seja, sem marca segmental de aspeto 6.1) do verbo foram, no entanto, critérios partilhados por todos esses autores.

Silva (1985:144) centra a sua análise no grupo Sotavento, que considera o baseleto. Com base nos critérios supracitados apenas considera puros estativos, os verbos[37]*sta* e *ser (e)*, e *ten* e *tenê*. Estes, segundo a autora não entram em construções com o morfema de progressivo, que a mesma identifica como *sta*. No entanto inclui também na lista os verbos *sabe* 'saber', *parse* 'parecer, parecer-se', *cre* 'gostar/amar', *cre tcheu* 'amar,' *conche* 'reconhecer', *debe* 'dever', e *gosta* 'gostar', cuja forma livre corresponde ao tempo presente, apesar de se poderem combinar com o progressivo. Esta autora considera também como verbos de estado *creditâ, squicê, sperâ, ubí, odjâ, tcherâ, morrê, vivê, cria*, justificando a leitura de não passado na forma livre, como consequência do fato de estes verbos terem uma semântica intrínseca de ação já ocorrida. "O estado de coisas normal destes verbos parece ser de uma situação que já teve lugar (no passado) uma vez proferida", argumenta. Quint e Lang apresentaram listas para o santiaguense que também incluem estes verbos e mais alguns.

[37] A grafia crioula é do autor citado.

Tabela 69. Inventário ilustrativo dos verbos de estado do cabo-verdiano

Silva (1985)	Quint (2000)	Lang (em preparação)
		Atxa ‘ser da opiniao de’
	Bali ‘valer a algem’	*Bale* ‘valer a algem’
	Basta ‘ser suficente’	*Basta* ‘ser suficente’
	Debe‘dever’(modal)	*Debe*‘dever’(modal)
Debe ‘dever (alguma coisa a alguem)’	*Debi* ‘dever (ex.dinheiro)’	*Debe* ‘dever (ex.dinheiro)’
	Dependi ‘depender (impessoal)’	
	Falta ‘faltar (alguma coisa a alguém)’	*Falta* ‘faltar (alguma coisa a alguém)’
	Fika	*Fika* ‘encontrar-se (alguma coisa nalgum lugar)’
	Gosta ‘gostar (de fazer alguma coisa)’	*Gosta* ‘gostar (de fazer algum coisa)’
[38]*Conche* ‘conhecer lugar, reconhecer’	*Konxe* ‘conhecer’	*Konxe* ‘conhecer’
Cre ‘querer’	*Kre* ‘querer’	*Kre* ‘querer’, ‘amar’
Cria ‘crescer’		
Credita ‘acreditar’		
Cre tcheu ‘amar’		
	Merese ‘merecer’	*Merese* ‘merecer’
	Meste ‘precisar’	*Meste* ‘precisar,dever’
	Mora ‘morar’	*Mora* ‘morar’
Morrê ‘morrer’		
Odjâ ‘ver’		
Parse ‘aparecer/parecer-se’	*Parse* ‘aparecer’	*Parse* ‘parece-me’
	Pode ‘poder’	*Pode* ‘poder’(modal)
		Pode ‘suportar’
Sabe ‘saber’	*Sabe* ‘saber’	S*abe* ‘saber’ ‘saber fazer’
ser (e) ‘ser’		*Ser* ‘ser’
Sperâ ‘esperar’		
Squicê ‘esquecer’		
Sta ‘estar’	*Sta* ‘estar’	*Sta* ‘estar’
Ten ‘ter’	*Ten* ‘ter’	*Ten* ‘ter’
Tenê ‘ter’	*Tene* ‘ter’	*Tene* ‘ter’
	Txoma ‘chamar-se’	*Txoma* ‘chamar-se’
tcherâ ‘cheirar’		
Ubí ‘ouvir, escutar’		
Vivê ‘viver’		

Este é o inventário apresentado pelos referidos autores, a título ilustrativo, sem pretensão de ser exaustivo.

Consideramos para a nossa análise no foguense a lista de 19 verbos apresentada para o santiaguense por Quint (2000:242) que denominou este grupo de verbos ‘fortes’ - *Bali, debi, gosta, konxi, kre, meresi, mesti, mora, podi, sabi, sta, txoma, ten, teni* e os impessoais *basta, dipendi, falta, fika, parsi*.

Estes verbos podem também ser considerados de estado no foguense, sendo coerentes quanto à aplicação do critério de leitura temporal presente para a forma livre e alguma restrição de combinação com o morfema de progressivo. São também compatíveis com o traço [-

[38] Mantemos a grafia crioula do autor, embora façamos corresponder na tabela os verbos por ordem alfabética respeitando a grafia coincidente dos restantes dois autores.

imperativos] de Silva (1985). Não atestamos a ocorrência no imperativo de nenhum dos verbos de estado listados para o foguense. No entanto, assim como apontam os autores já referidos, esses critérios não são absolutos, funcionando mais numa lógica de gradativa. Quanto à leitura de não passado para a forma livre, reparámos que para alguns verbos da lista apresentada abaixo (*mora, konxê, balê*), este critério não se aplica, sendo necessário o recurso ao morfema de imperfectivo *ta* para se obter esta ancoragem temporal (**6.2.2.4.2**).Outrossim muitos dos verbos que integram a lista, apenas têm leitura de verbo de estado em uma das suas aceções, subsistindo na língua também como verbo de ação.

6.2.2.4.1 Casos canónicos

Básta

(155)

Mi	básta	ma	dja	N	atxâ	un	kuza	o	otu (L 05:56)
RD.TOP1SG	bastar. PFV	COMP	PRF	D.S1SG	achar.PFV	uma	coisa	ou	outra

‘A mim basta/é suficiente que encontre alguma coisa’

Debê

(156)

Nhos	debê	sta	ku	fomi (DV 07:26)
D.S2PL	dever.PFV	sta.PFV	PREP	fome

‘Vocês devem estar com fome’

Dipendê

(157)

N	ka	ta	dipendê	di	nigen (IB 07/09)
D.S1SG	NEG	IPFV	depender	PREP	ninguém

‘Estou a fazer tudo para não deixar(-me) depender de ninguém’

Fartâ

(158)

Pon	ka	fartâ	-m	pa	nha	fidju (N 08:57)
Pão	NEG	faltar.PFV	-D.O1SG	PREP	POSS.SPL1SG	filho

‘Não me falta pão para os meus filhos’

Fikâ

(159) retomado de (84)

Es	kuátu	dia	ki	fika	-m	
DEM.PROX	NUM4	dia	REL	fica.PFV	- D.O1SG	
di	karkel	manera	N	debê	pasa	-l (B 09:44)
PREP	qualquer	maneira	D.S1SG	dever.PFV	passar.PFV	- D.O3SG

Lit. ‘Este quatro dia que ficar-me, de qualquer maneira eu dever passar’
‘Este pouco tempo de vida que me resta, devo sobreviver’

Gostâ

(160)

N gostâ di kárru, N ten don di kárru (D 02:59)
D.S1SG gosta.PFV PREP carro, D.S1SG ter.PFV dom PREP carro
'Gosto de carros, tenho um dom para carros'

Kre

(161)

S' e kre pa N morâ na el
CONJ RD.S3SG querer.PFV CONJ D.S1SG morar.PFV PREP RD.OBL3SG
N ta mora na el (L 03:08)
D.S1SG IPFV morar PREP RD.OBL3SG
'se ele quiser que eu more nela (a casa) (lit. 'na ela') eu morarei nela'

Meresê

(162)

Deus odjâ ma N merese -l (DV 42:06)
Deus olhar.PFV COMP D.S1SG merecer.PFV - D.O3SG
'Deus viu que eu mereço (esta graça)'

Mestê

(163)

Deus mestê midjorâ argen (ID 04:06)
Deus precisar.PFV melhorar.PFV pessoas
'Deus precisa melhorar as pessoas'
No nosso corpus é o único verbo estativo a apresentar ocorrência com o morfema de progressivo *sa-ta*.

Parsê

(164)

Parse -m N batizâ ku dozi ánu (DV 28:47)
Parece.PFV D.O1SG D.S1SG batizar.PFV PREP doze ano
'Parece-me que fui batizado aos 12 anos'

Podê

(165)

Otu argen podê gazadja -l (DV 13:04)
Outro alguém poder.PFV agasalhar.PFV D.O3SG
'Outra pessoa pode dar-lhe abrigo'

Sabê

(166)

N	sabê	m’	ê	fijon	pédra (V 17:38)
D.S1SG	saber.PFV	COMP	ser.PRS	feijão	pedra

‘Sei que era feijão-pedra’

Sta

(167)

Kábu	sta	mau
lugar	estar.PFV	mau

Lit. ‘o lugar está mau’
‘As coisas vão mal’

Ten

(168)

El	ten	se	dos	mininu (B 05:12)
D.S3SG	ter.PFV	POSS.SPL3SG	NUM.2	menino

‘Ele ten dois filhos’

No nosso corpus o verbo *ten* mostra-se menos tolerante à combinação com *ta*, não atestamos nenhuma ocorrência. Tal pode explicar-se pelo facto de pela sua semântica de posse permanente este verbo apresentar um grau maior de estatividade quando comparado com o seu cognato *tenê* (apresentado a seguir).

Tenê

(169)

Ami	N	tenê	présa (D 06:40)
TOP.S1SG	D.S1SG	ter.PFV	pressa

‘Eu, tenho pressa’

Contrariamente ao seu cognato *ten*, nota-se que a forma *tenê* apresenta maior ocorrência com o morfema aspetual *ta*, que reforça a leitura aspetual de habitual.

(170)

N	ta	tene	-l	dianti	káma (B 03:49)
D.S1SG	IPFV	ter	D.O3SG	diante	cama

‘Mantenho-o [o medicamento] diante da cama’

(171)

Ê	txon	di	argen	ki	N	ta	tenê (B 05:51)
ser.PRS	chão	PREP	alguém	REL	D.S1SG	IPFV	ter

‘São terrenos de terceiros que eu tenho (para trabalhar)’

Txomâ

(172)

Donu di inpréza txomâ Olivera (D 02:16)
Dono PREP empresa chamar-se.PFV Olivera
‘O dono da empresa chama-se Oliveira’

6.2.2.4.2 Casos ambíguos

Alguns verbos desta lista revelam um comportamento ambíguo, deixando transparecer uma tendência de perda de estatividade. *Balê* exige o emprego do morfema imperfectivo *ta* para uma ancoragem temporal de presente/habitual, ou seja, comporta-se como um verbo de ação. Não atestamos ocorrência enquanto verbo de estado na forma livre.

Balê

(173)

N ben largâ,
D.S1SG vir largar
pamo N odjâ m’ el ka ta balê péna (DV 40:52)
CONJ D.S1SG olhar CONJ D.S3SG NEG IPFV valer pena
Lit.’Vim a largar porque vi que ele não valia a pena’
‘Deixei (a bebida) porque vi que não valia a pena’

O verbo ***konxê*** tem uma ancoragem temporal de presente/habitual, tanto em presença do morfema *ta* (174) (em cujo caso comporta-se como um verbo de ação) como na ausência do mesmo (147) (em cujo caso comporta-se como um verbo de estado). Esta comutatividade pode ser indício de uma mudança linguística em curso, que os falantes assinalam com a inserção do *ta* para reforço da informação temporal.

Konxê

(174)

Mi N ka ta konxê -l
RD.TOP1SG D.S1SG NEG IPFV conhecer -D.O3SG
má éra amigu nhá pái (DV 00:35)
CONJ ser.PASS amigo POSS.SPL1SG pai
‘Não o conheço, mas era amigo do meu pai’

(175)

N konxê -l ben (V 15:00)
D.S1SG conhecer.PFV D.O3SG bem
‘Conheço-o bem’

Todas estas formas ocorrem no santiaguense sem a partícula *ta* e têm leitura de presente. Pode-se registar em santiaguense a forma *ta konxe* mas, tanto quanto eu saiba, com o significado de ‘reconhecer’ e não ‘conhecer’ como é o caso para o foguense (173).

Morâ

O verbo *morâ* demonstra um comportamento variável, como verbo de ação (176) ou como verbo de estado (145). Podemos considerá-lo como um verbo misto ou em processo de mudança de categoria. Estes dois exemplos são produções da mesma falante, sendo apenas possível definir a natureza do verbo e a ancoragem temporal pelo contexto.

(176)

Mi	própi	N	morâ	n’	es
RD.TOP1SG	próprio	D.S1SG	morar.PFV	PREP	DEM.PROX

káza	li	di	karapáti (B 00:29)
casa	ADV.PROX	PREP	sisal

‘Eu mesma morei nesta casa coberta com sisal’

(177)

Ma	ê	li	ki	N	morâ	bu	podê	frâ
CONJ	ser.PRS	ADV.PROX	REL	D.S1SG	morar	D.S2SG	poder	falar

‘Mas é aqui que eu moro, pode-se dizer’

Os verbos apresentados em **6.2.2.4** comportam-se no foguense de igual forma que no santiaguense. Quanto aos casos ambíguos, o verbo *morâ* demostra a mesma ambiguidade nas duas variedades. Já a manutenção da mesma leitura semântica de não passado nas ocorrências de *balê* e *konxê* com e sem o morfema de perfectivo *ta*, não parece ser muito frequente em santiaguense. Na tabela abaixo apresentamos a lista dos verbos estativos do foguense, contrapondo os correspondentes santiaguenses, marcando o grau de estatividade de cada um nas duas variedades, com base no critério de leitura de não passado na ocorrência com o morfema ø.

Tabela 70. Grau de estatividade dos verbos de estado no foguense e no santiaguense

Verbo			Ø =não passado	
FG	ST	PT	FG	ST
Bastâ	Basta	Bastar	+	+
Balê	Bali	Valer	-	+
Debê	Debi	Dever	+	+
Dipendê	Dipende	Depender	+	+
Fartâ	Falta	Faltar (algo a alguém)	+	+
Fikâ	Fika	Ficar	+	+
Gostâ	Gosta	Gostar	+	+
Konxê	Konxe	Conhecer	+ -	+
Krê	Kre	Querer	-+	-
Meresê	Merese	Merecer	+	+
Mestê	Meste	Precisar	+	+
Sabê	Sabe	Saber	+	+
Morâ	Mora	Morar	+ -	+ -
Podê	Pode	Poder	+	+
Stâ	Sta	Estar	+	+
Ten	Ten	Ter	+	+
Tenê	Tene	Ter	+	+
Txomâ	Txoma	Chamar-se	+	+

Esta tabela resume o comportamento dos verbos de estado no foguense e no santiaguense marcando os pontos convergentes e divergentes. O verbo *morâ* é variável tanto no foguense como no santiaguense. Já o verbo *balê* não apresenta no fogense comportamento de verbo de estado, contrariamente ao santiaguense. O verbo *konxê*, não é tão linear no que diz respeito à leitura de não passado na ocorrência com o morfema ø no foguense, conforme ilustrado em 6.2.2.4.2.

Se considerarmos os valores da tabela, vemos que o foguense apresenta maior variação. Ou seja, a estatividade verbal é menos vincada no foguense na lista de verbos considerados. Quint (2000 a e b) deixa claro que a categoria dos verbos fortes (= de estado) no cabo-verdiano é uma característica "eminentemente africana". O autor demonstra através de uma comparação sistemática com o mandinka e o uólofe que, à exceção do verbo *mora*, todos os equivalentes dos verbos fortes do santiaguense são verbos de estado em uólofe (com leitura de presente no perfectivo- em uólofe assim como em santiaguense). A mesma afirmação é válida para o mandinka, embora para esta língua os resultados da comparação tenham sido parciais.

> A existência de verbos fortes é um fenómeno que difere completamente do que existe nas línguas indo-europeias, sobretudo nas línguas latinas […] Esta oposição verbo forte/verbo fraco corresponde exatamente à existente entre verbos de estado (= forte) e verbos de ação (= fraco) na grande maioria das línguas da África do oeste.
>
> (Quint 2000a:248,248)

Assim esta maior instabilidade apresentada em foguense é mais uma vez prova de uma maior presença da herança africana no santiaguense, comparativamente ao foguense, que se pode notar no comportamento dos verbos, mas também em outras áreas da língua, como o léxico, por exemplo (8.2.6; Quint & Moreira 2019).

6.2.3 Perífrases verbais- verbos modais

Além dos morfemas pré-verbais, os valores aspetuais no foguense podem também ser transmitidos com recursos a verbos modais que intervêm em perífrases verbais, como as apresentadas a seguir.

ben- valor aspeto-modal de sucessividade

(178**)**

N	**ben**	**kumê**	di	kuátu	dia (V 10:04)
D.S1SG	**vir**.PFV	**comer**.PFV	PREP	NUM.4	dia

'Vim a comer depois de quatro dias'

debê-valor aspeto-modal de obrigação

(179)

Nu	ka	**debê**	**fla**	txeu	konvérsa (DV 45:23)
D.S1PL	NEG	**dever**.PFV	**falar**.PFV	muita	conversa

'Não devemos dizer certas coisas'

kabâ- valor aspeto-modal completivo

(180)

Dj’ es **kabâ** **morrê** (MM 03:29)
PRF RD.S3PL **acabar**.PFV **morrer**
‘Já morreram todos’

kre-valor aspeto-modal volitivo

(181)

N ta **krê** **odja** -l drétu (D 21:19)
D.S1SG IPFV **querer** **olhar** D.O3SG direito
‘Gosto de vê-lo bem’

kunsâ-valor aspeto-modal de serialização (última ação duma série)

(182) retomado de (33)

Fijon te ki sekâ p’ o ben digudja
Feijão CONJ CONJ secar.PFV COMP’ D.S2SG vir.PFV debulhar.PFV
-l **p’** **o** **kunsâ** **garda** -l (LD 03:12)
- D.O3SG COMP’ D.S2SG **fazer.depois**.PFV **gardar**.PFV -D.O3SG
‘O feijão quando secar tens de debulhar e só depois guardá-lo’

kustumâ-valor aspeto-modal de ação já realizada pelo sujeito

(183)

Dja N **kustumâ** **resebê** prizénti di Bráva (DV 09:25)
PRF D.S1SG **já.ter.feito**.PFV **receber**.PFV presente PREP Brava
‘Já recebi prendas da ilha Brava’

mestê-valor aspeto-modal de necessidade

(184)-retomado de (163)

Déus **mestê** **midjorâ** argen (ID 04:06)
Deus precisar.PFV melhorar.PFV pessoas
‘Deus precisa melhorar as pessoas’

podê-valor aspeto-modal de possibilidade

(185)

Gósi ti el **podê** **matá** mi (DV 08:46)
CONJ até D.S3SG **poder**.PFV **matar**-PASS RD.O1SG
‘Agora ele podia até matar-te’

ten ki-valor aspeto-modal de obrigação

(186)

N **ten** **ki** **ten** fe
D.S1SG **ter**.PFV CONJ **ter**.PFV fé
‘Tenho de ter fé’

Os verbos apresentados e os seus usos têm paralelo com o santiaguense. Este é mais um dos aspetos da sintaxe em que as duas variedades comprovam a origem linguística comum.

6.3 Morfema de tempo *-ba*

6.3.1 Morfologia

Consideramos para o foguense o mesmo sistema de dois tempos: passado e não passado, esquematizado para o santiaguense por Quint (2000:231). O morfema *ba* é o único morfema de tempo do sistema. Este morfema é um sufixo que ocorre em posição pós-verbal. É uma partícula gramatical, sem ocorrência autónoma na língua.

(187)

El	**kre-ba**	-mi	txeu (NN 14:23)
D.S3SG	querer-PASS	RD.O1SG	muito

'Ele gostava muito de mim'

Quando ocorre em construções perifrásticas o morfema pode aparecer nos dois verbos ou apenas em um dos verbos, não havendo restrições específicas.

(188)

El	ka	debe-**ba**	ofende-**ba**	-mi	go (DV 45:16)
D.S3SG	NEG	dever.PFV-PASS	ofender.PFV-PASS	RD.O1SG	agora

'Ele não devia ter-me ofendido, entretanto'

Em verbos terminados em vogal /a/ ocorre muitas vezes a queda do -/b/- intervocálico, resultando a fusão das duas vogais num [a]tónico aberto. Estas formas diferenciam-se das formas de não passado que terminam em vogal tónica[ɐ] semiaberta. (O mesmo processo ilustrado em **6.2.1.2** para o morfema de progressivo *stá ta*).

murgudj**aba** [murguˈdʒɐ] 'mergulhar.PASS' <murgudj**â** [murguˈdʒ**a**] 'mergulhar'

(189)

Midjor	algen	ki	ta	**murgudjá** [murguˈdʒa]	
melhor	pessoa	REL.S	IPFV	mergulhar-PASS	
na	kel	kábu	-li	era	el (MX 01:16)
PREP	DEM.DIST	lugar	ADV.PROX	ser.PASS	RD.S3SG

Lit. 'O melhor alguém que mergulhava neste lugar era ele'
'O melhor mergulhador neste lugar era ele'

Vs.

(190)

Midjor algen ki ta murgudj**a** na kel áabu li e el

Midjor	algen	ki	ta	murgudj**â** [murguˈdʒɐ]	
melhor	pessoa	REL.S	IPFV	mergulhar	
na	kel	kabu	-li	e	el
PREP	DEM.DIST	lugar	ADV.PROX	ser	RD.S3SG

Lit.'O melhor alguém que mergulha neste lugar é ele'

‘O melhor mergulhador neste lugar é ele’

6.3.2. Uso e ocorrência

6.3.2.1. Ocorrência com verbos de ação

O morfema *-ba* pode-se combinar com todos os outros morfemas pré-verbais de aspeto, acrescentando o valor de passado ao enunciado, sem interferir com outros valores de aspeto já expressos.

Quando combinado com o morfema ø -de valor perfectivo a leitura aspetual resultante é de ação acabada antes de outra ação no passado, ou seja, muitas vezes do mais-do-que-perfeito do português.

(191)

El ba-ba Sãu Tumé
D.S3SG ir.PFV-PASS São Tomé
‘Ele tinha ido a São Tomé (e Príncipe)’

Quando combinado com o morfema de imperfectivo *ta* a leitura resultante é de aspeto habitual no passado, ou seja, muitas vezes do imperfeito de indicativo do português.

O morfema *-ba* acrescenta o tempo passado ao enunciado que já tinha aspeto imperfectivo/habitual pela presença do morfema *ta*.

(192a)- habitual presente

Nos du ta brinkâ ku nos kuléga ermunmenti
RD.TOP1PL D.S1PL IPFV brincar PREP POSS.SPL1PL colega fraternalmente
‘Nós brincamos fraternalmente com os nossos colegas’

(192b)- habitual passado

Nos du ta brinka-**ba** ku nos kuléga ermunmenti (N 00:38)
RD.TOP1PL D.S1PL IPFV brincar.PASS PREP POSS.SPL.1PL colega fraternalmente
‘Nós brincávamos fraternalmente com os nossos colegas’

A combinação com *ta* pode ainda resultar numa leitura de futuro no passado, que corresponde muitas vezes ao condicional (presente ou passado (193)) do português.

(193)-futuro do passado

Ma kel skóla si N tenha
CONJ DEM.DIST escola CONJ D.S1SG ter.PASS
el **ta** djuda-**ba** mi
D.S3SG IPFV ajuda**r**-PASS RD.O1SG
un fexi spásu pa N da-ba (N 05:16)
INDF feixe passo PREP D.S1SG dar-PASS
Lit. ‘Mas aquela escola se eu tivesse ela ajudava-me, um feixe de passos para eu dava’
‘Se eu tivesse estudos, (isso) ter-me-ia ajudado a dar muitos passos (na vida)’

Quando combinado com o morfema de progressivo *sa-ta* acresce a leitura de passado a um enunciado progressivo. A leitura resultante é de ação em curso no passado que é o tempo de referência do discurso, dada a presença do morfema *-ba*.

(194) retomado de (134)

N	sa	ba-ba	kaza	di	un	amigu	di-mé
D.S1SG	PROG	ir-PASS	casa	PREP	INDF	amigo	POSS.CP1SG

'Eu estava a ir à casa de um amigo meu'

Além da estrutura apresentada em (194) com o morfema de passado *-ba* sufixada ao verbo (como acontece nas ocorrências com morfema ø e morfema de imperfectivo *ta*) a combinação com o morfema de progressivo *sa-ta* ou pode apresentar outra estrutura nomeadamente (i) o amalgamento do morfema de passado *-ba* e da primeira partícula do morfema composto de progressivo *sa-ta*, resultando na forma *sá-ta*, ou (ii) a combinação do morfema *-ba* com a forma supletiva (atestada unicamente em contextos passado no nosso corpus) *sta ta* do morfema de progressivo, resultando na forma *stá(ba) ta* conforme explicitado no ponto 6.2.1.2.

(195) retomado de (137)

El	stá	ta	ba	tumâ	(kárru)	na	bila (V 13:59)
D.S3SG	PROG.PASS	IPFV	ir	tomar	carro	PREP	vila

'Ele estava a ir buscar o carro à vila'

6.3.2.2. Ocorrência com verbos de estado

Num verbo de estado quando *–ba* é combinado com o morfema ø -de valor perfectivo a leitura resultante é de uma ação que coincide com o momento de referência no passado, ou seja, muitas vezes do imperfeito de indicativo do português.

(196)

N	ka	muntu	**gosta-ba**	própi	di	skóla (D 01:13)
D.S1SG	NEG	muito	gostar-PASS	próprio	PREP	escola

'Não gostava mesmo muito da escola'

Os verbos de estado com a marca *–ba*, podem também combinar-se com o morfema de imperfectivo *ta*, neste caso a leitura resultante pode ser:

(i) de aspeto habitual no passado, que também corresponde ao imperfeito de indicativo do português (197), sendo que, com *ta*, o crioulo insiste sobre o carácter iterativo (ou repetido) da ação enquanto esta nuance iterativa está ausente numa ocorrência como (196) (=*–ba* + ø).

(197) – habitual passado

Du	ta	sta-ba	sábi (V 04:07)
D.S1PL	IPFV	estar-PASS	contente

'Costumávamos estar/ficar contentes'

(ii) de futuro no passado, como no caso dos verbos de ação, em cujo caso a leitura resultante corresponde muitas vezes ao condicional (presente ou passado (198)) do português.

(198) –futuro do passado

Si N kontrá ku ómi
CONJ D.S1SG encontrar-PASS PREP homem
[COND]
N ta tenba txeu fidju (B 07:19)
D.S1SG IPFV ter-PASS QUANT filhos
[NUC]
‘se tivesse encontrado um (bom) homem, teria tido muitos filhos’

Quando combinado com o morfema de progressivo *sa-ta* a leitura resultante é de ação em curso, no momento da fala, ou seja, no passado.

(199) retomado de (136)

Un rápas sa gosta-ba d -el (DV 35:34)
INDF rapaz PROG gostar.PASS PREP D.O3SG
‘Um rapaz estava a gostar dela’/ ‘Um rapaz estava apaixonado por ela’

O morfema de perfeito *dja* tem uma leitura aspetual de ação recentemente concluída, tanto para verbos de estado (200) como de ação (201). Quando em ocorrência com *–ba*, o tempo de referência da ação passa a situar-se no passado, resultando numa leitura de ação recentemente concluída, tomando como referência o momento da enunciação no passado.

(200)

Dj -m stá (=sta-ba) ómi (NN 00:59)
PRF D.S1SG estar-PASS homem
‘Ele já era homem (adulto)’

(201)

Dja N toma-ba bánhu
PRF D.S1SG tomar-PASS banho
‘Já tinha tomado banho.’

6.4 Morfema de voz *du*

6.4.1 Morfologia

O foguense apresenta um sistema de duas vozes, ativa e passiva. Os verbos do foguense apresentam formas de voz passiva com recurso ao sufixo *du /du/* que tem etimologia no sufixo de particípio passado português-do /du/ (também usado em português nas construções passivas). Combina-se tanto com verbos de etimologia portuguesa como de etimologia africana.

detâ PT ‘deitar’ > detá**du** ‘ser deitado’

banbú MDK ‘levar/trazer às costas’>banbu**du** ‘ser levado/trazido às costas’

O exemplo (202) ilustra um caso típico de uso do passivo em foguense.

(202)

Es	kuza	-li	kebrádu
DEM.PROX	coisa	ADV.PROX	quebrar.PFV-PSV

‘Isto foi partido’

Este morfema pode combinar-se com o morfema de passado *ba*, originando a forma amalgamada *da*, que corresponde ao morfema de voz passiva no passado (207).

6.4.2 Uso e ocorrência

Dixon (2012:206) considera passivas canónicas estruturas que derivam de uma frase ativa na qual o objeto passa a ocupar lugar de sujeito e que apresentam uma construção formal, envolvendo uma marcação morfológica no verbo ou uma construção perifrástica com recurso a um verbo auxiliar. Este autor considera ainda que o agente passa a ocupar uma posição periférica, sendo opcional a sua referência na frase passiva. Nas passivas do foguense não há recurso a um verbo auxiliar, mas a forma verbal é marcada com o sufixo de passiva *–du*. Não ocorre também referência ao agente na frase passiva.

Dixon (2012:219) aponta três principais razões para a construção deste tipo de passiva:

a) quando a identidade do agente não é conhecida,

b) quando a identidade do agente é óbvia,

c) para não revelar a identidade do agente.

Quint (2000:234) explica para o santiaguense que a voz passiva é usada em dois casos: (i) para descrever uma ação sofrida pelo sujeito e (ii) para expressar um sujeito coletivo ou indefinido. Estes cenários vão ao encontro das ocorrências encontradas no foguense, como o demonstram os exemplos a seguir em que (201) ilustra (i) e (203-205) ilustram (ii).

(203)

Nhá	pái	mata-du (DD 05:58)
POSS.SPL1SG	pai	matar.PFV-PSV
S		V.PSV

‘O meu pai foi morto’

Este tipo de construções pode ser substituído por frases na voz ativa com sujeito indefinido (3ra pessoa de plural).

(204)

Nhá	pái	es	mata-ba	el (DD 06:01)
POSS-SPL1SG	pai	D.S3PL	matar- PASS	- D.O3SG
TOP.S		S	V	P

Lit. ‘o meu pai, tinham-no matado’
‘Mataram-me o pai’

(205)

Morre-du	di	fómi	txeu (NN 01:27)

Morrer-PSV PREP fome muito
‘Morreu-se muito de fome’ ou ‘a gente morreu muito de fome’

(206)
kel ka ta fra-du (AF 06:24)
DEM.DIST NEG IPFV falar-PSV
S V.PSV

‘Isso não se diz’

O morfema *–du* pode combinar-se com o morfema de passado *–ba*, originando a forma amalgamada *–da*, que corresponde ao morfema de voz passiva no passado.

(207)

Bulí própi ki ta bateda (mantega) na el (V 05:11)
Cabaça próprio FOC.REL IPFV bater.PSV.PASS manteiga PREP RD.OBL3SG
TOP.S REL.OBL V.PSV OD OBL
Lit. ‘Era na cabaça que a gente batia (que se batia) a manteiga’
‘Era na cabaça que a manteiga era batida’

A não referência do agente no foguense nem sempre significa que a sua identidade seja desconhecida, ou haja uma clara intenção de não a revelar (**6.4.2 c)**). Em (203) e (205) é possível que a identidade do agente seja conhecida, não sendo, porém, relevante para a conversa. Por outro lado, a omissão pode decorrer do facto da identidade do agente ser óbvia (**6.4.2 b)** como em (205). Pode-se ainda argumentar um princípio de economia para a omissão do agente, já que, numa frase passiva, o paciente da ativa passa a ser o sujeito, ou seja, o foco da ação, podendo por isso ser descartada a informação secundária que dá referência do agente.

6.5 Recapitulação e Perspetiva comparativa

Na tabela seguinte apresentamos a súmula dos morfemas aspeto-modais, temporais e de voz do foguense, bem como a especificação da sua natureza (clítica ou independente), posição em que ocorrem no enunciado e ancoragem temporal e de voz associadas.

Tabela 71. Inventário dos morfemas aspeto-modais, temporais e de voz do foguense

	Natureza		Posição		Projecção temporal		Voz		Valor aspetual e modal				
Morfema	Ind.	Clítico	Pre-verbal	Pós-verbal	PASS	-PASS	ACT	PSV	PFV	IPFV	PROG	POT	PRF
Ø	(✓)		(✓)						✓				
Ta	✓		✓							✓			
sa-ta	✓		✓								✓		
Al	✓		✓									✓	
Dja	✓		✓										✓
Ba		✓		✓	✓		✓						
Du		✓		✓		✓		✓					
Da		✓		✓	✓			✓					

Apesar de os morfemas verbais serem os mesmos nas variedades de Santiago e Fogo notam-se diferentes nuances semânticas no que diz respeito ao seu emprego. A combinação da forma

dos morfemas de passado e de progressivo não se dá da mesma maneira nas duas variedades (6.2.1.1.2). Há ainda diferenças no emprego do morfema de perfeito *dja*, nomeadamente no que diz respeito à sua posição de ocorrência em presença de sujeitos nominais ou pronominais (6.2.4). A dicotomia verbo de estado/verbo de ação está também presente nas duas variedades, sendo que no foguense registamos a ocorrência de alguns verbos de estado com o morfema de imperfectivo *ta*, mantendo a ancoragem temporal de presente/habitual. Contrariamente no santiaguense o mesmo tipo de combinação tem ancoragem temporal mais frequente no futuro.

6.6 Imperativo

O imperativo no foguense é expresso para a segunda pessoa do singular (informal e formal masculino e feminino) e primeira e segunda pessoa do plural.

Tabela 72. Conjugação Imperativo de 'cantar'

Pessoa	Exemplo	Tradução
2ªsingular	*kantâ*	'(tu) canta'
2ªsing (RESP. M.)	*nho kantâ*	'o senhor cante'
2ªsing (RESP. F.)	*nha kantâ*	'a senhora cante'
1ªplural	*du kantâ*	'(nós) cantemos'
2ªplural	*nhos kantâ*	'(vós) cantai'

6.6.1 Segunda pessoa do singular

Para a segunda pessoa do singular, o imperativo é formado pela forma livre do verbo. O sujeito não é expresso quando o destinatário é uma segunda pessoa não formal.

(208)

Ø lerê go (V 10:52)
D.S2SG ler.IMP ADV
S V.IMP

'(tu) lê'

(209)

Ø kalâ bóka (V 10:58)
D.S2SG calar.IMP boca
S V.IMP O
'(tu) cala-te'

Para formas de imperativo com segunda pessoa do singular formal, o sujeito é sempre expresso.

(210)

Nhô kalâ bóka
D.S2SG.RSP.M calar.IMP boca
S V.IMP O
'O senhor cale-se'

(211)

Nha kalâ bóka
D.S2SG.RSP.F calar.IMP boca
S V.IMP O
‘A senhora cale-se’

6.6.2 Primeira e segunda pessoas do plural

Nas ocorrências de imperativo para primeira e segunda pessoas do plural o sujeito é sempre expresso.

(212)

Du bái
D.S1PL ir.IMP
‘Vamos’

(213)

Nhos kodjê káfe (V 01:08)
D.S2PL colher.IMP café
‘Colham café’

6.7 Derivação verbal

6.7.1 Prefixação

Assim como para os nomes, a prefixação não é uma estratégia muito desenvolvida para a derivação verbal no foguense. Apresentaremos os casos encontrados na secção abaixo.

6.7.1.1 dis~diz-

Prefixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Prod.**
dis~diz- /dis~diz/	*des-*/dis, dɨz/-	V→V	Sim

Significado da palavra derivada:

a) Inversivo = O contrário da ideia expressa pelo verbo simples

konsentrâ /konsenˈtrɐ/ ‘concentrar-se’ >**di**skonsentrâ /**di**skonsenˈtrɐ/ ‘desconcentrar-se’

6.7.1.2 -ra-

Prefixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Prod.**
-ra-ˈ/rɐ/	*re-/rre/-*	V→V	Não

Significado da palavra derivada:

a) Repetição da ação expressa no verbo

mondar /monˈdɐ/ ‘mondar’ >**rra**mondâ /**rɐ**monˈdɐ/ ‘mondar pela segunda vez’

6.7.2 Sufixação

6.7.2.1 -a-

sufixo	E. port.	s.derivação	Prod.
-a-ˈ/ɐ/	*-ar-/ar/*	S→V ADJ →V	Sim

Significado da palavra derivada: incoativo

a) passar a ser + adjetivo

b) fazer alguma coisa em relação com + nome

Este sufixo junta-se ao radical de adjetivos terminados em/i/ e /u/ e ao radical de nomes terminados em -/u/

a) Com adjetivos: A>V:

bedju /bedʒu/ ‘velho’ >bedjâ /beˈdʒ**ɐ**/ ‘envelhecer’

fédi /ˈfɛdi/ ‘fedorento’ > fedâ /feˈd**ɐ**/ ‘feder/ tornar fedido, mau’

marélu /mɐˈrɛlu/ ‘amarelo’ >marelâ /mɐreˈl**ɐ**/ ‘amarelar’

miodu /ˈmjodu / ‘pequeno’ >miodâ /mjoˈd**ɐ**/ ‘diminuir’

b) Com nomes: N>V:

médu /ˈmɛdu/ ‘medo’ >medâ /meˈd**ɐ**/ ‘ter medo’

djazigu /dʒɐˈzigu/ ‘jazigo’ >djazigâ /dʒɐˈzig**ɐ**/ ‘proteger-se/abrigar-se’

rafodju /rrɐˈfodʒu/ ‘piada’ >rafodjâ /rrɐfoˈdʒ**ɐ**/ ‘contar piadas’

Este sufixo apresenta uma variante [jɐ]que aparece em dois casos:

i) quando se junta a nomes que terminados pela vogal /a/

lagoa/lɐˈgoɐ/ ‘lagoa’ > lago**iâ** /ˈlɐgoˈ**jɐ**/ ‘fazer chichi na cama/ensopar’

láma /ˈlamɐ/ ‘lama’ > lam**iâ** /laˈm**jɐ**/ ‘tornar-se, mole, pegajoso’

ii) quando se junta a um nome terminado pela vogal /i/

sórti /ˈsɔrti/ ‘sorte’ > sort**iâ** /sorˈt**jɐ**/ ‘ter sorte’

A escolha do sufixo /a/ no foguense para derivação pode ter sido uma estratégia de uniformização com o grupo (maioritário) dos verbos já etimologicamente em /a/ ex. *mangâ* ‘mangar/troçar’.

6.7.2.2 –isê-

sufixo	**E. port.**	**s.derivação**	**Prod.**
isê-/iˈse/	*-ecer-/eser/*	ADJ →V	Sim

O foguense e o santiaguense apresentam os mesmos sufixos (i) ST+FG /ɐ/ e (ii) ST /isi/ FG /iˈse/ para formação de verbos a partir de nomes e adjetivos. O sufixo /ɐ/ é bastante produtivo no foguense e é usado mesmo para verbos que são derivados no santiaguense com recurso ao sufixo *–isi*, embora o sufixo/ɐ/ possa aparecer nas formas derivadas de passado.

A ocorrência desses sufixos nas duas variedades pode apresentados seguintes cenários:

Tabela 73. Ocorrência de /ɐ/ em santiaguense e no foguense

	Fogo	**Santiago**	**PT**
adj	*marélu* [mɐˈrɛlu]	*marélu* [mɐˈrɛlu]	Amarelo
V	*marelâ* [mɐreˈl**ɐ**]	*marela* [mɐˈrel**ɐ**]	Amarelar

Tabela 74. Ocorrência de /ɐ/ foguense e /isi/ em santiaguense

	Fogo	**Santiago**	**PT**
adj	prétu [ˈprɛtu]	prétu [ˈprɛtu]	‘preto’
v	pretâ [preˈt**ɐ**]	pretisi [preˈt**isi**]	‘tornar preto’

Tabela 75. Ocorrência de /ɐ/ no foguense e zero em santiaguense -com /a/ na forma de passado

	Fogo	**Santiago**	**Sig. Português**
adj	fédi [ˈfɛdi]	fédi [ˈfedi]	‘fedido’
v (PRS)	fedâ [feˈd**ɐ**]	fédi[ˈfedi]	feder / tornar fedido, mau
v (PASS)	feda-ba [feˈd**a**bɐ]	feda-ba [feˈd**a**bɐ]	

Tabela 76. Ocorrência de /ɐ/ foguense e /isi/ em santiaguense com /ɐ/ na forma de passado

	Fogo	**Santiago**	**Sig. Português**
adj	bedju [ˈbedʒu]	bedju [ˈbedʒu]	Velho
v (PRS)	bedjâ [beˈdʒ**ɐ**]	bedju [‘bedʒu] bedjisi [beˈdʒ**isi**]	envelhecer
v (PASS)	bedja-ba [beˈdʒab**ɐ**]	bedja-ba [beˈdʒab**ɐ**] bedjise-ba [bedʒ**i**ˈ**sebɐ**]	

Significado da palavra derivada:

a) incoativo= passar a ser’ + adjetivo

grandi /ˈgrandi/ ‘grande’ >grandisê /grɐndiˈse/ ‘crescer’

6.7.3 Mudança semântica

Atestamos no foguense a derivação de nome para verbo, sem adição de sufixo, sendo a mudança do padrão acentual (do nome paroxítono para o verbo oxítono) a única alteração registada no processo.

kónxa /ˈkɔnʃɐ/ ‘concha’ > konxâ /konˈʃɐ/ ‘empoçar’

sónbra /ˈsɔnbrɐ/ ‘sombra’> sombrâ /sonˈbrɐ/ ‘passar o dia com’

mónda /ˈmɔndɐ/ ‘monda’ > mondâ /monˈdɐ/ ‘mondar’

Estes casos correspondem em santiaguense aos pares verbo/nome que se distinguem apenas pela abertura vocálica (Quint 2001). No foguense, regista-se (como em santiaguense) a diferença na abertura da vogal, mas também da acentuação, tendo em conta o diferente padrão acentual para as duas classes gramaticais.

Tabela 77. Pares verbo/nomes do santiaguense e do foguense

	Fogo	**Santiago**	**Sig. português**
Substantivo	rréga/ˈrrɛgɐ/	réga/ˈrɛgɐ/	‘rega’
Verbo	rregâ /rreˈgɐ/	rega /ˈregɐ/	‘regar’

6.8 Negação

A negação verbal no foguense ocorre com recurso à partícula *ka* /kɐ/, como acontece no santiaguense e em várias outras variedades do cabo-verdiano.

Ka conta com a forma reduzida *k’*, que ocorre com verbos iniciados por vogal.

(214)

N k’ obí

D.S1SG NEG ouvir.PFV

‘Eu não ouvi’

Trata-se de uma partícula pré-verbal, exceto em ocorrências com o verbo ser, que na forma de base obriga a uma posição pós-verbal da partícula *ka*. Esta partícula é empregue para negação frásica, com escopo sobre todo o enunciado.

6.8.1 Etimologia

Autores como Schuchardt (num primeiro momento) e o padre Henrique Lopes Cardoso defenderam uma possível etimologia africana para a partícula *ka,* (in Revista Lusitana 1897:276), estabelecendo um paralelo com a partícula negativa *ka* de algumas línguas bantu e com o mandinka. No entanto a improvável ligação histórica, no caso das línguas bantu, uma vez que estas línguas não constituíram substrato para o cabo-verdiano, enfraquece esta teoria, em favor da etimologia portuguesa do advérbio ‘nunca’ (Teyssier 1986:599, Schuchardt 1887, Lopes da Silva 1957:150, Almada 1961: 126, Quint 2000:266), cujo registo como valor de *não* em variedades dialetais da língua portuguesa e em outros crioulos de base lexical portuguesa, foi também apontado por estes mesmos autores.

6.8.2 *Ka* uso e escopo

Esta partícula é usada para negar frases declarativas (215, 216) ou interrogativas (217) e imperativas da mesma forma.

(215)

N ka parí más (B 07:16)
D.S1SG NEG parir.PFV mais
‘Não tive mais filhos’

(216) retomado- (206)

kel ka ta fra-du (AF 06:24)
DEM.DIST NEG IPFV falar-PSV
S V.PSV

(217)

Pamodi bu ka ta trâ kárta konduson? (D 02:55)
CONJ D.S2SG NEG IPFV tirar carta condução?
‘Porquê não fazes a carta de condução’

6.8.3 Ocorrência com o verbo ser

Em ocorrências com o verbo *ser* na forma de presente a partícula de negação *ka* ocorre sempre depois da forma verbal, contrariamente aos contextos em que ocorre com os restantes verbos do sistema.

Em (219) registamos a ocorrência de *ka* com o verbo *mata* –matar com o advérbio de negação na posição canónica pré-verbal, enquanto que na oração coordenada, onde aparece o verbo *ser* na forma não marcada do presente, o advérbio ocupa a posição pós verbal.

(219)

Trabádju **ka** ta matâ, trabádju ê **ka** disprézu (D 14:43)
Trabalho NEG IPFV matar trabalho ser.PRS NEG desprezo
'o trabalho não mata, o trabalho não é humilhação'

No entanto, quando ocorre com a forma de passado *era*, a negação volta a ocupar a posição canónica-pré-verbal.

(220) retomado de 120

Bedju go **k'** **era** si (MM 05:51)
Antigamente agora NEG ser.PASS assim
'Antigamente, agora, não era assim'

6.8.4 Imperativo negativo

Enunciados negativos no imperativo formam-se com recurso à partícula *ka*, que aparece sempre no início do enunciado. Todos os sujeitos são expressos, independentemente da pessoa gramatical.

Tabela 78. Conjugação Imperativo negativo de 'cantar'

Pessoa	Exemplo	Tradução
2ªsingular	*ka bu ba*	'(tu) não vás'
2ªsing (RESP. M.)	*ka nho ba*	'o senhor não vá'
2ªsing (RESP. F.)	*ka nha ba*	'a senhora não vá'
1ªplural	*ka du ba*	'(nós) não vamos'
2ªplural	*ka nhos ba*	'(vós) não vades'

Ocorrências como em (222) de 'estrutura assertiva' com valor imperativo, em que o pronome sujeito aparece anteposto à partícula negativa também são atestadas. Estas resultam numa diferente leitura semântica da estrutura com a partícula negativa em início de enunciado.

(221)

Ka bu bá
NEG D.S2SG ir.IMP
'Não vás'

Em (221) trata-se de uma ordem/conselho simples de forma direta. Em (222) insiste-se sobre o destinatário, reforçando a proibição para aquele destinatário em específico.

(222)

bu ka ta bá (V 07:35)
D.S2SG NEG IPFV ir
'Tu, não vais'

6.8.5 Concordância negativa

O foguense, assim como o santiaguense (Quint 2000:267, Pina 2006:146, Biagui 2012:180) também permite concordância negativa, exibindo a presença do marcador de negação frásica em simultâneo com outras partículas negativas, sejam advérbios ou conjunções.

(223)

náda	du	ka	ta	ranjâ (DD 07:49)
nada	D.S1PL	NEG	IPFV	arranjar

‘Não arranjamos nada’

6.9 Morfologia do verbo ser

A ocorrência do verbo existencial *ser* na língua reveste-se de algumas características particulares, a começar pela apresentação de duas formas de base.

6.9.1 Formas

6.9.1.1 Forma *ê*

A forma *ê* [ˈe] é a cópula por excelência. Deriva da forma de terceira pessoa do singular português ‘é’. A forma *ê* ocorre apenas com morfema zero e com ancoragem temporal presente, não se combinando com os morfemas aspeto-modais nem com os morfemas de tempo e voz observados nos demais verbos da língua. Como cópula pode ser omitida (225).

(224) Retomado de (12)

Kondutor	afinal	*ê*	más	**mofinu**	**profisãu**	
condutor	ADV	ser.PRS	ADV	ADJ.N	profissão	
ki	N	konsigí	na	nha	vida (D 07:43)	
REL	D.S1SG	conseguir.PFV	PREP	POSS-SPL1SG	vida	

‘Condutor é a pior profissão que eu consegui na minha vida’

(225)

Si	povu	pergunta	-bu	ka	bu	frâ
CONJ	povo	perguntar.PFV	D.O2SG	NEG	DS.2SG	dizer.IMP
kárru	di	bo (D 10:05)				
carro	PREP	RD.OBL2SG				

‘Se as pessoas te perguntarem não digas que o carro é teu’

A forma *ê* conta com uma forma de passado *éra* [ˈɛrɐ] (com as variantes *iera* [ˈjerɐ], *iara* [ˈjarɐ] e *iá* [ˈja]), sendo por isso um dos poucos verbos irregulares do sistema, do ponto de vista da variação da raiz verbal, entre a forma de passado e não passado.

(226)

Minina	éra	virgen (D 40:11)
Menina	ser.PASS	virgem

‘A menina era virgem’

6.9.1.2 Forma *ser*

A forma *ser* deriva do infinitivo português -ser- e apresenta uma forma de passado *serba*, com recurso ao sufixo *-ba*, seguindo o padrão regular da língua.

Atestámos também a forma de passado *sereba*, deixando margem para postularmos a existência de uma forma livre **serê*, já desaparecida, convergente com a forma *lerê*, resultante do processo de epêntese do /e/ em formas verbais que mantiveram o /r/ infinitivo etimológico, cf. 3.3.3.2 (ii).

Estas formas parecem ter origem no protocrioulo. A existência das formas *sedi* nos crioulos continentais (Casamansa, cf. Biagui 2012:185) deixa pressupor a existência de uma forma com /r/ intervocálico que se terá convertido a /d/, um processo atestado em toda a família linguística (2.4.2.2.2.1).

FG *sere > ser (PRS) /sereba (PASS)

CC *sere > sede > sedi

6.9.2 Uso

O verbo *ser* apresenta um comportamento singular no que diz respeito à sua interação com os morfemas aspeto-modais. Considerando os critérios acima expostos, este verbo não se enquadra nem na categoria dos verbos de estado nem na dos verbos de ação.

A forma *ê* ocorre normalmente com morfema zero, enquanto a forma *ser* é mais flexível, no que diz respeito à ocorrência com os morfemas de aspeto, tempo e voz.

Ela aceita combinação com os morfemas de imperfectivo, progressivo, perfeito, potencial e pode ainda ocorrer com o morfema de passado *–ba*. Apenas não atestamos a ocorrência com o sufixo de passivo *-du*.

No que diz respeito à modalidade associada, a forma *ê* parece estar preferencialmente associada à modalidade realis, enquanto a forma *ser* está preferentemente associada a modalidade irrealis.

No meu corpus, a forma de passado *serba* apenas ocorrem na modalidade irrealis, correspondendo ao condicional passado do português. Em enunciados no passado na modalidade realis ocorre regularmente a forma *éra*.

(227)

Tudu	kuza	ta	ser	rezolvidu[39]
Toda	coisa	IPFV	ser	resolver-PSV

(228)

Tudu	kuza	sa-ta	ser	rezolvidu

[39]Essas ocorrências são admitidas numa fala mais aportuguesada. Numa linguagem coloquial, o verbo ser seria normalmente omitido dessas estruturas.

Tudo coisa PROG ser resolver-PSV

(229)

Tudu kuza dja ser rezolvidu

Tudo coisa PRF ser resolver-PSV

(230)

Tudu kuza ál ser rezolvidu

Tudo coisa POT ser resolver-PSV

(231)

Si	N	studa-ba	N	ta	serba	dotor
CONJ	DS.1SG	estudar.PFV-PASS	DS.1SG	IPFV	ser-PASS	dotor

'Se tivesse estudado seria doutor'

6.9.2.1 Interação com a partícula negativa *ka*

Nas ocorrências com a partícula negativa a forma *ê* na forma livre ocorre anteposta, contrariamente aos restantes verbos do sistema e às restantes formas do verbo *ser*.

(232) retomado de (219)

Trabádju	ka	ta	matâ,	trabádju	**ê**	**ka**	disprézu (D 14:43)
Trabalho	NEG	IPFV	matar	trabalho	ser.PRS	NEG	desprezo

'o trabalho não mata, o trabalho não é humilhação'

Vs.

(233) retomado de (215)

N	**ka**	**parí**	más (B 07:16)
D.S1SG	NEG	parir.PFV	mais

'Não tive mais filhos'

A forma de passado *era* ocorre pós-posta à partícula negativa, sem que o verbo *ser* constitua exceção.

(234) retomado de (120)

Bedju	go	**k'**	**era**	si (MM 05:51)
Antigamente	agora	NEG	ser.PASS	assim

'Antigamente, agora, não era assim'

Já a forma *ser* ocorre sempre pós-posta à partícula negativa.

(235)

Si	du	**ka**	**ser**	umildi	di	korasan
CONJ	D.S1PL	NEG	ser.PFV	humilde	PREP	coração

nada	ka	ta	ba	-nu	dretu (MG 04:07)

nada NEG IPFV ir - D.O1PL direito
‘Se não formos humildes de coração, nada nos vai bem’

6.9.2.2 Interação com os pronomes pessoais

As duas formas mostram, mais uma vez, um comportamento diferente em ocorrências com os pronomes pessoais sujeitos. Enquanto a forma *ê* seleciona pronomes da série independente, a forma *ser* ocorre com pronomes da série dependente, mostrando, novamente, um comportamento mais em consonância com os restantes verbos do sistema.

(236)

Ami **ê** un rapás sinplis (D 21:31)
INDP.S1SG ser.PRS INDF rapaz simples
‘ Eu sou um rapaz simples’

(237)

Trâ fótu N gostâ d’ el
Tirar.PFV foto D.S1SG gostar.PFV PREP D.OBL3SG
pa **N** **ser** bon (PV 03:34)
PREP D.S1SG **ser.PFV** bom
Lit. ‘tirar foto gosta dele para eu ser bom’
‘Gostaria de ser um bom fotógrafo’

7. Aspetos da Sintaxe

Nesta secção dedicada à sintaxe não farei a descrição exaustiva de todos os aspetos da sintaxe da variedade em estudo, mas essencialmente dos aspetos ligados à frase complexa que considerei mais distintivos do foguense no conjunto da língua cabo-verdiana.

7.1 Estrutura da frase simples

No foguense a ordem frásica básica das orações intransitivas é sujeito verbo (SV).

(238)

S V
Mái morrê
mãe morrer.PFV
'A (minha) mãe morreu'

Nas ocorrências com verbos transitivos a ordem é sujeito-verbo-objeto (SVO). A ordem é fixa e essencial para a identificação dos constituintes frásicos, uma vez que não existe marcação morfológica de papéis argumentais nem flexão verbal que possam indicar as funções sintáticas na oração. As funções de sujeito e objeto são dadas pela posição dos constituintes na frase.

(239)

S V O
Kárlus ta bende-ba grogu (DV 18:03)
Carlos IPFV vender-PASS grogue
'O Carlos vendia grogue'

Nas construções com duplo objeto, o objeto indireto (nominal (240) ou pronominal (241)) ocorre sempre em primeiro lugar e é seguido pelo objeto direto.

(240)

S V O.IND O.DIR
El dâ rapazinhu bafatáda (DV 08:41)
D.S3SG dar.PFV rapazinho bofetada
'Ele deu uma bofetada ao rapazinho'

(241)

S V O. DIR O.DIR
Dóna ta da- nu nos káfe (V 01:26)
Avó IPFV dar D.O1PL POSS.SPL1PL café
'A avó dá-nos café'

Um complemento oblíquo é sempre posicionado depois do objeto direto.

(242)

S V V O.DIR O.PREP
N ben botá un kárta na korreiu (S 03:44)
D.S1SG vir.PFV botar.PFV-PASS INDF carta PREP correios
'Tinha vindo pôr uma carta nos correios'

7.2 A Frase complexa

A coordenação e a subordinação são no foguense, assim como noutras línguas do mundo, as duas estratégias conhecidas de construção de frases complexas. Para a análise destes fenómenos assumiremos uma perspetiva mais semântica, uma vez que estas estratégias no foguense não recorrem obrigatoriamente a conjunções. Recorreremos às noções de hipotaxe e parataxe, na aceção de Dubois (2014), para nos referirmos à relação formal entre as orações envolvidas, podendo esses termos ser aplicados, tanto à subordinação, quanto à coordenação, conforme explicitado para o santiaguense por Quint 2008b.

7.2.1 Coordenação

Consideramos, para esta análise, a coordenação enquanto [um tipo de] "construções sintáticas nas quais duas ou mais unidades do mesmo tipo são combinadas numa unidade maior e mantêm a mesma relação semântica com os restantes elementos" (Haspelmath 2004:34).

Do ponto de vista formal este tipo de relação semântica é frequentemente expresso no foguense pela simples justaposição das duas orações, sem necessidade de conjunções ou elementos de ligação.

(243)

Ka tenha tilivizãu
NEG ter.PFV.PASS televisão
Du ta djugâ éedra, du ta sartâ un pur un (V 09 :44)
D.S1PL IPFV jogar pedra, D.S1PL IPFV saltar um por um
'Não havia televisão. Jogávamos ao jogo da pedra, saltávamos ao eixo'

Para a análise das ocorrências de hipotaxe, com recurso a conjunções, consideramos as categorias elencadas por (Quint 2008b:32) para o santiaguense. Deixamos de fora a categoria causal, que trataremos no capítulo da subordinação, por considerarmos que as ocorrências do nosso corpus com conjunções causais apresentam uma relação de dependência em relação à oração com a qual coocorrem.

Tabela 79. Conjunções coordenativas do Foguense

Tipo semântico	Conjunções
Disjuntiva	o
Aditiva	i, ku, nton, tanbé
Adversativa	mas

7.2.1.1 Coordenação disjuntiva

7.2.1.1.1 Conjunção o /o/ PT 'ou'

(244)

El el ta bá
RD.TOP3SG RD.S3SG IPFV ir
o bu krê **o** bu ka krê (V 07:38)
CONJ D.S2SG querer.PFV CONJ D.S2SG NEG querer.PFV
'ele vai, queiras ou não'

7.2.1.2 Coordenação adversativa

7.2.1.2.1 Conjunção *ma* /ˈma/ < PT ‘mas’

(245)

El tenha se ermun
D.S3SG ter. PFV.PASS POSS.SPL3SG irmão
ma se ermun morrê (B 06:41)
CONJ POSS.SPL3SG irmão morrer.PFV
‘Ele tinha o irmão, mas o irmão morreu’

(246)

N tenha gostu pa N ba-ba (skola)
D.S1SG ter. PFV.PASS gosto COMP D.S1SG ir. PFV-PASS (escola)
ma mai ka tenha kondisõis (V 11:32)
CONJ mãe NEG ter.PASS condições
‘Tinha vontade de ir à escola, mas a minha mãe não tinha condições (financeiras)’

7.2.1.3 Coordenação aditiva

7.2.1.3.1 Conjunção *tanbé* /tɐnˈbe/< PT ‘também’

O advérbio *tanbé* é empregue como conjunção aditiva. Aparece frequentemente no final de duas orações coordenadas por simples justaposição, desempenhando o papel de aditivo frásico.

(247)

Nos nu ta fazê di-nos
RD.TOP1PL D.S1PL IPFV fazer POSS.CP1PL
el el ta fazê di-sel **tanbê** (L 03:05)
RD.TOP3SG D.S3SG IPFV fazer POSS.CP3SG também
‘Nós fazemos o nosso ele faz o dele’

7.2.1.3.2 Conjunção *nton* /ˈntoN/< PT ‘então’

Nton surge normalmente como coordenador em narrativas de sequências de eventos.

(248)

N odjâ kel sinhor fikâ tristi,
D.S1SG ver.PFV DEM.DIST senhor ficar.PFV triste
nton N trâ kel duzéntu skudu
então D.S1SG tirar.PFV DEM.DIST NUM.200 escudos
ki N tenê N fra -l nhô alí (DV 05:12)
REL.O D.S1SG ter.PFV D.S1SG dizer.PFV D.O3SG RD.S2SG.RSP.M ADV.PROX
‘Vi o senhor ficar triste, então tirei os duzentos escudos que eu tinha e disse-lhe: aqui tem’

7.2.1.3.3 Conjunção *i* /i/ < PT ‘e’

A partícula *i* com origem na conjunção portuguesa *e* /i/ surge mais no foguense em construções fixas fossilizadas na língua como a coordenação de números cardinais, em datas cronológicas ou quantias em dinheiros como em (249) e (250). No entanto há também registo da conjunção com a simples função coordenativa de sintagmas nominais como em (251). Em estruturas do tipo é, no entanto, mais frequente o uso da conjunção *ku*.

(249)

N	fazê	kárta	na	dos	mil	i	kuátu (D 04:16)
D.S1SG	fazer.PFV	carta	PREP	NUM.2	NUM.1000	CONJ	NUM.4

‘Fiz a carta em dois mil e quatro’

(250)

N	gastâ	senti	i	tál	kontu
D.S1SG	gastar.PFV	cento	CONJ	tal	contos
ku	nha	mudje	na	Boavista (D 18:52)	
PREP	POSS.SPL1SG	mulher	PREP	Boavista	

‘Gastei cento e tal contos com a minha mulher na Boavista’

(251)

N	ten	kárta	pizádu	i	pasajeru (D 16:14)
D.S1SG	ter.PFV	carta	pesado	CONJ	passageiro

‘Tenho carta (de condução) de pesados e passageiros’

Nota a respeito da ortografia

A representação gráfica da conjunção *i* não é ainda consensual entre os estudiosos da língua cabo-verdiana. De acordo, com as normas do Alfabeto Unificado para a Escrita do Crioulo (ALUPEC), deve-se optar pelo uso do símbolo *y* para distinguir a conjunção do símbolo ortográfico *i*. Neste trabalho optámos pela simples representação com a letra *i* do alfabeto latino.

7.2.1.3.5 Conjunção *ku* /ku/ < PT ‘com’

A forma ***Ku*** que é também uma preposição para introduzir complementos que designam meio ou instrumento (cf. 5.6.3) tem adicionalmente no foguense valor de conjunção aditiva, assim como sucede nos restantes crioulos do sul de Cabo Verde. Ela coordena sintagmas nominais e não orações. Assim, na coordenação aditiva de orações (cf.7.2.1.3), além das conjunções indicadas acima *nton* e *tanbé*, a parataxe é o recurso mais utilizado.

(252)

Mi	**ku**	nhá	fidju	**ku**	nhá	nétu (NM 07:05)
RD.TOP1SG	PREP	POSS.SPL1SG	filho	CONJ	POSS.SPL.1SG	neto

‘Eu, a minha filha e a minha neta’

(253)

Se	mái	parí	dos	fidju.	Bebé	**ku**	Rui (B 06:50)
POSS.SPL3SG	mãe	parir.PFV	NUM.2	filho	Bebé	CONJ	Rui

‘A sua mãe pariu dois filhos. Bebe e Rui.’

(254)

Kumida	ka	tenha	na	kel	ténpu.
Comida	NEG	ter.PFV.PASS	PREP	DEM.DIST	tempo
Stá		gera	**ku**	fomi (NN 02:17)	
Estar.PFV-PASS		guerra	PREP	fome	

‘Não havia comida naquele tempo. Havia guerra e fome’

7.2.1.3.6 Alternância com comitativo *má* /ˈma/ PT ‘mais’

A par de *ku,* o foguense exibe também a ocorrência do comitativo *má* [ma] forma mais produtiva nas variedades de Barlavento (Lopes da Silva (1957:254) Swolkien (2015:185)).

No entanto, no foguense *má* parece estar em distribuição complementar com *ku,* que é a forma mais produtiva nesta variedade e a forma exclusiva de outras variedades de Sotavento como o santiaguense (Quint 2008b). *Má* aparece em sintagmas genitivais introduzidos pela preposição *di*. Em todos os restantes contextos comitativos surge a preposição *ku*.

(255)

Nos	ê	ermon	di	maái	**ma**	di	pái (V 09:30)
RD.S1PL	ser.PRS	irmão	PREP	mãe	CONJ	PREP	pai

‘Somos irmãos de (parte) de mãe e (parte) de pai’

(256)

El	kunpra-	m	pasaji	
D.S3SG	cumprar.PFV	D.O1SG	passagem	
di-mé	**ma**	di	nhá	fidju V 19:30)
POSS.CP1SG	CONJ	PREP	POSS.SPL1SG	filho

‘Ele comprou-me a minha passagem e a da minha filha’

Este uso complementar das conjunções aditivas ‘ku’ e ‘ma’ em Foguense tem bastante relevância numa perspetiva comparatista das diversas variedades insulares da língua cabo-verdiana. De facto, a forma da conjunção aditiva é geralmente considerada como uma das propriedades linguísticas que distingue os crioulos do sul dos do norte de Cabo Verde. No sul *ku* é a forma dominante (Baptista 2002, Veiga 2002, Quint 2008b). O Foguense apresenta-se como uma variedade intermédia, cujo comportamento pode dar pistas sobre as dinâmicas históricas associadas ao uso destas duas conjunções. Com efeito, pensa-se que as ilhas do norte foram povoadas, pelo menos em parte, por populações vindas do sul (Quint 2000b, Swolkien 2015). Visto que o Foguense, uma das duas variedades mais antigas do sul, conhece um uso, ainda que restrito, da conjunção aditiva ‘ma’ considerada como típica das variantes do norte, pode-se pensar que este uso de ‘ma’ já esteve presente em vários dos lectos usados pelas populações meridionais que foram ocupando as ilhas do norte. Logo, o uso atual da conjunção aditiva ‘ma’ no norte poderia resultar duma extensão do uso ainda atestado em

Foguense de ‘ma’ em detrimento do uso de ‘ku’, que teria sido posteriormente eliminado nas variedades do norte.

7.2.1.4 Coordenação negativa

7.2.1.4.1 Conjunção negativa *nen* /ˈneN/ < PT ‘nem’

A conjunção *nem* corresponde à forma negativa das conjunções disjuntiva *o* e a aditiva *tanbé.*

(257)

Du	ka	kontrâ	ku	ningen,			
D.S1PL	NEG	encontrar	PREP	ninguém			
nen	na	ta	bái,	**nen**	na	ta	ben (02:33)
CONJ	PREP	IPFV	ir	CONJ	PREP	IPFV	vir

‘Não nos cruzámos com ninguém, nem quando [lá] fomos, nem quando voltámos’

7.2.2 Subordinação

Na linha de Cristofaro (2003),analisaremos a subordinação no foguense, pondo em evidência as relações semânticas estabelecidas entre as orações, já que a forma do verbo, sendo invariável, não permite por si só determinar a hierarquia entre orações principais e dependentes. Estas relações podem ser expressas através da parataxe. Em (258) e (259) registamos a ocorrência de uma adverbial temporal (TEMP) e de uma subordinada completiva (COMP) sem a presença de conjunção adverbial ou completiva, que doravante passaremos a denomimar complementizador.

(258)

el	ben	di	Mérka
D.S3SG	vir.PFV	PREP	América
[	TEMP		]
N	fikâ	grávida (B 07:31)	
DS.1SG	ficar.PFV	grávida	
[	NUC		]

Lit. ‘Ele veio, (na sequência) fiquei grávida’

‘Depois dele ter vindo, fiquei grávida’

(259) retomado (225)

Si	povu	pergunta	-bu	ka	bu	frâ	
CONJ	povo	perguntar.PFV	D.O2SG	NEG	DS.2SG	dizer.IMP	
[			NUC				]
kárru	di	bo (D 10:05)					
carro	PREP	RD.OBL2SG					
[		COMP	]				

‘Se as pessoas te perguntarem não digas que o carro é teu’

Estas ocorrências são, no entanto, menos produtivas. A maioria das estruturas de subordinação ocorrem com o emprego de conjunções adverbial ou completiva, como demonstraremos nas secções seguintes.

7.2.2.1 Subordinadas adverbiais

Cristofaro (2003:155) define as relações adverbiais como ligando dois estados de coisa nos quais um define as circunstâncias (intervalo temporal, razão ou condição) de ocorrência do outro. As relações adverbiais podem ser expressas no foguense por parataxe, mas também por um conjunto de conjunções que podem ser associadas a vários valores semânticos. Salvo algumas exceções não existem correspondências diretas entre uma conjunção e apenas um tipo de oração adverbial.

Consideramos para esta análise as seguintes categorias apresentadas por Cristofaro (2003) para categorizar as relações adverbiais:

(i) temporal (anterioridade, posterioridade e sobreposta);
(ii) propósito;
(iii) condição e
(iv) causa.

Tabela 80. Conjunções subordinativas adverbiais do Foguense

Tipo semântico	Conjunções
Temporal	ánti, dipos, óki, kántu, timenti
Propósito	pa
Condição	si
Causa	purki, kómu, pamodi, através di

7.2.2.1.1 Adverbiais temporais

Tabela 81. Conjunções subordinativas adverbiais temporais do Foguense

Tipo semântico	Conjunções
anterioridade	dipos
posterioridade	ántis
sobreposta	timenti, óki, kántu, sima

As adverbiais temporais podem ser categorizadas como de anterioridade, posterioridade, ou sobreposta. As temporais tendem a ocorrer antes da nuclear.

7.2.2.1.1.1 Adverbial Temporal de Anterioridade

Conjunção *dipos* /diˈpos/ < PT 'depois'

(260)

Dipos k' el bái
CONJ CONJ D.S3SG ir.PFV
[TEMP]
N fikâ grávida (B 07:35)

D.S1SG ficar.PFV grávida
‘Depois de ele ter ido, fiquei grávida’

[NUC]

7.2.2.1.1.2 Adverbial Temporal de Posterioridade

Conjunção *ánti* /ˈaNti/ < PT ‘antes’

(261)

El frâ **ánti** N bái
D.S3SG dizer.PFV CONJ D.S1SG ir.PFV
[TEMP]
N ta dixa -bu sabê kenha k -ê mi (DV 08:04)
D.S1SG IPFV deixar D.O2SG saber.PFV quem REL.S SER RD.S1SG
[NUC]
‘Ele disse: antes de eu ir embora deixo-te saber quem sou’

7.2.2.1.1.3 Adverbial Temporal Sobreposta

O foguense apresenta, assim como as restantes variedades de Sotavento, duas conjunções temporais de anterioridade distintas correspondendo ao português *quando*para se referir a acções associadas ao aspeto perfectivo e imperfectivo (ou não perfectivo). *Kántu* > PT *quando* é reservado para descrever acções perfectivas (geralmente ancoradas no passado) (260-261) enquanto *óki* > PT *[à] hora [em] que*, que ocorre com aspeto imperfectivo. *Óki* é normalmente ancorado no futuro (262-263), mas pode também ser usado para referência a acções no passado, com aspeto inperfectivo (habitual). De realçar que nestes casos o verbo também é empregue na forma livre, sem marca de passado, sendo que apenas o contexto permite situar a acção no passado. Em (265) o informante relata os períodos de fome ocorridos em Cabo Verde durante a segunda guerra mundial. Ao explicar o porquê de a comida não chegar ao arquipélago refere-se a um acto recorrente -habitual- e recorre à conjunção *oki*. Nenhum dos verbos apresenta forma de passado, tanto na oração principal como na subordinada.

Conjunção *kántu* /ˈkaNtu/ < PT ‘quando’

(262)

Kántu k’ el bái
CONJ CONJ D.S3SG ir.PFV
[TEMP]
el bá duensê (B 07:44)
D.S3SG ir.PFV adoecer.PFV
[NUC]
‘Quando ele regressou, adoeceu’

(263)

Má **kántu** ki N ben mora-ba próp̃i li
CONJ CONJ CONJ D.S1SG ben.PFV morar.PFV-PASS próprio ADV.PROX
[TEMP]
N tenha dozi ánu (B 00:42)
D.S1SG ter.PFV.PASS doze anos
[NUC]
‘Mas quando vim mesmo morar aqui tinha doze anos’

Conjunção *óki* /ˈɔki/ < PT ‘até [à] hora [em] que’

(264)

Óki txuba ben na mês di Agostu
CONJ chuva vir PREP mês PREP Agosto
[TEMP]
du ta simiâ, du ta mondâ, gosin du sa-ta panhâ (P 00 :48)
D.S1PL IPFV semear D.S1PL IPFV mondar, agora DS.1PL PROG apanhar
[NUC]
‘Quando a chuva vier no mês de agosto semearemos e mondaremos. Agora estamos na colheita’

(265)

Óki vaporu di purtuges ba tumâ kumê na Anóola
CONJ vapor PREP português ir.PFV tomar.PFV comida PREP Angola
[TEMP]
pa ben sakorrê Kábu Verdi
CONJ vir.PFV socorrer Cabo Verde
[PROP]
Alemãu ta po -l na fundu (NN 02:21)
Alemão IPFV pôr D.O3SG PREP fundo
[NUC]
‘Quando o navio português ia buscar comida à Angola para vir socorrer Cabo Verde os alemães afundavam-no’

Conjunção *t-óki* /ˈtɔki/ < PT ‘até [à] hora [em] que’

Trata-se de uma variante de **óki**.

(266)

T-oki du ben
CONJ D.S1PL vir.PFV
[TEMP]
dóna ta da- nu nos káfe (V 01:24)
avó IPFV dar- D.O1PL POSS.SPL1PL café
[NUC]
‘Quando viermos a avó nos dará o nosso café’

Conjunção *timenti* /tiˈmeNti/ < PT ‘entrementes’

(267)

Timenti es ka da -m kel kumê
CONJ D.S3PL NEG dar.PFV D.O1SG DEM.DIST comida
[TEMP]
N stâ la (V 01:48)
D.S1SG estar.PFV ADV.DIST
[NUC]
Lit. ‘Enquanto eles não me dão a comida, estou lá’
‘Enquanto não me dão de comer lá fico’

Conjunção *sima* /ˈsima/ < PT ‘assim + coma’

(268)

Sima el tá parí
CONJ D.S3SG IPFV parir
[TEMP]
béntu ta konkô -l (N 06:34)
vento IPFV deitar ao chão - D.O3SG
[NUC]
Lit. ‘No momento que ele ia parir, o vento deitava-o ao chão’
‘No momento em que (os pés de feijões) iam dar frutos, o vento deitava as favas ao chão’

7.2.2.1.2 Adverbiais de Propósito

Conjunção *pa*/ˈpɐ/ < PT ‘para’

(269)

N ka ten skóla
D.S1SG NEG ter.PFV escola
[NUC]
pa N trabadjâ (AF 13:40)
CONJ DS.1SG trabalhar.PFV
[PROP]
‘Não tenho estudos para trabalhar’

7.2.2.1.3 Adverbiais de Condição

Conjunção *si* /ˈsi/ < PT ‘se’

(270)

Si N ka tenha fidju
CONJ D.S1SG NEG ter.PFV.ASS filhos
[COND]
dja N saba nteradu (N 14:34)

PRF D.S1SG estar.PFV-PASS enterrar.PSV
[NUC]
‘Se eu não tivesse filhos já estaria enterrada’

7.2.2.1.4 Adverbiais de causa

As adverbiais de causa ocorrem com as conjunções *kómu* >PT como, *pamodi* > PT por amor de, que apresenta as formas reduzidas *pamo* e *mo* e a conjunção *purki*>pt porque. Nas ocorrências com a conjunção *kómu* a subordinada ocorre sempre antes da principal. Com as restantes conjunções a ordem é inversa.

7.2.2.1.4.1 Conjunção *kómu* /ˈkɔmu/ < PT ‘como’

(271)

kómu Zezinhu bá Mérka
CONJ Zezinhu ir.PFV América
[CAUSA]
el ben fikâ na se lugar (V 15:34)
D.S3SG vir.PFV ficar.PFV PREP POSS.SPL3SG lugar
[NUC]
‘Como o Zezinho foi para a América, ele veio ficar no lugar dele’

7.2.2.1.4.2 Conjunção *pamodi* /pɐˈmɔdi/ < PT ‘por amor de’

(272)

N ten ki djobê vida mas midjo inda,
D.S1SG ter.PFV CONJ procurar.PFV vida mais melhor ainda
[NUC]
pamodi mi N ka atxâ nha pái ku náda (D 12:18)
CONJ RD.TOP1SG D.S1SG NEG achar.PFV POSS.SPL1SG pai PREP nada
[CAUSA]
‘Tenho de procurar uma vida melhor ainda, porque não encontrei o meu pai com nada’

(273)

Trabádja ku pasajeru ê un bokádu konplikádu,
Trabalhar.PFV PREP passageiro ser.PRS INDF bocado complicado,
[NUC]
pamo ê trabadjâ ku povu (D 05:55)
CONJ ser.PRS trabalhar.PFV PREP povo
[CAUSA]
‘Trabalhar com passageiros é um bocado complicado porque é trabalhar com o povo’

(274)

Nos du ta vivê ku trabádju.
RD.TOP1PL D.S1PL IPFV viver CONJ trabalho
[NUC]

mo trabádju di stádu stâ mofinu (B 06:05)
CONJ trabalho PREP estado estar.PFV mofino
[CAUSA]
‘Nós vivemos do trabalho (agrícola) porque o emprego público está difícil’

7.2.2.1.4.3 Conjunção *purki*ˈ/ˈpurki/ < PT ‘porque’

(275)

Más anos go du ka pasâ fómi
CONJ INDP.TOP1PL agora D.S1PL NEG passar.PFV fome
[NUC]
purki nos du ta kria-ba mutu animal (NN 01 :16)
CONJ RD.TOP1PL D.S1PL IPFV criar-PASS muito animal
[CAUSA]
‘Mas nós não passamos fome porque criávamos muitos animais’

(276)

Nos ténpu éra fédi
POSS.SPL.1PL tempo ser.PASS mau
[NUC]
purki du ka tenha ajuda di náda (DD 07:37)
CONJ D.S1PL NEG ter.PFV.PASS ajuda PREP nada
[CAUSA]
‘O nosso tempo era mau porque não tínhamos nenhum tipo de ajuda’

7.2.2.2 Completivas

Segundo Cristofaro (2003:99), as relações de complemento vinculam dois estados de coisa, de modo que um deles (o principal) implica que outro (o dependente) é referido. Ou seja, as completivas funcionam como complemento do verbo da oração principal. Na tabela 86 apresentamos os verbos encontrados no nosso corpus para cada tipo de predicado e os tipos de complementizadores que ocorrem.

Consideramos para esta análise os oito tipos de predicados apresentados por Cristofaro (2003:96).

Tabela 82. Predicados e complementizadores atestados em subordinativas no Foguense

Tipo de predicados	Verbos	PT	Complementizador
Modais	*ten*	Ter	ki, pa
	konsigí	Conseguir	pa
	podê	Poder	**ø**
De fase	*kumesâ*	Começar	**ø**
Manipulativo	*frâ*	Ordenar	pa
	poi/pô	coagir, obrigar a	**ø**
Desiderativos	*gostâ*	Gostar	pa
	krê	Querer	pa
	pidí	Pedir	pa
De percepção	*obí*	Ouvir	**ø**

	odjâ	Ver	**ø**
	sintí	Sentir, aperceber-se	**ø**
Conhecimento	*odjâ*	compreender, aperceber-se,	ma
	obí	dar-se conta, passar a saber	ma
	sabê	Saber	(ku)ma
Proposicionais	*pensâ*	Pensar	ma
	atxâ	Achar	
Enunciação	*preguntâ*	Perguntar	si
	frâ	Dizer	(ku)ma

As orações completivas são introduzidas no foguense pelas conjunções (i) *kuma* > PT clássico ‘coma’ ou a sua forma reduzida *ma*, (ii) *pa* < PT ‘para’, (iii) *si* < PT ‘se’e (iv) *ki* < PT ‘que’. Essas conjunções ocorrem nos predicados abaixo elencados.

Na tabela 86 podemos ver que com alguns tipos de predicados, nomeadamente os de fase, modais e de perceção, as orações completivas ocorrem no foguense sem recurso a complementizador. Nos exemplos abaixo ilustramos para cada tipo de predicado ocorrências com e sem complementizador, nos casos registados.

7.2.2.2.1 Predicados modais - com verbo *ten*

7.2.2.2.1.1 Ocorrências com complementador

Complementizador *ki* /ki/ < PT que

As completivas de predicado modal que ocorrem com o verbo *ten* ‘ter’ ocorrem, normalmente, com o complementizador *ki.*

(277)

tudu	mês	N	ten	ki	konsurtâ (B 04:14)
todos	mês	DS.1SG	ter.PFV	COMP	consultar
[	NUC	]	[	COMP	]

‘Tenho de consultar-me todos os meses’

Registamos, contudo, no foguense ainda o uso do complementizador *pa* com o verbo *ten* ‘ter’ em contextos onde ocorre noutras variedades, como o santiaguense e o maiense, o complementizador *ki*.

(278)

FG

Bu	**ten**	**pa**	bá	punde	-m (CD 3 p. 6)
D.S2SG	ter.PFV	COMP	ir.PFV	visitar.PFV	D.O1SG
[	NUC]	[	COMP		]

‘Tens de ir visitar-me’

(279)

CM

Bu	**ten**	**ki**	bá	punde	-m

D.S2SG ter.PFV COMP ir.PFV visitar.PFV D.O1SG
[NUC] [COMP]
‘Tens de ir visitar-me’

(280)

ST
Bu **ten** **ki** bá punde -m
D.S2SG ter.PFV COMP ir.PFV visitar.PFV D.O1SG
[NUC] [COMP]
‘Tens de ir visitar-me’

7.2.2.2.1.2 Ocorrências sem complementador

(281)

El podê kontisê ku karkel argen (D 12:59)
DS.3SG poder.PFV acontecer.PFV PREP qualquer alguém
[NUC] [COMP]
‘Isto pode acontecer com qualquer pessoa’

(282)

El konsigí panhâ kel nhá primu (dinheru) (D 02:59)
DS.3SG conseguir.PFV apanhar.PFV DEM.DIST POSS.SPL.1SG primo (dinheiro)
[NUC] [COMP]
‘Ele conseguiu roubar dinheiro àquele meu primo

7.2.2.2.2 Predicados de fase

As completivas de predicados de fase, normalmente, não apresentam ocorrência de complementizador. Regista-se, contudo, nalguns casos, a ocorrência do morfema aspetual *ta* a anteceder o verbo da oração completiva, que mantém, no entanto, a mesma leitura semântica das ocorrências sem o morfema (284-285).

(283)

Dja N kumesâ
PRF D.S1SG começar.PFV
[NUC]
po nhá família riba la (D 21:26)
pôr.PFV POSS.SPL.1SG família riba lá
[COMP]
‘Já comecei a pôr a minha família lá em cima’

(284)

El kumesâ ta txorâ (D 32:25)
D.S3SG começar.PFV IPFV chorar
[NUC] [COMP]
‘Ela começou a chorar’

(285)

El kumesâ txorâ
D.S3SG começar.PFV chorar.PFV
[NUC] [COMP]
‘Ela começou a chorar’

7.2.2.2.3 Predicados manipulativos

Complementizador *pa* /pɐ/ < PT ‘para’

As completivas de predicados manipulativos que encontramos no nosso corpus ocorrem com o complementizador *pa*. É o caso das completivas com o verbo *fra* ‘dizer’ quando este tem o sentido de ‘mandar, ordenar’ (e não ‘declarar’) (286-287).

(286)

El **fra** -m
D.S3SG dizer.PFV D.O1SG
[NUC]
pa N ka ngana -l (V 15:19)
COMP D.S1SG NEG enganar.PFV D.O3SG
[COMP]
‘Ele disse-me que não lhe enganasse’

(287)

Pésti ta matâ argen po mundu sufrí (02:45)
Peste IPFV matar alguém pôr.PFV mundo sofrer.PFV
[NUC] [COMP]
‘A peste (estava) a matar as pessoas e pôs o mundo a sofrer’

7.2.2.2.4 Predicados desiderativos

Complementizador *pa* /pɐ/ < PT ‘para’

As completivas de predicados desiderativos como *krê* ‘querer’, *pidí* ‘pedir’*, gosta* ‘gostar’, ou locuções verbais com o mesmo valor semântico (289) são introduzidas com o complementizador *pa*. *Pa* tem também uso prepositivo na língua, podendo corresponder às preposições portuguesas ‘por’ e ‘para’(cf. **5.6.4**).A forma *pa* pode contrair-se em p’ [p] com os pronomes pessoais clíticos *el*, *bu* e *ês*.

(288)

Nos du bá ta **pidí** -es prága
RD.TOP1PL D.S1PL ir.PFV IPFV pedir RD.O3PL praga
[NUC]
pa Deus mata -es go (V 06:58)
COMP Deus matar.PFV RD.O3PL agora
[COMP]
‘Fomos pedindo-lhes praga ‘para que’ Deus os matasse’

(289)

N **tenha** **gostu**
D.S1SG ter.PFV.PASS gosto
[NUC]
pa N baba (skola) ma mái ka tenha kondisõis (V 11:32)
COMP D.S1SG ir.PFV-PASS (escola) CONJ mãe NEG ter.PFV.PASS condições
[COMP]
'Tinha vontade de ir à escola mas a minha mãe não tinha condições (financeiras).'

7.2.2.2.5 Predicados de perceção

As completivas de predicados de perceção, como *odjâ, obí,* de forma geral não são introduzidas por complementizador. Nos casos em que ocorrem no corpus com recurso a conjunção são tratados como predicados de conhecimento no sentido de compreender, aperceber-se, dar-se conta, passar a saber/tomar conhecimento (cf.7.2.2.2.6).

(290)

El obí
D.S3SG ouvir.PFV
[NUC]
mós ta frâ el morâ na Sunbángu (D 11:11)
rapaz IPFV dizer D.S3SG morar.PFV PREP Sunbangu
[COMP]
'Ele ouviu o rapaz dizer que ele morava em Sumbango'

(291)

[TEMP]
[NUC] [COMP]
toki dja N sintí dj' es bá dun bes
COMP PRF D.S1SG sintir.PFV PRF D.S3PL ir.PFV duma vez
[TEMP]
N ta kanbâ dentu di ospital (V 17:19)
D.S1SG IPFV entrar dentro PREP hospital
[NUC]
Lit. 'Quando já eu sentir já que eles ir de uma vez, eu entrar dentro do hospital'
'Depois de me aperceber que eles foram mesmo embora, entrava no hospital'

7.2.2.2.6 Predicados de conhecimento

Complementizador *ma* /mɐ/ < PT ant.'coma'

As completivas de predicados de verbos de conhecimento como *sabê, odjâ* e *obí-* no sentido de *dar-se conta de* são introduzidas pelo complementizador *ma.* A forma *ma* pode contrair-se em m' [m] diante de formas verbais ou pronomes clíticos átonos com vogal inicial.

(292)

N **sabê**
D.S1SG saber.PFV
[NUC]

m’ ê fijon pédra (V 17:38)
COMP ser.PRS feijão pedra
[COMP]
‘Sei que era feijão pedra’

(293)

N **odjâ**
D.S1SG olhar.PFV
[NUC]
ma ka balê péna (DV 40:52)
COMP NEG valer.PFV pena
[COMP]
‘Vi/compreendi que não valia a pena’

7.2.2.2.7 Predicados proposicionais

As completivas de predicados de verbos preposicionais como *pensâ* ‘pensar’, *atxâ* ‘achar/ser da opinião de’ ou locuções verbais equivalentes como *ten fé* são introduzidas pelo complementizador *ma*.

Complementizador *ma* /mɐ/ < PT ant.‘coma’

(294)

Du ta **pensa-ba**
D.S1PL IPFV pensar-PASS
[NUC]
m’ e kaí k’ el kaí (V 12:38)
COMP ser.PRS cair.PFV REL.O D.S3SG cair.PFV
[COMP]
Lit. ‘pensámos que é cair que ela caiu’.
‘pensámos que ela tinha caído’.

(295)

Ténpu bedju
tempo velho
[TOP.S]
N ta **atxâ**
D.S1SG IPFV achar.PRS
[NUC]
m’ ê más midjo (L 05:09)
COMP ser.PRS ADV melhor
[COMP]
‘Antigamente (o mundo) era melhor’

(296)

Du **tenê** **fe**
D.S1PL ter.PFV fé
[NUC]
ma du ta kumê (AF 15:06)
COMP D.S1PL IPFV cumer
[COMP]
‘Temos fé que comeremos’

(297)

Es **tenha** **médu**
D.S3PL ter.PFV.PASS medo
[NUC]
ma ta nxinâ skrebê namorádu kárta (AF 13 :20)
COMP IPFV ensinar escrever.PFV namorado carta
[COMP]
‘Tinham medo que [as suas filhas] aprenderiam a escrever cartas aos namorados’

7.2.2.2.8 Predicados de enunciação

7.2.2.2.8.1 Complementizador *si* /si/ < PT ‘se’

As completivas de predicados do verbo de enunciação *purguntâ* ‘perguntar’ são introduzidas pelo complementizador *si*.

(298)

Anteru bá **purguntâ**
Antero ir.PFV purguntar.PFV
[NUC]
si N ka podê sperâ pa kelotu dia (V 13:31)
COMP D.S1SG NEG poder.PFV esperar.PFV PREP DEM.DIST dia
[COMP]
‘O Antero foi perguntar se eu não podia esperar pelo dia seguinte’

7.2.2.2.8.2 Complementizador *ma* /mɐ/ < PT ant.‘coma’

As completivas de predicados do verbo de enunciação *frâ* ‘dizer’ são introduzidas pelo complementizador *ma*.

(299)

N ka **frâ** **ma** N ta konsigi-ba el (D 31:34)
D.S1SG NEG dizer.PFV COMP D.S1SG IPFV conseguir-PASS RD.O3SG
[NUC] [COMP]
‘Eu não disse que o conseguiria’

Alguns predicados com verbos que ocorrem com complementizador aceitam também ocorrência com complementizador ø. Assim como ocorre nas orações adverbiais, a relação de dependência pode ser expressa pela simples justaposição das duas orações, sendo que a dependente ocorre sempre em segundo lugar.

(300)-Retomado de (225)

Si povu pergunta -bu ka bu frâ
CONJ povo perguntar.PFV D.O2SG NEG D.S2SG dizer.IMP
[NUC]
kraru di bo (D 10:04)
carro PREP RD.OBL2SG
[COMP]
‘Se as pessoas te perguntarem não digas que o carro é teu’

(301)

N obí
D.S1SG ouvir.PFV
[NUC]
Konxita tenha tilivizãu (N 01:59)
Konxita ter.PFV.PASS televisão
[COMP]
‘Eu ouvi que a Konxita tinha televisão’

(302)-retomado de (290)

El obí
D.S3SG ouvir.PFV
[NUC]
omi ta fra el morâ na Sunbangu (D 11:11)
omi IPFV dizer D.S3SG morar.PFV PREP Sunbangu
[COMP]
‘Ele ouviu o homem dizer que ele morava em Sumbango’

7.2.2.3 Relativas

Tabela 83. Conjunções subordinativas relativas do Foguense

Tipo semântico	Conjunções
de sujeito	ki
de objeto	ki
circunstancial	ki, undi

Cristofaro (2003:195) considera que “as relações relativas envolvem dois estados de coisa, em que um deles (o dependente) dá algum tipo de especificação sobre um participante do outro (o nuclear). Ou seja, um participante do estado de coisas principal é identificado dentro de um conjunto de possíveis referentes pela menção de outro estado de coisas do qual ele faz parte”.

Esta relação é a única que não encontramos atestação de ocorrência no nosso corpus sema presença de um elemento de ligação, embora ocorrências do tipo tenham sido atestadas no santiaguense por Quint (2008b).

Em foguense, *ki* < PT *que* é o pronome relativo universal, podendo, em alguns casos, registar-se o emprego do pronome interrogativo *undi* < PT *onde* (acompanhado ou não di *ki*), como relativizador.

Ki surge em relativas de sujeito (303), de objeto (304), bem como de complemento circunstancial (305).

7.2.2.3.1 Conjunção *ki* /ˈki/ < PT ‘que’

(303)

N	ben	fikâ	li,	na	káza	nhá	kunhádu
D.S1SG	vir.PRS	ficar.PFV	ADV.PROX	PREP	casa	POSS.SPL1SG	cunhado
[				NUC			]
ki	sa	na	Mérka (NN 05:56)				
REL.S	estar. PFV	PREP	América				
[	REL	]					

‘Vim ficar na casa do meu cunhado, que está na América’

(304)

N	trâ	kel	duzéntu	skudu	
D.S1SG	tirar.PFV	DEM.DIST	duzentos	escudos	
[		NUC			]
ki	N	tenê	(DV 05:17)		
REL.O	D.S1SG	ter.PFV			
[	REL	]			

‘Tirei os duzentos escudos que eu tinha’

(305)

Du	ta	mora-ba	na	un	káza	
D.S1PL	IPFV	morar-PASS	INDF	PREP	casa	
[		NUC				]
ki	nho	Méndi	ben	fikâ	ku-el (V 01:40)	
REL.OBL	senhor	Mendi	vir.PFV	ficar.PFV	PREP-RD.OBL3SG	
[			REL			]

Lit. ‘Morávamos numa casa que o senhor Mendes veio ficar com ela’.
‘Morávamos numa casa com a qual o senhor Mendes veio a ficar’,

7.2.2.3.2 Conjunção *undi* /ˈundi/< PT ‘onde’

(306)

Es	bá	txigâ	n’	un	káza
D.S1PL	ir.PFV	chegar.PFV	PREP	IND	casa
[		NUC			]
undi	**ki**	tenba	fésta		
REL	REL	ter.PFV-PASS	festa		
[		REL	]		

‘Foram chegar a uma casa onde havia uma festa’

8. Sobre o Léxico

8.1 Vocabulário essencial

De acordo com Quint (2008a:70) cerca de 95% do léxico cabo-verdiano é de origem portuguesa. Esta proporção pode também ser aplicada ao foguense, conforme pudemos constatar no nosso corpus. Para o efeito usamos a lista Swadesh de 1971, contendo 100 palavras. Trata-se de uma versão póstuma, reduzida e corrigida da lista original, criada pelo linguista norte-americano Morris Swadesh. A lista Swadesh é uma compilação dos conceitos considerados básicos em todas as línguas do mundo e é usada em linguística histórico-comparativa e estatística lexical. Recorremos a este instrumento para ilustrar, em termos estatísticos, a etimologia do léxico foguense.

Notamos que, à exceção do verbo *sakê* 'pôr-se em pé' todos os restantes itens têm etimologia latina. A etimologia da forma átona do pronome pessoal de primeira pessoa do singular /N/ é ainda dúbia. A sua origem pode ser atribuída às línguas mandingas (Santos 1979: 81-82, Lang 2010:29), mas também ao português, podendo o traço nasal ser atribuído ao pronome genitivo português 'mim' (Lopes da Silva 1957:132, Quint 2000a:170). Assim tendo em conta esta lista Swadesh podemos postular que, no que concerne ao vocabulário básico/essencial, pelo menos 98% do léxico foguense é de origem portuguesa.

Tabela 84. Lista de Swadesh em Cabo-verdiano (LCV) do Fogo[40]

Inglês	LCV (Fogo)	Étimo	Significado
1. I (Pers.Pron.1.Sg.)	n /n/, ami/ˈɐmi/, mi/ˈmi/	MDK ˈN ou PT me, mim	*eu ~ -o*
2. you (2.sg! 1952 thou & ye)	bu/bu /, bo /ˈbo/, abo /ɐˈbo/	PT vós	*tu ~ -s*
3. we (1955: inclusive)	nu /nu/, nos /ˈnos/, anos /ɐˈnos/	PT nós ~ nos	*nós ~ -mos*
4. this	kel li /ˈkel li/	PT aquele ali	*Este*
5. that	kel la /ˈkel la/	PT aquele lá	*esse ~ aquele*
6. who?	kenha /ˈkeɲɐ/	PT quem é	*quem*
7. what?	kuzé /kuˈze/	PT coisa é	*o quê*
8. not	ka /kɐ/	PT nunca	*não*
9. all (of a number)	tudu /ˈtudu/	PT todo	*tudo*
10. many	txeu /ˈtʃew/	PT cheio	*muito*
11. one	un /un/	PT um	*um*
12. two	dós /dos/	PT dois	*dois*
13. big	grándi /ˈgraNdi/	PT grande	*grande*
14. long (not wide)	kunpridu /kuNˈpridu/	PT comprido	*comprido*
15. small	miodu /ˈmjodu/	PT miúdo	*pequeno*
16. woman	múdje /ˈmudʒe/	PT mulher	*mulher*
17. man (adult male human)	ómi /ˈɔmi/	PT homem	*homem*
18. person (individual human)	argen /ɐrˈgeN/	PT alguém	*pessoa*
19. fish (noun)	pexi /ˈpeʃi/	PT peixe	*peixe*
20. bird	pásu /ˈpasu/	PT pássaro	*pássaro/ave*
21. dog	kátxo /ˈkatʃo/	PT cachorro	*cão*

[40] Swadesh 1971:283

22. louse	piodju /ˈpjodʒu/	PT piolho	*piolho*
23. tree (not log)	árvi /ˈarvi/	PT árvore	*árvore*
24. seed (noun)	simenti /siˈmɐNti/	PT semente	*semente*
25. leaf (botanics)	fódja /ˈfɔdʒɐ/	PT folha	*folha*
26. root (botanics)	raís /rɐˈis/	PT raiz	*raiz*
27. bark (of tree)	rámu /ˈramu/	PT ramo	*ramo*
28. skin (1952: person's)	péli /ˈpɛli/	PT pele	*pele*
29. flesh (1952 meat, flesh)	kárni /ˈkarni/	PT carne	*carne*
30. blood	sángi /ˈsaNgi/	PT sangue	*sangue*
31. bone	osu /ˈosu/	PT osso	*osso*
32. grease (1952: fat, organic substance)	gordura /gorˈdurɐ/	PT gordura	*gordura*
33. egg	óbu /ˈɔbu/	PT ovo	*ovo*
34. horn	koru /ˈkoru/	PT corno	*chifre/corno*
35. tail	rábu /ˈrabu/	PT rabo	*rabo*
36. feather (large, not down)	péna /ˈpɛnɐ/	PT pena	*pena*
37. hair (on head of humans)	kabel /kɐˈbel/	PT cabelo	*cabelo*
38. head (anatomic)	kabésa /kɐˈbɛsɐ/	PT cabeça	*cabeça*
39. ear	oridja /oˈridʒɐ/	PT orelha	*orelha*
40. eye	odju /ˈodʒu/	PT olho	*olho*
41. nose	naris /nɐˈris/	PT nariz	*nariz*
42. mouth	bóka /ˈbɔkɐ/	PT boca	*boca*
43. tooth (front, rather than molar)	denti /ˈdeNnti/	PTdente	*dente*
44. tongue (anatomical)	língua /ˈliNgwɐ/	PT língua	*língua*
45. claw	unha /ˈuɲɐ/	PT unha	*unha*
46. foot (not leg)	pe /ˈpe/	PT pé	*pé*
47. knee (not 1952)†	duedju /ˈdwedʒu/	PT joelho	*joelho*
48. hand	mon /ˈmoN/	PT mão	*mão*
49. belly (lower part of body, abdomen)	barriga /bɐˈrrigɐ/	PTbarriga	*barriga*
50. neck (not nape)	piskos /pisˈkos/, nô/ˈno/	PT pescoço, nó	*pescoço*
51. breasts (female)	máma /ˈmamɐ/	PT mama	*mamas*
52. heart	kurasan /kurɐˈsɐN/	PT coração	*coração*
53. liver	figu /ˈfigu/	PT fígado	*fígado*
54. drink (verb)	bebê /beˈbe/	PT beber	*beber*
55. eat (verb)	kumê /kuˈme/	PT comer	*comer*
56. bite (verb)	mordê /morˈde/	PT morder	*morder*
57. see (verb)	odjâ /oˈdʒɐ/	PT olhar	*ver*
58. hear (verb)	obí /oˈbi/	PT ouvir	*ouvir*
59. know (facts)	sabê /sɐˈbe/	PT saber	*saber*
60. sleep (verb)	drumí /druˈmi/	PT dormir	*dormir*
61. die (verb)	morrê /moˈrre/	PT morrer	*morrer*
62. kill (verb)	matâ /mɐˈtɐ/	PT matar	*matar*
63. swim (verb)	nadâ /nɐˈdɐ/	PT nadar	*nadar*

64. fly (verb)	buâ /buˈɐ/	PT voar	*voar*
65. walk (verb)	andâ /ɐNˈdɐ/	PT andar	*andar*
66. come (verb)	ben /ˈbeN/	PT vem	*vir*
67. lie (on side, recline)	detâ /deˈtɐ/	PT deitar	*deitar-se*
68. sit (verb)	sintâ /siNˈtɐ/	PT sentar	*sentar-se*
69. stand (verb)	sakê /sɐˈke/	wo siggi	*pôr-se em pé*
70. give (verb)	dâ /ˈdɐ/	PT dar	*dar*
71. say (verb)	frâ /ˈfrɐ/	PT falar	*dizer*
72. sun	sor /ˈsor/	PT sol	*sol*
73. moon	lua /ˈluɐ/	PT lua	*lua*
74. star	stréla /ˈstrɛlɐ/	PT estrela	*estrela*
75. water (noun)	águ /ˈagu/	PT água	*água*
76. rain (noun, 1952 verb)	txuba /ˈtʃubɐ/	PT chuva	*chuva*
77. stone	pédra /ˈpɛdrɐ/	PT pedra	*pedra*
78. sand	areia /ɐˈrrejɐ/	PT areia	*areia*
79. earth (soil)	txon /ˈtʃoN/	PT chão	*chão*
80. cloud (not fog)	nuvi /ˈnuvi/	PT nuvem	*nuvem*
81. smoke (noun, of fire)	fumu /ˈfumu/	PT fumo	*fumo*
82. fire	lumi /ˈlumi/	PT lume	*lume*
83. ash(es)	sinza /ˈsiNzɐ/	PT cinza	*cinza*
84. burn (verb intr.!)	kemâ /keˈmɐ/	PT queimar	*queimar*
85. path (1952 road, trail; not street)	kaminhu /kɐˈmiɲu/	PT caminho	*caminho*
86. mountain (not hill)	munti /ˈmuNti/	PT monte	*monte*
87. red (color)	burmedju /burˈmedʒu/	PT vermelho	*vermelho*
88. green (color)	verdi /ˈverdi/	PT verde	*verde*
89. yellow (color)	marélu /mɐˈrɛlu/	PT amarelo	*amarelo*
90. white (color)	bránku /ˈbraNku/	PT branco	*branco*
91. black (color)	prétu /ˈprɛtu/	PT preto	*preto*
92. night	noti /ˈnoti/	PT noite	*noite*
93. hot (adjective; 1952 warm, of weather)	kenti /ˈkenti/	PT quente	*quente*
94. cold (of weather)	fri /ˈfri/~friu /ˈfriw/	PT frio	*frio*
95. full	xeiu /ˈʃeju/ konprétu /konˈprɛtu/	PT cheio, completo	*cheio, completo*
96. new	nóbu /ˈnɔbu/	PT novo	*novo*
97. good	dretu /ˈdretu/	PT direito	*bom*
98. round	rudóndu /ruˈdɔNdu/	PT redondo	*redondo*
99. dry (substance)	séku /ˈsɛku/	PT seco	*seco*
100. name	nómi /ˈnɔmi/	PT nome	*nome*

Apesar de o léxico foguense, assim como o santiaguense, ter etimologia maioritariamente portuguesa e de a variedade foguense ter tido origem num primeiro momento na variedade que emergiu na ilha de Santiago, uma vez que a ilha foi povoada por habitantes de Santiago (1.3.2.1), as duas variedades apresentam divergências lexicais em vários domínios. Essas diferenças deixam também claro que a variedade que chegou via Santiago sofreu no Fogo um

processo de estabilização, que seguiu caminhos diferentes, resultando em particularidades lexicais próprias do foguense.

As especificidades lexicais do foguense resultam de três aspetos fundamentais:

a) diferente escolha etimológica - As escolhas divergem do santiaguense, tanto no rol das opções disponíveis na língua lexificadora, o português, como na opção por um étimo africano para sinónimos de etimologia latina no santiaguense ou ainda na seleção de um étimo latino para sinónimos de etimologia africana no santiaguense (cf. 8.2.1).

b) Diferente semântica para cognatos, ou seja, itens da mesma etimologia (cf. 8.2.2).

c) Criação de novas palavras através de processos morfológicos e adaptação de estrangeirismos (cf. 8.2.3.3)

Estas alíneas serão tratadas separadamente nos pontos abaixo.

8.2 Vocabulário exclusivo

A originalidade lexical do foguense manifesta-se de forma bastante produtiva no domínio lexical da fauna e da flora, assim como no léxico relacionado às atividades da agricultura e da pecuária. Escolhas etimológicas diferentes mostram que houve dois processos de crioulização a decorrer de forma autónoma e que, perante o elenco de opções fornecidas pelo entorno linguístico dos primeiros falantes do crioulo cabo-verdiano, as escolhas divergiram.

O esquema 1 exemplifica essas diferentes escolhas entre as duas variedades, que se apresentam tanto em itens de origem africana, como de origem portuguesa.

Figura 8. Espiga de milho

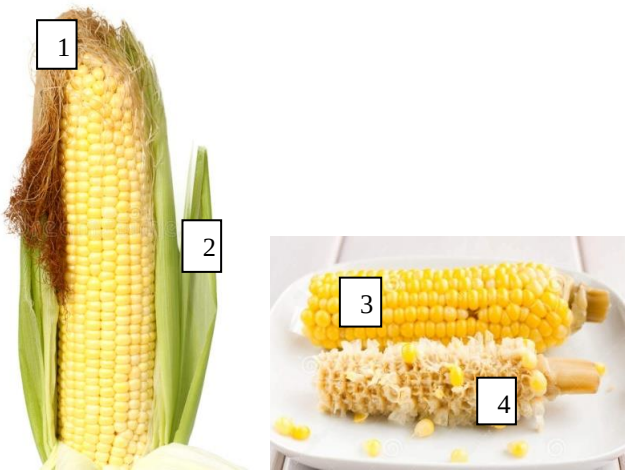


Tabela 85. Divergências lexicais Fogo vs. Santiago para designação das partes da espiga de milho

Fogo	Étimo	Santiago	Étimo	Significado português
1-kabel	PT cabelo	pádja~ kabelu	PT palha ~ cabelo	'barbas (do milho)'
2-kápa	PT capa	káska~ kofu	PT casca ~ cofo	'folhas (do milho)'
3-gran	PT grão	Gran	PT grão	'grão (do milho)'
4-rodju	PT rolho	ŋánha~ ngánha	> PROTO CPAO41 */'ŋaŋa/	'sabugo (do milho)'

41Quint & Moreira (2019:139).

8.2.1 Divergências lexicais de origem etimológica

Tabela 86. Sinónimos em ST e FG com étimos distintos

Fogo	Étimo	Santiago	Étimo	Significado português
arbisa /ɐrˈbisɐ/	PT alviçaras	nobidadi /nobiˈdadi/	PT novidade, notícia	*n. novidade, nova*
bergáta /berˈgatɐ/	PT belgata	xali /ʃɐˈli/	Desc.	*n. erva príncipe*
bixi /biˈʃi/	OLF bees	bentia /ˈbɐNtjɐ/	PT ventear	*v.cirandar*
biziâ /biˈzjɐ/	PT vigiar	spreta /ˈspretɐ/	PT Espreitar	*v. espreitar, vigiar*
burnel /burˈnel/	PT bornal	sakutélu /sɐkuˈtɛlu/	PT saquitel	*n. saquitel, bolsa feito de tecido*
dáipu /ˈdajpu/	IG diaper	frálda /ˈfraldɐ/	PT fralda	*n.fralda*
dentrâ /deNˈtrɐ/	PT adentrar	entra /ˈentrɐ/	PT entrar	*v.entrar*
djaros /dʒɐˈros/	PT algeroz	bueru /ˈbweru/ batibámba /ˈbɐtiˈbaNbɐ/ bika /ˈbikɐ/	PT bueiro Batibomba bica	*n. abertura lateral casa para deixar passar a água das chuvas*
frera /ˈfrerɐ/	PT freira	lantuna /lɐNˈtunɐ/	PT Lantana	*n. lantana camara*
falili /fɐliˈli/	Ideofone (onomatopeia)	fransedja /frɐNˈsedʒɐ/	PT francelho	*n. francelho*
falupá /fɐluˈpɐ/	Desc.	futi /ˈfuti/	Desc.	*v.desabar*
kubertâ /kuberˈtɐ/	PT acobertar	kubri /ˈkubri/	PT cobrir	*v. cobrir*
koru-/koˈru/	PT corno	txifri /ʧiˈfri/	PT chifre	*n. chifre*
labantádu- /lɐbɐNˈtadu/	PT levantado	Ladron /lɐˈdroN/	PT ladrão	*n. ladrão*
lámbru /ˈlaNbru/	OLF làmboo	bandola /bɐNˈdɔlɐ/	PT bandola	*n. avental improvisado*
mamóna /mɐˈmɔnɐ/	PT mamona	djagi-djagi/ˈdʒagiˈdʒagi/	ideofone	*n.rícino*
marrásku /mɐˈrrasku/	PT barrasco ~ varrasco	boronseti /boroNˈseti/	PT varrão+ DIM ete varrasquete	*n. marrão*
mérga /ˈmɛrga/	PT melga	filimbida /fiˈlinˈbidɐ/	Desc.	*n. escaravelho esp.*
midor-/miˈdor/	PT moidor	muínhu/ˈmwiɲu/	PT moinho	*n. moinho de pedra*
mimóza /miˈmɔzɐ/	PT mimosa	linhaxi~linhaxu /liˈɲaʃi/~/liˈɲaʃu/	PT linhaça	*n. arbusto esp.*
nokí /noˈki/	Desc.	tijéla /tiˈʒɛlɐ/	PT tijela	*n. frasco/tijela pequena*
kéna /ˈkɛnɐ/	IG can	tijéla /tiˈʒɛlɐ/	PT tijela	*n.tijela de maior dimensão*
konstansia garsia /konsˈtaNsjɐ gɐrsiɐ/	PT Constânsia + Garcia	Ngori /ˈngori /	OLF nguri	*vespa taranta (Sceliphron caementarium)*

padjigal /pɐdʒiˈgal/	PT palhegal	lugar /luˈgar/	PT lugar	*n.campo de sequeiro*
pe di báxu /pediˈbaʃu/	PT pe+de+baixo	solal' pe /ˈsɔlɐlˈpɛ/	PT sola+pé	*n.sola do pé*
rradjadera /rradʒɐˈderɐ/	PT ralhadeira	kontenti /koNˈtenti/	PT contente	*adj.Fm Contente*
rodju /ˈrrodʒu/	PT rolho	Ñanha ~ Nganha /ˈŋaɲɐ ~ ˈngaɲɐ/	Proto CPAO */ˈŋaɲa/	*n. sabugo*
rés /ˈrɛs/>	PT rés	djaki /ˈdʒaki/	OLF Yekk	*n.touro*
sedja /ˈsedʒɐ/	PT selha	tina /ˈtinɐ/	PT tina	*n.tina/selha*
Stribaria /stribɐˈriɐ/	PT estribaria	kurral /kuˈrrɐl/	PT curral	*n.curral*
Tarará /tɐrɐˈra/	Ideofone	txapeu di finadu /tʃɐˈpew difiˈnadu/ tanboru finadu /tɐNˈboru fiˈnadu/	PT chapéu+finado tambor+finado	*n. cogumelo esp.*
tutubaréla /tutubɐˈrɛlɐ/ má-má-tutú[42] /maˈma tuˈtu/	ideofone+PT Varela ideofone ideofone	kutunbenben /kuˈtuN beNˈbeN/	ideofone	*n.formiga-leão(inseto endémico)*
txiboku /tʃiˈboku/	PT chibato	bodéku /boˈdɛku/	PT bode + DIM eco	*n. chibato*

Nota diacrónica

Notamos no foguense a existência de palavras com etimologia portuguesa - algeroz>*djarós*; alvíssaras>*arbisa*; barrasco>*marrásku*; bornal>*burnel*; chibato>*txiboku*; palhegal>*padjigal*- que já não são normalmente usadas em sincronia no português europeu padrão, dando testemunho da evolução lexical da língua portuguesa no tempo. Alguns dicionários que consultamos para confirmação etimológica classificam estes itens lexicais como pertencentes à norma brasileira. O dicionário online Priberam aponta, por exemplo, *palhegal* como norma brasileira, dando o sinónimo mais corrente em português europeu- *palhal*). Se levarmos em conta que apenas algumas décadas separam a chegada dos portugueses e da língua portuguesa a Cabo Verde e ao Brasil fica claro que a língua que serviu de base ao processo de crioulização em Cabo Verde foi a mesma que se dialetalizou para a variedade vernacular brasileira, o português de ultramar, conforme defende Teyssier (1994). Nesta mesma linha, Quint (2005) faz o seguinte reparo:

> Por fim, no que diz respeito ao acervo de palavras derivadas do português, importa realçar que um certo número dessas palavras interessa aos estudiosos do idioma de Camões e de Machado de Assis, já que o seu uso em Cabo Verde coincide com o português do Brasil (pbr.) e contrasta com a norma do português europeu.[…] Essa semelhança de evolução semântica entre séries brasileiras e cabo-verdianas torna bastante credível a hipótese de Paul Teyssier (1994;14-15) acerca da existência duma variedade particular do português, por ele designada *português de ultramar* (*portugais d'outre-mer*), a qual teria sido levada pelos marinheiros portugueses da época dos descobrimentos para as costas americanas e africanas.
>
> (Quint 2005: 23)

[42]Quint & al. (em preparação). Atlas de la Langue Capverdienne. Limoges: Lambert-Lucas.

É, por isso, natural que, tanto o português brasileiro como o crioulo cabo-verdiano, preservem em sincronia, itens lexicais que se perderam no português europeu. O facto de alguns destes itens ocorrerem no foguense, mas não no santiaguense também é prova de evoluções locais diferentes dentro da língua cabo-verdiana.

8.2.2 Diferente atribuição semântica

Além da diferente escolha etimológica, as particularidades lexicais do foguense resultam da atribuição de uma semântica diferente a itens lexicais que têm cognatos em outras variedades do cabo-verdiano.

Tabela 87. Léxico de significado divergente em ST e FG

Étimo	Fogo	Português	Santiago	Português
PT afundar	fundâ /fuNˈdɐ/	*v.descer*	funda /ˈfuNdɐ/	*v. afundar*
PT crescer	kersê /kerˈse/	*v. crescer*	kirse /ˈkirse/	*v.acrescentar*
PT criar	kriâ /kriˈɐ/	*v. criar*	kria /ˈkriɐ/ kiria /ˈkirjɐ/	*v. crescer~criar*
MDK dòko	manduku /mɐNˈduku/	*n.bengala +adj. comprido, longo*	manduku /mɐNˈduku/	*n. bengala*
PT feder	fédi /ˈfɛdi/	*adj. mau* *adv. Mal*	fédi /ˈfɛdi/	*adj. de mau odor ou sabor*
Proto CPAO */ʾŋaɲa/	nganha /ˈngaɲɐ/	*n. cascas de feijão*	nganha /ˈngaɲɐ/ ŋánha/ˈŋanhɐ/	*n. sabugo da espiga do milho*
Desc. (africanismo)	karkutí /kɐrkuˈti/	*v.ofender com palavras, fofocar*	korkoti /korˈkoti/	*v. cavar, raspar (com colher, dedo, pau etc)*
PT sombra	sonbrâ /soNˈbrɐ/	*v. passar o dia com*	sonbra /ˈsoNbrɐ/	*v. fazer sombra cubrir'*
PT torto	tórtu /ˈtɔrtu/	*adv. Mal*	tórtu /ˈtortu/	*adj.torto*

Os sinónimos resultantes da diferente atribuição semântica para palavras de mesma etimologia ocorrem tanto com itens de etimologia portuguesa como de etimologia africana (cf. *karkotí* e *fundâ*). As variantes de Santiago e Fogo diferem ainda foneticamente (cf. Transcrição AFI) em consequência dos diferentes tratamentos vocálicos, consonânticos e acentuais das duas variedades. Em muitos casos a classe gramatical destes sinónimos é também diferente.

cf. PT torto > ST tórtu /ˈtɔrtu/ Adj. 'torto'

> FG tórtu /ˈtɔrtu/ adv. 'mal'

8.2.3 Criação de novas palavras

8.2.3.1 Palavras compostas

Tabela 88. Léxico divergente em ST e FG-palavras compostas

Fogo	Étimo	Santiago	Étimo	Português
banána -ratu /bɐˈnanɐˈratu/	PT banana+rato	pipinu-sankaitánu /piˈpinu-ˈsɐn	PT pepino+ são Caetano	*n. fruto do melão de são Caetano*

		kɐjˈtanu/		
fijon-figera /fiˈʒoN fiˈgerɐ/	PT feijão+ figueira	fixon-kongu /fiˈʃoNˈkongu/	PT feijão+congo	*n. ervilha-de-pombo ~ órobo*
fódja-lóra /ˈfɔʤɐˈlɔrɐ/	PT folha+loro	pádja-loru /ˈpaʤɐˈloru/	PT palha+loro	*n. folha de louro*
galinha-Giné /gɐˈliɲɐ giˈne/	PT galinha+Guiné	galinha-mátu /gɐˈliɲɐˈmatu/	PT galinha+mato	*n. galinha-do-mato*
maria-kondon /mɐˈriɐ konˈdoN/	PT Maria+condão	nkantáda /nkɐNˈtadɐ/	PT encantada	*n. sereia*
mané-kolinha /maˈne koˈliɲɐ/	LCV Mané (< PT Manuel) +PT ?	tinta-nhórdes /ˈtiNtɐ ɲɔrˈdes/	PT tinta+LCV nhordés (< PT Senhor Deus)	*n. nevo, sinal*
mané-lobu /mɐˈneˈlobu/	LCV Mané+PT lobo	minhotu /miˈɲotu/	PT minhoto	*n. minhoto (ave de rapina)*
manel-pastorinhu /mɐˈnel pɐstoˈriɲu/	PT Manuel+pastorinho	manel-mangrádu /mɐˈnel-mɐNˈgradu/	PT Manuel + mangrado (< PT mangrado)	*n. garça branca*
móla-finka /ˈmɔlɐˈfinkɐ/	PT mola+finca	Abrodju /ɐˈbroʤu/	PT abrolhos	*n. arbusto esp.*

A fauna e a flora apresentam uma riqueza lexical considerável, apresentando um rol de palavras exclusivas tanto através de processos morfológicos como a composição (tabela 93) como através da criação ou manutenção de ideofones (quadro 94), produzidos pelo Foguense ou herdados de línguas africanas de substrato.

8.2.3.2 Ideofones

Os ideofones podem ser definidos como "uma representação vívida de uma ideia num som, uma palavra, frequentemente onomatopeia, que descreve um nome predicativo ou advérbio relacionado ao modo, cor, som, cheiro, ação, estado ou intensidade " Doke (1935).

Os ideofones distinguem-se das restantes palavras da língua por apresentarem muitas vezes sons e combinações de sons que não fazem parte do inventário fonológico de uma dada língua, conforme defende Bartens (2006).

> Quanto aos sons que fazem efectivamente parte do inventário, a frequência de certos fonemas é muito maior nos ideofones que no resto da língua. Pode ser que certos contrastes fonológicos só existam na fala ideofónica.[…] Os ideofones tendem a ser invariáveis. Existe, porém, um fenómeno morfofonológico que é tão característico dos ideofones que muitas vezes serve para defini-los: a reduplicação.
>
> (Bartens 2006 :118)

Embora os exemplos apresentados abaixo não reúnam a totalidade dessas características, apresentam, no entanto, muitos dos critérios correspondentes aos parâmetros de classificação dos ideofones.

Esta mesma autora explica que os ideofones tendem a aparecer em campos semânticos específicos como os nomes das cores por exemplo. No caso do cabo-verdiano e do foguense em específico nota-se que grande parte dos exemplos encontrados está ligada à fauna e à flora e verbos de movimento.

Na secção abaixo analisaremos as suas características fonológicas e semânticas dividindo os exemplos por classes morfológicas.

Tabela 89. Ideofones do foguense -substantivos

Fogo	Santiago	Étimo	Português
falilí/fɐliˈli/	fransedja /frɐNˈsedʒɐ/	PT francelho	*n. francelho*
mamá tutu /maˈmaˈtutu/	kutunbenben /kuˈtuN beNˈbeN/	Ideofone	*n.formiga-leão (inseto endémico)*
pasusú /pɐsuˈsu/	fus /ˈfus/	MDK Fusi	*n. flatulência silenciosa*
tarara /tɐrɐˈra/	txapeu di finádu / tʃɐˈpew difiˈnadu/ tanboru finádu /tɐNˈboru fiˈnadu/	PT chapéu+finado tambor+finado	*n. cogumelo esp.*
tarenden /tɐreNˈdeN/	midju iladu /ˈmidʒu iˈladu/	PT milho+LCV ila+suf. Pass *du*	*n. milho torrado*
totoku /toˈtoku/	másaʼl midju /ˈmasɐl ˈmidʒu/	PT massa + de + milho	*n. massa de milho (prato tradicional)*
txintxiroti /tʃiNˈtʃi ˈrɔti/	txóta /ˈtʃɔtɐ/	Desc.	*n.pardal*

A tabela 94 contrasta ideofones do foguense cujos sinónimos em santiaguense são, na sua maioria, palavras (não ideofónicas) simples ou compostas de etimologia portuguesa e africana. No caso dos nomes de animais e plantas, a existência destes pares mostra que o foguense, fez recurso ao som ou ação associados ao animal ou à planta para identificá-la, enquanto o santiaguense muitas vezes optou por sinónimos de etimologia portuguesa.

Muitos dos ideofones substantivos que encontramos no foguense pertencem ao campo semântico da fauna e da flora ou realidades relacionadas (nome de animais, plantas, pratos tradicionais…).

Em termos semânticos a sequência sonora parece ter motivação nos sons/ movimento (*filili, pasusu*) e na forma (*tarará, totoku*).

No que diz respeito à estrutura silábica notamos que a estrutura CV+CVx2 (/fɐliˈli/, /tɐrɐˈra/) é a mais frequente, sendo também atestada a estruturaCVx2+CV (/toˈtoku/).

A maioria das estruturas apresenta três sílabas, contrariando o padrão dissilábico da língua.

Tabela 90. Ideofones do foguense –adjetivais e adverbiais

Fogo	Santiago	Étimo	Português
endén /eNˈdeN/	ian /jɐn /, iondon /ioNˈdoN/	Ideofone	*adj. ermo*
txotin-txotin /tʃoˈtiN tʃoˈtiN/	pingu-pingu /ˈpiNgu ˈpiNgu/	PT pingo x2	*adv. gota a gota*

Tabela 91. Ideofones do foguense -verbos

Fogo	Santiago	Étimo	Português
farfarí /fɐrfɐˈri/	ferferi /ferˈferi/	MDK *fèefèe*	*v. procurar, coscuvilhar*
feti fetí /ˈfeti fiˈti/	feti feti /ˈfeti ˈfeti/	OLF *fete*	*v. esfregar a roupa*
futi futí /ˈfuti fuˈtí/	futi futi /ˈfuti ˈfuti/	MDK *fítifiti*	*v. debater-se agitar-se*
supi-supí /ˈsupi suˈpí/	solopa /ˈsolopɐ/	PT ensopar	*v.ensopar*

Para os ideofones verbais a estrutura maioritária dos exemplos encontrados é (CV+CV) x2. Em termos semânticos a sequência fonética parece representar som e movimento.

Alguns desses itens parecem já ser etimologicamente ideofones (MDK *Fítifiti* FG futifutí), enquanto outros parem ter sido "transformados" em ideofones, com recurso à reduplicação (OLF fete FG fiti fití).

8.2.3.3 Adaptação de estrangeirismos

Sendo o português a língua oficial e língua da alfabetização, a sua "interferência" no crioulo é contínua. O *code-switch* é um recurso comum, principalmente nas classes mais alfabetizadas. Assim sendo a análise dos estrangeirismos da língua portuguesa no cabo-verdiano merece um estudo detalhado e autónomo, considerando todos esses aspetos. Portanto, o estudo da influência do português sobre o crioulo do Fogo não será tido em consideração nas secções que se seguem[43].

No foguense a principal via de recurso a estrangeirismo em sincronia, é o inglês. Aliás, conforme aponta Marzhauser (2019:105), a presença de anglicismos no cabo-verdiano é um fenómeno "que tem ocorrido em contexto diversos ao longo da história da língua cabo-

[43] Para o caso específico das formas fossilizadas, cf. 8.2.4.2.

verdiana". A ilha do Fogo conhece um fluxo migratório para os Estados Unidos que começou nos finais do sec. XIX (Barbosa 2006). Por isso, algumas destas palavras, apesar de serem empréstimos, não entraram recentemente na língua. Fazem hoje parte do vocabulário corrente e são usadas por falantes de diferentes gerações.

Cardoso (1933) refere a presença de anglicismos no foguense e deixa claro que já nessa altura os anglicismos já sofriam processos de integração fonética e morfológica.

> Em virtude da corrente migratória entre Cabo-Verde e os Estados Unidos, estabelecida de alguns anos a esta parte, vai aparecendo acrioulado um ou outro vocábulo inglês, mas felizmente de uso restrito e de vida bastante efémera, não resistindo à troça dos que não saíram da terra e se opõe caturramente, num inconsciente purismo à introdução pretensiosa de novidade da estranja, de que só fazer gala a pascacice dos "torna viagem" como indício de terem visto o mundo.
>
> (Cardoso 1933 p.30)

Apesar desta resistência apontada pelo autor o certo este processo teve continuidade, como provam os inúmeros anglicismos que hoje atestamos na língua.

A grande maioria dos itens referem-se a termos da vida moderna, como *kena* 'recipiente de plástico ou metal' *daipu* 'fralda descartável' que não existiam na primeira fase de formação da língua, e que entraram mais tarde, enquanto conceito e enquanto objeto propriamente dito, comprovando a relação entre a dinâmica linguística e a dinâmica sócio-histórica.

Tabela 92. Léxico de etimologia inglesa

Fogo	Étimo	Santiago	Étimo-	Português
bebisera /ˈbebisɛɐ/	IG baby-sitter	babá /bɐˈba/	PT baba	*n. babá, ama*
frósta /ˈfrɔstɐ/	IG frost	jélu /ˈʒɛlu/	PT gelo	*n. gelo*
bégi /ˈbɛgi/	IG bag	bólsa /ˈbɔlsɐ/	PT bolsa	*n. bolsa*
loka /ˈlɔkɐ/	IGlock	fitxadura /fitʃɐˈdurɐ/	PT Fechadura	*n. fechadura*
da tróba /ˈdɐ ˈtrɔbɐ/	PT dar + IG trouble	da kansera /ˈdɐ kɐNˈserɐ/	PT dar+canseira	*Loc. v. dar trabalho*
mapu/ˈmapu/	IGmop	prigisoza /prigiˈsɔzɐ/	PT preguiçosa	*n.esfregona*
kéna /ˈkɛnɐ/	IG can	tijela /tiˈʒɛlɐ/	PT tijela	*n.tijela*
daipu /ˈdajpu/	IG diaper	fralda /ˈfraldɐ/	PT fralda	*n.fralda*
stóri /ˈstɔri/	IG storey ~ story	andar, pizu /ɐNˈdar/, /ˈpizu/	PT andar, piso	*n. andar, piso*

Os substantivos empréstimos da língua inglesa são integrados nos grupos temáticos dos substantivos terminados em /a/, /i/ e /u/ átonos, que abarcam a esmagadora maioria dos nomes da língua. Uma vez integradas seguem os mesmos paradigmas e sofrem os mesmos processos morfológicos e fonéticos das restantes palavras da mesma classe. Assim, o lexema *begi* é considerado como terminando em vogal átona e forma o diminutivo com a seleção do sufixo –*inhu,* da mesma forma das palavras da língua de etimologia portuguesa que apresentam a mesma especificidade (cf. 5.3.2.2.2).
cf.

Denti ‘dente’ – dentinhu ‘dentinho’

Begi ‘bolsa’ – beginhu ‘bolsinha’

8.2.4 Formas fossilizadas

8.2.4.1 Latinismos

Subsistem na língua alguns poucos latinismos, não em forma de lexemas independentes, mas expressões fossilizadas, que poderão ter entrado por via religiosa. Assim como para os itens lexicais independentes, a sua integração segue os paradigmas fonético/fonológicos e morfológicos da língua.

Lat.VERBUM CARO FACTUS EST>*di berbu kádu, fátus es* [diˈbɛrbu ˈkadu ˈfatuzˈes]

Nesta expressão de esconjuro podemos registar dois processos fonéticos característicos do foguense, na passagem do latim (pronunciado à portuguesa) ao crioulo.

i) a troca da oclusiva bilabial sonora /b/ pela fricativa dental sonora /v/ (/w/ em latim clássico) **V**ERBUM>**b**erbu

ii) a mudança do /r/ intervocálico para /d/ - CA**R**O> ka**d**u

8.2.4.2 Lusitanismos

Fazem também parte do léxico foguense algumas expressões correntes interjeições e palavras funcionais que resultam de expressões portuguesas fossilizadas.

Tabela 93. Formas fossilizadas –palavras funcionais

Fogo	Étimo	Português
Punzenplu [punˈzɛ̃mplu]	PT por exemplo	Por exemplo
Ustantu [usˈtãntu]	PT uns tanto	Tanto
Isuer [ˈisu ˈer]	PT isso é	Isto é
Kuzirmons [kuzirˈmõns]	PT com os irmãos	com os irmãos
Kindiz [kĩnˈdis]	PT (como) quem diz	Ou seja
Akadiré[44] [ˈa kɐdiˈre]	PT Acá del’rei	Socorro

8.2.5 Formas do proto-crioulo

O léxico foguense apresenta também itens não encontrados em sincronia na variedade vizinha de Santiago, que apontam para uma preservação de variantes também atestadas nas variedades continentais (Guiné-Bissau e Casamansa). A coincidência entre formas do foguense e formas continentais aponta tratarem-se de formas de estádios iniciais da língua -do proto-crioulo-já que não há base histórica para se pressupor este tipo de contato e troca linguística entre o

[44]Na interjeição de pedido de socorro *akadiré* /ˈa kɐdiˈre/< PT Acá del’rei atestamos a queda dos seguimentos finais /l/ del > *di* e /j/ rei > re, um processo fonético característico do foguense (3.4.3.1).

foguense e as variedades continentais em sincronia. Estes itens não são atestados no santiaguense (Quint & Moreira 2019).

Tabela 94. Formas do foguense provindas do proto-crioulo

Crioulos continentais e do Fogo					
Fogo	CGC	Étimo	Santiago	Étimo	Significado português
dergádu /dɐrˈgadu/	CS dalgadu /dalˈgadu/	PT delgado	miodu /ˈmjodu/	PT miúdo	Adj. *Pequeno*
pe-di-báxu /ˈpedi ˈbaʃu/	CS bas di pe /bas di ˈpe/	PT baixo+de+pe	sola'l pe /ˈsɔlɐl ˈpe/	PT Sola+pe	n. *sola do pé*
trazadu ˈ/trɐˈzadu/	BI tersadu /terˈsadu/ ~ tarsadu /tarˈsadu/ GE/CU tarsadu /tarˈsadu/ CS torsadi /torˈsadi/ ~ /torsadu torˈsadu/	PT *terçado* /terˈsadu/	maxin /mɐˈʃiN/	PT machinho	n. *Machete*

8.2.6 Africanismos

Santos (1979), Rougé (1999 a e b), Lang (2004) e Quint (2000b, 2006, 2008a) são alguns dos autores que se debruçaram sobre o estudo do léxico de etimologia africana na língua cabo-verdiana. Esses itens foram catalogados para a variedade de santiaguense. De acordo com Quint (2008a:70), como já disse mais acima (cf. **8.1**), cerca 95% do léxico cabo-verdiano é de origem portuguesa. Há, no entanto, uma pequena percentagem do léxico identificado como sendo de etimologia africana (Uólofe, Mandinka e Temné).

De acordo com Quint (2008a) esta componente do léxico pode-se explicar, embora apenas parcialmente, de duas formas:

a) designar realidades africanas. É o caso para o verbo ST- bombu FG - bambu < Bambarã de Bamako bàmu [bambu] 'levar às costas (criança)';

b) imprimir maior grau de especificidade à ação ou realidade descrita: compare kumi'comer'< PT comer e nhemi < Mandinga ñimi 'mastigar, mordiscar'.

O foguense enquanto uma das variedades mais antigas do arquipélago também apresenta uma presença notável de africanismos. Fizemos um levantamento destes itens no foguense, partindo da lista de Quint 2008a para o santiaguense (cf. anexo 3). Os itens encontrados mostram pontos convergentes com o santiaguense, mas também pontos divergentes. Apesar de o foguense apresentar menos africanismos quando comparado com as restantes variedades da família linguística nos quais a catalogação destes itens já foi feita (Quint & Moreira 2019), regista pelo menos 1 item lexical de etimologia africana não presente no santiaguense.

Tabela 95. Africanismo do foguense não atestado em santiaguense

Fogo	Étimo	Santiago	Étimo	Sig.português
bixí /biˈʃi/	OLF bees	bentia /ˈbeNtjɐ/	PT ventear	cirandar

O foguense regista também o item *lámbru*, a designação que se dá ao avental improvisado com um pedaço de pano atado à cintura onde se guardam as sementes durante o processo da sementeira. Consideramos tratar-se de uma derivação deverbal do item *lambú* /lɐmˈbu/ 'embrulhar com um pano' partilhado com o santiaguense *lombu* /ˈlõmbu/ 'embrulhar com um pano', salvo as devidas particularidades fonéticas. No entanto no santiaguense apenas se atesta a forma verbal, sendo o sinónimo do substantivo derivado de etimologia portuguesa.

OLF làmboo > FG lambú /lɐmˈbu/ 'embrulhar com um pano'> FG lambru /ˈlambru/ n. 'avental improvisado'

PT bandola > ST bandola /bɐnˈdɔlɐ/ n. 'avental improvisado'

Registam-se ainda palavras de origem africana partilhadas com o santiaguense, mas para as quais o foguense apresenta um significado diferente. (cf. Tabela 101 *korkoti, manduku, nganha*[45]*).*

Os africanismos do Fogo apresentam ainda especificidades fonéticas que os distinguem da pronúncia santiaguense. Em muitos casos (cf. BAMB. *bàmu* FG bambu /bɐmˈbu/ ST bombu ˈ/bombu/ v. levar às costas (criança); OLF *làmboo* FG lambú /lɐmˈbu/ ST lombu /ˈlõmbu/ v. embrulhar com um pano) mantém a vogal etimológica aproximando-se mais da variante etimológica. A tabela 101 apresenta as palavras atestadas pelos falantes e a respetiva forma no foguense, enquanto a tabela 102 apresenta a palavra não atestadas pelos falantes e os respetivos sinónimos de etimologia portuguesa indicados pelos mesmos.

Tabela 96. Léxico de origem africana compartilhado por ST e FG

Étimo	FG	ST	Tradução
BAMB *bɔlen* MLI *bôlin*	bulí /boˈli/	boli /ˈboli/	*n. cabaça.sp*
MDK *Bamburaŋ*	bonboron /bõNburõN/	bonboroŋ /bõNbuˈrõN/	*n. sela de tecido improvisada para burro*
OLF *bi+(j)inde*	bindi /ˈbiNdi/	bindi /ˈbiNdi/	*n. panela de cerâmica com furos na base, usada para fazer cuscuz*
BAMB *Bàmu*	bambú /bɐNˈbu/	bombu ˈ/boNbu/	*v. levar às costas (criança)*
BAMB *Boso*	busú /buˈsu/	busu /ˈbusu/	*v. tirar a pele, esfolar*
OLF *jaxase*	djagasí /dʒɐgɐˈsi/	djagasi /dʒɐˈgɐsi/	*v. misturar (álcool,*

[45]Note-se que em casamancês a palavra originada do mesmo étimo designa 'restos/cascas de arroz' que é localmente a base da alimentação assim como o milho o é para Cabo Verde. Esta correspondência semântica sugere que este item pode ter designado num primeiro momento 'sobras de algum produto alimentício' tendo no santiaguense ocorrido uma especificação semântica para a espiga do milho.

			comida)
MDK *Jóŋkótó*	djongotô /dʒoNgoˈto/	djongotu /dʒoNˈgotu/	*v. acocorar-se*
BAMB *gìngɔn* MLI *dyinkon* MDK *jinkoo*	djongô /dʒoNˈgo/	djongu /ˈdʒoNgu/	*v. dormitar*
MDK *Fèefèe*	farfarí /fɐrfɐˈri/	ferferi /ferˈferi/	*v. procurar, coscuvilhar*
OLF *fete*	feti fití /ˈfeti fiˈti/	feti feti /ˈfeti ˈfeti/	*v. esfregar a roupa*
MDK *Fítifiti*	futi futí /ˈfuti fuˈti/	futi futi /ˈfuti ˈfuti/	*v. debater-se agitar-se*
TMN *an-funk*	funku /fuNˈku/	funku /fuNˈku/	*n. palhota tradicional*
TMN *aron an-iran*	iran /iˈraN/	iram /iˈraN/	*n. alguém com um edema com a cabeça grande*
MDK *jutu*	djutú /dʒuˈtu/	ndjutu /nˈdʒutu/	*v. subestimar*
MLI *kalama* MDK *kalamaa*	kalman /kɐlˈmɐN/	karmam /kɐrˈmɐN/	*n. meia cabaça ou meia casca de coco, em forma de colherão, que serve para beber*
MDK *Kankaraŋ*	kankaran /kɐNkɐˈrɐN/	kankaran /kɐNkɐˈrɐN/	*n. estrutura, telhado*
MDK *kócci*	kotxí /koˈtʃi/	kotxi /ˈkotʃi/	*v. separar o milho do farelo num pilão*
BAMB *kɔrádén*	kodé /koˈde/	kodé/koˈde/	*n. o filho mais novo*
BAMB *kɔnkɔn* MLI *konkon* MDK *konkoŋ*	konkí /koNˈki/ konkô/koNˈko/	konku /ˈkoNku/	*v. bater à porta*
MDK *kóo+diŋdiŋ*	kundindin- /kuNdiNˈdiN/ kununu /kunuˈnu/	kundinden- /kuNdiNˈdeN/	*n. cóccix*
OLF *làmboo*	lanbú /lɐnˈbu/	lonbu /ˈloNbu/	*v. embrulhar com um pano*
Banhum *gu-jankari* Pl. *ba-jankari*	mankara /mɐnˈkarɐ/	mankara /mɐNˈkarɐ/	*n. amendoim*
MLI *mondomondo*	mondô /moNˈdo/	mondu /ˈmoNdu/	*v. dobrar-se, comprimir, enrugar, dobrar de forma descuidada*
BAMB *mɔñɔnkɔ* MLI *mononki/ monyonko*	monhongô /moɲoNˈgo/	monhongi /moˈɲoNgi/	*v. amarrotar,*
BAMB MDK *ñimi*	nhamí /ɲɐˈmi/	nhemi /ˈɲemi/	*v. mastigar, mordiscar*
OLF *wure*	orin /oˈriN/	oru, ori /ˈori/ /ˈori/	*v. jogo tradicional africano*
BAMB *tɛntɛn* MDK *tenten*	tentê /teNˈte/	tente /ˈteNte/	*v. peneirar para separar o grão do farelo*
BAMB *sèri*	xarén /ʃɐˈreN/	xarén /ʃɐˈreN/	*n. prato tradicional à*

MDK*séreŋ*			*base de milho pilado*
TMN *ka-banka*	tabánka /tɐˈbankɐ/	tabánka /tɐˈbaNkɐ/	*n. espécie de carnaval tradicional*
OLF *copati*	txaputí /tʃɐpuˈti/	txuputi /tʃuˈputi/	*v. beliscar*
BAMB *ncɔki-ncɔki*	txukí /ʃuˈki/	txuki /ˈʃuki/	*v. meter dentro, perfurar*
OLF *wuññi*	unhí/uˈɲi/	unhi/ˈuɲi/	*v. mostrar o rabo a alguém*

No entanto nota-se que para alguns itens que são no santiaguense de origem africana o foguense opta por um sinónimo de étimo português, apontando para uma maior romanização do léxico.

Tabela 97. Sinónimos de etimologia portuguesa no foguense e africana no santiaguense

Fogo	Étimo	Santiago	Étimo-	Português
bitxu-kabesa-grandi /ˈbitʃu kaˈbɛsa ˈgraNdi/	PT bicho+cabeça+grande	bágabága /ˈbagɐˈbagɐ/	BAMB bagabaga	*n. formiga esp.*
sakudí /sɐkuˈdi/	PT sacudir	digigi /diˈgigi/	MLI dyigidyigi	*v. sacudir*
furmingóna /furmiNˈgɔnɐ/	PT forminga+ona	dundu /ˈduNdu/	MDK duntumalaŋ	*n. formiga esp.*
mamóna /mɐˈmɔnɐ/	PT mamona	djagi-djagi /ˈʤagi ˈʤagi/	Desc.	*n. ricinus communis*
piodju galinha /ˈpjoʤu gɐliˈɲɐ/ purginha galinha /purˈginɲɐ gɐliˈɲɐ/	PT Piolho + galinha PT Pulginha + galinha	meses /meˈses/	MDK mèseesi	*n. piolho de galinha*
rés /ˈres/	PT rés	djaki /ˈʤaki/	OLF *yëkk*	*n.touro*
bórra /ˈbɔrɐ/	PT borra	siré/siˈre/	BAMB Sirá	*n. tabaco de mascar*

Ainda sobre a influência africana no léxico, encontramos topónimos africanos em nomes compostos nas designações de fauna e flora, que não se encontram em santiaguense.

Tabela 98. Topónimos africanos em nomes compostos do foguense

Fogo	Santiago	Sig.português
galinha guiné	*Galinha matu*	galinha do mato esp.
Mangu serra lioa	----------	‘manga esp.’

9. Conclusões

9.1 O lugar do foguense no seio da língua cabo-verdiana

A análise levada a cabo ao longo destas páginas comprova a originalidade do foguense, a pertinência do seu estudo e principalmente a necessidade de continuar a analisar esta variedade do cabo-verdiano. Os dados apresentados sobre a história da ilha demonstram dinâmicas socio-históricas e sociolinguísticas próprias que proverão parte da explicação para as especificidades desta variedade. A sociedade colonial foguense caracteriza-se por uma forte estratificação social, como era adágio das sociedades escravocrata, mas distingue-se pelo facto desta estratificação ter-se mantido até tardiamente na história.

O foguense destaca-se no seio da língua cabo-verdiana por ser uma variedade antiga, a que Veiga (2019) designou como crioulo de segunda geração. Esta antiguidade está visível nas estruturas paralelas com o santiaguense, a variedade mais antiga, mas também nos traços linguísticos preservados do proto-crioulo de base lexical portuguesa da África Ocidental (PCAO).

No que diz respeito ao inventário vocálico e consonântico, a singularidade do foguense prende-se especialmente com os contextos de ocorrência. Até onde sabemos esta é a única variedade do cabo-verdiano a registar ocorrência das vogais átonas /e/ e /o/ em posição final nos nomes em cabo-verdiano, apresentado o inventário mais longo da língua neste contexto, já que na maioria das variedades do cabo-verdiano a queda das vogais átonas finais é sistemática e nas variedades que as preservam, como é o caso da Brava e de Santiago, apenas subsistem as vogais altas /i/ e /u/.

No grupo Sotavento, o crioulo do Fogo distingue-se dos crioulos de Santiago e Maio por apresentar a distinção fonológica entre a vibrante alveolar /ɾ/ e a vibrante múltipla /r/ ex [ˈkaɾu] ‘caro, custoso’ (adj.) vs. [ˈkaru] ‘carro, viatura’ (n.), uma distinção também registada na ilha da Brava (Quint em preparação).

Este traço linguístico parece ser mais uma evidência do caráter conservador ,do foguense, pois trata-se da manutenção de um traço fonológico da língua lexificadora que poderá ter subsistido no proto-crioulo, mas que se perdeu nas restantes variedades antigas da família linguística.

Além desta distinção fonológica, o foguense apresenta um processo regular de substituição de /l/ por /r/, processo que ocorre em diversos contextos, como sejam em coda silábica PT [ˈso**ɫ**] >FG [ˈso**r**] vs. ST [ˈso**l**] ‘sol’ e no interior de grupos consonânticos PT [kõmˈp**l**ɛtu] FG [kõmˈp**r**ɛtu] ST [kõmˈp**l**ɛtu] ‘completo’; para citar apenas algumas particularidades.

No domínio morfossintátioo, esta variedade apresenta estratégias particulares de marcação de número e género, além de diferente comportamento de certos morfemas verbais, como é o caso do morfema de potencial *dja*, ou do morfema de progressivo *sa-ta*, que apresenta nesta variedade uma forma diferenciada (*stá-ta*) para enunciados no passado.

No campo da sociolinguística e da variação linguística, este é também um terreno fértil de pesquisa. A tradicional emigração para os Estados Unidos tem deixado as suas marcas no léxico desta variedade, que se mostra viva e em plena transformação. Diversos processos fonético-fonológicos (queda das semiconsoantes /w/ e /j/, mudança acentual), morfológicos e sintáticos (marcação de feminino e plural, dinâmica entre verbos de estado e de ação) que dão

sinais de estarem a acontecer em tempo real na língua, constituem temas de grande interesse para estudos comparativos, já que muitas das variantes envolvidas nos processos de mudança linguística se mantêm em uso simultâneo na língua.

9.2 O lugar do foguense na família dos CPAO

Com base nas análises efetuadas ao longo destes 8 capítulos defendemos tratar-se de uma variedade cuja relação genealógica com o proto-crioulo da África Ocidental está ao mesmo nível do santiaguense e das variedades continentais. Ou seja, embora tenha tido formação ligeiramente mais tardia do que o santiaguense, pelos imperativos do povoamento, o foguense formou-se num estádio bastante antigo da formação e expansão do proto-crioulo da Africa Ocidental. A variedade foguense não deve, por isso, ser considerada uma subvariedade do santiaguense, mas antes uma variedade irmã, cujo processo de formação ocorreu, em um dado momento, de forma paralela ao santiaguense e às variedades continentais, cuja emergência pode ser situada pelo menos meio século mais tarde, conforme postula Quint (2000b:199).

Traços linguísticos do foguense partilhados com as variedades continentais são indícios desta formação precoce podendo-se postular que entraram no foguense via o proto-crioulo e não via o santiaguense como se poderia esperar. O facto destes traços serem partilhados com o continente, mas não com o santiaguense deixa claro, que num dado estádio da língua, as diferentes variedades fizeram diferente uso das variantes fonéticas, léxicas e morfológicas ao seu dispor.

Traços fonéticos como a acentuação verbal oxítona nas formas de base ex. *fazê* /fɐˈze/, a passagem de /r/ intervocálico a /d/ (ex. PT [pɐsɐˈriɲɐ] >FG [pɐsɐˈdiɲɐ] vs. ST [pɐsɐˈriɲɐ] ‘ave endémica’ - *Halcyon leucocephala*), a eleição da vogal /u/ como vogal de ligação para formação de plural (SG papel /pɐˈpel/ ‘papel’ PL papelus /pɐˈpelus/ ‘papéis’) são exemplos de alguns traços do protocrioulo partilhados entre o foguense e as variedades continentais.

O foguense partilha ainda com as variedades continentais outro traço fonético como é o caso do fechamento das vogais médias em posição tónica (embora não necessariamente nos mesmos itens), apontado por Quint (2000b:101) como traço diferenciador das variedades continentais em relação ao santiaguense (onde muitas vezes ocorre a sua abertura em virtude da tonicidade).

cf.

PT clássico [ˈpejtu]	>CGC [ˈpitu]	ST [ˈpetu] ‘peito’
PT clássico [oˈreʌɐ]	>FG [oˈriʤɐ]	ST [ˈorɛʤɐ] ‘peito’
PT clássico [ˈõmbru]	>FG [ˈũmbru]	ST [ˈõmbru] ‘ombro’

No que diz respeito à preferência por estruturas silábicas CV, comum a todas as variedades, o foguense mostra-se a variedade o mais conservador, apresentando uma percentagem maior (78%) do que o santiaguense e as variedades do continente (3.2.1).

A nível sintático, a elisão da cópula é outro exemplo de traços partilhados entre o foguense e as variedades continentais.

(307) retomado de (274)

trabádju	stádu	mofinu
trabalho	estado	ø mofino
		=mofino.PFV

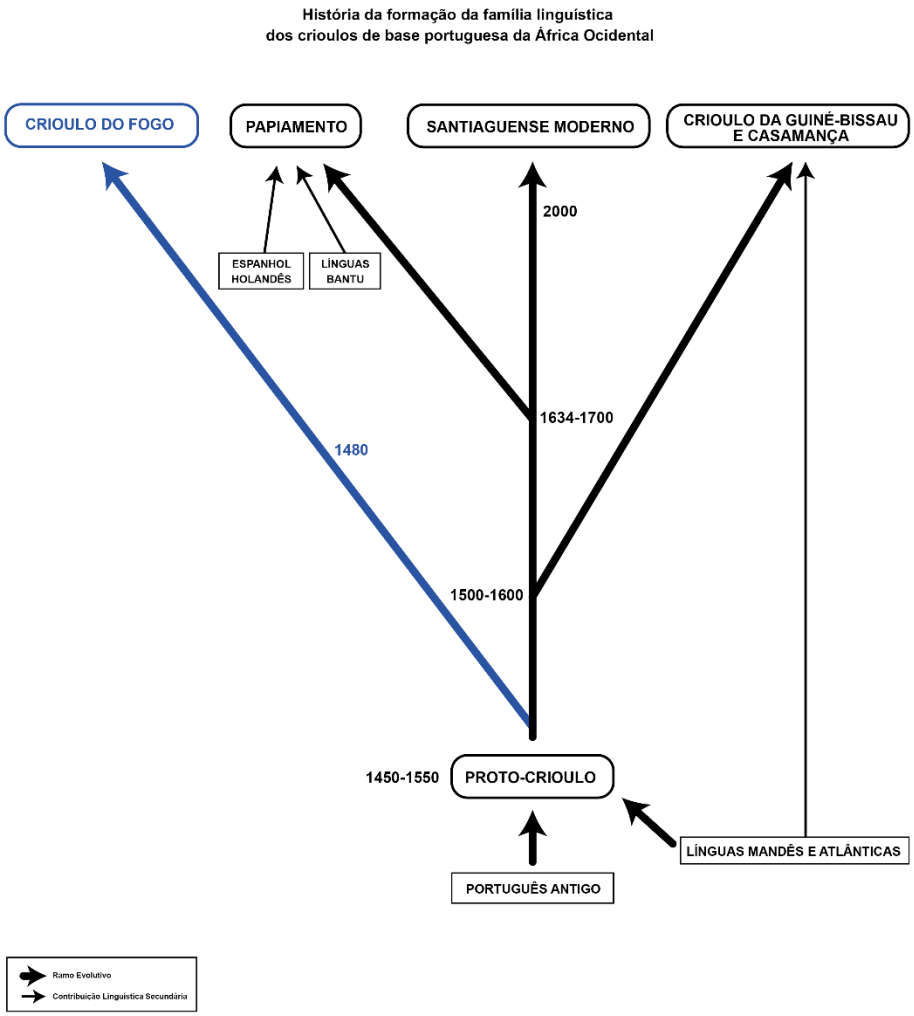
‘O emprego público está/é escasso’

No campo lexical subsistem no foguense itens não encontrados no santiaguense, mas partilhados com as variedades do continente (cf. 8.2.5).

Ainda a nível lexical, a ocorrência de diversos cognatos mostra que as escolhas foram feitas num momento onde as variantes não eram ainda estáveis.

Com base nesses dados (e outros indícios que podem ser reforçados com pesquisas futuras) podemos postular que o proto-crioulo da Africa ocidental resultou em Cabo Verde nas variedades de Santiago e Fogo e no continente nas variedades de Casamansa e Guiné-Bissau, conforme ilustramos na reformulação do esquema ilustrativo da história da formação da família linguística dos CPAO, apresentado por Quint (2000b:199), ou seja a separação entre foguense e santiaguense parece ter sido a primeira ramificação no tronco comum do CPAO e, portanto, a variedade do Fogo é a primeira variedade que se individualizou do proto-crioulo das origens, que provavelmente nasceu na ilha de Santiago.

Figura 9. História da formação da família linguística dos CPAO com introdução do foguense



9.3 A continuidade da pesquisa

A riqueza linguística do foguense exige ainda muitos mais estudos. Estudos que a limitação temporal desta tese não nos permite encetar. Muitas são as áreas ainda por cobrir, desde logo um estudo fonético fonológico mais aprofundado, dando atenção a uma área bastante característica desta variedade: a prosódia. Estudos futuros sobre o acento frásico, a duração das vogais, entre muitos outros aspetos poderão trazer dados valiosos que, juntamente com pesquisas de ordem metalinguística ou psicolinguística, permitirão traçar um perfil mais detalhado dos falantes bem como da variação linguística em função de fatores geográficos, mas também de sexo, idade ou classe social.

Se é verdade que apresentamos neste trabalho um levantamento tanto quanto fiel do léxico de origem africana, urge ainda a pesquisa da herança africana na estrutura gramatical da língua, para lá da morfologia verbal. Um dicionário completo da variedade é também ainda uma tarefa a empreender.

Estudos mais aprofundados do sistema verbal e, em particular, do uso dos morfemas envolvidos neste sistema poderiam trazer mais elementos sobre o sentido das mudanças linguísticas em curso.

A origem do pronome pessoal de primeira pessoa do plural /du/, apenas atestado nesta variedade do cabo-verdiano permanece, também uma incógnita, sendo apenas um dos muitos tópicos a explorar no tocante ao sistema pronominal, cujas diferentes séries merecem ainda um estudo aprofundado dos contextos de uso e restrições de ocorrência.

Um esforço conjunto dos investigadores de língua cabo-verdiana poderá ajudar a clarificar estas e outras questões. Respostas que terão impacto não apenas a nível linguístico, mas que serão também um contributo da comunidade científica para a definição da história e identidade de uma sociedade, marcada por séculos de opressão. Contudo, a valorização da língua cabo-verdiana requer o engajamento não apenas da comunidade científica, mas, sobretudo, dos falantes, dos decisores políticos e de todas as gerações vindouras.

ANEXOS

ANEXO 1

Lista das 64 palavras atestadas com a realização /ɑ/ no crioulo do Fogo’

Palavra	Fonema desencadeador da realização /ɑ/													
	Vogais			Consoantes velares		Consoantes labiais			Consoantes palatais					
	Ant.		Post.											
	i	e	u	k	g	b	p	m	ʒ	ɲ	tʃ	dʒ	ʃ	Nr. de factores
[k**ɒ**ˈzɐ] ‘casar’				x										1
[l**ɒ**ˈbɐ] ‘lavar’						x								1
[lɐb**ɒ̃**nˈtɐ] ‘levantar-se’						x								1
[m**ɒ**ˈnerɐ] ‘maneira’		x						x						2
[m**ɒ**drɨɲɐ] ‘madrinha’	x							x		x				3
[m**ɒ**ˈɲãn] ‘amanhã’								x		x				2
[trɐb**ɒ**ˈdʒɐ] ‘trabalhar’						x						x		2
[t**ɒ̃**mˈbe] ‘também’		x				x								2
[kũmp**ɒ**ˈɲeru] ‘kumpanheiro’		x					x			x				3
[str**ɒ**ˈgɐ] ‘estragar’					x									1

[bɒˈte]‘bater-lavar a roupa’		x				x								2
[mɐ̃nˈdɐ] ‘mandar’								x						1
[pɒˈnɐ]‘apanhar’							x			x				2
[kɒˈtrinɐ]‘Catarina’	x			x										2
[kɒsˈkɐ] ‘descascar’				x										1
[pɒˈnɲu] ‘paninho’	x						x			x				3
[pɒˈgɐ] ‘pagar’					x		x							2
[ɒˈʒudɐ] ‘ajuda’			x						x					2
[bɒˈdiw] ‘natural da ilha de Santiago’	x					x								2
[dʒɐ̃nˈtɐ] ‘jantar’												x		1
[nbɒrˈkɐ] embarcar				x		x								2
[strɐ̃nˈʒeru]‘estrangeiro’		x							x					2
[ɒˈtʃɐ] ‘achar’											x			1
[ngɒˈnɐ] ‘ganhar’					x					x				2
[sɒˈburɐ] ‘alegria’			x			x								2
[mɐ̃nˈʃe] ‘amanhecer’		x											x	2

[ʒɒ**r**ˈdĩ̲ŋ̲] ‘jardim’	x								x					2
[dis**k̲ɒ**ˈp̲ɐ]‘descascar (o milho)’				x			x							2
[si**p̲ɒ**ˈ**r**ɐ] ‘separar’	x						x							2
[g̲ɒ**r**ˈdɐ] ‘guardar’					x									1
[nsɒˈb̲õ̲ŋ̲] ‘estou bem’						x								1
[fi**k̲ɒ**ˈl̲i] ‘ficou li’	x			x										2
[k̲ɐsɒˈb̲e] ‘não sabe’		x		x										2
[m̲ɒˈn̲ɐɾɐ] ‘maneira’		x						x						2
[b̲ɐtɒˈt̲ɐɾɐ] ‘batateira’		x				x								2
[k̲ɒˈd̲ɐɾɐ] ‘cadeira’		x		x										2
[p̲ɒˈk̲e] ‘pra quê/ porquê’		x		x										2
[ʒɒˈn̲eru] ‘janeiro’		x							x					2
[k̲ɒˈkɾ̲e] ‘não quer’		x		x										2
[k̲ɒˈt̲ẽ̲ŋ̲]‘não tem’		x		x										2
[sɐtɒˈb̲ẽ̲ŋ̲] ‘esta a vir’		x				x								2
[ɒˈl̲i] ‘aqui’	x													1

[mɒˈriɐ] ‘Maria’	x							x						2
[kɒˈziɲɐ] ‘casinha’	x			x						x				3
[kɒˈtiɲa] ‘não havia’	x			x						x				3
[kemɒˈdiɲɐ] ‘Queimadinha’	x			x				x		x				3
[lɐgɒˈrisɐ] ‘lagarisa’	x				x									2
[kɒˈmiɲu] ‘caminho’	x			x				x		x				4
[bokɒˈdiɲu]‘bocadinho’	x			x		x				x				3
[sɒˈi] ‘sair’	x													1
[trɐbɒˈʤiɲu] ‘trabalhinho’	x					x				x		x		4
[fɒˈmiljɐ] ‘família’	x							x						2
[rrɒˈdiɲu] ‘radiozinho’	x									x				2
[lɒˈtiɲɐ]‘latinha’	x									x				2
[tɒrˈdiɲɐ] ‘tardinha’	x									x				2
[ɒˈsi] ‘assim’	x													1
[kɒˈi]‘cair’	x			x										2
[gɒˈliɲɐ] ‘galinha’	x				x					x				3

[k**ɒ**ˈrsi̲n̲ɐ] ‘calcinha/cueca’	x			x						x				3
[rɐp**ɒ**ˈri̲g̲ɐ] ‘rapariga’	x				x		x							3
[b̲**ɒ**ˈrig̲ɐ] ‘barriga’	x				x	X								3
[n̲**ɒ**ˈfid̲ʒu] ‘meu filho’	x									x		x		3
[si**ɒ**ˈli̲] ‘olha aqui’	x													1
[pen**ɒ**ˈt̲ʃõ̲ⁿ̃] ‘pés no chão- descalços’		x									x			2
TOTAL	29	16	2	18	8	13	7	9	4	18	2	4	1	

ANEXO 2

Textos para análise silábica e acentual

TEXTO I- Transcrição

N	ka	nesê	li
D.S1SG	NEG	nascer.PFV	ADV.PROX

‘Eu não nasci aqui'

N	nesê	na	fregezia	sãu	lurénsu
D.S1SG	nascer.PFV	PREP	freguesia	São	Lourenço

‘eu nasci na freguesia de São Lourenço,’

Mo	nhá	pái	éra	di	Ribera	Ilheu
CONJ	POSS.SPL1SG	pai	ser.PASS	PREP	Ribeira	Ilhéu

‘Porque o meu pai era de Ribeira Ilhéu’

el	bá	fikâ	mora-du	na	Lagarisa
D.S3SG	ir. PFV	ficar. PFV	morar-PSV	PREP	Lagariça

‘Ele foi morar na Lagariça'

K’el	bá	fikâ	mora-du
RELS.D.S3SG	ir.PFV	ficar.PFV	morar-PSV

‘Que ele foi morar'

Ago	dipos	nhá	mái	ben	ku	mi
Agora	depois	POSS.SPL1SG	mãe	vir.PFV	PREP	RD.OBL1SG

banbu-du	na	kósta
trazer às costas-PSV	PREP	costas

‘Agora depois a minha mãe trouxe-me às costas'

Mininu	banbudu	ku	pánu	na	kósta
Menino	trazer às costas-PSV	PREP	pano	PREP	costas

‘(trouxe-me) ainda bebé às costas'

Dipos	nhá	mái	kria	-m,
Depois	POSS.SPL1SG	mãe	criar.PFV	-D.O1SG

du	fikâ	li
D.S1PL	ficar.PFV	ADV.PROX

‘depois a minha mãe criou-me (sozinha), ficámos aqui'

Li	me	ki	N	fikâ	tudu	kes	ténpu
ADV.PROX	mesmo	REL.OBL	D.S1SG	ficar.PFV	todo	DEM.DIST.PL	tempo

‘Aqui mesmo é que eu fiquei todo aquele tempo'

N ben kazâ ê li ki N ta rasidí
D.S1SG vir.PFV casar.PFV ser.PRS ADV.PROX REL.OLB D.S1SG IPFV residir
‘Vim a casar-me e é aqui que eu resido'

Vivensia ê mariádu
Vivência ser.PRS difícil
‘A vivência (de antigamente) era difícil’

Du ta bá ku nos dóna kodjê káfe
D.S1PL IPFV ir PREP POSS.SPL1PL avó colher.PFV café

Sor ta kema -nu na pe-di-báxu
Sol IPFV queimar -D.O1PL PREP sola-do-pé
‘Íamos com a nossa avó, apanhar café, o sol queimava-mos na sola do pé'

du ta tra karapati du ta karsâ
D.S1PL IPFV tirar sisal D.S1PL IPFV calçar

pamo du ka ta guentâ
CONJ D.S1PL NEG IPFV aguentar
‘tirávamos sisal e calçavámos/fazíamos de sapato, porque não aguentávamos'

Dóna ta frâ si o nétu nhos kodjê káfe
avó IPFV dizer assim VOC neto D.S2PL colher.PFV café

ta ba kunprâ arroz ka tenha
IPFV ir comprar. PFV arroz NEG ter.PASS
‘A avó dizia: Meus netos, colham café…e irão comprar…não havia arroz'

du tinha gána kumê arroz
D.S1PL ter.pass vontade comer.PFV arroz
‘tínhamos vontade de comer arroz'

el frâ: ta da nhos meia libra di káfe
D.S3SG dizer.PFV IPFV dar D.O2PL meia libra PREP café
‘ela dizia: dou-vos meia libra de café’

nhos ta trokâ ku arroz, na ká Agnelu Montron
D.S2PL IPFV trocar PREP arroz, PREP casa Agnelo Montrond
‘e vão trocar com arroz na loja do Agnelo Montrond’

Tóki du ben dóna ta da -nu nos káfe
CONJ D.S1PL vir.PFV avó IPFV dar. - D.O1PL POSS.SPL1PL café
‘Quando regressávamos (do campo), a avó dava-nos o café'

Du ta bá trokâ ku arroz
D.S1PL IPFV ir trocar PREP arroz
‘e íamos trocar com arroz'

Kel dia du ta sta tántu sábi
DEM.DIST dia D.S1PL IPFV estar tanto feliz
‘Nesse dia ficávamos tão felizes'

Du ta tóki kel arroz kuzinhâ
D.S1PL IPFV CONJ DEM.DIST arroz cozinhar.PFV

pa dóna da -nu
PREP avó dar.PFV - D.O1PL
‘até aquele arroz estar pronto para a avó dar-nos (a comer).’

Má mi N ka ta mora-ba ku nhá dóna
CONJ RD.TOP1SG D.S1SG NEG IPFV morar-PASS PREP POSS.SPL.1SG avó
‘Mas eu não morava com a minha avó'

Mi N ta mora-ba ku nhá mái
RD.TOP1SG D.S1SG IPFV morar-PASS PREP POSS.SPL.1SG mãe
‘morava com a minha mãe'

Du ta mora-ba na un káza li na kutélu
D.S1PL IPFV morar-PASS PREP INDF casa DEM.PROX prep cutelo
‘morávamos numa casa aqui na colina'

na bera káza Maria Juvána
PREP beira casa Maria Jovana
‘perto de uma casa da Maria Jovana’

ki Nho Méndi ben fika kuel
REL.O D.S2SG.RESP Mendes vir.PFV ficar.PFV kual
‘com a qual o senhor Mendes veio a ficar'

Má sénpri N ta djobê kel kumê
CONJ sempre D.S1SG IPFV procurar.PFV DEM.DIST comida
‘mas sempre eu ia à procura de comida'

Mi ê la
RD.S1SG ser. PRS DEM.DIST

N ta djobê kel kumê
D.S1SG IPFV procurar.PFV DEM.DIST comida
‘Eu andava (sempre) lá, ia à procura de comida’

timenti es ka da -m kel kumê
CONJ D.S3PL NEG dar.PFV -D.O1SG DEM.DIST comida

N stâ la
D.S1SG estar ADV.DIST
‘enquanto não me dessem algo de comer permanecia lá’

un dia nos dóna saí,
INDF dia POSS.SPL.1PL avó sair.PFV

el ka spia -m
D.S3SG NEG ocupar-se de.PFV -D.O1SG
‘um dia a avó saiu e não me deu atenção'

N frâ manhã, N ben ta txorâ,
D.S1SG dizer.PFV manhã, D.S1SG vir.PFV IPFV chorar
‘eu disse…vim a chorar’

N frâ manhã N ka ta bá ká dóna
D.S1SG DIZER.PFV manhã D.S1SG NEG IPFV ir casa avó
‘e disse: amanhã não vou à casa da avó,’

pamo oji N bái es ka da -m kumê
CONJ hoje D.S1SG ir.PFV D.S3PL NEG dar.PFV - D.O1SG comida
‘porque hoje fui e não me deram de comer’

Faliseda nhá mái frâ
Falecida POSS.SPL1SG mãe dizer.PFV
‘a minha falecida mãe disse:’

manhã dentu sédu bu ta bá la
manhã dentro cedo D.S2SG IPFV ir DEM.DIST
‘amanhã, logo pela manhã, lá irás.’

Du gosta-ba di nos dóna
D.S1PL gostar-PASS PREP POSS.SPL1PL avó
‘Gostávamos da nossa avó’

Sin sénpri el ta ngoda -nu
Sim sempre D.S3SG IPFV engodar -D.O1PL
‘Sim. Ela sempre mimáva-nos'

El ta un kuzinha, el tá padjigal
D.S3SG IPFV INDF coisinha, D.S3SG IPFV.ir palhegal
‘ela…uma coisinha…ela ia ao campo'

un goiabinha, kuzê k’el atxâ
INDF goiabinha, coisa REL.D.S3SG achar
‘uma goiabinha, o que encontrasse'

el ta ben el ta rodia -nu
D.S3SG IPFV vir D.S3SG IPFV rodear -D.O1PL
‘vinha, reunia-nos…’

el ta frâ nétu, el ta parti -nu nos tudu
D.S3SG IPFV dizer neto, D.S3SG IPFV repartir - D.O1PL RD.TOP3PL todos
‘dizia : netos! E repartia por todos’

el foi nos amigu
D.S3SG ser.PASS POSS.SPL1PL amigo
‘ela foi nossa amiga’

Tenha nhá tia tanbé ki ta sta-ba la
Ter.PASS POSS.SPL1PL tia também rel.O IPFV estar- PASS DEM.DIST
‘havia também a minha tia, que morava lá’

K’e frâ tia alisi ki morrê tanbé
REL.D.S3SG dizer.PFV tia Alice REL.S morrer.PFV também
‘que chamava-mos tia Alice, que morreu também’

ki ta uza-ba nos ben
REL.S IPFV usar. PASS D.S1PL bem
‘que nos tratava bem’

N tenha armun li, N te so un
D.S1SG ter.PASS irmão DEM.PROX, D.S1SG ter.PFV só NUM.1

so un irmon fémia
só num.1 irmão fémia.
‘tinha irmãos aqui, tinha só uma irmã’

Ago nhas irmons e so di Piku
Ago POSS.SPL1PL.PL irmãos ser.PRS só PREP pico
‘agora, os meus irmãos são todos do Pico’

Pamo nhá pái fikâ el ten fidju ku tres múdje
CONJ POSS.SPL1SG pai ficar.PFV D.S3SG ter.PFV filho ku três mulher
‘Porque o meu pai lá ficou e teve filhos com três mulheres’

N tinha un irmãu tanbê k’e Toti,
D.S1SG ter.PASS NUM.1 irmão também REL.O. ser.PRS Toti,
‘Tinha também um irmão, Toti'

ki parse-ba mórtu na Práia
REL.O aparecer- pASS morto prep Praia
‘que apareceu morto na Praia’

El me ê nhá irmãu.
D.S3SG CONJ ser.PRS POSS.SPL1SG irmão.
‘ele também é meu irmão’

TEXTO I -Estrutura silábica

ˈnkɐ neˈse li nneˈse nɐ fregeˈziɐ ˈsãw luˈrensu/
nCV CV.ˈCV CV nCV.ˈCV CV CCV.CV.ˈCV.V ˈCVC CV.ˈCVn.CV
1 2 1 2 1 4 1 3

ˈma ˈɲa ˈpaj ˈɛra di riˈberɐ iˈʎew
CV ˈ CV ˈCVC ˈV.CV CV CV.ˈCV.CV V.ˈCVC
1 1 1 2 1 3 2

el ba fiˈkɐ moˈradu lɐ nɐ lɐgɐˈrisɐ/
VC CV CV.ˈCV CV.ˈCV.CV CV CV CV.CV.ˈCV.CV
1 1 2 3 1 1 4

ˈkel ˈba fiˈkɐ moˈradu/
CVC ˈCV CV.ˈCV CV.ˈCV.CV
1 1 2 3

ɐˈgo diˈpos ˈɲa ˈmaj ˈbem ku mi bɐnˈbudu nɐ ˈkɔstɐ//
V.ˈCV CV.ˈCVC ˈCV ˈCVC ˈCVn CV CV CVn.ˈCV.CV CV ˈCVC.CV
2 2 1 1 1 1 1 3 1 2

miˈninu bɐnˈbudu ku ˈpanu nɐ ˈkɔstɐ//
CV .ˈCV.CV CVn.ˈCV.CV CV ˈCV.CV CV ˈCVC.CV
3 3 1 2 1 2

diˈpos ˈɲa ˈmaj ˈkriɐm / du fiˈkɐ li/
CV.ˈCVC ˈCV ˈ CVC CCV.ˈVn CV CV.ˈCV CV
2 1 1 2 1 2 1

li ˈmɛ ki nfiˈkɐ ˈtudu kes ˈtɛnpu nben kɔˈzɐ/ e li ki ntɐ raziˈdi//
CV ˈCV CV nCV.ˈCV ˈCV.CV ˈCVC ˈCVn.CV ˈnCVn CV.ˈCV ˈV CV CV nCV CV.CV.ˈCV
1 1 1 2 2 1 2 1 2 1 1 1 1 3

viˈvɛnsiɐ eɐ mɐrjˈadu/ du tɐ ba ku ˈnos ˈdɔnɐ koˈʤe ˈkafe/
CV.ˈCVn.CCV ˈVV CV.ˈCCV.CV CV CV ˈCV CV CVC ˈCV.CV CV.ˈCV ˈCV.CV
3 1 3 1 1 1 1 1 2 2 2

ˈsor tɐ keˈmanu nɐ pediˈbaʃu/ du tɐ trɐ kɐrɐˈpati/ du tɐ ˈkɐrsɐ
ˈCVC CV CV.ˈCV.CV CV CV.CV.ˈCV.CV CV CV ˈCCV CV.CV.ˈCV.CV CV CV CVC.ˈCV
1 1 3 1 4 1 1 1 4 1 1 2

pɐˈmo du kɐ tɐ gwenˈtɐ/ ˈdɔnɐ tɐ ˈfrɐ si/ o ˈnɛtu/ ɲos/ koˈʤe ˈkafe/
CV.ˈCV CV CV CV CCV.ˈCV ˈCV.CV CV ˈCCV CV V ˈCV.CV CVC CV.ˈCV ˈCV.CV
2 1 1 1 2 2 1 1 1 1 2 1 2 2

ntɐ ˈba kunˈprɐ/ ɐˈrros kɐ ˈteɲɐ/ du ˈteɲɐˈ ganɐ kuˈme ɐˈrros/
ˈnCV ˈCV CVn.ˈCCV V.ˈCVC CV ˈCV.CV CV ˈCV.CV ˈCV.CV CV.ˈCV V.ˈCVC
1 1 2 2 1 2 1 2 2 2 2

ˈe ˈfrɐ ntɐ dɐ ˈɲos ˈmeɐ ˈlibrɐ di ˈkafe/
ˈV ˈCCV ˈnCV CV CVC ˈ CVV ˈCV.CCV CV ˈCV.CV
1 1 1 1 1 1 2 1 2

ˈɲos ˈta troˈkɐ ku ɐˈros/ nɐ ˈka agiˈnelu monˈtron//
CVC ˈCV CCV.ˈCV CV V.ˈCVC CV CV V.CV.ˈCV.CV CVn.ˈCVn
1 1 2 1 2 1 1 4 2

ˈtɔki du ben ˈdɔnɐ ta ˈdanu nos ˈkafe/
ˈCV.CV CV ˈCVn ˈCV.CV CV ˈCV.CV CVC ˈCV.CV
2 1 1 2 1 2 1 2

du tɐ ˈba troˈkɐ ku ɐˈrros/
CV CV CV CCV.ˈCV CV V.ˈCVC
1 1 1 2 1 2

kel ˈdiɐ du tɐ stɐ ˈtantu ˈsabi /
ˈCVC ˈ.CV.V CV CV ˈCCV ˈCVn.CV ˈCV.CV
1 2 1 1 1 2 2

ˈtɔki kel ɐˈrros kuziˈɲɐ/ pɐ ˈdɔnɐ ˈdanu//
ˈCV.CV ˈCVC V.ˈCVC CV.CV.ˈCV CV ˈCV.CV ˈCV.CV
2 1 2 3 1 2 2

ˈma mi nkɐ tɐ moˈrabɐ ku ɲɐ ˈdɔnɐ/ mi ntɐ moˈrabɐ gɔ ku ɲɐ ˈmaj/
ˈCV CV nCV CV CV.ˈCV.CV CV CV ˈCV.CV CV nCV CV.ˈCV.CV CV CV ˈCV ˈCVC
1 1 1 1 3 1 1 2 1 1 3 1 1 1 1

du tɐ moˈrabɐ nɐ un ˈkazɐ li nɐ kuˈtelu na ˈberɐ ˈka marijuˈvanɐ
CV CV CV.ˈCV.CV CV CV ˈCV.CV CV CV CV.ˈCV.CV CV ˈCV.CV ˈCV CV.CV.CV.ˈCV.CV
1 1 3 1 1 2 1 1 3 1 2 1 5

ki ˈɲo ˈmendi ˈbem fiˈkɐˈ kwɐl/
CV CV ˈCV.CV ˈCVn ˈCV.CV ˈCCVC
1 1 2 1 2 1

ˈma ˈsenpri nta ʤoˈbe kel kuˈme// mi e la nta ʤeˈbe kel kuˈme/
ˈCV ˈCVn.CCV ˈnCV CV.ˈCV ˈCVC CV.ˈCV CV V CV ˈnCV CV.ˈCV ˈCVC CV.ˈCV
1 2 1 2 1 2 1 1 1 1 2 1 2

tiˈmenti es kɐ ˈdam kel kuˈme nstɒ lɐ/
CV.ˈCVn.CV CV CV ˈCVn ˈCVC CV.ˈCV ˈnCCV CV
3 1 1 1 1 2 1 1

un ˈdiɐ nos ˈdɔnɐ sɒˈi/ el kɐ spiˈɐm/ ˈnfra mɒˈɲã/
CV ˈCV.V CVC ˈCV.CV CV.ˈV CV CV CCV.ˈVn ˈnCCV CV.ˈCVn
1 2 1 2 2 1 1 2 1 2

nben tɐ tʃoˈrɐ/ ˈnfra mɐˈɲã nkɐ tɐ ˈba ˈka ˈdɔnɐ /

ˈnCVn CV CCV.ˈCV ˈnCCV CV.ˈCVn nCV CV ˈCV ˈCV CV.CV
1 1 2 1 2 1 1 1 1 2

pɐˈmo ˈoji ˈnbaj/ es kɐ ˈdam kuˈme/
ˈCV.CV ˈV.CV ˈnCVC CV CV ˈ CVn CV.ˈCV
2 2 1 1 1 1 2

fɛliˈsedɐ ɲɐ ˈmaj ˈfra/ mɐɲã ˈdentu ˈsedu bu tɐ ˈba lɐ//
CV.CV.CV.CV ˈCV ˈ CVC ˈCCV CV.ˈCV ˈCVn.CV ˈCV.CV CV CV ˈCV CV
4 1 1 1 2 2 2 1 1 1 1

du gosˈtabɐ di nos ˈdɔnɐ//
CV CV.ˈCV.CV CV ˈCVC ˈCV.CV
1 3 1 1 2

ˈsin ˈsenpi el tɐ ngoˈdanu/ el tɐ/ un kuˈziɲɐ/
ˈCVn ˈCVn.CV CV CV nCV.ˈCV.CV CV CV CV CV.ˈCV.CV
1 2 1 1 3 1 1 1 3
el ta pɐʤiˈgal/ un goiɒˈbiɲɐ
CV CV CV.CV.ˈCVC CV CV.CV.ˈCV.CV
1 1 3 1 4

ˈkuzɐ ˈkel ɐˈtʃɐ/ el tɐ ˈben ˈel ta roˈdianu/ el tɐ frɐ ˈnɛtu/
ˈCV.CV ˈCVC V.ˈCV CV CV ˈCVn CV CV CV.ˈCVC.CV CV CV ˈCCV ˈCV.CV
2 1 2 2 2 1 1 1 3 1 1 1 2

el ta parˈtinu nos ˈtudu/
CV CV CVC.ˈCV.CV CVC ˈCV.CV
1 1 3 1 2

/el foj ˈnos ɐˈmigu//
CV ˈCVC ˈCVC V.ˈCV.CV
1 1 1 3

ˈteɲɐ ɲɒ tiɐ tɐnˈbe/ ki tɐ ˈstabɐ lɐ/
ˈCV.CV CV ˈCV.V CVn.ˈCV CV CV ˈCCV.CV CV
2 1 2 2 1 1 2 1

ke ˈfrɐ ˈtiɐ ɐˈlisi ki moˈre tɒnˈbe/
CV ˈCCV ˈCV.V V. ˈCV.CV CV CV.ˈCV CVn.ˈCV
1 1 2 3 1 2 2

ke tɐ uˈzabɐ nos ˈben// ˈnteɲɐ ɐrmun li nte so un irˈmon ˈfɛmia
CV CV V.ˈCV.CV CVC ˈCVC ˈnCV. CV VC.ˈCVn CV nCV CV CV VC.ˈCVn ˈCV.CCV
1 1 3 1 1 2 2 1 1 1 1 1 2

ɐˈgo ɲɐs irˈmons e so di ˈpiku
V.ˈCV CVC VC.ˈCVnC ˈV CV CV ˈCV.CV
2 1 2 1 1 1 2

pɐˈmo	ɲɐ	ˈpaj	fiˈkɐ	el	ten	ˈfiʤu	la	ku	tres	ˈmuʤe
ˈCV.CV	CV	CVC	CV.ˈCV	CV	ˈCVn	ˈCV.CV	CV	CV	ˈCCVC	ˈCV.CV
2	1	1	2	1	1	2	1	1	1	2

ˈntiɲɐ	un	irˈmãw	tɐnˈbe	ke	ˈtɔti	ki	pɐrˈseba	ˈmɔrtu	nɐ	ˈpraɲɐ
ˈnCV.CV	CV	VC.ˈCVC	CVn.ˈCV	CV	ˈCV.CV	CV	CVC.ˈCV.CV	ˈCVC.CV	CV	ˈCVC.CV
2	1	2	2	1	2	1	3	2	1	2

el	me	ê	ɲɐ	irmãw
CV	CV	V	CV	VC.ˈCVC
1	1	1	1	2

TEXTO II - Transcrição

Na mi N ka nesê li
não RD.TOP1SG D.S1SG NEG nascer.PFV ADV.PROX
‘não, não nasci aqui’

N ta fra -bu undi ki N nesê
D.S1SG IPFV dizer - D.O2SG onde REL.OBL D.S1SG nascer
‘vou dizer-te onde nasci’

Nen bu ka krê ki bu ka bá la
Nen D.S2SG NEG crer REL.OBL D.S2SG NEG ir.PFV ADV.DIST
‘tu nem…parece-me que não foste lá’

N nesê la ba’ txáda moris
D.S1SG nascer ADV.DIST baixo Achada Maurício’
‘Nasci lá por baixo da Achada Maurício’

Txáda maris
Achada Maurício’
‘Achada Maurício’

Bu ta subí ta fra-du
D.S2SG IPFV subir IPFV dizer-PSV
‘sobes…diz-se…’

nos du ta frâ kruz
RD.TOP1PL D.S1PL IPFV dizer cruz
‘nós dizemos/chamamos Cruz’

Bu ta subí piariba la
D.S2SG IPFV subir ADV ADV.DIST
‘sobes aí por cima’

Mi própi la ki N nesê
RD.TOP1SG próprio ADV.DIST REL.OBL D.S1SG nascer
‘foi mesmo lá que eu nasci’

mi N ka di li
RD.TOP1SG D.S1SG NEG PREP ADV.PROX
‘não sou daqui’

ago dja N ten korenti i séti ánu
agora PRF D.S1SG ten NUM.40 CONJ NUM-7 ano

li mora-du
ADV.PROX morar-PSV
‘agora, já levo quarenta e sete anos a viver aqui’

N ben ranjâ nhá maridu
D.S1SG vir arranjar POSS.SPL1SG marido
‘vim a arranjar o meu marido’

li N ben fika li
ADV.PROX D.S1SG vir. PFV ficar.PFV ADV.PROX
‘aqui é que eu vim a ficar’

Ta fla-du talaia ta fra-du txáda moris
IPFV dizer- PSV Atalaia IPFV dizer- PSV achada maurício
‘Diz-se Atalaia, Achada Maurício.’

ali bu ta frâ rubera dje
ali D.S2SG IPFV dizer ribeira ilheu
‘aqui tu dizes/ diz-se Ribeira Ilheu’

bu ta frâ kutélu bu ta frâ djeu dentu
D.S2SG IPFV dizer cutelo D.S2SG IPFV dizer ilhéu dentro
‘diz-se cotelo, diz-se ilheu dentro’

bu ta frâ kutelu di riba li
D.S2SG IPFV dizer cutelo PREP riba ADV.PROX
‘diz-se cotelo de cima aqui’

Tudu ê si ki bu ta frâ
Tudo ser. PRS assim REL.FOC D.S2SG IPFV dizer
‘tudo é asism que designas’

kada kual ten se nómi sima na Práia
cada qual ter.PFV POSS.SPL.3SG nome como na Praia
‘cada um com o seu nome, como na (cidade da) Praia’

Dj’o ntendê
PRF’D.S2SG entender
‘-entendeste?’

N ten es tudu minis li
D.S1SG ter DEM.PROX todos mininos ADV.PROX
‘tive todos esses meninos aqui’
ma e di li
CONJ SER.PRS PREP ADV.PROX
‘mmas é daqui.’

Na kántu N benha li dja N tenha
Não CONJ D.S1SG vir.PASS ADV.PROX PRF D.S1SG ter.PASS
‘não. Quando vim pra aqui já tinha…’

Fazê kónta N ben li ku korente
Fazer.PFV conta D.S1SG vir.PFV ADV.PROX PREP NUM.40
‘faça as contas. Vim pra aqui com quarenta…’

dja ten korénta i séti
PRF ter. PVF NUM.40 i NUM.7
‘há já quarenta e sete…’

tinha kel fidju ki dja N tenha
ter. PASS DEM.DIST filho REL.OBJ PRF D.S1SG ter.PASS
‘havia aquele filho que eu já tinha’

kel primer fidju
DEM.DIST primeiro.NUM filho
‘aquele primeiro filho’

N ten el ku kinzi ánu
D.S1SG ter.PFV D.O3SG PREP NUM.15 ano
‘tive-o aos quinze anos’

N sa li antigu
D.S1SG sa ADV.PROX antigo
‘já cá estou há muito tempo’

Dja N sta na sesénta
Dja D.S1SG estar.PFV PREP NUM.60
‘já tenho sessenta…’

vinti di márssu li N ta fazê sesénta-kuátu
NUM.20 PREP março ADV.PROX D.S1SG IPFV fazer NUM.64
‘a vinte de março deste ano fiz sessenta e quatro’

Kel vida di rapriginha nóbu
DEM.DIST vida PREP rapariginha novo
‘aquela vida de rapariguinha nova’

ê brinkâ bá pa kel pajiga
ser. PRS brincar. PFV ir.PFV PREP DEM.DIST palhegal (campo sequeiro)
‘era brincar, ir ao campo’

du fazê kel kusa la
D.S1PL fazer.PFV DEM.DIST coisa ADV.DIST
‘fazermos essas coisas’

du ka tenha kel trabádju
D.S1PL NEG ter.PASS DEM.DIST trabalho
‘não tínhamos grande trabalho’

Ba kel funti riba la na jera metádi
Ir. PFV DEM.DIST fonte riba ADV.DIST PREP Jera Metade
‘ir buscar água lá na Jera Metade’

kel bu ka ta sabê m’ê lonji dimás

DEM.DIST D.S2SG NEG IPFV saber CONJ’ ser. PRS longe demais
‘não saberás, porque é longe’

du ba-ba Txapaderu du ba-ba morru dje
D.S1PL ir- PASS chapadeiro D.S1PL ir- PASS morro ilhéu
‘íamos ao Chapadeiro, íamos ao morro ilhéu’

Éra ke k’ éra nos
ser.PASS DEM.DIST REL.S SER.PASS POSS.SP1PL
‘era isso que era o nosso…’

TEXTO II- Estrutura silábica

//ˈna mi nkɐ neˈse li/ ntɐ ˈfrabu undi ki nneˈse
ˈCV CV nCV CV.ˈCV CV nCV ˈCCV.CV ˈVC.CV CV nCV.ˈCV
1 1 1 2 1 1 2 2 1 2

nen bu kɐ kre ki bu kɐ ˈba lɐ/
CVn CV CV ˈCCV CV CV CV ˈCV CV
1 1 1 1 1 1 1 1 1

nneˈse lɐ bɐˈʃadɐ morisi/ ˈtʃadɐ mɐris/
nCV.ˈCV CV CV.ˈCV.CV CV.ˈCV.CV ˈCV.CV ˈCV.CV
2 1 3 3 2 2

bu tɐ suˈbi tɐ ˈfradu nos du tɐ ˈfrɐ ˈkrus/
CV CV CV.ˈCV CV ˈCCV.CV CVC CV CV ˈCCV ˈCCVC
1 1 2 1 2 1 1 1 1 1

bu tɐ suˈbi pjɐˈrribɐ lɐ/ mi ˈpropi lɐ ki nnɐˈse
CV CV CV.ˈCV CCV.ˈCV.CV CV CV CCV.CV CV CV ˈnCV.CV
1 1 2 3 1 1 2 1 1 2

mi nkɐ di li/ ɐˈgo ʤɐ nten kɔrenti
CV nCV CV CV V.ˈCV CV ˈnCV CV.ˈCVn.CV
1 1 1 1 2 1 1 3

/ kɔrenti i seti ɐnu li moˈradu/
CV.ˈCVn.CV V ˈCV.CV ˈV.CV CV CV.ˈCV.CV
3 1 2 2 1 3
nben rrɐnˈjɐ ŋɐ ˈmɐridu li/ nben fiˈkɐli/
ˈnCVn CVn.ˈCV CV CV.ˈCV.CV CV ˈnCVn CV.CV.ˈCV
1 2 1 3 1 1 3

tɐ ˈfradu tɐˈlajɐ/ tɐ ˈfradu ˈtʃadɐ ˈmɔris/
CV ˈCCV.CV CV.CV.CV CV CCV.CV CV.CV CV.CV
1 2 3 1 2 2 2

ˈɐli bu tɐ ˈfrɐ rubeˈraʤe/ bu tɐ ˈfrɐ kuˈtelu/
V.ˈCV CV CV ˈCCV CV.CV.ˈCV.CV CV CV ˈCCV CV.ˈCV.CV
2 1 1 1 4 1 1 1 3

bu tɐ ˈfrɐ ˈʤew ˈdɛntu/ bu tɐ frɐ kuˈtɛl di ˈribɐ li/
CV CV ˈCCV ˈCVC ˈCV.CV CV CV ˈCCV CV.ˈCVC CV ˈCVCV CV
1 1 1 1 2 1 1 1 2 1 2 1

ˈtudu e ˈsin ki bu tɐ ˈfrɐ/
ˈCV.CV ˈCV ˈCVN V CVN CV ˈCCV
2 1 1 1 1 1 1

ˈkɐdɐ ˈkwɐl ten se ˈnɔmi ˈsimɐ ku sa nɐ ˈpraje
ˈCV.CV ˈCCVC ˈCVn CV ˈCV.CV ˈCV.CV CV CV CV ˈCCV.CV

2 1 1 1 2 2 1 1 1 2

ki ten se ˈnɔmi/ ʤo nten ˈde/
CV ˈCVn CV ˈCV.CV CV nCVn. ˈCV
1 1 1 2 1 2

ˈnten es ˈtudu mi ˈnis li mɐ e di li/
ˈnCVn CV ˈCV.CV CV.ˈCVC CV ˈCV V CV CV
1 1 2 2 1 1 1 1 1

ˈna ˈkantu ˈnbeŋɐ li ˈʤɐ ˈnteŋɐ/ fɐˈze ˈkɔntɐ/
ˈCV ˈCV.CV ˈNCV.CV CV CV ˈnCV.CV CV.ˈCV ˈCVn.CV
1 2 2 1 1 2 2 2

ˈnben li ku ˈkɔrenti ˈnben li ʤɐ ten ˈkɔrentɐ i ˈsɛti
ˈnCVn CV CV CV.ˈCVn.CV ˈnCVn CV CV ˈCVn CV.ˈCVn.CV V ˈCV.CV
1 1 1 3 1 1 1 1 3 1 2

ˈntiŋɐ kel ˈfiʤu ki ʤɐ
ˈnCV.CV ˈCVC ˈCV.CV CV CV
2 1 2 1 1

nˈteŋɐ kel ˈprimer ˈfiʤu/ nteŋel ku ˈkinzi ˈanu/
ˈnCV.CV ˈCVC ˈCCV.CVC ˈCV.CV ˈnCV.CVC CV ˈCV.CV ˈV.CV
2 1 2 2 2 1 2 2

nsɐ li anˈtigu ʤɐ nstɐ nɐ seˈsentɐ/
ˈnCV CV Vn.ˈCV.CV CV ˈnCCV CV CV.ˈCVn.CV
1 1 3 1 1 1 3

ˈvinti di ˈmarsu li ntɐ fɐˈze sesentɐ i ˈkwatu/
ˈCVn.CV CV ˈCVC.CV CV nCV CV. ˈCV CV.ˈCVn.CV V ˈCCV.CV
2 1 2 1 1 2 3 1 2

ˈkel vidɐ di rɐpriˈgiŋɐ ˈnɔbu/
ˈCVC ˈCV.CV CV CV.CCV.ˈCV.CV ˈCV.CV
1 2 1 4 2

e brinˈkɐ bɐ pɐ kel pɐgiˈgɐl du fɐˈze kel ˈkuzɐ lɐ/
V CVn.ˈCV CV CV ˈCCV CV.CV.ˈCVC CV CV.ˈCV ˈCVC ˈCV.CV CV
1 2 1 1 1 3 1 2 1 2 1

du kɐ ˈteŋɐ kel trɐˈbaʤu/
CV CV ˈCV.CV ˈCVC CCV.ˈCV.CV
1 1 2 1 3

ˈba kel ˈfunti ˈribɐ lɐ nɐ ˈgɛrɐ meˈtadi/
CV ˈCVC ˈCVn.CV ˈCV.CV CV CV ˈCV.CV CV.ˈCV.cv
1 1 2 2 1 1 2 3

kel bu kɐ tɐ sɐˈbe ˈme ˈlonji diˈmas/
ˈCVC CV CV CV CV.ˈCV CV ˈCVn.CV CV.ˈCVC
1 1 1 1 2 1 2 2

du ˈbabɐ ʧɐpɐˈderu/ du ˈbɐbɐ muˈruʤe/ ɛrɐ ke ke ɛrɐ nos//
CV ˈCV.CV CV.CV.ˈCV.CV CV ˈCV.CV CV.ˈCV.CV ˈV.CV CV CV ˈV.CV CVC
1 2 4 1 2 3 2 1 1 2 1

TEXTO 3 - Transcrição

Vizinhu ê sal di panéla
Vizinho ser. PRS sal PREP panela
‘os vizinhos são como sal para a panela/ Os vizinhos são essenciais’

Irmãu di pái ê tistimunha
Irmão PREP pai ser. PRS testemunha
‘Irmão paterno é testemunha’

Káfe margos ta tumâ
café amargo IPFV tomar
‘Café amargo (também) bebe-se/ As adversidades enfrentam-se’

Pédra ka ta djuga ku garráfa
Pedra NEG IPFV jogar PREP garrafa
‘Pedra não compete com garrafa/ o mais fraco não compete com o mais forte’

Bo krê morrê sa fadiga -bu
RD.S2SG crer.PFV morrer.PFV PROG fadigar - D.O2SG
‘estás com pressa de morrer’

Ami é lumi na tosa
Ami ser. PRS lumi PREP touça
‘Eu sou lume na touça/ sou fulminante/eficaz’

Fidju di fóra ê tistimunha
Filho PREP fora ser. PRS testemunha
‘filho bastardo é testemunha’

Ken ki ten sapátu ten xulé
quem REL ter. PFV sapato ter. PFV chulé
‘quem tem sapato tem chulé/ uma coisa leva a outra’

Bu tenê briu di kátxo kapádu
D.S2SG teR.PFV brio PREP cachorro capado
‘estás com brios de cão castrado/estás com muitos brios/estás com brios que não podes satisfazer’

Si bo ê bónga mi N ka diminginha
CONJ D.S2SG ser. PRS bonga RD.TOP1SG D.S1SG NEG diminginha
‘se tu és Bonga, eu não sou Diminguinha/ não sou como tu’

Pédra ka ta karkâ furminga
Pedra NEG IPFV calcar forminga
‘a pedra não esmaga a formiga/ a casa não esmaga o seu dono’

Bo krê bu ka nesê
RD.TOP2SG crer.PFV D.S2SG NEG nascer.PFV
na dia di obí
PREP dia PREP ouvir.PFV
‘Tu não nasceste em dia de ouvir/és desobediente’

TEXTO III-Estrutura silábica

viˈziŋu ˈe ˈsɐl di pɐˈnɛlɐ
CV.ˈCV.CV ˈV ˈCVC ˈCV CV.ˈCV.CV
3 1 1 1 3

irˈmãw di ˈpaj ˈe tistiˈmuɲɐ
VC.ˈCVC CV ˈCVC ˈV CV.CV.ˈCV.CV
2 1 1 1 4

ˈkafe mɐrˈgos tɐ tuˈmɐ
ˈCV.CV CVC.ˈCVC CV CV.ˈCV
2 2 1 2

ˈpɛdrɐ kɐ tɐ ˈʤugɐ ku gɐˈrrafɐ
ˈCV.CCV CV CV ˈCV.CV CV CV.ˈCV.CV
2 1 1 2 1 3

bo ˈkre moˈrre sɐ fadiˈgabu
CV ˈCCV CV.ˈCV CV CV.CV.ˈCV.CV
1 1 2 1 4

aˈmi eˈ lumi na ˈtosa
V.ˈCV ˈV ˈCV.CV CV ˈCV.CV
2 1 2 1 2

fiˈʤu di ˈfɔrɐ e tistiˈmuɲɐ
ˈCV.CV CV ˈ CV.CV ˈV CV.CV.ˈCV.CV
2 1 2 1 4

ˈken ki ˈten sɐˈpatu ˈten ʃuˈle
ˈCVn CV ˈ CVn CV.ˈCV.CV ˈCVn CV.ˈCV
1 1 1 3 1 2

bu teˈne ˈbriw di ˈkatʃo kɐˈpadu
CV CV.ˈCV ˈCCVC CV ˈCV.CV CV.ˈCV.CV
1 2 1 1 2 3

si bo ˈe ˈbɔngɐ mi nka diminˈgiɲɐ
CV CV ˈV ˈCVn.CV CV nCV CV.CVn.ˈCV.CV
1 1 1 2 1 1 4

ˈpɛdrɐ ka ta kɐrˈkɐ furˈmingɐ
ˈCV.CCV CV CV CVC.ˈCV CVC.ˈCVn.CV
2 1 1 2 3

bo ˈkre bu kɐ neˈse nɐ ˈdiɐ di oˈbi
CV ˈCCV CV CV CV.ˈCV CV ˈCV.V CV V.ˈCV
1 1 1 1 2 1 2 1 2

ANEXO 3

Lista de Africanismos atestados em Santiago e no Fogo

santiago[46]	**fogo**
mandinga	
baba-baga	baba-baga
binbirin	binbirin (so no pico sul) ribeira ilhéu=lolo
boli	bol**í**
bonbu	b**a**nb**ú**
burbur	barburí
busu	bus**ú**
dabiu	persebexu
digigi	digigi=sakudí
disdangu x disdangudu	disdangu x disdangudu pessoa que não cuida de si ou da sua casa
djamba	
djanbu	
djengi	
djongoto	djongot**ô**
djobi	djob**ê**
djongu (ô)	djong**ô**
dundu	furmingona
fepu	fepu
fus	pasusu
ferferi	farfar**í**
futi-futi	futi-fut**í**
kar(l)man	ka**l**man
kodé	kodé
konku	konk**ô**/ konk**i**
kotxi	k**u**tx**í**
kundinden	kundinden/kununu
kankaran	kankaran
loti-loti	
manduku	manduku
menhi-menhi	
mesés	piodju / purginha galinha
ndjutu	_djut**ú**
mondu	mondô
monhongí	monhong**í**
monhongi(o)du	monhong**o**du
nhemi	nh**a**m**í**
nsoli	_s**u**l**í**

[46] Quint 2008a.

nuli	
sibi	
siré	bora
txuki	txuk**í**
soti	
tenti	bixí/bixê
xeren	x**a**ren
uólofe	
bindi	bindi
djagasi/ djagasida	djagasí/ djagasida
djaki	rés
feti-feti	feti-fe**tí**
lokoti	garbatâ (panela)
lonbu	l**a**nb**ú**
mofé	
nganhi	rakití
ori	ori/orin
nhapati	
txuputi	txu**a**put**i**
unhi	unh**í**
timené	timené
funku	funku
irã	irã
polon	polon
tabanka	tabanka
outras línguas atlânticas	
djur-djur	
kamati	
mafafa	mafafa
mankara	mankara
bantu	bantu
bunda	bunda
lenba-lanba	

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE Luís. de & MADEIRA SANTOS Maria Emília (1991) *História geral de Cabo Verde*. Lisboa/Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical/ Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde.

ALMADA, Maria Dulce de Oliveira (1961). *Cabo Verde. Contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

BALENO, Ilídio. (2006). A Afirmação da sociedade cabo-verdiana a partir da crise dos séculos XVII E XVIII. In LANG, Jürgen; John HOLM; Jean-Luis ROUGÉ & Maria João SOARES (org.). *Cabo Verde – origens da sua sociedade e do seu crioulo*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, pp. 149-159.

BAPTISTA, Marlyse (2013). Cape Verdean Creole of Brava. In MICHAELIS, Susanne; Philippe MAURER; Martin HASPELMATH & Magnus HUBER (org.). *The Survey of Pidgin and Creole Languages, Vol. II: Portuguese-based, Spanish-based, and French-based Languages*. Oxford: Oxford University Press, pp. 12-19.

- (2002). The *Syntax of Cape Verdean Creole. The Sotavanto Varieties*. Amesterdão/Filadélfia: Benjamins.

BARBOSA, Luís (2006). *A ilha do Fogo- A Hierarquização Social no Município de S. Filipe (do povoamento aos finais do séc. XIX).* Monografia. Praia: Instituto Superior de Educação (ISE).

BARTENS, Angela (2006). A contribuição do substrato africano para a génese dos crioulos caboverdianos: o caso dos ideofones. In LANG, Jürgen; John HOLM; Jean-Luis ROUGÉ & Maria João SOARES (org.). *Cabo Verde – origens da sua sociedade e do seu crioulo*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, pp. 117-131.

BIAGUI, Noel Bernard (2012). *Description Générale du Créole Afro-portugais parlé à Ziguinchor (Sénégal)*. [Tese de doutoramento] Paris/Dakar : Institut National des Langues et Civilisations Orientales (INALCO), / Universidade Cheik Anta Diop, Dakar.

BIAGUI, Noel Bernard & QUINT, Nicolas (2013). Casamancese Creole. In MICHAELIS, Susanne; Philippe MAURER; Martin HASPELMATH & Magnus HUBER (org.). *The Survey of Pidgin and Creole Languages, Vol. II: Portuguese-based, Spanish-based, and French-based Languages*. Oxford: Oxford University Press, pp. 40-49.

BICKERTON, Derek (1975). *Dynamic of Creoles Systems.* Nova Iorque: Cambridge university Press.

BOUQUIAUX, Luc & THOMAS, Jacqueline (1987). *Enquête et description des langues à tradition orale. III* (approche thématique : Questionnaire technique et guides thématiques). Paris: SELAF.

BOWERN, Claire (2008). *Linguistic Fieldwork A Practical Guide*. Palgrave: Macmillan.

BRITO, António de Paula (1887 [1967]). Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde. In MORAIS-BARBOSA, Joaquim (org.). *Estudos linguísticos crioulos*. Lisboa: Academia Internacional de Cultura Portuguesa, pp. 329-404.

BRÁSIO, António (1962). Descobrimento, povoamento, evangelização do Arquipélago de Cabo Verde. *Studia* 10, pp. 49-97. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarino.

CABRAL, Iva (2012). Elites atlânticas: Ribeira Grande do Cabo Verde (séculos XVI-XVIII). http://portaldoconhecimento.gov.cv/- Último acesso em 18/09/20.

CABRAL, Iva (2012). A evolução da sociedade foguense - Através de um estudo prosopográfico da elite da ilha (sec. XVI-XVIII). http://portaldoconhecimento.gov.cv/ - Último acesso em 18/09/20.

CÂMARA, Joaquim Mattoso Jr. (1970). *A Estrutura da Língua Portuguesa* Petrópolis: Vozes Ltda.

CARDOSO, Ana Josefa; MOREIRA, Ana Karina Tavares & QUINT, Nicolas (No prelo). Enseignement de la langue maternelle au Cap-Vert. Un processus en voie de mise en place. In Rafael Confiant (Ed.). *Caraibéditions*. Martinica: Universidade das Antilhas.

CARDOSO, Eduardo Augusto (1989). *O crioulo da ilha de S. Nicolau de Cabo Verde*. Lisboa/ Praia: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/ Instituto Caboverdiano do Livro.

CARDOSO, Pedro (1933 [1983]). *Folclore cabo-verdiano*. Paris: Solidariedade Caboverdiana.

CARDOSO, Pedro (2008). *Textos Jornalísticos e Literários.* In BRITO-SEMEDO, Manuel e Joaquim MORAIS (org.) Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

CARREIRA, António (2000). *Cabo Verde, formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878)*. Praia: Instituto de Promoção Cultural.

- (1987). *Descrições Oitocentistas das Ilhas de Cabo Verde*. Lisboa: Gráfica Europam, Lda. Mem Martins.

- (1985). (ed.) *Notícia Corográphica e Chronológica do Bispado de Cabo Verde,* Lisboa: Instituto Caboverdiano do Livro.

- (1983). *O crioulo de Cabo Verde. Surto e Expansão.* Lisboa: edição do autor.

- (1983). *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro.

CASTILHO, José Feliciano (1818 [1836]). Memória sobre a província das ilhas de Cabo-Verde. *Jornal da Sociedade de Amigos das Letras*, pp. 13-22, 52-61, 89-93, 117-126, 149-160.

CHELLIAH, Shobhana L. & REUSE, Willem J. De (2011). *Handbook of Descriptive Linguistic Fieldwork*. New York: Springer.

CHELMICKI, José Conrado & VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. (1841). *Corografia Cabo-Verdiana*. 2 vols. Lisboa: Tipografia de L.C. da Cunha.

COELHO, Adolfo. 1880-1886 [1967]. Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. In MORAIS-BARBOSA, Jorge (org.). *Estudos linguísticos crioulos*. Lisboa: Academia Internacional de Cultura Portuguesa, pp.3-234.

COSTA, Joaquim Vieira Botelho da e DUARTE Custódio José. (1886 [1967]). O crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecido ao Dr. Hugo Schuchardt. In MORAIS-BARBOSA, Jorge (org.). *Estudos linguísticos crioulos*. Lisboa: Academia Internacional de Cultura Portuguesa, pp. 235-327.

COUTO, Hildo Honório do & RODRIGUES Ulisdete de Sousa (2006). As consoantes pré-nasalizadas no crioulo caboverdiano: por uma interpretação bifonemática. In LANG, Jürgen; John HOLM, Jean-Luis ROUGÉ & Maria João SOARES (org.). *Cabo Verde – origens da sua sociedade e do seu crioulo*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, pp. 134-145.

COUTO, Hildo Honório do (1996). *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora UNB.

CRISTOFARO, Sonia (2013). *Subordination.* Nova Iorque: Oxford University Press.

CREISSELS, Denis (2006). *Syntaxe générale (Vol.1/2).* Paris: PUF.

D'ANDRADE, Ernesto & KIHM, Alain (2000). Stress in three creoles. In ANDRADE, Ernesto. d', Dulce PEREIRA, Maria Antónia MOTA, (org.) *Crioulos de base portuguesa*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística, 97-109.

DEGRAFF, Michel (2003). Against Creole exceptionalism. *Language*, Vol. 79, No. 2, pp. 391-410.

DE SOUSA, Henrique Teixeira (1947). A Estrutura Social da Ilha do Fogo em 1940. In FERREIRA Manuel (org.). *Revista Claridade* Linda à Velha: A.L.A.C (África, Literatura, Arte e Cultura Lda), 5, pp. 42-44.

DE SOUSA, Henrique Teixeira ([1958] 1986)) Sobrados Lojas e Funcos. In FERREIRA Manuel (org.). *Revista Claridade* Linda à Velha: A.L.A.C (África, Literatura, Arte e Cultura Lda), pp. 2-3.

DA SILVA, Baltasar Lopes (1957). *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais.

DIXON, Robert (2010/2012). *Basic Linguistic Theory, Vol. 1/2/3*. Oxford: Oxford University Press.

DUARTE, Inês (2000). *Língua Portuguesa: Instrumentos de análise*, Lisboa: Universidade Aberta.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée ; GUESPIN, Louis ; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI Jean Baptiste ; MÉVEL Jean-Pierre (2002). *Dictionnaire de linguistique* et des sciences du langage. Paris: Larousse.

FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos (org.) (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

FERNANDES, António Napoleão (1991). *Léxico do dialecto crioulo do Arquipélago de Cabo Verde*. Mindelo: Gráfica de Mindelo.

GRUPO PARA A PADRONIZAÇÃO DO ALFABETO (2006), *Proposta de bases do Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano* [= ALUPEC]. Praia: Instituto da Investigação e do Património Culturais.

HAGEMEIJER, Tjerk & ALEXANDRE, Nélia (2012). Os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné: uma comparação sintáctica. *Papia* 22(2), pp. 233-251.

HOLM, John (1988-89). *Pidgins and creoles*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press.

INTUMBO, Incanha; INVERNO, Liliana & HOLM, John (2013) Guinea-Bissau Kriyol. In MICHAELIS, Susanne; Philippe MAURER; Martin HASPELMATH & Magnus HUBER (org.). *The Survey of Pidgin and Creole Languages, Vol. II: Portuguese-based, Spanish-based, and French-based Languages*. Oxford: Oxford University Press, pp. 31-38.

INTUMBO, Incanha (2007). *Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português* [Tese de Mestrado]. Coimbra: Universidade de Coimbra.

JACOBS, Bart (2012). *Origins of a Creole. The History of Papiamentu and its African ties*. Berlin: De Gruyter.

JACOB, Barts (2009). The Upper Guinea origins of Papiamentu Linguistic and historical evidence. *Diachronica* 26:3 pp. 319–379.

HASPELMATH, Martin & SIMS Andrea (2010). *Understanding Morphology*. Londres:Hodder Education.

HASPELMATH, Martin (dir.) (2004). *Coordinating Constructions*. Amesterdão / Filadélfia: John Benjamins, pp. 3-39.

JACKSON, Howard (1982). *Analysing English. An Introduction to Descriptive Linguistics*. Oxford: Pergamon Press.

LANG, Jurgen (2013) Cape Verdean Creole of Santiago. In MICHAELIS, Susanne; Philippe MAURER; Martin HASPELMATH & Magnus HUBER (org.). *The Survey of Pidgin and Creole Languages, Vol. II: Portuguese-based, Spanish-based, and French-based Languages*. Oxford: Oxford University Press, pp. 3-11.

- (2012), *Gramática do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)* (em curso de publicação), http://www.opus.ub.unierlangen. de/opus/volltexte/2012/3544/.

- (2010). A filiação dos pronomes pessoais do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde), *Revista de crioulos de base lexical portuguesa e espanhola (RCBLPE)* 3, pp. 20-35. http://www.umac.mo/ fsh/ciela/rcblpe/vol3_pt.html.

- (2009). *Les langues des autres dans la créolisation. Théorie et exemplification par le créole d'empreinte wolof à l'île Santiago du Cap Vert*. Tübingen: Narr.

- (2001). Breve esboço da gramática do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde). In *Santa Barbara Portuguese Studies* 5, pp. 228- 254.

LANG, Jurgen; LOPES, Raimundo; MOREIRA, Ana Karina Tavares; BAPTISTA, Maria do Céu (2014). *A Variação Geográfica do Crioulo Caboverdiano*. Erlangen: FAU University Press.

LANG, Jurgen; HOLM John; ROUGÉ Jean-Louis & SOARES Maria João (org.) (2006). *Cabo Verde: origens da sua sociedade e do seu crioulo*. Tübingen: GünterNarr.

LANG, Jurgen; BRÜSER, Martina; SANTOS, André dos Reis; DENGLER, Ekkehard; BLUM, Andreas (2002). *Dicionário do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*. Tübingen: GünterNarr.

LOPES, Amália Maria Vera-Cruz de (2016). *As Línguas de Cabo-Verde: Uma Radiografia Sociolinguística*. Praia: Edições Unicv.

LOPES, Francisco João (2012). *Para uma análise sintática das construções relativas no crioulo da ilha de São Nicolau – Cabo Verde* [Tese de mestrado]. São Paulo: Universidade de São Paulo.

MACEDO, Donald (1979). *A Linguistic Aproach to the Capeverdean Language.* [Tese de doutoramento]. Boston: Boston University.

MÄRZHÄUSER, Christina (2019) Txeka kel muv – Panorama do contato linguístico cabo-verdiano-inglês e integração dos anglicismos no cabo-verdiano. *Journal of Ibero-Romances Creoles*, 9, No 1, pp. 115-161.

MATEUS, M. Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub; FROTA, Sónia; MATOS, Gabriela; OLIVEIRA, Fátima; VIGÁRIO, Marina; VILLALVA Alina (2006). *Gramática da Língua Portuguesa* (7a ed.). Lisboa: Caminho.

MICHAELIS, Susanne; MAURER Philippe, HASPELMATH Martin & HUBER Magnus. (org.) (2013). *The Atlas of Pidgin and Creole Structures*. Oxford: Oxford University Press.

MONTEIRO, Félix (1960 [1986]). Cantigas de Ana Procópio. In FERREIRA Manuel (org.). *Revista Claridade*. Linda à Velha: A.L.A.C (África, Literatura, Arte e Cultura Lda), 12 pp.15-23.

MUFWENE, Salikoko (2000). Creolization is a social, not a structural, process. In NEUMANN-HOLZSCHUH Ingrid & Edgar SCHNEIDER (org.). *Degrees of restructuring in Creole Languages*. Amesterdão/Filadélfia: John Benjamins, pp. 65-84.

- (1996). The founder principle in creole genesis. *Diachronica* 13 pp. 83-134.

OMNÈS, Robert (1988). Les structures syllabiques du castillan, étude synchronique et diachronique, comparaison avec 28 autres langues. In *Actes du 3e colloque de linguistique hispanique*. Grenoble: Université Stendhal-Grenoble III, pp. 135-155.

OMNÈS, Robert (1990). Modèle syllabique et formes verbales. In *Actualités de la recherche en linguistique hispanique, actes du IVe colloque de linguistique hispanique.* Limoges: PULIM-Presses de l'Université de Limoges et du Limousin, pp. 279-300.

PEACE CORPS GAMBIA (1995). *Mandinka-English Dictionary*. Banjul: Peace Corps Gambia.

PARKVALL, Mikael (2012). *Da África Para o Atlântico.* Campinas: Unicamp.

PARSONS, Elsie Clews (1923). *Folk-Lore from the Cape Verde Islands*, 2 vols. Cambridge, Mass./Nova Iorque: The American Folk-Lore Society.

PEREIRA, Daniel (2005). *Apontamentos Históricos sobre a Ilha do Fogo.* Praia: Alfa-Comunicações.

PINA, Emanuel Correia de (2006). *Aspetos da Estrutura da Frase e da Negação Frásica em Cabo-verdiano (Variante de Santiago) e em Português Europeu – um estudo sintático* comparativo [Tese de Mestrado]. Lisboa: Universidade de Lisboa.

PRATAS, Fernanda (2006). *Tense features and argument structure in Capeverdean predicates* [Tese de doutoramento]. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

PUSICH, António (1810 [1956]). Memórias. In RIBEIRO Orlando (org.). *As ilhas de Cabo Verde no princípio do século XIX. Separata de Garcia de Orta*, Vol. IV, No. 4. Lisboa: Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar. Pp. 605-634.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. https://dicionario.priberam.org/online- Último acesso a 18 de setembro de 2020.

QUINT, Nicolas (em preparação). *Atlas linguístico de Cabo Verde,Guiné-Bissau e Casamansa*. Limoges: Lambert-Lucas.

QUINT, Nicolas & MOREIRA, Ana Karina Tavares (2019). The common african lexical core of the upper Guinea creoles and its historical significance. *Journal of Ibero-Romances Creoles*, 9, No 1, pp. 115-161.

QUINT, Nicolas (2009). Le devenir du -/r/ de l'infinitif portuguais en capverdien santiaguais moderne. In DESPORTES Ariane, Gilbert FABRE (org). *Aspets actuels de la linguistique ibéro-romane - Actes du XIe Colloque international de Linguistique ibéro-romane, Paris 13 Villetaneuse (5-7 octobre 2006)*, pp. 191-200.

- (2008b). Coordination et parataxe en capverdien moderne (dialecte santiagais ou badiais). In CARON, Bernard (org.). *Subordination, dépendance et parataxe dans les langues africaines.* Louvain/Paris: Peeters, pp. 29-48.

- (2008a). *Africanismos na língua caboverdiana.* Paris: L'Harmattan.

- (2006). *Phonologie de la Langue Koalibe.* Paris: L'Harmattan.

- (2006). Un bref aperçu des racines africaines de la langue Cap-Verdienne. In LANG, Jürgen; John HOLM, Jean-Louis ROUGÉ e Maria João SOARES (org.). *Cabo Verde – origens da sua sociedade e do seu crioulo*. Tubingen: Gunter Narr Verlag, pp. 75-90.

- (2005). Línguas crioulas num contexto de globalização: o caboverdiano : uma língua mundial. *Papia*, 15, pp. 18-31.

- (2005). Les créoles portugais ou l'autre frontière de la lusophonie : un aperçu de la dimension créole de l'oeuvre de Paul Teyssier. In J. PENJON and P. RIVAS (org.). *Lisbonne, atelier du lusitanisme français*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, pp. 123-134.

- 2004. Interacções morfológicas entre verbo e objecto no crioulo da ilha de Santiago (República de Cabo Verde). *Papia*, 14, pp. 71-83.

- (2003). *Parlons Capverdien – Langue et Culture*. Paris: L'Harmattan.

- (2001) Vowels as a Morphological Tool in Santiago Creole Portuguese (Cape Verde). *Journal of African Languages and Linguistics*, 22, 1, pp. 69-80.

-(2000b). Le cap-verdien : origines et devenir d'une langue métisse. Paris: L'Harmattan.

- (2000a). Grammaire de la langue cap-verdienne. Paris: L'Harmattan.

- (1999). *Dictionnaire cap-verdien-français. Créoles de Santiago e Maio*. Paris: L'Harmattan.

ROUGÉ, Jean Louis (2006). L'influence manding sur la formation des créoles du Cap-Vert et de Guinée-Bissau et Casamance. In LANG, Jürgen; John HOLM, Jean-Luis ROUGÉ & Maria João SOARES (org.). *Cabo Verde – origens da sua sociedade e do seu crioulo*. Tubingen: Gunter Narr Verlag, pp. 63-74.

- (2000). D'oú vient les verbes des creoles? In ANDRADE, Ernesto. d', Dulce PEREIRA, Maria Antónia MOTA, (org.). *Crioulos de base portuguesa.* Braga: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 81-95.

- (1994). À propôs de la formation des créoles du Cap Vert et de Guinée. *Papia* 3:2, pp.137–149.

- (1999b). A propos du vocabulaire africain dans les relations de voyages des Portugais en Guinée du Cap Vert (1594–1697). In Anne-Marie Quint (ed.). *Cahier du CRE-PAL n°6: Le conte en langue portugaise.* Paris: Presse de la Sorbonne Nouvelle, pp. 177–201.

- (1999a). Apontamentos sobre o léxico de origem africana dos crioulos da Guiné e de CaboVerde (Santiago). In ZIMMERMANN Klaus (org.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Frankfurt am Main: Vervuert, pp. 49–67.

RODRIGUES DE SOUZA, Ulisdete. 2007. *Fonologia do cabo-verdiano: das variedades insulares à unidade nacional* [Tese de doutoramento]. Brasília: Universidade de Brasília.

SANTOS, Rosine (2000 [1979]). Relações entre o Crioulo de Cabo Verde e as línguas africanas. In VEIGA Manuel (org.). *I Colóquio linguístico sobre o crioulo de Cabo Verde*. Praia/Mindelo: Instituto Nacional de Investigação Cultural, pp.167-187.

SCANTAMBURLO, Luige (2002). *Dicionário do Guineense*. Vol. II: Dicionário Guineense-Português. Disionariu guinensi-purtuguis. Lisboa: Colibri/Faspebi.

SHOPPEN, Timothy (2007). *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge University Press.

SILVA, Izione (1985). *Variation and Change in the Verbal System of Capeverdean Crioulo*. [Tese de doutoramento]. Georgetown: Universidade de Georgetown.

SILVA, Tomé (2007). *Na Bóka Noti, volumi – II*. Praia: Instituto da Investigação e da Promoção Culturais.

- (2008). *Na Bóka Noti, volumi – III*. Praia: Instituto da Investigação e da Promoção Culturais.

- (2010). *Na Bóka Noti, volumi – V*. Praia: Instituto da Investigação e da Promoção Culturais.

SWOLKIEN, Dominika (2013). *Cape Verdean Creole of São Vicente*. In MICHAELIS, Susanne; Philippe MAURER; Martin HASPELMATH & Magnus HUBER (org.). *The Survey of Pidgin and Creole Languages, Vol. II: Portuguese-based, Spanish-based, and French-based Languages*. Oxford: Oxford University Press, pp. 20-30.

TEYSSIER, Paul (1993). *História da Língua Portuguesa 5ª ed*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

- (1986). La négation dans les créoles portugais. In Société de Linguistique Romane; Université de Provence. *Actes du VXIIº Congress Internacional de Linguistique et Philologie Romaines, Aix- en-Provence*. Marseille: Université de Provence /Jeanne Laffitte, Vol. 4, pp. 593-604.

TORRÃO, Maria Manuel (1991). Subsídios para a *História Geral de Cabo Verde*. O algodão da ilha do Fogo: uma matéria-prima de produção afro-europeia para uma manufactura africana. *STVDIA* 50, 157 – 176.

VASCONCELLOS, José Leite de (1898). Dialetos crioulos portugueses de África. *Revista Lusitana*, vol. 5, 1, pp. 241-261.

VEIGA, Manuel (2019). *Formação do Crioulo Matrizes Originárias*. Praia: Acácia Editora.

- (2011). *Dicionário cabo-verdiano Português.* Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

- (1995). *O crioulo de Cabo Verde. Introdução à Gramática*. Mindelo: Instituto Caboverdeano do Livro e do Disco.

- (1982). *Diskrison Strutural di Lingua Kabuverdianu*. Praia: Institutu kabuverdianu di Livru.

Résumé

1. Introduction

L'île de Fogo est située au Sud-Ouest de l'archipel du Cap-Vert (en Afrique de l'Ouest) à 50 kilomètres de l'île de Santiago où se trouve la capitale du pays, Praia. Fogo est la quatrième île du pays par sa superficie, et sa population est estimée à un peu plus de 40.000 habitants.
Fogo a été la deuxième île de l'archipel à être peuplée, selon les registres historiques portugais et elle peut également être considérée comme le deuxième foyer de créolisation au Cap Vert.
.

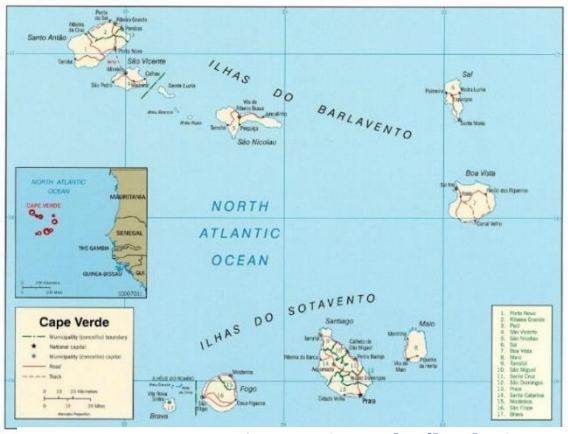


Figure 1 Carte des îles du Cap-Vert

Figure 2 Carte de l'île de Fogo

Selon Albuquerque & Madeira (1991) et Carreira (2000), Fogo (appelée à l'origine São Filipe) a été découverte le même jour que l'île de Santiago, à savoir le 1er mai 1460. L'île de Fogo fait donc partie du premier groupe d'îles où ont accosté les navigateurs portugais.

Quelques décennies après sa découverte, Fogo a été peuplée par des colons portugais et des esclaves africains, généralement venus de l'île de Santiago. Selon Pereira (2005 : 23), une liste de livraison d'objets de culte destinés à l'île précise qu'en 1493 il y avait déjà une église et, par conséquent, des habitants.

Pendant les premiers siècles d'occupation, l'économie de l'île était fondée sur le commerce de produits agricoles et de ressources naturelles locales, tels que l'orseille (lichen utilisé pour produire un colorant de teinte bleue) et surtout le coton, qui permettait de produire les fameux pagnes du Cap-Vert, utilisés comme monnaie d'échange tout au long de la côte ouest-africaine.

À cet égard, voyons ce que dit Antonio Pusich, cité par Carreira (1987 : 88) :

> [47]"Cette île est très fertile et produit beaucoup de maïs, de haricots et toutes sortes de produits agricoles : on y tisse d'excellents pagnes de coton destinés au commerce avec la Guinée et à l'usage de maints habitants des autres îles".

En 1582, Francisco de Andrade, cité par Pereira (2005 : 31) témoigne de l'existence d'une population de 300 colons et de 2000 esclaves sur l'île. Fogo était à l'époque un centre de production pour l'approvisionnement des embarcations qui effectuaient du commerce entre l'île principale de Santiago et la côte africaine. Selon Albuquerque et Madeira Santos (2001 : 285), l'île de Fogo faisait également partie d'un circuit commercial autonome, avec des connexions directes vers la métropole portugaise et vers la côte africaine.

1.1 Formation de la langue

D'après Carreira (2000 : 319) "le créole s'est formé dans les îles du Cap-Vert moins de 50 ans après leur découverte et de là il s'est répandu et enraciné sur la côte ouest-africaine servant de *lingua franca* entre les Européens et les autochtones et même entre ces derniers quand ils appartenaient à des communautés [linguistiques] distinctes."[48]

Cet auteur considère, ainsi, que l'apparition du créole du Cap-Vert a eu lieu dès les premières décennies du peuplement de l'archipel. Selon toute vraisemblance, la nouvelle langue avait comme principaux vecteurs les "mulâtres" et les "noirs", qui constituaient la majorité de la population locale (Carreira 1984 : 61-63).
L'expansion du créole semble avoir été rapide. Carreira (2000 : 318) cite une lettre du Père Manuel de Almeida (missionnaire officiant sur l'île de Santiago), datant de 1607, qui précise qu'un peu plus d'un siècle après la colonisation, il était facile de trouver des esclaves qui jouent le roule d'interprètes[49], ce qui montre, selon l'auteur, que "le créole avait déjà une expansion appréciable à Santiago"[50].
Malgré le manque de documentation traitant spécifiquement de l'île de Fogo, des sources historiques attestent que cette île a prospéré dès le début du peuplement et qu'elle est rapidement devenue une plaque tournante du trafic d'esclaves ainsi qu'un centre manufacturier important au niveau de l'archipel, dont la production était activement utilisée dans les transactions avec la côte africaine.

---

[47] "Esta ilha é mui fértil e produz muito milho, feijão e toda a espécie de refrescos: nela se tecem excelentes panos de algodão para comércio com a Guiné e para uso de vários habitantes de outras ilhas".

[48] "O crioulo formou-se nas ilhas de Cabo Verde a menos de cinquenta anos do seu achamento e dali se propagou e enraizou na costa ocidental servindo de língua franca entre o europeu e os nativos e mesmo entre estes quando de etnias diferentes."

[49] Il s'agissait probablement de Capverdiens créolophones qu'un lusophone, comme Manuel de Almeida, pouvait comprendre au moins en partie ; à l'époque, une partie au moins de ces esclaves créolophones devaient aussi être encore capables de s'exprimer dans les langues africaines de leurs ancêtres.

[50] "Disso se depreende, portanto, que o crioulo tinha na altura apreciável expansão em Santiago".

Le créole qui a été transporté sur Fogo avec ses premiers habitants (venus de Santiago), a subi une évolution particulière qui peut aujourd'hui être illustrée par les traits phonétiques, syntaxiques et lexicaux caractéristiques de cette variété originale de la langue capverdienne.

Le processus de créolisation dans l'ile semble avoir suivi, dès le début, des chemins différents du même processus qui se déroulait sur l'île voisine de Santiago.
Veiga (2019) classe le créole de Fogo dans la catégorie "deuxième génération, bien que très proche de celle de la première génération (Santiago)".
Historiquement les bases sociales de peuplement étaient les mêmes sur les deux îles, mais l'auteur attire l'attention sur d'autres facteurs qui pourraient avoir des implications linguistiques dans le processus de créolisation dans l'île de Fogo.

> Les conditions de formation de ce créole de 2ème génération étaient très similaires à celles de la 1ère génération de CCV. C'est probablement l'une des raisons pour lesquelles les deux expressions sont si similaires. Malgré tout, il y a des spécificités qui peuvent découler du contact géographique et historique, du nombre et de l'origine des classes sociales qui ont peuplé l'île".
>
> (Veiga 2019:25)

L'influence de la langue portugaise et des langues africaines se faisaient de façon continue dans ce nouvel espace où différentes interactions ont été configurées, ce qui a conduit à une évolution particulière qui peut maintenant être observée dans les traits phonétiques, syntaxiques et lexicaux propres à cette variété.

Le commerce du coton, qui a joué un rôle central dans l'économie de l'île aura également joué un rôle crucial dans les interactions linguistiques qui ont eu lieu à l'intérieur et à l'extérieur de l'île. Torrão (1991 :62) explique qu'il y avait deux circuits parallèles dans l'approvisionnement des navires transportant du coton de Fogo à la côte africaine. Le premier circuit était une route directe Lisbonne-Fogo-Côte guinéen -Lisbonne. Un fait important à noter est qu'il s'agissait d'un circuit direct, qui ne passait pas par Santiago.

Quant au deuxième circuit, l'auteur rapporte que "les navires partaient de l'ile de Santiago, se rendaient à Fogo pour charger le coton, et retournaient à l'île d'origine, d'où une partie du coton était ensuite réexportée en Guinée".

Il est clair que l'interaction Santiago-Fogo était permanente et régulière, mais que l'île avait aussi d'autres interactions commerciales et donc linguistiques, qui n'étaient pas nécessairement les mêmes que celles de Santiago.

2. Inventaire phonologique

2.1 Inventaire vocalique

La variété de Fogo du créole capverdien présente 8 voyelles orales. Cet inventaire n'est entièrement représenté qu'en position tonique. Dans les positions atones, l'inventaire se réduit à 5 phonèmes /i/ /e/ /ɐ/ /a/ /u/ /o/ en raison d'une neutralisation entre /e/ et /ɛ/ et /o/ et /ɔ/.

Tableau 1. Voyelles orales toniques

	Antérieures	Centrales	Postérieures
Fermées	/i/		/u/
Semi-ouvertes	/e/	/ɐ/	/o/
Ouvertes	/ɛ/	/a/	/ɔ/

2.1.1 Toniques

[i] [miˈninu] ‘enfant’
[e] [riˈberɐ] ‘vallée’
[ɛ] [ˈtɛtu] ‘plafond’
[a][ˈkazɐ] ‘maison’
[ɐ][fiˈkɐ] ‘rester’
[u] [ˈuɲɐ] ‘ongle’
[o] [ˈoru] ‘or’
[ɔ] [ˈpɔrtɐ] ‘porte’

2.1.2 Pré-toniques

[i] [biˈbidɐ] ‘boison’
[e] [neˈse] ‘naître’
[ɐ] [kɐˈzɐ] ‘maison’
[u] [tuˈmɐ] ‘prendre’
[o] [moˈfinu] ‘mauvais’

2.1.3 Post-toniques

[i] [tiˈmenti] ‘tandis que’
[e] [ˈkafe] ‘café’
[ɐ] [ˈdɔnɐ] ‘grand-mère’
[u] [ˈpetu] ‘poitrine’
[o] [ˈkatʃo] ‘chien’

2.2 Inventaire des consonnes

En recourant à la notion de ‘paire minimale’, il est possible d’identifier 22 phonèmes consonantiques dans la variété de Fogo (cf. Tableau 2). La totalité d’entre eux est attestée à l’intérieur des mots. En position initiale, l’inventaire se réduit à 21 phonèmes (/r/ n’apparaît jamais à l’initiale) et seuls six de ces phonèmes sont attestés en position finale de mot.

Tableau 2. Inventaire phonologique des consonnes en créole de Fogo

		Labiales	Dentales	Palatales	Vélaires
Oclusives	Sourdes	p	t	c [c~tʃ]	k
	Sonores	b	d	ɟ [ɟ~ʤ]	g
Fricatives	Sourdes	f	s	ʃ	
	Sonores	v	z	ʒ	
Nasales		m	n	ɲ	
Continues			r/rr	j	w
Liquide			l		

Le statut des phonèmes /r/ et /rr/

Nous avons observé à Fogo deux phonèmes vibrants attestés. A savoir le simple et le multiple, matérialisés respectivement par /ɾ/ et /r/ dans l'Alphabet Phonétique International (API) Pour une meilleure lisibilité de la distinction entre les deux phonèmes, nous avons choisi de les représenter dans l'ensemble de cette étude par /r/ et /rr/, respectivement.

Les deux phonèmes sont attestés dans la variété du créole de Fogo, comme le montre la paire minimale [ˈkaru] "cher/coûteux" vs [ˈkarru] "voiture".
Cependant, cette distinction n'existe que dans la position intervocalique. Dans les autres contextes, il y a une neutralisation de la distinction phonologique et les deux vibrantes sont en distribution complémentaire.

Tableau 99. Distribution complémentaire des phonèmes /r/ e /rr/

Position	Réalisation	Phonème	Opposition vibrantes
Initiale	[rr]	/R/	neutralisé
Avant consonne	[r]	/R/	neutralisé
Intervocalique	[r] vs. [rr]	/r/ vs. /rr/	fonctionnel
Après consonne	[r]	/R/	neutralisé
Finale	[r]	/R/	neutralisé

/R/ = archiphonème vibrante

(1) Debut de mot [ˈrrɔʈʃɐ] 'roche'

(2) Avant consonne [dɐrˈgadu] ‘petit, mince’
(3) intervocálique [ˈburru] ‘âne’, [oˈrɛlɐ] ‘ bord’
(4) Après consonne [ˈpratu] ‘assiete’
(5) Fin de mot [ˈmar] ‘mer’

2.2.1 Distribution des consonnes

2.2.1.1 Position initiale

2.2.1.1.1 Labiales

/p/ [ˈ**p**adʒɐ] ‘paille’
/b/ [**b**ɐrˈnɛldɐ] ‘fruit endémique’
/f/ [**f**ũnˈdɐ] ‘descendre’
/v/ [ˈ**v**azu] ‘pot (de fleurs)’
/m/ [ˈ**m**ãngu] ‘mangue’

2.2.1.1.2 Dentales

/t/ [tɐ̃nˈboru] ‘bidon’
/d/ [diskɐˈpɐ] ‘enlever les feuilles qui recouvrent l'épi de maïs’
/s/ [ˈsedʒɐ] ‘seau à lessive’
/z/ [ˈzingu] ‘récipient métallique utilisé pour transporter de l’eau’
/n/ [nɐˈno] ‘cou’
/rr/ [ˈrrodʒu] ‘trognon d‘épi de maïs’
/l/ [ˈlõndʒi] ‘loin’

2.2.1.1.3 Palatales

/tʃ/ [tʃuˈbarɐ] ‘jeune chèvre’
/dʒ/ [dʒiˈberɐ] ‘poche’
/ʃ/ [ʃiˈnɐ] ‘apprendre’
/ʒ/ [ˈʒũntɐ] ‘aliment cuit préparé à base de farine (gâteaux, biscuit, pain…)’
/ɲ/ [ɲoˈɲo] ‘Nhonhó’ (nom propre)
/j/ [ˈjɛrɐ] ‘être. PASSÉ’

2.2.1.1.4 Vélaires

/k/ [kɐreˈtɐ] ‘charger’
/g/ [gɐˈzadʒu] ‘cadeau offert à un invité’
/w/ [ˈwɔrɐ] ‘heure’

2.2.1.2 Position médiane

2.2.1.2.1 Labiales

/p/ [poˈpɐ] ‘économiser’
/b/ [ˈbabu] ‘bave’

/f/ [tʃɐfɐˈris] ‘fontaine’
/v/ [noˈvɛ̃ntɐ] ‘quatre-vingt-dix’
/m/ [tuˈmɐ] ‘prendre’

2.2.1.2.2 Dentales

/t/ [ˈpĩntɐ] ‘haricots verts’
/d/ [koˈdɐ] ‘benjamin (enfant le plus jeune)’
/s/ [ˈkɐrsɐ] ‘pantalons’
/z/ [kuˈziɲɐ] ‘cuisine’
/n/ [nɐˈno] ‘cou’
/r/ [loˈradu] ‘lent’, [dɐrˈgadu] ‘petit/maigre’
/rr/ [ˈkarru] ‘voiture’
/l/ [kuˈlɛgɐ] ‘collègue’

2.2.1.2.3 Palatales

/tʃ/ [ˈdiatʃi] ‘locution servant à exprimer l’admiration et/ou lasurprise’
/dʒ/ [rɐdʒɐˈdɐrɐ] ‘contente’
/ʃ/ ['baʃu] ‘en-bas’
/ʒ/ [diˈzeʒu] ‘désir’
/ɲ/ [maˈɲɛ̃ŋ] ‘demain’

2.2.1.2.4 Vélaires

/k/ [boˈkadu] ‘un coup’
/g/ [vĩnˈgansɐ] ‘vengeance’

2.2.1.3 Position finale

2.2.1.3.1 Dentales

/s/ [pɐˈdas] ‘morceau’
/n/ [mɐˈɲɛ̃ŋ] ‘demain’
/r/ [ˈmar] ‘mer’
/l/ [pɐdʒiˈgal] ‘culture pluviale’

2.2.1.3.2 Palatales

/j/ [ˈmaj] ‘mère’

2.2.1.3.3 Vélaires

/w/ [ˈmaw] ‘mauvais’

3. Structure syllabique

3.1 Types de syllabes attestées

Dans le créole de Fogo, nous avons identifié 14 types syllabiques possibles, illustrés dans les deux tableaux ci-dessous.

3.1.1 Syllabes ouvertes

Tableau 3. Syllabes ouvertes en créole de Fogo

Types syllabiques	Exemple	PT
V	[ˈ**ɛ.**rɐ]	'était'
CV	**[ne.**ˈse]	'naitre'
CCV	**[pri.**ˈmer]	'première'
nCCV	**[ngo.**ˈda.nu]	'nous gâter'
nCV	**[Nte.**ˈrɐ]	'enterrer'

3.1.2 Syllabes fermées

Tableau 4. Syllabes fermées en créole de Fogo

types syllabiques	exemple	PT
CVn	[ɐrˈ**mun**]	'frére/seur'
nCVn	**[ntẽn**ˈde]	'comprendre'
Vn	**[ˈũn]**	'un'
CCVn	**[brĩn**ˈkɐ]	'jouer'
VC	**[es]**	'ils'
CVC	[ɐˈ**rros]**	'riz'
CCVC	**[**ˈ**krus]**	'croix'
nCVC	**[nter**ˈnɐ]	'enterrer'
CVnC	[ɐrˈ**mũns]**	''fréres/seurs'

3.2 Le modèle syllabique du créole de Fogo : étude statistique

Pour l'étude statistique de la syllabe du créole de Fogo, et afin de mener la comparaison au sein de la famille linguistique des créoles portugais de l'Afrique de l'Ouest, j'ai utilisé la méthode Omnès (1988, 1990, 1995) qui est également utilisée pour une autre variété de capverdien, le santiagais, par Quint (2000) et pour le casamançais, par Biagui (2012).

Pour cette étude, j'ai analysé trois textes. Deux extraits de mon corpus (de 334 et 537 syllabes) et une liste de proverbes (de 113 syllabes), également extrait de mon corpus, pour un total de 984 syllabes. Les résultats individuels et globaux pour les trois textes sont présentés dans les tableaux ci-dessous.

3.2.1 Prévalence globale des différents types de syllabes en créole de Fogo

Tableau 5. Types syllabiques en créole de Fogo %

Types syllabiques	Quantité	%
V	46	4,67
CV	697	70,83
CCV	44	4,47
nCCV	4	0,40
nCV	29	2,94
sub total ouvertes	**820**	**83,33**
CVn	55	5,58
nCVn	10	1,01
Vn	9	0,91
CCVn	1	0,10
sub total Vn	**74**	**7,52**
VC	16	1,62
CVC	64	6,50

CCVC	4	0,40
nCVC	4	0,40
CVnC	1	0,10
sub total VC	**89**	**9,04**
sub total fermée Vn+VC	**163**	**16,56**
TOTAL	984	**100**

Les pourcentages exprimés par la moyenne des trois textes révèlent des aspects importants du comportement de la syllabe en créole de Fogo et que l'on peut représenter ainsi :

(i) le modèle de CV est le plus courant, représentant un pourcentage moyen de 70,90. Sa présence dominante a une implication directe sur la prédominance des syllabes ouvertes (83%) dans cette variété ;

(ii) l'occurrence de syllabes fermées est faible (17%). Ce résultat est prévisible, si l'on tient compte du fait que cette variété n'admet que 6 consonnes en position finale et que même celles-ci subissent des processus qui interviennent dans sa position.

(iii) Les phonèmes consonnantiques sont très fréquents au début d'une syllabe ou d'un mot. Les attaques vocales sont peu fréquentes (8 %).

Tableau 6. Types syllabiques en créole de Fogo en fonction des ramifications

Nombre des ramifications	%
1 (V)	5
2 (CV + Vn + VC)	74
3 (CCV + CVC + nCV +CVn)	20
4(CCVC + nCCV + CCVn nCVn + CVnC + nCVC)	1
Total	100

L'analyse des types syllabiques du créole de Fogo en fonction des ramifications montre clairement que dans le créole de Fogo, les structures syllabiques à deux ramifications ont une forte prévalence. La forte présence de structures de CV contribue à cette prévalence, comme le montre le tableau 26. L'occurrence de syllabes ayant plus de trois ramifications ne dépasse pas 1 %, dans les trois textes analysés.

3.2.2 Prévalence du nombre de syllabes par mot

La méthode statistique appliquée pour déterminer le modèle syllabique m'a également permis de déterminer le nombre moyen de syllabes par mot.

Tableau 7. Nombre de syllabes par mot en créole de Fogo

	Texte 1	Texte 2	Texte 3	Total mot	Total syllabes
1 syllabes	132	212	37	381	381
2 syllabes	66	110	21	197	394
3 syllabes	18	27	6	51	153
4 syllabes	4	6	4	14	56
Total mot	220	357	113	643	984
Nombre moyen de syllabes/mot	984/643 = 1,53				

Ces données nous permettent de déterminer que le nombre moyen de syllabes par mot dans le créole de Fogo est de 1,53.

Tableau 8. Nombre de syllabes par mot en créole de Fogo %

	Texte 1	Texte 2	Texte 3	Moyenne
1 syllabes	60	59	54	**58**
2 syllabes	30	31	31	**31**
3 syllabes	8	8	9	**8**
4 syllabes	2	2	6	**3**
Total	100	100	100	**100**

L'homogénéité des trois textes en ce qui concerne la répartition du nombre de syllabes par mot est claire :

- (i) les mots monosyllabiques constituent la majorité, représentant 58% du total ;

- (ii) les mots de plus de 3 syllabes sont assez rares dans cette variété et ne représente que 11 % du total.

Tableau 9. Nombre de syllabes par mot accentué en créole de Fogo

	Texte 1	Texte 2	Texte 3	**moyenne**
1 syllabes	40	47	34	**40**
2 syllabes	45	42	45	**44**
3 syllabes	12	10	13	**12**
4 syllabes	3	1	8	**4**
Total	100	100	100	**100**

La détermination du nombre moyen de syllabes par mot change considérablement si l'on considère uniquement les mots toniques de la langue. La prévalence des monosyllabes chute

de manière drastique lorsque les atones monosyllabiques sont exclus, comme les prépositions, les particules aspectuelles, les conjonctions et certaines séries de pronoms.

Dans ce cas, la comparaison du nombre moyen de syllabes par mot accentué met les mots dissyllabiques au premier plan (44%). Cependant, la différence de pourcentage dans l'occurrence des monosyllabes n'est que de 4 %, comme le montre le tableau, c'est-à-dire qu'entre les mots accentués du créole de Fogo, on observe une nette dominance des mots monosyllabes et dissyllabes, avec des pourcentages tout à fait comparables pour ces deux catégories.

4. Le modèle accentuel

Le créole de Fogo présente deux types d'accentuation. L'accentuation oxytonique (accent sur la dernière syllabe) et l'accentuation paroxytonne (accent sur l'avant-dernière syllabe). L'accentuation proparoxytonique (accent situé sur l'antépénultième syllabe) est inexistant dans mon corpus.

Accentuation oxytonique

/soNˈbrɐ/ v. 'passer la nuit'
/ɐrˈmuN/ s. 'frère'
/kreˈtʃew/ s. 'l'être aimé'
/goˈsi/ adv. 'maintenant'
/pɐdʒiˈgal/ s. 'champ agricole'
/fuˈrjɐ/ v. 'jeter'

Accentuation paroxytonne

/moˈrrɛdu/ v. 'mourir-PSV'
/ˈkɛnɐ/ n. 'grand conteneur'
/kriˈabɐ/ v. 'enlever-PASS'
/skerˈderɐ/ adj. 'gaucher'
/dʒiˈberɐ/ s. 'poche'
/ˈrrodju/ s. 'epí'

Comme le montrent les exemples ci-dessus, les deux types d'accentuation sont présents dans toutes les classes grammaticales. Cependant, une analyse différenciée pour les catégories verbale et nominale est pertinente pour la détermination du modèle accentuel du créole de Fogo.

La majorité des verbes sont accentués sur la dernière syllabe, tandis que la majorité des noms et adjectifs présentent sont accentués sur l'avant-dernière syllabe, comme l'a déjà souligné Lopes (2014 :45).

Cependant, comme on peut le voir ci-dessous, une analyse globale permet de conclure que le créole de Fogo est une langue majoritairement à syllabe accentué sur l'avant-dernière syllabe.

4.1 Analyse statistique

Pour l'analyse statistique, nous avons utilisé un échantillon de trois textes, sur un total de 461 mots, dont 197 sont monosyllabiques.

Dans cette variété, nous n'avons pas considéré les mots fonctionnels comme des prépositions, des particules aspectuelles, des conjonctions et quelques séries de pronoms qui ont donc été laissés de côté dans l'analyse à l'image du santiagais (Quint (2000 : 39)) et du casamançais (Biagui (2012 :65)). Les toniques monosyllabiques ont également été exclus de l'analyse, en raison de l'impossibilité de les classer comme appartenant à l'un ou l'autre modèle accentuel.

4.1.1 Fréquences des paroxytons

Tableau 100. Fréquences des paroxytons

Nr syllabes	Tx1 (%)	Tx2 (%)	Tx3 (%)	Media (%)	Nr Plvs
2	70	52	52	58	114
3	89	89	100	93	46
4	67	100	100	89	12
Total	**74**	**61**	**68**	**68**	**172**
C(C)Vx2	73	53	64	63	64

Tx = Texte
Nr Plvs = nombre de mot
(%) = pourcentage

Les résultats statistiques montrent que 68% des mots de la langue sont des des paroxytons, avec une incidence presque totale dans les mots plurisyllabiques.

Dans l'ensemble, les mots trisyllabes et quadrisyllabes présentent une moyenne d'environ 90 % de paroxytons (93 % et 89 % respectivement).

Les paroxytons sont également dominants dans les mots dissyllabiques. Toutefois, dans ce cas, la différence de pourcentage est plus faible. Les paroxytons représentent 58% et les oxytons dissyllabiques 42%, révélant une tendance plus équilibrée de la distribution de ces deux types d'accentuation dans les mots dissyllabiques.

Dans le cas particulier des mots dissyllabiques standards de type C(C)Vx2, qui représentent le modèle syllabique préféré de la langue, l'incidence des paroxytons est de 63%).

4.1.2 Fréquences des oxytons

Tableau 11. Fréquences des oxytons

Nbr syllabes	Tx1 (%)	Tx2 (%)	Tx3 (%)	Media (%)	Nbr mots
2	30	48	48	42	83
3	11	11	0	7	5
4	33	0	0	11	1
Total	**26**	**39**	**32**	**32**	**89**
C(C)Vx2	27	47	36	37	38

Tx = Texte
Nr mots = nombre de mots
(%) = pourcentage

Les résultats statistiques montrent que pour les mots plurisyllabiques, la prévalence des oxytons est plus élevée dans les dissyllabiques (42%).

Dans le cas particulier des dissyllabiques de type standards C(C)Vx2, l'incidence est légèrement inférieure (37 %) à celle des dissyllabiques généraux.

Pour les mots de plus de deux syllabes, la prévalence est faible, voire nulle, comme on peut le constater pour les mots quadrisyllabes du texte 2 et pour les mots trisyllabes et quadrisyllabes du texte 3. Toutefois, pour ces catégories, le nombre de mots dans l'échantillon est si faible (cinq mots trisyllabes et un quadrisyllabe) que nous considérons leur valeur statistique comme nulle.

L'accentuation oxytonique a une prévalence de 32% dans la langue.

4.1.3 Modèle accentuel par catégorie grammaticale

Afin de déterminer l'incidence des deux modèles accentuels de la langue (oxyton et paroxyton) dans les différentes catégories grammaticales, j'ai analysé leur distribution par les mots dissyllabiques des trois textes utilisés pour l'étude des modèles syllabiques et accentuels.

J'ai considéré cet ensemble parce qu'il regroupe la plupart des mots accentués de la langue et est donc représentatif de la structure syllabique et accentuel de cette variété.

Tableau 12. Accentuation oxytonne selon la classe grammaticale dans les mots dissyllabiques du créole de Fogo

	Texte 1		Texte 2		Texte 3		
Catégories grammaticales	Nr	%	Nr	%	Nr	%	moyen %
Verbe	**13**	**57**	**29**	**55**	**6**	**60**	**57**
mot	6	26	12	23	1	10	20
Pron.	0	0	0	0	1	10	3
Adj.	0	0	0	0	2	20	7
Num.	1	4	0	0	0	0	1
Adv.	3	13	12	23	0	0	12
Total non verbaux	**10**	**43**	**24**	**45**	**4**	**40**	**43**
Total general	**23**	**100**	**53**	**100**	**10**	**100**	**100**

Nr = nombre
% = pourcentage
Pron. = pronom
Adj. = adjectif
Num. = numéral
Adv. = adverbe

L'accentuation sur la dernière syllabe est régulièrement appliquée aux verbes à la forme de base (Cf. 6.1). Dans les trois textes analysés, plus de la moitié des mots dissyllabiques (57%) présentant ce type d'accentuation sont effectivement de la classe verbale.

Dans les 43 % restants, on trouve des mots, des adjectifs, des adverbes, des numéraux et des pronoms. Les noms représentent 20 % des mots accentués sur la dernière syllabe. Sur le total des mots analysés dans cette classe grammaticale, seuls 26% sont accentués sur la dernière syllabe. Il s'agit des mots exceptionnels du point de vue du canon syllabique de la langue (cf. 3.2.1/ 3.2.2), présentant des syllabes finales fermées par des consonnes ou des diphtongues, qui déterminent l'attraction de l'accent sur la dernière syllabe.

/monˈtron/ n.P 'Montrond'
/ɐrˈmun/ n. 'frére/soeur'
/diˈmas/ adv. 'trop'
/diˈpos/ adv. 'aprés'
/mɐrˈgos/ adj. 'amer'

Tableau 101. Accentuation paroxytonne selon la classe grammaticale dans les mots dissyllabiques du créole de Fogo

	Texte 1		Texte 2		Texte 3		
Catégories grammaticales	Nr	%	Nr	%	Nr	%	Moyen
Verbe	**15**	**34**	**10**	**18**	**1**	**9**	**20**
mot	13	30	32	56	9	82	56
Adj.	1	2	2	3	0	0	2
Num.	5	11	0	0	0	0	4
Adv.	10	23	13	23	1	9	18
Total non verbaux	**29**	**66**	**47**	**82**	**10**	**91**	**80**
Total general	44	**100**	57	**100**	11	**100**	**100**

80 % des paroxytons dissyllabiques analysés appartiennent à la catégorie non-verbale. Les noms dissyllabiques représentent 56 % des mots paroxytoniques.

Inversement, les verbes représentent 20 % des mots paroxytons. Cependant, contrairement aux verbes dissyllabiques à accentuation oxytonique, les formes verbales paroxytoniques sont des formes avec des morphèmes suffixés et non des formes libres.

Autrement dit, nous pouvons postuler que les verbes du créole de Fogo sont toujours oxytoniques sous forme libre et paroxytoniques sous forme fléchie. Un changement de paradigme accentuel s'est produit dans les verbes dissyllabiques, qui constituent notre échantillon ici, mais aussi extensible aux verbes de plus de deux syllabes, chaque fois que des morphèmes suffixés sont ajoutés (de voix et de temps ou certains pronoms clitiques : deuxième personne du singulier et première personne du pluriel).

[el oˈdʒaba] 'il avait vu, aurai vu' (passé)
[el oˈdʒadu] 'il était vu' (voix passive)
[el oˈdʒabu] 'il t'a vu' (verbe + O2SG)
[el oˈdʒanu] 'il nous a vu' (verbe + O1PL)

Note : on note l'apparition dans la langue de deux formes verbales (de base) présentant une accentuation paroxytonique, en concurrence avec les formes oxytones des mêmes verbes.

/ˈʃinɐ/ ~ /ʃiˈnɐ/ v. ‘enseigner’
/ˈdʒugɐ/ ~ /dʒuˈgɐ/ v. ‘jouer’

Dans le cas des verbes dissyllabiques, ces occurrences peuvent être l'indication d'un début de changement linguistique, afin de régulariser les mots dissyllabiques au modèle des paroxytons, en respectant le canon syllabique et accentué le plus fréquent dans la langue.

5. Morphologie nominale

Le nom en créole de Fogo n'a pas de forme particulière et peut avoir plusieurs types syllabiques (finis en consonnes ou voyelles) et présente tous les modèles accentuel, existants dans la langue.

pa /ˈpa/ cv ‘pelle’
bulí /buˈli/ cv.cv ‘calebasse’
fidju/ˈfidʒu/ cv.cv ‘fils’
ermun /erˈmuN/ vc.cvc ‘frére’
kartidja /kɐrˈtidʒɐ/ cv.cv.cv ‘apprêt’
pɐdjigal /pɐdʒiˈgal/ cv.cv.cvc ‘champ’

5.1 Flexion nominale

5.1.1 La pluralité

5.1.1 Stratégie sémantique

En général, la pluralité est marquée par des éléments sémantiques, tels que des numéraux (1) ou des quantificateurs (2).

(1)

Mi		desdi	nha	nisiu	e	kel	**dos**	fidju
RD.TOP1SG		CONJ	POSS1SG	début	être.PFV	DEM	NUM	fils
ki	N	ten (B 05:07)						
CONJ	D.S1SG	avoir.PFV						

‘Moi, depuis le début, c’est ces deux enfants que j'ai’

(2)

N	ten	**munti**	di	ermun	na	Merka (MM 11:46)
D.S1SG	avoir.PFV	plusieurs	PREP	frères	PREP	América

‘J'ai plusieurs frères aux États Unis.’

5.1.1.2 Marquage morphologique

Dans les cas où la pluralité est morphologiquement marquée, elle est réalisée en utilisant le morphème pluriel s /s/. Dans la pluralisation des noms se terminant par des consonnes, pour éviter la formation de certains groupes consonantiques, la voyelle /u/ est utilisée comme voyelle d'appui pour le morphème pluriel. L'utilisation de la voyelle /u/ dans le processus de flexion du nombre renforce son rôle de voyelle soutien de la langue, ce qui peut être observé dans plusieurs autres domaines de la langue (cf. 2.2.2.2).

5.1.1.2.1 Noms terminés par une voyelle

5.1.1.2.1.1 Sans changement du modelé accentuel

Dans les noms se terminant par une voyelle, le pluriel du morphème -s est simplement ajouté à la fin du mot.

Tableau 1102. Pluriel des mots finies en voyelle

SG	PT	PL	PT
kaza /ˈkazɐ/	‘maison’	kaza**s** /ˈkazɐs/	‘maisons’
fidju /ˈfidʒu/	‘fils’	fidjus /fiˈdʒus/	‘enfants’
omi /ˈɔmi/	‘homme’	omis /ˈɔmis/	‘hommes’

5.1.1.2.1.2 Avec changement du modèle accentuel

Les cas présentés dans le tableau 15se terminent également par une voyelle et forment le pluriel en ajoutant le morphème du pluriel **-s**. Cependant, ces cas présentent le changement du modèle accentuel de la forme singulière paroxyton à la forme plurielle qui devient oxyton. Ce changement est une conséquence de la chute de la consonne finale du portugais qui détermine le changement de paradigme dans la formation du pluriel de ces noms : les formes au singulier ont déplacé l'accent de leur racine portugais tandis que les formes au pluriel ont conservé l'accent de leur racine portugais.

Tableau 15. Pluriel des mots terminés par une voyelle’

Signifié	SG	Étimo portugais cl.	PL	Étimo portugais cl.
‘femme’	mudje /ˈmudʒe/	mulher/muˈʎer/	mudjé**s**/muˈdʒes/	mulheres/muʎeˈris/
‘chien’	katxo/ˈkatʃo/	cachorro /kɐˈtʃorru/	katxó**s**/kɐˈtʃos/	cachorros/kɐˈtʃorrus/

5.1.1.2.2 Noms se terminant par une consonne

Les noms se terminant par une consonne forment également le pluriel en /s/. Dans ces cas une voyelle de soutien (/u/) est utilisée pour le morphème du pluriel -s.

Tableau 16. Pluriel des mots terminés par une consonne

SG	PT	PL	PT
mos/ˈmos/	‘garçon’	mosus /moˈs**us**/	‘garçons’
papel/ˈpɐpel/	‘papier’	papelus /pɐˈpel**us**/	‘papiers’

L'utilisation de /u/ comme voyelle de soutien pour le morphème du pluriel semble également influencer, par analogie, une plus grande tendance à l'utilisation du morphème du pluriel pour les mots, de différentes classes, qui ont étymologiquement la voyelle /u/ comme voyelle finale, c'est-à-dire que la flexion du nombre semble être plus courante dans les mots se

terminant par la voyelle /u/ que dans ceux se terminant par les autres voyelles de la langue (/o/,/ɐ/,/e/, /i/).

Ex.

Amigus /ɐˈmig**us**/ *n.* ‘amis’
Anus /ˈan**us**/ *n.* ‘annés’
Tenpus /ˈtɛNp**us**/ *n.* ‘temps’

5.1.2 Le marquage de genre

Il y a trois façons de marquer le genre en créole de Fogo.

5.1.2.1 Genre lexical

Le genre lexical existe pour les noms qui désignent ou qualifient des êtres humains, des animaux et des plantes.

Tableau 17. Paires de genre lexical des mots en créole de Fogo

F	PT	M	PT
mai/ˈmaj/	‘mére’	pai/ˈpaj/	‘pére’
galinha /gɐˈliɲɐ/	‘poulet’	galu /ˈgalu/	‘coq’

5.1.2.2 Genre synthétique

Dans la stratégie de construction du genre synthétique, les voyelles thématiques du portugais/ɐ/ et /u/ (ou une forme réduite /w/ du même dans les diphtongues) sont utilisées pour former des paires masculin/féminin. Notons que certaines paires sont étymologiquement dérivées des mêmes paires portugaises, bien qu'elles ne gardent pas toujours la même signification, comme c'est le cas des exemples de la première ligne du tableau 18. Ce même procédé est également utilisé dans la langue pour créer d'autres paires qui n'existent pas dans la langue lexificatrice.

Tableau 18. Paires de genre synthétique des mots en créole de Fogo

F	PT	M	PT
dona /ˈdɔnɐ/	‘grand-mére’	donu /ˈdonu/	‘grand-pére’
tia /ˈtiɐ/	‘tant’	tiu /ˈtiw/	‘oncle’
porka /ˈpɔrkɐ/	‘porc’ *féminin*	porku /ˈporku/	‘porc

5.1.2.3 Genre analytique

La stratégie analytique fait appel aux adjectifs matxu /ˈmatʃu/ ‘masculin ’vs. femia/ˈfɛmjɐ/ ‘feminin’. Son utilisation est applicable aux êtres vivants en général : humains, plantes, animaux.

F	PT	M	PT

armun fémia /ɐrˈmuNˈfɛmjɐ/	‘seur’	armun matxu /ɐrˈmuNˈmatʃu/	‘frére’

En ce qui concerne les êtres humains, il existe également une autre stratégie en créole de Fogo pour la construction d'un genre analytique pour le féminin, en utilisant les adjectifs *mudje* ‘femme’ et *omi* ‘homme’.

(3)
Argen múdje ki sta li na Serkinhu
Personne femme REL être.PFV ADV PREP Cerquinho
ê só mi
être.PFV ADV RD.S1SG (T CD1 P. 10)
‘Lit. Personne femme qui est ici à Cerquinho, c'est moi.’
‘Femme, qui est ici à Cerquinho, ce n'est que moi.’

6. Morphologie verbale

Les verbes du créole de Fogo présentent une flexion en temps et voix et se combinent avec différents morphèmes aspectuels pour déterminer la qualité de l'action.

Dans la forme libre du verbe (sans ajout de morphèmes - temps ou voix -) il est possible de trouver des verbes se terminant par une des 5 voyelles attestées en position finale dans la langue, mais aussi des verbes se terminant par la consonne nasale /N/.

Verbes finis en voyelle :

/a/ andâ /ɐNˈdɐ/ ‘marcher’
/e/ korrê /koˈrre/ ‘courir’
/i/ fují /fuˈʒi/ ‘fuir’
/o/ djongotô /dʒoNgoˈto/ ‘s'accroupir’
/u/ banbú /baNˈbu/ ‘porter sur le dos (des enfants)’

Verbes terminés par une consonne :

/N/ ben /ˈbeN/ ‘venir’
/N/ ten /ˈteN/ ‘avoir’

6.1 L'origine des formes

Comme pour le santiagais (Quint 2000 : 93 ; 2001 : 76), on peut considérer que l'écrasante majorité des verbes du créole de Fogo proviennent des formes infinitives des verbes portugais (avec chute de /r/ final), comme l'atteste le maintien de l'accentuation oxytone verbale, contrastant avec la classe des noms qui, elle, présente une accentuation paroxytonne (4.1.3).

Cependant, le traitement des infinitifs portugais n'est pas le même à Fogo pour tous les verbes. La forme libre /leˈre/ "lire" et la forme passée du verbe *ser* ‘etrê’ /seˈrɛbɐ/ (sere+ba) indiquent clairement que l'infinitif du portugais a été traité de deux manières différentes dans

cette variété, en enregistrant une chute de /r/ final (cas général) ou une insertion de voyelle (lire et être). Cette différence s'explique (i) par le fait que ces verbes sont entrés à des moments différents dans la langue, ou (ii) pour des raisons de structure syllabique ou phonique, les infinitifs portugais "ler" et "ser" présentent des points communs tels qu'un radical monoconsonantique (respectivement /l/- et /r/-) et la même voyelle thématique /e/.

6.2 Morphèmes aspectuels - aspects fondamentaux

Le créole de Fogo présente des morphèmes préverbaux pour les valeurs d'imperfectif *ta*, *sa-ta* progressif, *al* potentiel et *dja* parfait. L'absence de morphème (ou morphème zéro) transmet également des informations aspectuelles, à savoir le perfectif. Tous ces morphèmes sont d'étymologie portugaise, bien que leur utilisation soient sémantiquement plus proches de ceux des morphèmes verbaux des langues substrats. Pour des raisons combinatoires, ces morphèmes aspectuels correspondent à trois systèmes distincts :

- les aspects fondamentaux : perfectifs, progressifs et imperfectifs, qui sont toujours mutuellement exclusifs.

- le potentiel.

- le parfait.

Pour l'analyse du système aspectuel il est également nécessaire de distinguer les verbes d'action des verbes d'état, puisque, pour certains morphèmes, les valeurs aspecto-modales varient en fonction du type de verbe.

6.2.1 Système de temps, aspect et voix des verbes d'action

6.2.1.1 L'aspect perfectif : morpheme ø

L'absence de morphème verbal dénote l'aspect perfectif - le fait que l'action est complètement terminée ou accomplie (habituellement ancré dans le passé), lorsqu'il n'est pas combiné avec un morphème de temps. Pour des raisons d'économie, je représenterai dans les gloses l'abréviation de l'aspect perfectif directement à la forme verbale.

(4)

Oji	mundu	modifikâ	di	tudu	manera
Aujourd'hui	monde	changer.PFV	PREP	tous	manière

'Aujourd'hui, le monde a changé sur tous les plans.'

6.2.1.2 L'aspect progressif : morphème sa-ta

L'aspect progressif est exprimé par le morphème *sa-ta*, qui a également la forme réduite *sa*. Ce morphème exprime l'idée que l'action se déroule au moment de l'énonciation. Silva (1985) et Almada (1961) soutiennent que ce morphème a son origine dans la périphrase verbale portugaise -estar a, la considérant comme une variante de celle-ci. Cette étymologie est cependant remise en cause par (Quint 2000 : 258-259), qui explique sa différence morphologique, phonologique et sémantique par apport à la périphrase *sta ta*. Bien que nous le considérions comme un morphème unique du point de vue paradigmatique), nous défendons la nature composée du morphème, qui se révèle notamment sous la forme du passé (7). Nous les représentons, ainsi, avec un trait d'union séparant les deux éléments.

Certaines analyses précédentes (Lopes (2014 : 68), Veiga (1985 : 128)) ne considèrent pas l'existence du morphème *sa-ta* dans le créole de Fogo, mais plutôt une variante de celui-ci. Cependant, dans notre corpus nous trouvons l'occurrence de ce morphème, chez des locuteurs de plus de 60 ans et pas scolarisés, ce qui nous permet d'affirmer que ce morphème fait partie du système aspectuel du créole de Fogo. Quint (en préparation) atteste cette occurrence dans 5 des 85 villages inclus dans l'étude.

(5)

N	nesê	li	N	sa-ta	morrê	li (B 01:03)
D.S1SG	maître.PFV	ADV.PROX	D.S1SG	PROG	mourir	ADV.PROX

'Je suis né ici, je suis en train de mourir (=âge à la mort) ici'

Le morphème *sa-ta* présente une variante *sa*, en variation libre.

(6)

Nu	sa	mestê	kondutor (D 14 : 17)
D.S1PL	PROG	besoin	chauffeur

'Nous avons besoin d'un chauffeur'

Toutefois, nous avons relevé des cas de stá ta [ˈsta tɐ] qui, comme ils se produisent toujours dans les déclarations du passé, sont analysés comme une forme supplémentaire de sa-ta du passé et que nous analyserons donc plus en détail dans la section sur le temps passé (6.3).

Cette forme révèle une stratégie différente du créole de Fogo de la construction de l'aspect progressif dans le passé. En santiagais, la construction suit la formule S+PROG+ V-PASS (7).

(7)

E	sa-ta	kume-ba	fixon
D.S3SG	PROG	manger-PASS	haricots
S	PROG	V-PASS	O

'Il était en train de manger des haricots'

En créole de Fogo, il y a, dans le passé, trois stratégies :

(i) une stratégie comparable au santiagais:

(8)

N	sa	ba-ba	kaza	di	un	amigu	di-meu (DV 05:06)
D.S1SG	PROG	aller-PASS	maison	PREP	INDF	ami	POSS.CP1SG

'J'étais en train d'aller chez un ami'

(9)

Un	rapas	sa	gosta-ba	d'	-el (DV 35:34)
INDF	garçon	PROG	aimer-PASS	PREP	D.OBL3SG

'Un garçon l'aimait' / 'Un garçon était amoureux d'elle'

(ii) le morphème du passé *-ba* tend à rejoindre la première particule du morphème composé sa-ta et n'est pas répété dans le verbe, donnant lieu à la forme sá-ta [ˈsatɐ], en conséquence de la chute du /b/ intervocalique (10) :

sa-ta (présent) >*saba ta>sa-ta

(10)
El **sá-ta** miasa -el, mudjê korrê (N 12.48)
D.S3SG PROG.PASS menacer RD.O3SG femme courir.PFV
'Il le menaçait, la femme s'est enfuie'

(iii) On utilise une périphrase verbale *staba ta* [ˈst**ab**ɐtɐ] 'estar.PASS + IPFV', qui peut également être réduite à **stá ta** [ˈst**a** tɐ].

(11)
El **stá-ta** ba tuma (karru) na bila (V 13:59)
D.S3SG PROG.PASS aller prendre (voiture) PREP ville
"Il allais chercher sa voiture a la ville"

Le comportement du morphème progressif au passé semble indiquer que *sa-ta* et *sta ta* ont une origine commune, dans le créole de Fogo, comme probablement dans le santiagais, ce qui montre cependant clairement qu'il s'agit de deux formes distinctes. C'est une preuve supplémentaire pour relancer le débat sur l'origine de ce morphème.

6.2.1.3 L'aspect imperfectif - morphème *ta*

Par sa valeur imperfective, le morphème *ta* désigne une action inachevée (opposée au morphème zéro du perfectif) et non progressive (opposée a *sa-ta*) qui a souvent une valeur d'habituelle et peut s'ancrer temporellement dans le temps de l'énonciation ou au futur. Quint (2000 : 257) considère que cette particule provient de la périphrase verbale portugaise -estar a + infinitif.

(12)
Du ta kriâ porku (B 06:14)
D.S3PL IPFV élever porc
'Nous élevons des porcs" (valeur aspectuel habituelle, ancré dans le présent)
(13)
Sperâ N ta fra nha (SJ 06:54)
Espérer D.S1SG IPFV dire RD.O2SG.RSP.F
'Attendez, je vais vous dire madame" (ancré dans le futur)

6.2.2 Système de temps, aspect et voix des verbes d'état

Les verbes d'état en cap-verdien présentent un comportement différent des verbes d'action en termes de combinaison avec les morphèmes verbaux et surtout d'ancrage temporel associé. Cette dichotomie est particulièrement évidente dans l'expression des trois aspects fondamentaux : perfectif, imperfectif et progressif.

6.2.2.1 Aspect perfectif-morpheme ø

L'absence de morphème de TMA dénote l'aspect perfectif - action accomplie - et correspond généralement, pour les verbes d'état, à un ancrage dans le temps présent (en l'absence de marque passée).

(14)

N	østa	na	kaza
D.S1SG	etre.PFV	PREP	maison

'Je suis chez moi'

6.2.2.2 L' imperfectif - morpheme *ta*

Le morphème imperfectif a une valeur modale d'habituel, dénotant une action inachevée. En l'absence d'une marque passé, elle peut être ancrée temporellement dans le présent ou dans l'avenir. Dans les verbes d'état considérés par Lang (en préparation) comme "intrinsèquement imperfectifs", l'occurrence de *ta* est plus souvent ancrée dans le temps futur, puisque dans ces verbes la lecture présente est donnée par le morphème ø.

(15)

N	ta	sta	na	kaza
D.S1SG	IPFV	être	PREP	maison

'Je serai à la maison'' (interprétation plus fréquente)
'Je suis normalement à la maison' (interprétation moins fréquente)

6.2.2.3 L'aspect progressif -morphème *sa-ta*

La combinaison du morphème *sa-ta*, ou sa forme réduite *sa*, avec des verbes d'état est moins fréquente que celle des verbes d'action. Dans notre corpus, nous n'enregistrons que les occurrences du verbe d'état *mestê* "avoir besoin". La lecture est le même des verbes d'action-action en cours au moment de l'énonciation.

(16)

N	sa	mestê	garrafa (MX 01:51)
D.S1SG	PROG	avoir.besoin	bouteille

'J'ai besoin d'une bouteille'

Pour les morphèmes préverbaux, parfait-*dja* et potentiel-*al*, aucune différence de valeur aspectuelle n'est notée dans les occurrences avec les verbes d'action et les verbes d'état. Nous avons donc analysé ces deux morphèmes sans tenir compte de cette séparation du paradigme verbal.

6.2.3 Le potentiel -morphème *al*

6.2.3.1 Présentation

Le morphème *al*, qui provient de la périphrase verbale portugaise há de + infinitif (Quint 2000 : 258), désigne un aspect potentiel. En l'absence de morphème du passé, il est généralement ancré dans le futur.

Malgré son utilisation dans des contextes futurs, c'est un morphème avec une charge modale fortement associée au désidératif, contrastant avec l'ancrage futur, qui découle de l'utilisation du morphème *ta*, qui ne présente pas cette sémantique désidérative.

(17)
Deus al da -nu txuba
Dieu POT donner.PFV D.O1PL pluie
'Que Dieu nous envoie la pluie'

(18)
Deus ta da -nu txuba
Dieu IPFV donner D.O1PL pluie
'Dieu nous enverra la pluie'

Les occurrences (17) et (18) ont un ancrage temporel dans le futur. Cependant, avec l'occurrence du morphème potentiel *al*, la sémantique désidérative est explicite tandis qu'avec l'occurrence du morphème imperfectif *ta*, bien qu'on puisse également lui attribuer une lecture désidérative, la lecture la plus courante est déclarative. Dans ce cas, la déclaration indique une plus grande certitude du locuteur dans la déclaration faite.

Al apparaît également dans les déclarations interrogatives à valeur impérative atténuée où il peut être commuté avec *ta*. Cependant, l'utilisation de *al* peut être associée à un acte de langage plus poli (19a).

(19a)
Bu al konpo -m es pexi?
D.S2SG POT préparer.PFV D.O1SG DEM.PROX poisson?
'Pouvez-vous m'nlever les écailles de ce poisson?'

(19b)
Bu ta konpo -m es pexi?
D.S2SG IPFV préparer D.O1SG DEM.PROX poisson?
'Tu m'enlèves les écailles de ce poisson?'

6.2.3.2Morphème modale par excellence

Alors que les morphèmes *ø*, *ta* et *sa-ta* transmettent des informations plus aspectuelles, associées à la qualité de l'action -perfective/imperfective/progressive, le morphème *al* semble avoir une nature plus modale. Cette différence se confirme également sur le plan syntaxique, puisqu'il est possible de combiner *al* avec les trois morphèmes aspectuels fondamentaux (20-21). En fait, en transmettant des informations modales, *al* n'interfère pas avec les informations aspectuelles déjà transmises par les morphèmes aspectuels. Les morphèmes purement aspectuels ne se combinent pas entre eux, car il y aurait une contradiction des informations aspectuelles.

(20)
El **al** ø ben oji
D.S3SG POT PFV venir aujourd’hui
‘Il viendra aujourd'hui’

(21)
El **al** **sa-ta** ben oji
D.S3SG POT PROG venir aujourd’hui
‘Il va venir aujourd'hui’

(22)
*El **ta** **sa-ta** ben oji
D.S3SG IPFV PROG venir aujourd’hui

6.2.4 Morpheme *dja*

La discussion sur la nature de la particule *dja* est encore une question ouverte dans les études de la langue capverdienne. Avec l'étymologie dans l'adverbe portugais já ‘déjà’, cette particule a subi une grammaticalisation au Cap-Vert, remplissant également la fonction de morphème aspectuel. Cependant, sa présence simultanée dans la langue en tant qu'adverbe (23) soulève des questions sur sa nature et sa classification en tant que véritable morphème aspectuel. Bien que sa valeur aspectuelle soit illustrée par plusieurs occurrences de la langue, dans de nombreux cas, la frontière entre le morphème et l'adverbe n'est pas claire.

(23)
Dja N tenê sasenta anu (B 00:48)
ADV D.S1SG avoir.PFV soixante ans
‘J'ai déjà soixante ans’.

En tant que morphème aspectuel, il désigne une action accomplie, avec un ancrage temporel dans le passé récent, tout en maintenant une relation avec le temps de référence de l'énonciation. Cette particule présente quelques particularités au niveau syntaxique, qui la distinguent des autres morphèmes, laissant croire que son processus de grammaticalisation n'est pas encore totalement stable.

Lorsque la position du sujet est occupée par un nom, le morphème *dja* se produit dans la même position que les autres morphèmes - immédiatement après le nom. Cependant, si le sujet est pronominal, le morphème de parfait se produit avant le pronom.

(24)
Maria **dja** bedjâ na Fogu
Maria PRF vieillir.PFV PREP Fogo
‘Maria vieilli a Fogo (dejá)’

(25)
N nesê na Fogu
D.S1SG naître.PFV PREP Fogo

dja	**N**	bedjâ	na	Fogu (B 00:09)
PRF	D.S1SG	vieillir.PFV	PREP	Fogo

‘Je suis né à Fogo, j'ai dejá vieilli à Fogo’

Cependant, le créole de Fogo enregistre également le post-positionnement du morphème dans le cas de sujets pronominaux, ce qui peut suggérer une plus grande intégration dans le groupe des morphèmes et un comportement éloigné de sa fonction d'adverbe.

(26)

Ma	**nha**	**dja**	konxê	numu	di-nha
CONJ	RD.S2SG.RESP.F	PRF	connaître.PFV	nombre	POSS.CP2SG.RESP.F

ê	txigâ	panhâ (SJ 02:49)
être.PFV	arriver.PFV	prendre.PFV

‘Tant que vous connaissez votre taille, c’est juste aller prendre (les vêtements)".

Lopes (2014 : 70), atteste l'occurrence du même phénomène avec tous les pronoms de la série, à l'exception des premiers du singulier et du pluriel.

Tant dans les occurrences présentées par cet auteur que dans notre corpus, les occurrences en postposition par rapport au sujet pronominal se produisent toujours avec des pronoms de la série indépendante (réduite).

Cette alternance ne semble être possible que pour les formes pronominales qui ont des formes phonétiques similaires pour la série indépendante (réduite) et la série dépendante. Les premières personnes du singulier et du pluriel, qui n'acceptent pas cette commutativité, sont les seules à présenter des formes phonétiques différentes pour les deux séries (Cf. 5.4.1).

6.3 Morphème du temps *-ba*

6.3.1 Morphologie

Nous considérons pour le créole de Fogo le même système de deux temps : passé et non passé, schématisé pour le santiagais par Quint (2000 : 231). Le morphème *ba* est le seul morphème temporel du système. Ce morphème est un suffixe qui se produit en position post-verbale. Il s'agit d'une particule grammaticale, qui n’a pas d’occurrence autonome dans la langue.

(27)

El	**kre-ba**	-mi	txeu (NN 14:23)
D.S3SG	aimer-PASS	RD.O1SG	beaucoup

‘Il m'aimait beaucoup"

Lorsqu'il se produit dans des constructions périphrastiques, le morphème peut apparaître dans les deux verbes ou seulement dans un des verbes, sans restriction particulière.

(28)

El	ka	debe-**ba**	ofende-**ba**	-mi	go (DV 45:16)
D.S3SG	NEG	devoir.PFV-PASS	offenser.PFV-PASS	RD.O1SG	alors

‘Il n'aurait pas dû m'offenser, alors’

Dans les verbes se terminant par une voyelle /a/, le -/b/- intervocalique tombe souvent, ce qui entraîne la fusion des deux voyelles en une tonique ouverte. Ces formes se déffèrent des formes non passées qui se terminent par une voyelle tonique [ɐ] semi-ouverte. (Le même processus illustré pour le morphème progressif est utilisé).

(29)

Midjor	algen	ki	ta	**murgudjá** [murguˈdʒa]
meilleur	personne	REL.S	IPFV	plonger-PASS

na	kel	kabu	-li	era	el (MX 01:16)
PREP	DEM.DIST	endroit	ADV.PROX	être.PASS	RD.S3SG

Lit.‘ La meilleure personne qui plongeait dans cet endroit c’était lui’
‘Le meilleur plongeur ici, c'était lui’

Vs.

(30)

Midjor	algen	ki	ta	murgudj**â** [murguˈdʒɐ]	
meilleur	personne	REL.S	IPFV	plonger	
na	kel	kabu	-li	e	el
PREP	DEM.DIST	endroit	ADV.PROX	être. PRS	RD.S3SG

Lit.‘ La meilleure personne qui plonge dans cette endroit c’est lui’
‘Le meilleur plongeur ici, c'est lui’

Le morphème *-ba* peut être combiné avec tous les autres morphèmes aspectuels préverbales, en ajoutant la valeur passée à l'énoncé, sans interférer avec les autres valeurs aspectuelles déjà exprimées.

(31)

Dja	-m	stá (=sta-ba)	omi (NN 00:59)
PRF	D.S1SG	être-PASS	homme

‘J’étais déjà un homme (adulte)’

(32)

Dja	N	toma-ba	banhu
PRF	D.S1SG	prendre-PASS	douche

‘J'avais déjà pris une douche.’

Le morphème de parfait *dja* a une lecture aspectuelle de l'action à peine terminée pour les verbes d'état (31) et d'action (32). Lorsqu'il se produit avec *-ba*, le temps de référence de l'action devient le passé, ce qui entraîne une lecture de l'action récemment terminée, en prenant comme référence le moment de l'énonciation dans le passé.

6.4 Morphème servant à exprimer la voix *-du*

6.4.1 Morphologie

Le créole de Fogo présente un système à deux voix, active et passive. Les verbes du créole de Fogo présentent des formes de voix passive utilisant le suffixe *-du* /du/ qui a son étymologie dans le suffixe portugais de passé du participe /du/ (également utilisé en portugais dans les constructions passives). Il se combine avec des verbes d'étymologie portugais et africains.

detâ PT 'deitar' > deta**du** 'être couché'
banbú MDK 'levar/trazer às costas'>banbu**du** 'être porté sur les dos'

Es	kuza	-li	kebradu
DEM.PROX	chose	ADV.PROX	casser.PFV-PSV

'Cela a été cassé'

Ce morphème peut être combiné avec le morphème du passé *-ba*. Cette fusion origine la forme amalgamée *-da*, qui correspond au morphème de la voix passive dans le passé.

Bulí	propi	ki	ta	bateda	(mantega)	na	el(V 05:11)
gourde	même	FOC.REL	IPFV	battre.PSV.PASS	beurre	PREP	RD.OBL3SG
TOP.S		REL.OBL		V.PSV	OD		OBL

Lit. 'C'était dans la gourde que les gens battaient (que se battait) le beurre'
'C'est dans la gourde que le beurre était battu'

Ana Karina TAVARES MOREIRA

Documentation et description grammaticale et lexicale du créole afro-portugais de l'île de Fogo (République du Cap-Vert, Afrique de l'Ouest)

Résumé

Cette thèse est la première description générale du créole capverdien de l'île de Fogo (Afrique de l'Ouest), parlé par la quasi-totalité des 40 000 habitants de cette île ainsi que par de nombreuses personnes qui en sont originaires. Ce travail détaille la structure linguistique de cette variété à partir de données recueillies lors d'enquêtes de terrain effectuées entre 2016 et 2019. Cette thèse se compose de neuf chapitres : (1) introduction, (2) phonologie, (3), structure syllabique, (4) accent tonique, (5) morphologie nominale, (6) morphologie verbale, (7) syntaxe, (8) particularités lexicales et (9) conclusion.

Ce travail apporte de nouveaux éléments pour l'analyse synchronique et diachronique du créole capverdien. Elle fournit aussi des données comparatives et partant des pistes pour la reconstruction de la famille linguistique des Créole Portugais de L'Afrique de l'Ouest (CPAO), dont le capverdien fait partie. Ces données démontrent notamment que la variété de Fogo s'est distinguée précocement des autres CPAO et présente des caractéristiques uniques au sein de cet ensemble.

Cette étude apporte également des données historiques sur la découverte, le peuplement, les échanges commerciaux et maritimes, la structure sociale et les caractéristiques sociolinguistiques de l'île de Fogo, et montre comment ces caractéristiques et ces contraintes ont façonné le paysage linguistique de la dite île.

Mots clés : Afrique, Cap-Vert, créole capverdien, grammaire, langues créoles, linguistique descriptive, lusophonie, phonologie, portugais

Abstract

This thesis is the first book-length description of the Portuguese Creole spoken on the island of Fogo (Cape Verde, West-Africa), spoken by most of the 40,000 island's inhabitants as well as by its diaspora. This work provides an insight on the linguistic structure of this variety, based on data collected during fieldwork occurred between 2016 and 2019. This study comprises with nine chapters, namely (1) introduction, (2) phonology, (3) syllabic structure, (4), stress, (5) nominal morphology, (6) verbal morphology, (7) syntax, (8) lexical peculiarities and (9) conclusion.

This thesis brings new elements both to the synchronic and diachronic analysis of Cape Verdean Creole. At the same time, it contributes with comparative data for the reconstruction of the Upper Guinea Portuguese Creole (UGPC) language family. These data show in particular that Fogo Cape Verdean emerged quite early as a distinct variety among UGPCs and illustrate the main characteristics of this variety.

This thesis also provides historical data on the discovery, settlement, trade connections, maritime interactions, social structure and sociolinguistics of the island of Fogo, and shows the role played by these elements in the development and shaping of Fogo's unique linguistic makeup.

Keywords: Africa, Cape Verde, Cape Verdean Creole, Creole languages, descriptive linguistics, grammar, lusophone world, phonology, Portuguese